



**CHINUA  
ACHEBE**

# A FLECHA DE DEUS

**“Chinua Achebe é  
um escritor mágico  
— um dos maiores do  
século XX.”**  
— Margaret Atwood

  
COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



CHINUA ACHEBE

# A flecha de Deus

*Tradução*  
Vera Queiroz da  
Costa e Silva



COMPANHIA DAS LETRAS

*À memória de meu pai,  
Isaiah Okafor Achebe*

# 1.

Havia três noites procurava no céu sinais de uma nova lua. Sabia que ela deveria vir hoje, mas sempre começava sua vigília três dias antes do tempo, porque não podia correr nenhum risco. Neste período do ano, sua tarefa não era muito difícil, pois não se via obrigado a procurá-la no céu como tinha de fazer na estação chuvosa. Além disso, a lua algumas vezes se escondia durante muitas noites detrás das nuvens de chuva de tal modo que, quando ela finalmente surgia, já estava pela metade. Enquanto durava esse jogo da lua, o sumo sacerdote ficava acordado todas as noites, esperando.

Seu *obi* era diferente das cabanas dos outros homens. Além do costumeiro alpendre na frente da casa, havia um segundo, à direita, por onde também se entrava. Os beirais dessa entrada adicional eram tão estreitos que, sentado no chão, Ezeulu podia vigiar aquela parte do céu onde a lua tinha sua porta. Escurecia cada vez mais, e ele piscava constantemente, para clarear os olhos da água que neles se formava de tanto fitarem o céu.

Ezeulu não gostava de pensar que sua vista já não era tão boa como antes, e que algum dia ele teria que se apoiar nos olhos de outra pessoa, como seu avô fizera quando a vista lhe falhara. Seu avô vivera até uma idade tão avançada que sua cegueira tornou-se uma espécie de ornamento. Se Ezeulu chegasse a ser tão velho, também ele aceitaria naturalmente tal perda. Mas, no presente, sentia-se tão bem como qualquer jovem, ou ainda melhor, porque os jovens já não eram como antes. Havia uma brincadeira que Ezeulu nunca se cansava de fazer com eles. Todas as vezes que lhe apertavam as mãos, ele retesava o braço e punha toda a sua força no aperto. Como não esperavam por aquilo, os jovens faziam caretas e se encolhiam de dor.

A lua que ele viu naquele dia era tão magra quanto um órfão alimentado de má vontade por uma madrasta cruel. Apertou os olhos para ter certeza de que não estava sendo enganado por uma pluma de nuvem. Ao mesmo tempo, procurou nervosamente seu *ogene*. Cada lua nova era a mesma coisa. Hoje, ele estava velho, mas o temor da lua nova que sentira quando menino não o abandonara. Na verdade, quando se tornara sumo sacerdote de Ulu, o medo fora muitas vezes dominado pela alegria de sua alta função; mas jamais morrera. Jazia por terra nas garras da alegria.

Ele tocou seu *ogene* — gom, gom, gom, gom — e imediatamente as vozes das crianças espalharam a novidade por todos os lados: *Onwa atuo!... onwa atuo!... onwa atuo!...* Ele pôs a baqueta dentro do gonguê de ferro e encostou-o à parede.

As crianças do *compound* de Ezeulu juntaram-se às outras na saudação à lua. A voz estridente de Obiageli sobressaía como um pequenino *ogene* entre tambores e flautas. O sumo sacerdote sempre conseguia distinguir a voz de seu filho mais novo, Nwafo. As mulheres também estavam no pátio, conversando.

— Lua — disse a mulher mais velha, Matefi —, possa o teu rosto, ao encontrar-se com o meu, trazer boa sorte.

— Onde está ela? — perguntou Ugoye à mulher mais nova. — Eu não a vejo. Ou será que

estou cega?

— Você não a vê lá em cima, no topo da árvore *ukwa*? Não, ali não. Acompanhe o meu dedo.

— Ah, agora eu a vejo. Lua, possa o teu rosto, ao encontrar-se com o meu, trazer boa sorte. Mas como é que ela está aparecendo? Eu não gosto nada da posição dela.

— Por quê? — perguntou Matefi.

— Eu acho que ela está aparecendo de uma maneira esquisita. Parece uma lua malvada.

— Não — disse Matefi. — Uma lua ruim não deixa ninguém na dúvida. Como aquela sob a qual Okuata morreu. As pernas dela estavam viradas para o ar.

— A lua mata gente? — perguntou Obiageli, puxando a roupa da mãe.

— O que será que eu fiz com esta criança? Você quer me deixar nua?

— Eu perguntei se a lua mata gente.

— Ela mata meninas — disse Nwafo.

— Eu não perguntei pra você, seu nariz de cupinzeiro.

— Daqui a pouco você estará choramingando, *Usa bulu Okipili*.

*A lua mata menininhos.*

*A lua mata nariz de cupinzeiro.*

*A lua mata menininhos...*

Obiageli transformava tudo em canção.

Ezeulu entrou no celeiro e tirou um inhame da plataforma de bambu, construída especialmente para os doze inhames sagrados. Sobraram oito. Ele sabia que deveriam restar oito; mesmo assim contou-os cuidadosamente. Já tinha comido três e trazia o quarto na mão. Examinou novamente os que restaram e voltou para o seu *obi*, fechando a porta do celeiro com todo o cuidado.

Sua fogueira estava quase se apagando. Pegou algumas achas de lenha que estavam empilhadas num canto, colocou-as uma a uma no fogo, e pôs o inhame, como uma oferenda, por cima de tudo.

Enquanto esperava que o inhame tostasse, planejava mentalmente o que iria se passar. Era Oye. O dia seguinte seria Afo, e o outro, Nkwo, o dia do grande mercado. O Festival das Folhas de Abóbora cairia no terceiro Nkwo a partir daquele dia. Amanhã, ele mandaria chamar seus assistentes e lhes diria que anunciassem o dia escolhido às seis aldeias de Umuaro.

Sempre que Ezeulu pensava na imensidão de seu poder sobre o ano e as colheitas — e, portanto, sobre as pessoas —, ficava imaginando se aquilo era real. Era verdade que dava nome ao dia do Festival das Folhas de Abóbora e também ao Festival do Novo Inhame; porém não escolhia o dia. Era simplesmente um vigia. Seu poder não ultrapassava o poder de uma criança sobre um bode que lhe pertencia. Enquanto o bode estava vivo, era dela; ela tinha de buscar-lhe a comida e tomar conta do animal. Mas quando o bode fosse abatido, ela saberia quem era o verdadeiro dono. Não! O sumo sacerdote de Ulu era mais do que isso; devia ser muito mais do que isso. Se ele se recusasse a nomear o dia da festa, não haveria festival — não haveria nem plantio nem colheita. Mas como poderia ele se recusar? Nenhum sumo sacerdote jamais o fizera. Portanto, era uma coisa que não podia ser feita. Ele, pelo menos, não ousaria.

Ezeulu foi picado de raiva por esse pensamento, como se o tivesse ouvido de um inimigo.

— Retire essa palavra *ousar* — replicou ao seu inimigo. — Sim, eu disse: retire! Homem nenhum em toda Umuaro tem o direito de se levantar e dizer que eu não ouso. E a mulher que vai dar à luz o homem que vai dizer isso ainda não nasceu.

Mas essa crítica trouxe apenas uma satisfação momentânea. Sua mente ainda persistia em tentar olhar muito de perto a natureza de seu poder. Que espécie de poder era aquele, se todo mundo sabia que ele não seria jamais usado? Melhor dizer que não existia, que era simplesmente o poder do ânus do cachorro orgulhoso que tentou apagar uma fogueira com seu fraco peido... Ele deu uma volta no inhame com um espeto.

Seu filho mais novo, Nwafo, entrou nesse momento na casa do pai, saudou Ezeulu pelo nome e assumiu sua posição favorita na cama de barro que ficava num canto próximo ao alpendre pequeno. Embora fosse ainda uma criança, parecia que a divindade já o havia marcado para, no futuro, ser sumo sacerdote. Mesmo quando não sabia falar mais que umas poucas palavras, fora sempre fortemente atraído pelo ritual do deus. Quase se poderia dizer que já conhecia mais sobre o assunto do que seu irmão mais velho. Mas, apesar disso, ninguém poderia ser tão temerário para dizer abertamente que o deus Ulu faria isto ou aquilo. Quando chegasse o momento em que Ezeulu não mais ali se encontrasse, Ulu poderia escolher o menos provável de seus filhos para sucedê-lo. Já havia acontecido antes.

Ezeulu cuidava do inhame muito de perto, dando-lhe volta com o espeto toda vez que o lado mais próximo do fogo ficava bastante quente. Seu filho mais velho, Edogo, entrou no recinto, vindo de sua casa.

— Ezeulu! — saudou ele.

— Olá!

Edogo atravessou a cabana do pai, ganhou o pátio interior do *compound* e dirigiu-se para a casa temporária de sua irmã Akueke.

— Vá chamar Edogo — disse Ezeulu a Nwafo.

Os dois voltaram e sentaram-se na cama de barro. Ezeulu deu mais uma volta no inhame antes de falar.

— Por acaso eu lhe disse alguma coisa sobre esculpir uma divindade?

Edogo não respondeu. Ezeulu olhou em sua direção, porém não o via com clareza, porque aquele canto do *obi* estava escuro. Edogo, por sua vez, via o rosto do pai completamente iluminado pela fogueira na qual ele estava assando o inhame sagrado.

— Edogo não está aí?

— Estou aqui.

— Eu lhe perguntei sobre o que lhe disse a respeito de esculpir a imagem de deuses. Talvez você não tenha ouvido a minha primeira pergunta. Talvez eu tenha falado com água na boca.

— Você me disse que não as esculpisse.

— Eu lhe disse isso, não foi? Que história é essa, então, que eu estou ouvindo, de que você está esculpindo um *alusi* para um homem de Umuagu?

— Quem foi que lhe contou?

— Quem me contou? Se é verdade ou não, é o que eu desejo saber, e não quem me contou.

— Eu quero saber quem lhe contou, porque não acho que essa pessoa possa dizer qual é a diferença entre a face de uma divindade e a face de uma Máscara.

— Compreendo. Pode ir, meu filho. E, se você quiser, pode esculpir todos os deuses de Umuaro. Se você me ouvir novamente perguntar-lhe sobre isso, pegue meu nome e o dê a um cachorro.

— A peça que eu estou esculpindo para o homem de Umuagu é uma Máscara.

— Não é comigo que você está falando. Eu já terminei com você.

Nwafo tentou em vão entender essas palavras. Quando o seu pai se acalmasse, perguntaria o sentido delas. Nesse momento, sua irmã, Obiageli, entrou, vinda do interior do *compound*, saudou Ezeulu e fez menção de sentar-se na cama de barro.

— Você já terminou de preparar a folha azeda? — perguntou Nwafo.

— Você não sabe como preparar a folha azeda? Ou por acaso seus dedos estão quebrados?

— Calem a boca, vocês dois. — Ezeulu rolou o inhame para fora do fogo com o espeto, apalpou-o rapidamente entre o polegar e o indicador e pareceu satisfeito. Pegou uma faca de dois gumes que estava pendurada na parede e começou a raspar a casca preta do inhame torrado. Quando terminou, seus dedos e as palmas das mãos estavam cobertos de fuligem. Bateu uma contra a outra, para deixá-las limpas novamente. Cortou o inhame, colocou-o dentro da tigela de madeira que estava ao lado e esperou que esfriasse.

Quando ele começou a comer, Obiageli pôs-se a cantar suavemente para si mesma. Ela já devia saber que seu pai jamais daria o menor pedaço do inhame que comia, sem óleo de palma, a cada lua nova. Mas nunca deixava de ter esperança.

Ezeulu comeu o inhame em silêncio. Tinha se afastado do fogo e agora estava sentado com as costas contra a parede, olhando para fora. Como era seu costume nessas ocasiões, sua mente parecia estar fixa em pensamentos distantes. De vez em quando, bebia de uma cabaça de água fresca que Nwafo lhe trouxera. Quando comeu o último pedaço, Obiageli voltou para a casa de sua mãe. Nwafo guardou a tigela de madeira e a cabaça, pendurando a faca novamente na parede.

Ezeulu levantou-se da pele de cabra e dirigiu-se ao altar da casa, situado numa tábua achatada, atrás da mureta que havia na entrada. Nesse altar, estavam, lado a lado, o *ikenga* de Ezeulu, da altura aproximada de um antebraço e com dois grossos chifres, alguns *okposis* de ancestrais, enegrecidos pelo sangue dos sacrifícios, e o bastão pessoal *ofo* do sumo sacerdote. Um dos toscos *okposis* sem rosto pertencia a Nwafo. Fora esculpido para ele, por causa das convulsões que costumava ter à noite. Disseram-lhe que o chamasse de Xará. E, pouco a pouco, Nwafo deixou de ter convulsões.

Ezeulu pegou o cajado *ofo* e sentou-se diante do altar, não escarrachado como um homem faria, mas com as pernas estendidas para um lado do altar, como uma mulher. Segurava uma das extremidades do curto cajado em sua mão direita, e, com a outra extremidade, batia no chão para dar ênfase a sua prece.

— Ulu, eu vos agradeço por ter me permitido ver outra lua. Possa eu vê-la várias vezes seguidas. Possa esta casa ser saudável e próspera. Como esta é a lua do plantio, que possam as seis aldeias cultivar com proveito. Possamos nós escapar dos perigos das roças, da mordida de uma cobra ou da ferroadada de um escorpião, o poderoso da savana. Possamos nós não cortar nosso tornozelo com o facão ou a enxada. Possam nossas mulheres nos dar filhos homens. Possamos nós aumentar em números na próxima contagem das aldeias, de modo que sacrifiquemos uma vaca e não uma galinha, tal como fizemos depois do último Festival do Novo Inhame. Possam os filhos sepultar os seus pais, e não os pais, os seus filhos. Possa o bem encontrar o rosto de cada homem e de cada

mulher. Possa o bem cair sobre a terra dos povos ribeirinhos e sobre a terra dos povos da floresta.

Colocou o *ofò* de volta entre o *ikenga* e o *okposi*, limpou a boca com as costas da mão e retornou ao seu lugar. Toda vez que orava por Umuaro, a amargura crescia em sua boca. Uma grande divisão se produzira nas seis aldeias, e seus inimigos tentavam responsabilizá-lo por isso. Por que razão? Porque ele dissera a verdade diante do homem branco. Porém, como poderia um homem que levava o cajado sagrado de Ulu saber que uma coisa era mentira e não dizê-lo? Como poderia ele deixar de contar a história tal como a ouvira de seu próprio pai? Até mesmo o homem branco, Wintabota, compreendera, embora ele viesse de uma terra que ninguém conhecia. Ele chamara Ezeulu de a única testemunha da verdade. Isso era o que aborrecia seus inimigos: que o homem branco viera de tão longe para contar-lhes a verdade que eles sabiam, mas que detestavam ouvir. Era um augúrio da ruína do mundo.

Vozes de mulheres retornando do riacho interromperam os pensamentos de Ezeulu. Ele não podia vê-las por causa da escuridão lá fora. A lua, tendo se mostrado, retirara-se novamente. Porém a noite trazia marcas de sua visita. A escuridão não era tão impenetrável como tinha sido ultimamente, e sim aberta e arejada como uma floresta cuja vegetação rasteira tivesse sido cortada. Como as mulheres chamassem alto — Ezeulu! —, uma após outra, ele via suas vagas formas à medida que retribuía cada saudação. Elas deixaram o *obi* à direita e seguiram na direção do interior do *compound*, passando pela única outra entrada: uma porta alta e esculpida, que se abria nas paredes de terra vermelha.

— Estas não são as pessoas que eu vi caminhando na direção do riacho antes do pôr do sol?

— São — respondeu Nwafo. — Elas foram ao Nwangene.

— Ah, sei.

Ezeulu esquecera-se temporariamente que o mais próximo riacho, Ota, fora abandonado, desde que o oráculo anunciara que o enorme matacão, que repousava entre duas outras pedras na fonte do ribeirão, estava prestes a cair e usaria um travesseiro humano para repousar sua cabeça. Até que o *alusi* que era o dono do ribeirão e lhe dava o nome tivesse sido aplacado, ninguém chegaria perto dele.

Mesmo assim, pensou Ezeulu, ele daria sua opinião a quem quer que fosse que lhe trouxesse uma ceia tardia nesta noite. Se elas sabiam que tinham de ir até Nwangene, deveriam ter saído mais cedo. Estava cansado de receber a sua refeição quando os outros homens já a tinham comido e dela se esquecido.

A voz forte e masculina de Obika elevava-se cada vez mais alta dentro da noite, à medida que se aproximava de casa. Mesmo o seu assovio ia mais longe do que as vozes de alguns homens. Ele cantava e assoviava alternadamente.

— Obika está voltando — disse Nwafo.

— Hoje, o pássaro da noite está chegando cedo em casa — disse Ezeulu ao mesmo tempo.

— Um dia, ele verá Eru novamente — disse Nwafo, referindo-se à aparição que Obika vira certa vez, à noite. A história tinha sido contada com tanta frequência que Nwafo imaginou que ele estava ali.

— Desta vez, será Idemili ou Ogwugwu — acrescentou Ezeulu, com um sorriso.

Uma noite, cerca de três anos antes, Obika tinha entrado correndo no *obi* e se jogara nos braços

do pai, tremendo de terror. Era uma noite escura, e a chuva se preparava para cair. Trovões ribombavam com voz profunda e líquida, e um raio respondia a outro.

— O que houve, meu filho? — Ezeulu perguntou uma e outra vez, porém Obika tremia e não dizia nada.

— O que aconteceu, Obika? — indagou sua mãe, Matefi, que tinha entrado às pressas no *obi*, tremendo ainda mais que o filho.

— Fique quieta aí — disse-lhe Ezeulu. — O que foi que você viu, Obika?

Assim que se acalmou um pouco, Obika começou a contar ao pai o que vira num clarão de raio perto do pé de *ugili*, entre sua aldeia, Umuachala e Umunneora.

Assim que mencionou o lugar, Ezeulu soube imediatamente do que se tratava.

— O que aconteceu quando você viu a Coisa?

— Eu sabia que era um espírito; e minha cabeça inchou.

— Ele não deu uma volta por dentro da Moita Que Arruinou os Pequenos Passarinhos? Do lado esquerdo?

A segurança de seu pai reviveu Obika. Ele assentiu, e Ezeulu balançou a cabeça duas vezes. As mulheres estavam paradas, junto à porta.

— Como ele era?

— Mais alto do que qualquer homem que conheço. — Engoliu em seco. — Sua pele era muito clara... como... como...

— Ele estava vestido como um homem pobre ou como um homem muito rico?

— Ele estava vestido como um homem rico. Ele tinha uma pluma de águia no seu gorro vermelho.

Os dentes de Obika começaram a bater novamente.

— Controle-se. Você não é uma mulher. Por acaso ele trazia uma presa de elefante?

— Sim. Ele carregava uma enorme presa de elefante no ombro.

A chuva começara a cair, a princípio em grandes gotas que soavam como pedras no teto de sapê.

— Não há razão para ter medo, meu filho. O que você viu foi Eru, o Magnífico, aquele que dá riqueza para os que caem nas suas boas graças. As pessoas, às vezes, o veem naquele lugar, nesse tipo de tempo. Talvez ele estivesse voltando para casa, de uma visita a Idemili ou a outras divindades. Eru só causa danos àqueles que juram falsamente diante de seu altar.

Ezeulu entusiasmou-se ao elogiar o deus da riqueza. Da maneira como falava, qualquer um poderia pensar que ele era o orgulhoso sacerdote de Eru, em vez do sumo sacerdote de Ulu, que estava acima de Eru e de todas as outras divindades.

— Quando Eru gosta de um homem, a riqueza flui como um rio para dentro de sua casa. Seus inhames crescem e ficam tão grandes como seres humanos, suas cabras produzem o triplo e suas galinhas chocam nove vezes mais.

A filha de Matefi, Ojiugo, entrou com uma tigela de *foofoo* e uma tigela de sopa, e, após saudar seu pai, colocou-as diante dele. Depois, voltou-se para Nwafo e disse-lhe:

— Vá para a casa de sua mãe; ela já terminou de cozinhar.

— Deixe o garoto em paz — atalhou Ezeulu, que sabia que Matefi e a filha ressentiam sua parcialidade pelo filho da outra mulher. — Vá e chame sua mãe para mim.

Ele não fez nenhum movimento para começar a comer, e Ojiugo sabia que ia haver problemas. Voltou para a casa da mãe e chamou-a.

— Eu não sei quantas vezes já disse nesta casa que não comerei minha ceia quando todos os outros homens de Umuaro já estão se retirando para dormir — disse Ezeulu, assim que Matefi entrou. — Mas você não me dá ouvidos. Para você, qualquer coisa que eu diga nesta casa tem tanto efeito quanto o peido de um cachorro para apagar uma fogueira...

— Eu fui longe, até Nwangene, buscar água e...

— Se você quiser, pode ir até Nkisa. O que eu estou dizendo é que, se você quiser saber como se cura a sua doidence, ouse novamente trazer tarde a minha ceia.

Quando Ojiugo voltou para buscar as tigelas, encontrou Nwafo raspando o prato de sopa. Esperou que ele terminasse, cheia de raiva. Contou para sua mãe o que acontecera. Esta não era a primeira vez, nem a segunda, nem a terceira. Acontecia todos os dias.

— Você culpa um abutre por se pendurar sobre uma carcaça? — perguntou Matefi. — O que você espera que um garoto faça quando sua mãe cozinha sopa de favas em vez de peixe? Ela economiza dinheiro para comprar braceletes de marfim. Mas Ezeulu jamais verá nada de errado no que ela faz. Se for comigo, então ele sabe o que dizer.

Ojiugo estava olhando na direção da casa de Ugoye, separada da delas por toda a extensão do *compound*. Tudo o que ela conseguia ver era o clarão amarelento da lâmpada de óleo de palma, entre os beirais baixos e o umbral. Havia uma terceira cabana que formava uma meia-lua com as outras duas. Ela pertencera à primeira mulher de Ezeulu, Okuata, que morrera havia muitos anos. Ojiugo mal a conhecera: só se lembrava de que Okuata costumava dar um pedaço de peixe e algumas favas a todas as crianças que iam à sua cabana quando estava fazendo a sopa. Ela era mãe de Adeze, Edogo e Akueke. Após sua morte, seus filhos moraram na cabana até as moças se casarem. Depois, Edogo vivera lá sozinho até se casar, dois anos antes, e construir um pequeno *compound* ao lado do de seu pai. Akueke voltara a morar na cabana, desde que deixara a casa do marido. Diziam que o homem a maltratava. Porém, a mãe de Ojiugo dizia que era mentira e que Akueke era teimosa e orgulhosa:

— Quando uma mulher se casa, deve se esquecer como era grande o *compound* de seu pai. Uma mulher não leva o *obi* de seu pai para o seu marido.

Justamente quando Ojiugo e sua mãe estavam prestes a começar a refeição, Obika chegou em casa cantando e assoviando.

— Traga-me a tigela dele — disse Matefi. — Ele chegou cedo hoje.

Obika agachou-se nos beirais baixos e entrou com as mãos em primeiro lugar. Saudou sua mãe, e ela disse *Nno*, sem muito calor. Ele sentou-se pesadamente na cama de barro. Ojiugo trouxera sua tigela de barro cozido, e agora estava trazendo seu *foofoo* da prateleira de bambu. Matefi soprou dentro da tigela, a fim de remover a poeira e as cinzas, e derramou conchas de sopa dentro dela. Ojiugo colocou a tigela diante do irmão e foi lá fora buscar água numa cabaça.

Depois do primeiro gole, Obika colocou a tigela de sopa contra a luz e examinou-a criticamente.

— Como você chama isto, sopa ou mingau de inhame?

As mulheres o ignoraram e continuaram a comer. Estava claro que ele bebera novamente vinho

de palma demais.

Obika era um dos jovens mais bonitos de Umuaro e de todas as comarcas em torno. Seu rosto era finamente cortado e seu nariz era *gem* como a nota de um gongo. Sua pele era, tal qual a de seu pai, da cor de terracota. As pessoas costumavam dizer (como sempre faziam quando viam uma grande semelhança) que ele não tinha nascido nesta parte do mundo, entre o povo ibo das florestas; e que, na sua vida anterior, devia ter vivido entre o povo ribeirinho que os ibos chamavam de olu.

Porém duas coisas estragavam Obika: bebia vinho de palma em excesso e era acometido de súbitas crises de fúria. Sendo forte como uma rocha, estava sempre infligindo maus tratos aos outros. Seu pai, que o preferia a Ezeulu, seu meio-irmão tranquilo e cismarento, costumava dizer-lhe, no entanto:

— É digno de elogios ser corajoso e destemido, meu filho, mas algumas vezes é melhor ser um covarde. Frequentemente nós paramos no *compound* de um covarde para mostrar as ruínas onde um homem bravo e corajoso vivia. O homem que nunca se submeteu a nada em breve se submeterá à esteira do seu enterro.

Mas, apesar de tudo, Ezeulu preferia ter um filho esperto, que quebrava utensílios na pressa, do que um lento e cuidadoso caracol.

Não muito tempo antes, Obika estivera muito perto realmente de cometer um assassinato. Sua meia-irmã, Akueke, vinha frequentemente para casa, dizendo que seu marido a espancara. Certa manhã, muito cedo, ela apareceu de novo, com o rosto todo inchado. Sem esperar pelo resto da história, Obika partiu para Umuogwugwu, a aldeia de seu cunhado. No caminho, parou para chamar seu amigo, Ofoedo, que nunca estava ausente da cena de uma briga. À medida que eles se aproximavam de Umuogwugwu, Obika explicou a Ofoedo que ele não devia ajudar a bater no marido de Akueke.

— Então, por que você me chamou? — perguntou o outro, desapontado. — Para carregar sua sacola?

— Talvez haja trabalho para você. Se o povo de Umuogwugwu for o que eu imagino que seja, virá com força total para defender seu irmão.

Ninguém no *compound* de Ezeulu sabia onde fora Obika, até o momento que ele voltou, um pouco antes do meio-dia, com Ofoedo. Sobre suas cabeças estava o marido de Akueke, amarrado a uma cama, quase morto. Eles o colocaram no chão, debaixo do pé de *ukwa*, e determinaram que ninguém o tirasse de lá. As mulheres e os vizinhos suplicaram a Obika, mostrando-lhe os frutos maduros da árvore, que eram tão grandes como potes de água.

— Sim. Eu o coloquei lá de propósito, para ser esmagado por um fruto... aquela besta.

Por fim, a barulheira acabou por trazer de volta Ezeulu, que fora ali perto na mata e voltou rapidamente para casa. Quando viu o que estava acontecendo, soltou um grito de dor pelo desastre que Obika traria à sua casa e ordenou-lhe que soltasse o cunhado.

Durante três mercados, Ibe quase não pôde levantar-se da cama. Depois, certa noite, seus parentes vieram pedir satisfações a Ezeulu. A maioria deles estava em suas roças quando tudo sucedera. Durante três mercados ou mais, haviam esperado pacientemente que alguém lhes explicasse por que seu conterrâneo fora espancado e levado embora.

— Que história é essa que nós ouvimos a respeito de Ibe? — perguntaram.

Ezeulu tentou aplacá-los, sem admitir que seu filho tivesse feito qualquer coisa seriamente

errada. Chamou a filha, Akueke, para que a vissem.

— Os senhores deveriam tê-la visto no dia em que voltou para casa. É essa a maneira com que os senhores casam com as mulheres na sua terra? Se é essa a maneira, então eu digo que os senhores não casarão com minha filha assim.

Os homens concordaram que Ibe esticara o braço longe demais e, assim, não podiam culpar Obika por defender sua irmã.

— Para que oramos a Ulu e aos nossos ancestrais para aumentar nosso número, se não cuidamos de nossas esposas? — indagou o líder do grupo.

— Ninguém come números. Mas, se formos muitos, ninguém ousará incomodar-nos. E nossas filhas poderão manter altas suas cabeças na casa de seus maridos. Por isso, nós não culpamos Obika demasiadamente. Eu estou falando bem?

Seus companheiros responderam afirmativamente, e ele continuou.

— Nós não podemos dizer que seu filho fez mal em lutar por sua irmã. O que não compreendemos, entretanto, é por que um homem com um pênis entre as pernas deve ser carregado para longe de sua casa e de sua aldeia. É o mesmo que dizer: Você não é nada e sua gente não é nada. Isto é o que não entendemos. Nós não viemos com sabedoria, mas com tolice, porque um homem não vai de encontro ao seu parente com sabedoria. Nós queremos que o senhor nos diga: Vocês estão errados; assim é como é, ou daquele outro modo é como deve ser. E ficaremos satisfeitos e iremos para casa. Se alguém nos disser depois: Seu conterrâneo foi espancado e levado embora, nós saberemos o que replicar. Nosso grande parente, eu o saúdo.

Ezeulu empregou toda a sua habilidade ao falar, a fim de pacificá-los. Eles foram para casa mais felizes do que tinham vindo. Mas era muito pouco provável que fizessem pressão junto a Ibe para levar vinho de palma a Ezeulu e pedir o retorno de sua mulher. Pelo que parecia, ela iria morar no *compound* de seu pai durante um longo tempo.

Quando terminou de comer, Obika juntou-se aos outros na cabana de Ezeulu. Como de costume, Edogo falou em nome de todos. Assim como Obika, Oduche e Nwafo estavam lá também.

— Amanhã é Afo — disse Edogo — e nós viemos para saber que trabalho o senhor tem para nós.

Ezeulu pensou durante um instante, como se estivesse despreparado para a proposta. Depois perguntou a Obika quanto do trabalho em sua nova casa estava ainda por fazer.

— Apenas o celeiro das mulheres — replicou ele. — Mas isso poderá esperar. Não teremos inhome para colocar lá até a época da colheita.

— Nada esperará — disse Ezeulu. — Uma nova mulher não deve entrar numa casa inacabada. Eu sei que essas coisas não preocupam a juventude. Mas enquanto eu estiver aqui, continuarei a mostrar o caminho certo. Edogo, em vez de trabalhar para mim amanhã, leve seus irmãos com suas mulheres para construir o celeiro. Se Obika não tem vergonha, nós temos.

— Pai, tenho uma palavra a dizer. — Era Oduche.

— Sou todo ouvidos.

Oduche pigarreou, como se estivesse com medo de falar.

— Talvez eles estejam proibidos de ajudar seu irmão a construir um celeiro — disse Obika

num tom grosseiro.

— Você está sempre falando como um tolo — retrucou Edogo de forma brusca. — Por acaso Oduche não trabalhou tão duramente quanto você na construção de sua casa? Eu diria até mesmo que mais duramente.

— É Oduche que eu estou esperando ouvir — disse Ezeulu — e não vocês dois, esposas ciumentas.

— Eu sou um daqueles que eles escolheram para ir a Okperi amanhã, trazer a bagagem do nosso novo professor.

— Oduche!

— Pai!

— Escute o que eu lhe direi agora. Quando um aperto de mãos vai além do cotovelo, sabemos que ele se tornou outra coisa. Fui eu quem o mandou juntar-se àquela gente, por causa de minha amizade com o homem branco, Wintabota. Ele pediu-me que lhe enviasse um de meus filhos, para aprender as maneiras de seu povo, e eu concordei e escolhi você. Não o enviei, porém, para que você abandonasse seus deveres para com a minha casa. Você está me ouvindo? Vá e comunique a quem determinou que você fosse a Okperi que eu disse que não. Diga-lhe que amanhã é o dia da semana em que meus filhos e minhas esposas e as mulheres de meus filhos trabalham para mim. Ele e sua gente deviam conhecer os costumes desta terra. Se não os conhecem, você precisa lhes dizer quais são. Está me ouvindo?

— Estou.

— Vá e chame sua mãe. Acho que amanhã é a vez dela de cozinhar para mim.

Ezeulu dizia muitas vezes que os pais mortos de Umuaro, olhando de Ani-Mmo para a terra, deviam ficar totalmente perplexos com os novos tempos. Em nenhuma outra época poderia Umuaro ter entrado em guerra com Okperi nas circunstâncias em que o fez. Quem teria imaginado que Umuaro iria à guerra tão penosamente dividida? Quem teria pensado que desdenharia o aviso do sacerdote de Ulu, o deus que originalmente reunira as seis aldeias e fizera delas o que eram? Mas Umuaro se julgara a si própria mais sábia e forte e se tornara igual ao pequenino pássaro *nza*, que comeu, bebeu e desafiou seu deus pessoal para um combate singular. Umuaro desafiou a divindade que fundara suas aldeias. E o que esperava? A divindade lhe deu uma surra para todo o sempre.

Num passado muito remoto, quando os lagartos ainda eram poucos e estavam dispersos, as seis aldeias — Umuachala, Umunneora, Umuagu, Umuezeani, Umuogwugwu e Umuisiuzo — viviam como povos diferentes, e cada uma delas adorava sua própria divindade. Nessa época, os soldados mercenários de Abam costumavam atacar na calada da noite, incendiar as casas e levar homens, mulheres e crianças como escravos. As coisas estavam tão ruins para as seis aldeias que seus líderes se juntaram para se salvar. Eles contrataram uma forte equipe de curandeiros para pôr as aldeias sob uma divindade comum. Este deus, convocado pelas seis aldeias, foi chamado de Ulu. A metade do feitiço foi enterrada num lugar que se tornou o mercado Nkwo, e a outra, jogada no riacho que se tornou Mili Ulu. As seis aldeias tomaram então o nome de Umuaro, e o sacerdote de Ulu tornou-se o seu sumo sacerdote. Daquele dia em diante, nunca mais foram derrotadas por nenhum inimigo. Como poderia o mesmo povo ter desdenhado o deus que fundara a comunidade e a protegera? Ezeulu via nisso a ruína do mundo.

Havia cinco anos, no dia em que os líderes de Umuaro decidiram enviar um emissário a Okperi com argila branca para paz ou um ramo novo de palmeira para guerra, Ezeulu falara em vão. Ele dissera aos homens de Umuaro que Ulu não lutaria uma guerra injusta.

— Eu sei — ele disse —, porque meu pai me contou, que quando nossa aldeia aqui se ergueu a terra pertencia a Okperi. Foi a gente de Okperi quem nos deu um pedaço da terra deles. Eles também nos deram suas divindades: Udo e Ogwugwu. Mas eles disseram aos nossos ancestrais, tomem nota de minhas palavras, o povo de Okperi disse aos nossos pais: “Nós lhes damos nosso Udo e nosso Ogwugwu; mas vocês precisam chamar as divindades que nós lhes damos, não de Udo, mas de filho de Udo, e não de Ogwugwu, mas de filho de Ogwugwu”. Esta é a história tal como a ouvi de meu pai. Se vocês decidirem lutar com um homem por um pedaço de terra que pertence a ele, eu não terei nenhuma participação nisto.

Porém, Nwaka ganhou o dia. Ele era uma das três pessoas, em todas as seis aldeias, que tinha alcançado o mais alto título da terra, o de Eru, que tomava o nome do próprio senhor da riqueza. Nwaka provinha de uma longa linha de homens prósperos e de uma aldeia que se denominava a si própria a primeira em Umuaro. Dizia-se que, quando as seis aldeias se juntaram pela primeira vez, ofereceram o sacerdócio de Ulu à mais fraca dentre elas, para que não se tornasse muito

poderosa.

— Umuaro *kwenu!* — rugiu Nwaka.

— *Hem!* — replicaram os homens de Umuaro.

— *Kwenu!*

— *Hem!*

— *Kwezuenu!*

— *Hem!*

Ele começou a falar quase suavemente, no silêncio que criara com sua saudação.

— A sabedoria é como uma sacola de pele de cabra: todo homem carrega a sua própria. O conhecimento da terra também é a mesma coisa. Ezeulu contou-nos o que seu pai lhe disse sobre os velhos tempos. Nós sabemos que um pai não diz falsidades a seu filho. Mas também sabemos que o conhecimento da terra está além da sabedoria de muitos pais. Se Ezeulu tivesse falado acerca da grande divindade de Umuaro que ele representa e que seus ancestrais representaram antes dele, eu teria prestado atenção à sua voz. Contudo, ele falou sobre acontecimentos que são mais antigos do que a própria Umuaro. Eu não terei medo de dizer que nem Ezeulu nem qualquer outro homem de sua aldeia pode nos contar com certeza o que então se passou.

Ouviram-se murmúrios de aprovação e desaprovação, porém mais de aprovação por parte da assembleia de idosos e homens titulados. Nwaka andava para a frente e para trás enquanto falava. A pluma de águia em seu gorro vermelho e a argola de bronze em seu tornozelo marcavam-no como um dos senhores da terra — um homem favorecido por Eru, o deus da riqueza.

— Meu pai contou-me uma história diferente. Contou-me que o povo de Okperi era nômade. Falou-me de três ou quatro lugares diferentes onde tinham passado uma temporada, antes de seguir adiante. Foram expelidos de Umuofia, depois de Abame e Aninta. Será que eles iriam atualmente reivindicar todos esses lugares? Será que teriam reivindicado as nossas roças naqueles tempos em que o homem branco ainda não havia virado as nossas vidas de cabeça para baixo? Anciãos e *ndichie* de Umuaro, que todos voltem para as suas casas, se não temos verdadeiro desejo de lutar. Nós não seremos o primeiro povo que abandona suas roças ou mesmo seus lares para evitar a guerra. Mas não sejamos nós que diremos a nós mesmos ou a nossos filhos que a terra pertenceu a outro povo. Em vez disso, vamos dizer-lhes que seus antepassados não escolheram a luta. Vamos dizer-lhes também que casamos com as filhas de Okperi e seus homens casaram com nossas filhas; e que onde há esta mistura os homens muitas vezes perdem o desejo de lutar.

— Umuaro *kwenu!*

— *Hem!*

— *Kwezuenu!*

— *Hem!*

— Eu os saúdo!

O longo tumulto que se seguiu foi na maior parte de aprovação. Nwaka tinha destruído totalmente o discurso de Ezeulu. A frase que o matara fora a insinuação de que a mãe do sumo sacerdote era uma filha de Okperi. A assembleia dividiu-se em numerosos pequenos grupos de pessoas, cada qual conversando com aquelas que estavam sentadas ao lado. Um dos homens disse que Ezeulu se esquecera se fora seu pai ou sua mãe quem lhe contou sobre as terras.

Vários oradores se levantaram, um após outro, e falaram à assembleia, até que ficou bem claro que todas as seis aldeias apoiavam Nwaka. Ezeulu não era o único homem de Umuaro cuja mãe

viera de Okperi. Mas nenhum dos outros ousava vir em seu apoio. De fato, um deles, Akukalia, cuja linguagem nunca se afastava muito das palavras “matar” e “saquear”, mostrara-se tão entusiasmado que foi escolhido para levar a argila branca e a nova fronde de palmeira para a terra de sua mãe, Okperi.

O último a falar naquele dia foi o homem mais velho da aldeia de Akukalia. Sua voz era trêmula, porém sua saudação à assembleia foi ouvida claramente em todos os recantos da praça do mercado de Nkwo. Os homens de Umuaro responderam ao seu grande esforço com o mais alto *Hem!* do dia. Ele disse calmamente que precisava descansar para recobrar o fôlego, e aqueles que o ouviram riram.

— Desejo falar com o homem que estamos mandando a Okperi. Já faz muito tempo que nós tivemos uma guerra, e muitos de vocês podem não se recordar do costume. Eu não quero dizer com isso que Akukalia precise ser lembrado. Mas sou um homem velho, e um homem velho existe para falar. Se o lagarto do lar se esquece de fazer as coisas pelas quais sua espécie é conhecida, ele será tomado por um lagarto da roça.

E prosseguiu:

— Pela maneira como Akukalia falou, eu vi que ele estava furioso. Está certo que ele possa se sentir assim. Porém nós não o estamos mandando para a terra de sua mãe a fim de lutar. Nós o estamos mandando, Akukalia, para que escolha entre a guerra e a paz diante deles. Eu falo por Umuaro?

Eles lhes deram poder para continuar.

— Nós não queremos que Okperi escolha a guerra. Ninguém engole a guerra. Se eles escolherem a paz, nós nos regozijaremos. Mas seja o que for que disserem, você não deve brigar com eles. Seu dever é trazer-nos uma palavra de volta. Todos nós sabemos que é um homem destemido, mas enquanto você estiver lá, ponha a coragem na sua sacola. Se os jovens que te acompanharem falarem com uma voz alta demais, você deve esconder-lhes o erro. Nos meus dias de juventude, fui mandado em pequenas missões parecidas e por isso conheço muito bem as tentações. Eu os saúdo!

Ezeulu, que tinha aceitado tudo aquilo com um sorriso triste, nesse momento pôs-se, num salto, de pé, como alguém que tivesse sido picado no traseiro por uma formiga preta.

— Umuaro *kwenu!* — berrou ele.

— *Hem!*

— Eu os saúdo! — E sua saudação era semelhante à de uma Máscara enraivecida. — Quando há um adulto na casa, não se deixa a cabra sofrer amarrada às dores do parto. Assim nos disseram os nossos ancestrais. Mas o que vimos nós aqui hoje? Vimos pessoas falando com medo de serem chamadas de covardes. Outras falaram do modo como falaram porque estão famintas de guerra. Vamos deixar tudo isso de lado. Se, na verdade, as terras forem nossas, Ulu lutará ao nosso lado. Mas se não forem, breve vocês saberão. Eu não teria falado novamente hoje se não tivesse visto adultos negligenciando seus deveres. Ogbuefi Egonwanne, na qualidade de um dos três homens mais velhos de Umuaro, nos deveria ter lembrado que nossos pais não lutaram uma guerra com o sentimento de culpa. Mas, em vez disso, ele quis ensinar ao nosso emissário como carregar fogo e água na mesma boca. Nós já não ouvimos dizer que um menino enviado por seu pai para roubar

não faz isso furtivamente, mas, sim, quebra a porta com seus pés? Por que Egonwanne se preocupa com pequeninas coisas, quando as grandes são passadas por alto? Nós queremos a guerra. A maneira como Akukalia falará com o povo de sua mãe é irrelevante. Ele pode cuspir na cara deles se quiser. Quando nós ouvimos dizer que uma casa caiu, por acaso perguntamos se o teto caiu junto com ela? Eu os saúdo.

Akukalia e seus dois companheiros partiram para Okperi no dia seguinte. Em sua sacola de pele de cabra ele levava um pedaço de argila branca e um punhado de palmas amarelas, cortadas do topo da árvore antes de se desenrolarem ao sol. Cada homem também carregava um machete embainhado.

O dia era Eke, e daí a pouco tempo Akukalia e seus companheiros começaram a cruzar com mulheres que vinham das aldeias vizinhas, a caminho do famoso mercado Eke Okperi. A maior parte era de mulheres de Elumelu e de Abame, conhecidas por fazerem os melhores potes de todas as aldeias da vizinhança. Cada qual carregava uma carga alta como uma torre, de cinco ou seis ou até mais potes grandes de água, presos uns aos outros por uma rede de corda sobre uma cesta comprida.

À medida que passavam por esses grupos de mulheres, os mensageiros de Umuro conversavam sobre o grande mercado de Eke em Okperi, frequentado por todo o povo de Ibo e Olu.

— Esse mercado é o resultado de um antigo feitiço — Akukalia explicou. — O povo de minha mãe tem grandes curandeiros. — Sentia-se o orgulho em sua voz. — No início, Eke era um mercado pequenino. Outros mercados nas redondezas estavam-no esvaziando. Então, um dia, os homens de Okperi fizeram uma poderosa divindade e puseram o mercado sob os cuidados dela. Daquele dia em diante, Eke cresceu e cresceu, até tornar-se o maior mercado desta terra. Esta divindade, que se chama Nwanyieke, é uma velha. Todos os dias do Eke, antes do cantar do galo, ela aparece na praça do mercado, com uma vassoura na mão direita, e dança em volta do vasto espaço aberto, apontando com sua vassoura todas as direções da terra, atraindo, assim, gente de todas as regiões. Esta é a razão pela qual o povo nunca chega perto do mercado antes de o galo cantar. Se o fizerem, verão a velha a varrer.

— Contam a mesma história no mercado Nkwo, ao lado do grande rio, em Umuru — afirmou um dos companheiros de Akukalia. — Lá o feitiço funcionou tão bem que o mercado não mais se reúne, só nos dias Nkwo.

— Em matéria de feitiço, Umuru não é páreo para o povo de minha mãe — acrescentou Akukalia. — O mercado deles cresceu porque o homem branco levou suas mercadorias para lá.

— Mas não foi justamente por causa do feitiço que o homem branco levou suas mercadorias para lá? — perguntou o outro homem.

— A velha que aparece no mercado varre o mundo com sua vassoura e até mesmo a terra do homem branco, onde dizem que o sol nunca brilha.

— É verdade que, em Umuru, uma das mulheres brancas saiu sem chapéu e derreteu como óleo de palma adormecido ao sol? — perguntou o outro companheiro.

— Eu também ouvi essa história — disse Akukalia. — Mas contam-se muitas mentiras a respeito do homem branco. Já se disse que ele não tinha dedos nos pés.

O sol nascia quando os homens chegaram à terra em disputa. Ela não tinha sido cultivada

durante muitos anos e estava coberta de capim alto acastanhado.

— Eu recorde ter vindo com meu pai a este mesmo lugar a fim de cortar capim para os nossos tetos — disse Akukalia. — E muito me surpreende que o povo de minha mãe esteja agora reivindicando essas terras.

— Tudo isso se deve ao homem branco que diz, como um homem mais velho a duas crianças brigando: vocês não lutarão enquanto eu estiver por perto. Então, a mais nova e mais fraca das duas começa a ficar cheia de si e se gabar.

— O que você disse é verdade — disse Akukalia. — Coisas como esta não teriam acontecido quando eu era um jovem, para não falar no tempo de meu pai. Eu me lembro de tudo isto muito bem — e ele fez um gesto abrangendo toda a terra. — Aquele pé de *ebenebe* acolá foi certa vez atingido por um raio, e as pessoas que estavam cortando capim debaixo dele foram atiradas para longe em todas as direções.

— O que vocês deveriam perguntar-lhes — disse o outro companheiro, que tinha falado muito pouco durante a viagem —, o que eles nos deviam dizer é por que razão, se a terra era de verdade deles, permitiram que nós a cultivássemos e nela cortássemos sapê, geração após geração, até que o homem branco chegou e os lembrou de que a terra lhes pertencia.

— Não é nossa missão fazer-lhes qualquer pergunta, exceto a única pergunta que Umuaro deseja que eles respondam — lembrou Akukalia. — Penso que devo lembrar-lhes que devem segurar as línguas com a mão quando chegarmos lá, e deixar a fala comigo. Eles são pessoas muito difíceis; minha mãe não era uma exceção, porém eu sei o que eles sabem. Se um homem de Okperi diz para um de vocês que venha, ele quer dizer que você deve correr para longe com toda a sua força. Se você não estiver acostumado aos seus hábitos, você pode sentar-se com eles, desde o galo cantar até a hora do crepúsculo, e juntar-se à sua conversa, e comer a comida deles, mas todo o tempo você estará flutuando na superfície da água. Portanto, o melhor é deixá-los comigo, porque quando um homem de astúcia morre um homem astucioso o enterra.

Os três emissários entraram em Okperi mais ou menos na hora em que a maioria das pessoas estava terminando sua refeição matinal. Dirigiram-se diretamente para o *compound* de Uduezue, o mais próximo parente vivo da mãe de Akukalia. Talvez pelas caras sérias dos homens, Uduezue imaginou a que vinham ou, talvez, Okperi não estivesse completamente despreparada para a missão de Umuaro. Apesar disso, Uduezue perguntou-lhes por sua gente.

— Eles estão muito bem — replicou Akukalia impacientemente. — Nós temos uma urgente incumbência, da qual devemos dar conta aos dirigentes de Okperi, sem demora.

— É verdade? — perguntou Uduezue. — Eu estava dizendo a mim mesmo: o que poderia trazer meu filho e sua gente a toda essa distância tão cedo? Se minha irmã, sua mãe, estivesse ainda viva, eu teria pensado que alguma coisa lhe acontecera.

Fez uma pausa durante poucos instantes.

— Sim, uma missão importante. Nós temos um ditado que diz que um sapo não corre durante o dia, a menos que alguma coisa o esteja perseguindo. Eu não desejo atrasar o cumprimento dessa missão, mas devo oferecer-lhes um pedaço de noz-de-cola.

Ensaçou levantar-se.

— Não se preocupe. Talvez tenhamos de retornar após nossa missão. Levamos uma grande

carga sobre nossas cabeças e, até que a retiremos, não podemos entender nada que nos for dito.

— Eu sei como a coisa é. Aqui está, então, um pedaço de argila branca. Permita-me concordar com você e deixar a noz-de-cola para quando você regressar.

Mas os mensageiros declinaram até mesmo de desenhar linhas no chão com a argila. Depois disso, não havia nada mais a dizer. Eles haviam recusado as dádivas de boas-vindas entre o anfitrião e o hóspede.

Uduetzue foi para a parte interna do *compound* e voltou com sua sacola de pele de cabra e seu machete embainhado.

— Eu os levarei até o homem que receberá a mensagem — disse ele.

Foi na frente, a mostrar o caminho, e os outros o seguiram silenciosamente. Passaram por uma multidão cada vez maior, que ia para o mercado. Como a estação do plantio se aproximava, muitas dessas pessoas levavam longas cestas de inhame para ser plantado. Alguns homens carregavam cabras, também em longas cestas. Mas, de vez em quando, viam um homem levando uma galinha, e esse homem não marchava com firmeza, sobretudo quando era alguém que conhecera no passado melhores tempos. Muitas das mulheres conversavam em voz alta enquanto caminhavam, e as únicas silenciosas eram aquelas que vinham de muito longe e estavam exaustas. Akukalia pensou reconhecer algumas das cargas altíssimas de potes de água que elas haviam deixado para trás no caminho.

Havia mais ou menos três anos que Akukalia não visitava a terra de sua mãe e agora ele se sentia estranhamente terno em relação a ela. Menino pequeno, ao vir pela primeira vez com a mãe, perguntara por que a terra e a areia pareciam brancas em vez de marrom avermelhadas como em Umuaro. Sua mãe lhe explicara que a razão disso era que em Okperi as pessoas tomavam banho todos os dias e eram limpas, ao passo que em Umuaro elas nunca tocavam em água durante os quatro dias da semana. Sua mãe fora sempre muito dura com ele e briguenta, mas agora Akukalia sentia ternura até mesmo em relação a ela.

Uduetzue levou os três mensageiros à casa de Otikpo, o porta-voz de Okperi. Ele estava em seu *obi*, preparando inhame para o mercado. Levantou-se para cumprimentar os visitantes. Chamou Uduetzue pelo nome e título, e Akukalia, de *nwadiani* ou “filho de nossa filha”. Somente apertou a mão dos outros dois, que não conhecia. Otikpo era muito alto e de compleição magra. Ainda se parecia com o grande corredor que fora na juventude.

Foi para um quarto interno e retornou com um tapete enrolado, que estendeu na cama de barro para os seus visitantes. Uma menininha entrou, vinda do interior do *compound*, chamando pelo pai.

— Vá embora, Ogbanje — ordenou. — Você não vê que estou com visitas?

— Nweke me bateu.

— Eu lhe darei umas chicotadas mais tarde. Vá dizer-lhe que eu lhe darei umas chicotadas.

— Otikpo, vamos lá para fora cochichar juntos — sugeriu Uduetzue.

Eles não se demoraram muito. Quando voltaram, Otikpo trouxe uma noz-de-cola numa tigela de madeira. Akukalia agradeceu, mas disse que ele e seus companheiros carregavam cargas tão pesadas na cabeça que não podiam comer nem beber até que o peso fosse colocado no chão.

— De verdade? — perguntou Otikpo. — Não poderia esse peso tão grande do qual vocês falam descer diante de mim e de Uduetzue, ou requer a presença dos mais idosos de Okperi?

— É necessário que estejam presentes os anciãos.

— Então vocês vieram num péssimo momento. Todo mundo na Ibolândia sabe que o povo de Okperi não tem outro negócio em seu dia Eke. Vocês deviam ter vindo ontem ou anteontem ou amanhã ou depois de amanhã. *Nwadiani* — dirigiu-se a Akukalia —, você devia conhecer nossos costumes.

— Os seus costumes não são diferentes dos costumes de outros povos — retrucou Akukalia. — Mas nossa missão não podia esperar.

— De verdade? — Otikpo saiu e, elevando a voz, chamou seu vizinho, Ebo, e entrou novamente.

— A missão não pode esperar. Que faremos agora? Acho que vocês deveriam hoje dormir em Okperi e ver os anciãos amanhã.

Ebo entrou e saudou a todos. Ficou surpreso ao ver tanta gente e, durante alguns segundos, ficou meio perdido. Depois, começou a apertar mãos em volta, mas, quando chegou a vez de Akukalia, este lhe recusou a mão.

— Sente-se, Ebo — disse Otikpo. — Akukalia traz uma mensagem para Okperi, que o proíbe de comer noz-de-cola e de apertar mãos. Ele deseja ver os anciãos, e eu já lhe disse que isso não será possível hoje.

— Por que eles escolheram justamente hoje para trazer a mensagem? Eles não têm mercado lá de onde eles vêm? Se é essa a razão pela qual você me chamou, eu preciso voltar e me preparar para o mercado.

— Nossa mensagem não pode esperar. Eu já disse isso antes.

— Eu nunca ouvi dizer, até hoje, que uma mensagem não pudesse esperar. Ou por acaso você nos traz notícia de que Chukwu, o grande deus, está a ponto de remover o pé que sustenta o mundo? Caso contrário, então você precisa saber que o mercado de Eke Okperi não vai parar por causa de três homens que chegaram à cidade. Se você escutar cuidadosamente, mesmo agora, quando ainda está com pouca gente, você poderá ouvir o seu rumor. Quando está cheio, o barulho pode ser ouvido em Umuda. Você pensa que um mercado como esse vai parar para ouvir sua mensagem? — Sentou-se e, por alguns minutos, ninguém mais falou.

— Como você pode ver, Filho de Nossa Filha, não podemos juntar os nossos anciãos antes de amanhã — afirmou Otikpo.

— Se a guerra chegasse subitamente em sua cidade agora, você conseguiria reunir seus homens, Pai de Minha Mãe? Você esperaria até amanhã? Você não bateria em seu *ikolo*?

Ebo e Otikpo começaram a dar gargalhadas. Os três homens de Umuaro trocaram olhares. O rosto de Akukalia começou a ter um ar perigoso. Uduetzue sentou-se tal como tinha feito quando entraram lá pela primeira vez, com o queixo apoiado na mão esquerda.

— Povos têm costumes diferentes — disse Otikpo, após a risada. — Em Okperi, não é nosso costume dar as boas-vindas como *ikolo* a estranhos que chegam ao nosso mercado.

— Por acaso você está nos dizendo, Pai de Minha Mãe, que nos considera mulheres do mercado? Eu tenho aguentado seus insultos pacientemente. Deixe-me lembrá-lo que meu nome é Okeke Akukalia, de Umuaro.

— Ahã, de Umuaro — disse Ebo, ainda aborrecido pelo aperto de mãos recusado. — Eu fico feliz por você ter dito Umuaro. O nome desta cidade é Okperi.

— Volte para sua casa — gritou Akukalia — ou farei com que você coma merda.

— Se você quer berrar feito um touro castrado, deve esperar até sua volta a Umuaro. Eu já lhe

disse que este lugar é Okperi.

Talvez tenha sido deliberado, talvez tenha sido acidental. Mas Ebo dissera justamente a única coisa que ninguém jamais deveria dizer a Akukalia, que era impotente, e cujas duas esposas estavam secretamente se entregando a outros homens para gerar seus filhos.

A luta que se seguiu foi impiedosa. Ebo não era páreo para Akukalia e logo teve a cabeça quebrada, escorrendo sangue. Enlouquecido pela dor e pela vergonha, ele se dirigiu à sua casa para buscar um facão. Mulheres e crianças de todos os *compounds* da redondeza estavam agora do lado de fora, algumas delas gritando de pavor. Os passantes também começaram a entrar em grande número.

O que aconteceu depois foi o trabalho de Ekwensu, aquele que traz o mal. Akukalia correu atrás de Ebo, entrou no *obi*, pegou o *ikenga* de seu altar, correu para fora novamente e, enquanto todos olhavam estarecidos, partiu-o em dois.

Ebo foi o último a ver a abominação. Ele estivera lutando com Otikpo, que queria arrancar o facão dele e, portanto, evitar um derramamento de sangue. Mas quando a multidão viu o que Akukalia fizera, eles gritaram para Otikpo que o largasse. Os dois homens saíram juntos da cabana. Ebo correu em direção a Akukalia e, ao ver o que ele fizera, ficou paralisado, sem saber, durante breves instantes, se estava acordado ou sonhando. Esfregou os olhos com as costas da mão esquerda. Akukalia parou em frente dele. Os dois pedaços de seu *ikenga* jaziam onde seu violador os havia chutado, no meio do pó.

— Dê um só passo mais, se é que você é homem. Sim, eu fiz isto. E o que você vai fazer agora?

Então era verdade. Ainda assim Ebo deu meia-volta e foi para dentro de seu *obi*. Diante do altar, ajoelhou-se para ter uma visão melhor. Sim, estava vazio. Onde, na prateleira de madeira, ficava o seu *ikenga*, a força de seu braço direito, havia um espaço vazio, sem poeira.

— *Nna doh! Nna doh!* — chorava, chamando em sua ajuda o pai morto. Foi para seu quarto de dormir. Mal havia entrado, e Otikpo, pensando que ele talvez pudesse cometer alguma violência contra si mesmo, correu para dentro do cômodo. Mas era tarde demais. Ebo empurrou-o para um lado e entrou no *obi* com a espingarda carregada. No umbral, ajoelhou-se e mirou. Akukalia, vendo o perigo, correu. Embora a bala o tivesse apanhado no peito, ele continuou a correr com seu machete levantado bem alto, até cair no umbral, com o rosto batendo na parte baixa de cobertura de sapê antes de tombar no chão.

Quando o corpo foi levado para casa em Umuaro todos ficaram estarecidos. Jamais acontecera antes que um emissário de Umuaro fosse morto fora de casa. Porém, após o primeiro choque, as pessoas começaram a dizer que um membro de seu clã fizera algo imperdoável.

— Vamos nos colocar no lugar do homem que ele transformou em cadáver diante de seus próprios olhos — diziam elas. — Quem teria suportado semelhante coisa? Que propiciação ou sacrifício seria necessário para expiar um tamanho sacrilégio? Como poderia a vítima se apresentar inteira diante de seus pais, a menos que lhes pudesse dizer: o homem que fez isso pagou com sua cabeça? Nada menos do que isso seria aceitável.

Umuaro poderia ter deixado o assunto morrer assim, e talvez também a disputa pela terra, pois parecia que Ekwensu tivera uma mão em tudo aquilo. Mas havia uma pequenina coisa que os preocupava. Era pequenina, mas, ao mesmo tempo, muito importante. Por que Okperi não se

dignara a enviar uma mensagem a Umuaro, dizendo que fora isso ou aquilo o que acontecera? Todos concordavam que o homem que matara Akukalia havia sido violentamente provocado. Era também verdade que Akukalia era não apenas um filho de Umuaro; ele era também o filho de uma filha de Okperi, e o que acontecera poderia ser comparado à cabeça de um bode caindo dentro de uma sacola de bode. No entanto, quando um homem era assassinado, alguma coisa tinha que ser dita, alguma explicação tinha de ser dada. O fato de Okperi não ter se importado em dizer o que quer que fosse era a marca do menosprezo que eles tinham por Umuaro. E a isso não se poderia fechar os olhos. Quatro dias após a morte de Akukalia, arautos percorreram as seis aldeias ao cair da noite.

A assembleia pela manhã foi muito solene. Quase todos os que falaram disseram que, embora não fosse direito culpar o cadáver, era preciso que se admitisse que Akukalia fizera um grande mal. Muitos deles, especialmente os homens mais velhos, pediam que Umuaro deixasse o assunto morrer. Contudo, havia outros que, como diz o ditado, arrancavam os cabelos e os mastigavam. Esses juravam que não viveriam para ver Umuaro levar uma cuspidada. Eles eram, como antes, liderados por Nwaka. Este falou com sua usual eloquência e abalou muitos corações.

Ezeulu foi o último a falar. Saudou Umuaro tranquilamente e com grande tristeza:

— Umuaro *kwenu!*

— *Hem!*

— Umuaro *obodonesi kwenu!*

— *Hem!*

— *Kwezuenu!*

— *Hem!*

— A flauta que estávamos soprando está esmagada. Quando eu falei, dois mercados atrás, nesta mesma praça, usei um provérbio. Disse que, quando um adulto está em casa, a cabra não é deixada parir seus filhotes amarrada. Eu estava, nessa ocasião, dirigindo-me a Ogbuefi Egonwanne, que era o adulto na casa. Disse-lhe que ele deveria ter se levantado para falar contra aquilo que se estava planejando, mas, em vez disso, pusera um pedaço de carvão aceso na palma da mão de uma criança e lhe pediu para carregá-lo com cuidado. Todos nós vimos com quanto cuidado ele o carregou. Eu não estava, naquela ocasião, falando apenas com Egonwanne, mas com todos os anciãos aqui presentes, que não fizeram o que deveriam ter feito, e fizeram outra coisa. Eles estavam em casa e, no entanto, a cabra sofreu em seu parto.

Prosseguiu:

— Era uma vez um grande lutador cujas costas nunca tinham conhecido o chão. Ele lutou de aldeia em aldeia, até ter derrotado todos os homens do mundo. Então decidiu que precisava lutar na terra dos espíritos e tornar-se campeão também lá. Lutou contra todos os espíritos que se aproximaram dele. Alguns tinham sete cabeças, outros, dez; mas ele os derrotou a todos. Seu companheiro, que cantava na flauta os seus feitos, implorou-lhe que viesse embora, mas ele se recusou. O flautista pediu-lhe por tudo, porém o seu ouvido estava tampado. Em vez de voltar para casa, resolveu desafiar os espíritos a que trouxessem seu melhor e mais forte lutador. Eles lhe mandaram, então, o seu deus pessoal, um espírito pequenino e rijo, que o agarrou com uma só das mãos e o esmagou contra a terra pedregosa.

E, após uma pausa:

— Homens de Umuaro, por que vocês pensam que nossos pais contavam essa história? Eles a

contavam porque queriam ensinar-nos que não importa quão forte ou grande seja um homem, jamais deve desafiar o seu *chi*. Isso foi exatamente o que o nosso parente fez: ele desafiou o seu próprio *chi*. Nós éramos seu tocador de flauta, mas não insistimos com ele para que fugisse da morte. Onde está ele hoje? A mosca que não tem ninguém para aconselhá-la acompanha o cadáver no túmulo. Mas deixemos Akukalia de lado; ele já se foi pelo caminho que seu *chi* determinou.

E rematou:

— Deixemos que o escravo que vê outro ser arremessado para dentro de uma cova rasa saiba que ele será enterrado da mesma maneira quando seu dia chegar. Umuaro está hoje desafiando seu *chi*. Haverá, por acaso, um só homem ou mulher em Umuaro que não conheça Ulu, a divindade que destrói um homem quando sua vida é mais doce para ele? Algumas pessoas continuam falando em fazer guerra a Okperi. Por acaso eles pensam que Ulu lutará numa guerra condenável? Hoje em dia o mundo está estragado, e já não há cabeça ou rabo em nada do que é feito. Mas Ulu não está estragado com o mundo. Se vocês forem à guerra para vingar um homem que passou merda na cabeça do Pai de Sua Mãe, Ulu não os seguirá para ser maculado na corrupção. Umuaro, eu os saúdo.

O encontro terminou em confusão. Umuaro estava dividida em duas partes. Muitas pessoas juntaram-se em volta de Ezeulu e disseram que estavam do seu lado. E houve outras que se juntaram a Nwaka. Este organizou uma nova reunião com eles, à noite, em seu *compound*, e todos concordaram que três ou quatro cabeças de Okperi precisavam cair para resolver o assunto.

Nwaka assegurou-se de que ninguém da aldeia de Ezeulu, Umuachala, participasse daquela reunião noturna. Ele levantava sua lâmpada de óleo de dendê contra o rosto de quem quer que chegasse, a fim de vê-lo com clareza. Ao todo, mandou embora quinze pessoas.

Nwaka começou dizendo à assembleia que era preciso que Umuaro não se permitisse ser dirigida pelo sumo sacerdote de Ulu.

— Meu pai nunca me disse que, antes de Umuaro ir à guerra, precisasse pedir licença ao sacerdote de Ulu. O homem que carrega uma divindade não é um rei. Ele existe para cumprir os rituais e sacrificar aos deuses. Mas venho observando esse Ezeulu há muitos anos. É um homem ambicioso: quer ser rei, sacerdote, adivinho, tudo. O pai dele, segundo contam, era exatamente igual. Porém, Umuaro mostrou-lhe que o povo ibo não conhece reis.

E continuou:

— Nós não temos briga com Ulu. Ele ainda é nosso protetor, embora, à noite, não mais temamos os guerreiros de Abam. Eu não verei, todavia, com esses olhos que são meus, o sacerdote dele impondo-se como senhor sobre nós. Meu pai disse-me muitas coisas, mas ele nunca disse que Ezeulu era rei de Umuaro. Quem é ele, afinal de contas? Por acaso alguém aqui entra em seu *compound* pelo portão dos homens? Se Umuaro decidisse ter um rei, sabemos de onde viria. Desde quando Umuachala tornou-se cabeça das seis aldeias? Todos nós sabemos que foi o ciúme entre as grandes aldeias que as fez conceder o sacerdócio à mais fraca. Nós saberemos lutar pelas nossas terras e contra o desprezo que Okperi tem por nós. Não devemos escutar ninguém que esteja tentando nos assustar com o nome de Ulu. Se um homem diz sim, seu *chi* também diz sim. E nós todos ouvimos dizer como o povo de Aninta lidou com sua divindade quando esta lhe falhou. Por acaso eles não a carregaram até a fronteira entre eles e os seus vizinhos e tocaram fogo nela? Eu os saúdo.

A guerra foi travada de um Afo a outro. No dia em que começou, Umuaro matou dois homens de Okperi. O dia seguinte era Nkwo, e não houve luta. Nos dois dias seguintes, Eke e Oye, a luta tornou-se feroz. Umuaro matou quatro homens, e Okperi, três, um dos quais o irmão de Akukalia, Okoye. No dia seguinte, Afo, o conflito armado chegou a um súbito fim. O homem branco, Wintabota, trouxe soldados para Umuaro e pôs fim à guerra. A história do que esses soldados fizeram em Abame é contada até hoje com pavor. Por isso, Umuaro não fez nenhum esforço para resistir e depôs as armas. Embora ainda não estivessem satisfeitos, podiam dizer, sem envergonhar-se, que a morte de Akukalia fora vingada e que eles lhe tinham proporcionado três homens sobre os quais descansar sua cabeça. Talvez fosse bom que a guerra tivesse cessado. A morte de Akukalia e de seu irmão numa mesma disputa mostrava que aquilo tinha a mão de Ekwensu.

O homem branco não ficou satisfeito em apenas parar a guerra. Ele recolheu as espingardas de Umuaro e mandou que os soldados as quebrassem diante de todos, exceto três ou quatro, que levou consigo. Depois disso, procedeu ao julgamento de disputa entre Umuaro e Okperi, e decidiu a favor de Okperi.

O capitão T. K. Winterbottom estava de pé na varanda de seu bangalô, em Government Hill, atento ao barulho da primeira chuva do ano. Durante um ou dois meses, o calor fora crescendo, até chegar a um grau de intensidade insuportável. A grama havia muito tempo estava completamente queimada, e as folhas das árvores mais resistentes tinham adquirido a cor vermelho acastanhada da região. Havia apenas duas horas de trégua pela manhã, antes que a terra se tornasse uma espécie de forno, e a transpiração descasse em pequenos fios de água da cabeça e do pescoço. A coisa mais exasperante era um pequeno fio de suor que escorria sempre atrás da orelha, como uma mosca andando. Havia outro momento de alívio temporário ao pôr do sol, quando soprava uma brisa fresca. Esse traiçoeiro ventinho fresco era, porém, o grande perigo da África, enganando o descuidado europeu, que se desnudava para senti-lo melhor e recebia o beijo de morte.

O capitão Winterbottom não tinha dormido de verdade desde que o seco e fresco harmatã cessara abruptamente em dezembro; e estava-se em meados de fevereiro. Ficava pálido e magro, e, apesar do calor, tinha frequentemente os pés frios. Todas as manhãs, após o banho, que teria preferido frio, mas que tinha de ser quente para manter-se vivo (uma vez que a África nunca poupava os que faziam o que queriam fazer e não o que deviam fazer), ele olhava-se no espelho e via as gengivas ficarem cada vez mais brancas. Talvez outra crise de febre estivesse a caminho. À noite, era obrigado a se fechar completamente dentro de um mosquitoireiro e, assim, eliminar qualquer movimento de ar que pudesse vir de fora. Suas cobertas ficavam encharcadas, e sua cabeça formava uma bacia alagada no travesseiro. Depois de um primeiro período de sono inquieto, permanecia deitado e acordado, virando-se de um lado para o outro, até sentir-se preso no distante palpar dos tambores. Ficava imaginando que ritos indizíveis estavam em andamento nas florestas à noite, ou se seria isso apenas o bater do coração da escuridão africana? Então, certa noite, aterrorizou-se ao lhe ocorrer a ideia de que não importava onde ele estivesse deitado e acordado, à noite, na Nigéria, o bater dos tambores chegaria com a mesma constância e da mesma ilusória distância. Será que esse bater de tambores não viria de seu próprio cérebro atacado pelo calor?

Quinze anos antes, Winterbottom sentira-se tão deprimido pelo clima e pela comida a ponto de ter dúvidas sobre a prestação de serviços na Nigéria. Mas tornara-se um funcionário calejado e, embora o clima ainda o tornasse irritável e enfraquecido, não mais trocava essa vida dura pelo conforto da Europa. Sua forte crença no valor da missão britânica na África tinha sido reforçada, por estranho que pareça, durante a campanha dos Camarões, em 1916, quando lutara contra os alemães. Foi assim que obtivera a patente de capitão. Ao contrário de muitos outros administradores coloniais, que também prestaram serviço ativo nos Camarões, ele usava a sua patente em tempos de paz.

Embora a primeira chuva estivesse já atrasada, quando veio chegou sem aviso. Ao longo de todo o dia, o sol respirara fogo como de costume, e o mundo ficara prostrado com o choque. Os

pássaros que cantavam pela manhã silenciaram. O ar, parado no mesmo lugar, vibrava com o calor, e as árvores mostravam-se caídas. Subitamente, sem qualquer sinal, um grande vento se levantou, e o céu escureceu. Poeira e folhas caídas enchiam o ar. Palmeiras e coqueiros oscilavam desde a cintura; seus topos parecendo gigantes fugindo do vento, suas longas cabeleiras derramadas atrás deles.

O criado de Winterbottom, John, corria de um lado para outro, fechando portas e janelas e apanhando do chão papéis e fotografias. Latidos agudos e secos de trovões quebravam o tumulto. O mundo, que havia dormitado durante meses, estava cheio de vida novamente, e cheirava às folhas novas que iriam nascer. Winterbottom, no balaústre de sua varanda, também era outro homem. Deixava a poeira soprar em seus olhos e, dessa vez, viu-se invejando as crianças nativas, que corriam nuas e cantavam para a chuva prestes a cair.

— O que elas estão dizendo? — perguntou a John, que, nesse momento, estava carregando para dentro as cadeiras do terraço.

— Elas falam dizê que faça a chuva vir depressa, depressa.

Quatro outras crianças chegaram correndo, vindo das moradias dos empregados, a fim de juntar-se às outras, no gramado de Winterbottom, que era o único espaço suficientemente amplo para suas brincadeiras.

— Todas elas são filhos seus, John? — E havia em sua voz algo parecido com inveja.

— Non, sinhô — respondeu John, pondo no chão a cadeira que segurava. E apontou. — Minhas criança são só aquelas duas que correndo lá diante e aquela garota amarelada. As otra duas, filhas do cozinheiro. O otro mais diante é do irmon do jardineiro.

Eles foram obrigados a gritar para ser ouvidos. O céu estava agora coberto de inquietas nuvens escuras, exceto no horizonte longínquo, onde uma estreita borda de luz persistia. Longos riscos de relâmpagos, zangados e impacientes, quebravam as nuvens, apenas para serem varridos de novo.

Quando começou, a chuva caía como grandes seixos. As crianças intensificaram sua cantiga, no momento em que as primeiras pedras geladas de granizo as atingiram. Em alguns casos podia doer, mas isso as fazia rir ainda mais. Cada uma disputava com as outras para pegar no chão o granizo e jogá-lo na boca antes que derretesse.

Choveu durante uma hora seguida e a chuva parou bruscamente. As árvores estavam lavadas de verde e as folhas tremulavam alegremente. Winterbottom olhou para o seu relógio de pulso e viu que eram quase seis horas. Na excitação da primeira chuva do ano, esquecera-se do chá com biscoitos que John trouxera exatamente antes das cinco. Pegou um biscoito e começou a mastigá-lo. De repente, lembrou-se de que Clarke viria jantar e foi à cozinha, ver o que o cozinheiro estava preparando.

Okperi não era uma estação muito grande. Havia apenas cinco europeus morando em Government Hill: o capitão Winterbottom e os srs. Clarke, Roberts, Wade e Wright. O capitão Winterbottom era o chefe do distrito. A Union Jack tremulando diante do bangalô confirmava que ele era o representante do rei naquele distrito. Como tal, recebia a saudação no Dia do Império, durante o desfile de todas as crianças das escolas da área — uma das poucas ocasiões em que ele usava uniforme branco e espada. O sr. Clarke era o seu assistente. Estava na estação havia apenas quatro semanas e tinha vindo substituir o pobre John Macmillan, que falecera de malária cerebral.

Os outros europeus não pertenciam à Administração. Roberts era o superintendente adjunto da

polícia e respondia pelo destacamento local. Wade ocupava-se da prisão e também tinha o título de superintendente adjunto. O outro homem, Wright, não pertencia, na realidade, à estação. Era funcionário do Departamento de Obras Públicas, que supervisionava a nova estrada para Umuaro. O capitão Winterbottom já tinha tido motivo para censurá-lo por seu comportamento, em especial com as mulheres nativas. Era absolutamente imperativo, dissera-lhe, que todos os europeus na Nigéria, em particular aqueles em postos avançados e solitários como Okperi, jamais se rebaixassem aos olhos dos nativos. Em lugares como aquele, o oficial do distrito era algo assim como o chefe de disciplina de uma escola, e o capitão Winterbottom estava determinado a cumprir seu dever. Ele iria até o ponto de proibir que Wright frequentasse o clube, a menos que ele mudasse de modos.

O clube era a velha cantina do Regimento, que o Exército deixara para trás, depois que seu trabalho de pacificação terminara. Era um pequeno bangalô de madeira, contendo a sala do rancho, uma antessala e uma varanda. Na atualidade, a sala do rancho era usada como bar e saguão; a antessala, como biblioteca, onde os membros olhavam os jornais de dois ou três meses antes e liam os telegramas da Reuters — dez palavras duas vezes por semana.

Tony Clarke já estava vestido para jantar, embora ainda tivesse mais de uma hora de espera antes de sair. Vestir-se para jantar era muito incômodo no calor, mas muitos dos funcionários mais experientes lhe haviam dito que era algo verdadeiramente necessário. Disseram-lhe que era um tônico geral, que todos deveriam tomar se quisessem sobreviver nesse país desmoralizador. O dia estava bastante agradável, porque a chuva havia trazido algum frescor. Mas houve dias em que Tony Clarke se privou de um jantar de cerimônia para evitar o tormento de usar camisa engomada e gravata. No momento, ele estava lendo o capítulo final do livro *A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger*, da autoria de George Allen, que lhe fora emprestado pelo capitão Winterbottom. De vez em quando, ele lançava um olhar para o seu relógio de ouro, presente de seu pai quando saíra de casa para servir na Nigéria, ou, como teria dito George Allen, para responder ao chamado. Já estava com o livro havia mais de quinze dias e, por isso, devia terminá-lo e devolvê-lo naquela noite. Uma das maneiras pelas quais os trópicos o estavam afetando era a velocidade de sua leitura. De qualquer forma, o livro era bastante enfadonho. Era demasiadamente presunçoso para o gosto de Clarke. Mas ele estava agora achando que os últimos poucos parágrafos eram bastante excitantes. O capítulo intitulava-se “O chamado”.

Para aqueles que buscam apenas uma vida confortável e uma ocupação tranquila, a Nigéria está fechada e continuará fechada até que a terra perca um pouco de sua mortal fertilidade e até que o povo viva em condições minimamente saudáveis. Porém, para aqueles em busca de uma vida extenuante, para aqueles que conseguem lidar com homens como outros lidam com a matéria, que conseguem controlar grandes situações, persuadir em todos os encontros, modelar os destinos e montar na crista da onda do tempo, a Nigéria está estendendo para eles as suas mãos. Para os homens que, na Índia, fizeram do britânico o legislador, o organizador, o engenheiro do mundo, esta nova velha terra tem grandes recompensas e trabalho honrado. Eu sei que nós podemos encontrar estes homens. Nossas mães não nos criaram para que ficássemos na lareira da meninice, no círculo do lar, dedicados a esportes sem propósito nenhum, na meia-idade. É nosso grande orgulho que elas nos tenham — embora chorosamente — enviado, intemoratos e eretos, para liderar as raças atrasadas e pô-las na linha. “Nós somos o povo, com certeza!” Será pelo pequeno inglês que os normandos lutaram contra os saxões? Terá sido para ele que os arqueiros sangraram em Crecy e Poitiers ou que Cromwell treinou seus homens? Foi apenas para ficar numa escrivaninha que nossos jovens leram sobre Drake e Frobisher, Nelson, Clive e homens como Mungo Park? Foi para serem guarda-livros que eles aprenderam sobre Cartago, Grécia e Roma? Não, não; mil vezes não! A raça britânica tomará o seu lugar, o sangue britânico contará. Filho após filho deixará o Mersey, forte pela vontade de seus pais de hoje, mais forte ainda pelas façanhas de seus pais no passado, enfrentando com bravura o clima, tomando todos os riscos, jogando da melhor maneira o jogo da vida.

— Isso é bastante bom — disse o sr. Clarke e lançou novamente uma olhadela para o relógio. O bangalô do capitão Winterbottom ficava a uma distância de apenas dois minutos a pé, portanto havia muito tempo. Antes de vir para Okperi, Clarke passara dois meses sendo instruído no Quartel-General, e jamais esqueceria o dia em que fora convidado para jantar por Sua Excelência o vice-governador. Por alguma razão curiosa havia imaginado que a hora marcada fora oito horas, e chegou na Casa do Governo pontualmente. O grande saguão de recepção estava vazio, e Clarke teria ido para o jardim da frente, a fim de esperar, se não fosse por um dos empregados, que apareceu e lhe ofereceu uma cadeira e uma bebida. Sentou-se um pouco sem jeito na ponta da cadeira, com o copo de xerez na mão, em dúvida se não deveria retirar-se para a sombra de uma das árvores do jardim, até que outros convidados chegassem — mas era tarde. Alguém descia as escadas, apressado, assoviando desinibidamente. Clarke deu um pulo. Sua Excelência olhou-o com um ar zangado durante alguns segundos, antes que ele se adiantasse para o aperto de mãos. Clarke apresentou-se e preparava-se para se desculpar. Mas S. E. não lhe deu tempo:

— Eu tinha a impressão de que o jantar era às oito e um quarto.

Nesse momento, seu ajudante de ordens entrou e, ao ver um convidado, olhou preocupado, sacudiu seu relógio e o colocou no ouvido para ouvir seu tique-taque.

— Não se preocupe, John. Venha conhecer o senhor Clarke, que chegou um pouquinho mais cedo.

Deixou-os juntos e subiu novamente as escadas. Ao longo de todo o jantar, não voltou a dirigir a palavra a Clarke. Logo, outros convidados começaram a chegar, mas eram todos pessoas mais velhas e não mostraram interesse nenhum pelo pobre Clarke. Dois deles vinham com as esposas e o resto, inclusive Sua Excelência, eram solteiros ou tinham sabiamente deixado as mulheres em casa, na Inglaterra.

O pior momento para Clarke foi quando Sua Excelência levou os convidados para a sala de jantar, e Clarke não conseguiu encontrar seu nome em lugar nenhum. O resto das pessoas nem prestou atenção. Assim que Sua Excelência se sentou, todos tomaram seus lugares. Depois do que pareceu a Clarke horas e horas, o ajudante de ordens deu-se conta da situação e mandou que um dos garçons trouxesse uma cadeira. Depois, pensou melhor, levantou-se e ofereceu seu próprio lugar a Clarke.

O capitão Winterbottom estava bebendo conhaque com ginger ale quando Tony Clarke chegou.

— Está agradável e fresco hoje, graças a Deus.

— É verdade. A primeira chuva estava bastante atrasada — comentou o capitão Winterbottom.

— Eu nem sequer imaginava uma tempestade tropical. Ficaré mais fresco de agora em diante, suponho.

— Bem, não será exatamente assim. Ficaré bastante fresco durante dois dias no máximo. Pois, veja bem, a estação das chuvas não começa realmente antes de maio ou junho. Sente-se. Você gostou do livro?

— Sim, muitíssimo obrigado. Achei-o muito interessante. Talvez o senhor Allen seja levemente dogmático. Pode-se dizer que até mesmo um pouquinho presunçoso.

O criado do capitão Winterbottom, Boniface, adiantou-se com uma bandeja de prata.

— O que o sinhô vai bebê?

— Estou pensando ainda.

— Por que não experimentar um pouco de Old Coaster?

— O que é isso?

— Conhaque misturado com ginger ale.

— Certo. Está bem.

Pela primeira vez, Clarke olhou para o jovem criado em seu uniforme branco engomado e reparou que o rapaz era extraordinariamente bonito.

O capitão Winterbottom deu a impressão de ler seus pensamentos.

— É um belo espécime, não? Está comigo há quatro anos. Era um garotinho de mais ou menos treze anos (eles aqui não têm ideia dos anos de idade) quando eu o empreguei. Ele era completamente cru.

— Quando o senhor diz que eles não têm ideia dos anos...

— Eu não quis dizer isso. Eles têm perfeita noção da passagem das estações. Mas pergunte a um homem a idade dele, e ele não terá a mínima ideia.

O jovem criado voltou com a bebida.

— Muito obrigado — disse o sr. Clarke quando a pegou.

— Sim, sinhô.

Milhares de formigas voadoras se ajuntavam em volta da lâmpada que havia sobre uma estante, num canto mais afastado da sala. Em breve, elas perderiam suas asas e andariam pelo chão. Clarke observou-as com grande interesse e depois perguntou se elas picavam.

— Não, são inteiramente inofensivas. Saem do mato por causa da chuva.

As que rastejavam algumas vezes ficavam entrelaçadas em pares pelas partes traseiras.

— Foi bastante interessante aquilo que disse sobre o Allen. Um pouco presunçoso, creio que foi isso que você disse.

— Foi a impressão que tive, algumas vezes. Ele não admite, por exemplo, que haja o que quer que seja de valor nas instituições nativas. Poderia, realmente, ser um missionário.

— Vejo que é um progressista. Quando estiver aqui há tanto tempo quanto Allen e entender os nativos um pouco mais, poderá modificar algumas de suas teorias. Se você visse, como eu vi, um homem enterrado vivo até o pescoço com um pedaço de inhame torrado na cabeça para atrair os abutres, você pensaria de outra maneira. Nós, britânicos, somos um povo curioso: fazemos tudo sem convicção. Veja, por exemplo, os franceses. Eles não se envergonham de ensinar a cultura deles às raças atrasadas sob seus cuidados. A atitude deles em relação ao chefe nativo é clara. Eles lhe dizem: “Esta terra pertenceu a vocês, porque vocês foram suficientemente fortes para ocupá-la. Pelo mesmo motivo ela agora nos pertence. Se você não estiver satisfeito, venha e lute contra nós”. O que fazemos nós, britânicos? Oscilamos de uma posição para a oposta. Não apenas prometemos manter os velhos tiranos selvagens em seus tronos (ou, talvez, com mais propriedade, em suas imundas peles de animais), não apenas fazemos isso, mas saímos de nossos cuidados para inventar chefes onde jamais houve nenhum. Isso me aborrece profundamente.

Engoliu o que sobrara em seu copo e gritou por Boniface pedindo outro.

— Eu não me importaria tanto se toda essa agitação fosse deixada para os velhos fósseis de Lagos, mas, quando jovens funcionários ficam infectados, simplesmente desisto. Se alguém é positivo, nós o chamamos de presunçoso.

O sr. Clarke admitiu que seu julgamento fora feito na ignorância e estava aberto a correções.

— Boniface!

— Sim, sinhô.

— Traga outra dose para o senhor Clarke.

— Não. Acho que já bebi...

— Bobagem. O jantar só será servido daqui a uma hora, no mínimo. Experimente outra coisa, se preferir. Uísque?

Clarke aceitou outro conhaque com grande relutância.

— Esta é uma coleção muito interessante de armas de fogo.

O sr. Clarke estivera procurando desesperadamente outro assunto. De repente, por sorte, reparou numa coleção de espingardas muito curiosa, arrumada como troféus perto da janela baixa da sala de estar.

— São armas nativas? — Ele tropeçara num tema que poderia redimi-lo.

O capitão Winterbottom transformou-se.

— Estas armas têm uma história longa e interessante. O povo de Okperi e seus vizinhos, Umuaro, são grandes inimigos. Ou pelo menos eram, antes que eu entrasse na história. Uma grande guerra selvagem se desatou entre eles, por um pedaço de terra. A inimizade se agravara porque Okperi aceitava missionários e gente do governo, ao passo que Umuaro permanecia atrasada. Foi somente nos últimos quatro ou cinco anos que qualquer espécie de influência nossa se fez sentir por lá. Creio que posso dizer com toda a modéstia que essa mudança se deu depois que reuni todas as armas de fogo que Umuaro possuía e, publicamente, as destruí lá mesmo, exceto, naturalmente, estas que estão aqui. Você terá ocasião de ir lá em viagem de inspeção. Se ouvir alguém falar de um tal Otiji-Egbe, fique sabendo que está falando de mim. Otiji-Egbe significa Quebrador de Armas. Contaram-me, até, que todas as crianças nascidas naquele ano pertencem a um novo grupo de idade chamada de O Quebrar de Armas.

— Isso é interessantíssimo. A que distância fica essa outra aldeia, Umuaro? — Clarke sabia instintivamente que quanto mais ignorante parecesse, melhor.

— Uns dez quilômetros, mais ou menos. Não mais do que isso. Mas para o nativo já é uma terra estrangeira. Ao contrário de algumas tribos mais avançadas da Nigéria do Norte, e mesmo da Nigéria Ocidental, os Ibos jamais desenvolveram qualquer espécie de autoridade central. E é isso que o pessoal do nosso Quartel-General não consegue entender.

— Compreendo.

— Essa guerra entre Umuaro e Okperi começou de uma maneira muito curiosa. Eu participei dela ativamente... Boniface! Como é que o senhor vai indo aí, senhor Clarke? Ótimo! O senhor devia beber mais; é bom para a malária... Como eu ia dizendo, essa guerra começou porque um homem de Umuaro foi visitar um amigo em Okperi numa bela manhã, depois de ter tomado um ou dois galões de vinho de palma (é quase incrível a quantidade daquela horrenda porcaria que eles conseguem ingerir), bem, de qualquer maneira, esse homem de Umuaro, tendo bebido o vinho de palma de seu amigo, pegou seu *ikenga* e partiu-o em dois. Preciso explicar-lhe que o *ikenga* é o mais importante fetiche do arsenal de um homem ibo, por assim dizer. Representa seus ancestrais, aos quais ele deve fazer sacrifícios diários. Quando o seu dono morre, ele é partido em dois. Uma metade é enterrada com o homem e a outra metade é jogada fora. Portanto, o senhor pode entender o que o nosso amigo de Umuaro fez ao partir o fetiche de seu anfitrião. Cometeu o

maior dos sacrilégios. O anfitrião ultrajado pegou sua espingarda e estourou a cabeça do outro. Então, uma guerra se desatou entre as duas aldeias, até eu me meter nela. Entrei logo na questão da propriedade do tal pedaço de terra, que era a causa remota de toda a intranquilidade, e achei, sem sombra de dúvida, que pertencia a Okperi. Devo mencionar que todas as testemunhas que depuseram diante de mim, dos dois lados, sem exceção, cometeram perjúrio. Há uma coisa que você precisa lembrar, ao lidar com os nativos: é que eles, como as crianças, são grandes mentirosos. Não mentem apenas para livrar-se de um problema. Algumas vezes, são capazes de botar a perder um bom caso com uma mentira despropositada. Um único homem, uma espécie de rei-sacerdote em Umuaro, testemunhou contra seu próprio povo. Eu ainda não consegui descobrir o que esteve por trás disso, mas creio que ele devia estar sob a influência de algum tabu ameaçador. Era, contudo, uma figura de homem realmente impressionante. De compleição bem clara, quase vermelha. A gente encontra pessoas parecidas, de vez em quando, entre os ibos. Tenho uma teoria: a de que os ibos, num passado distante, assimilaram uma pequena tribo não negroide da mesma compleição dos peles-vermelhas.

Winterbottom levantou-se.

— E agora, que tal se jantássemos?

Ao longo de cinco anos, desde que o homem branco quebrara as armas de Umuaro, a inimizade entre Ezeulu e Nwaka de Umunneora crescera e crescera, até atingir o nível — dizia a gente de Umuaro — de matar e cortar a cabeça. Como era de se esperar, essa inimizade contagiou as duas aldeias e, antes que se passasse muito tempo, houve várias histórias de envenenamento. A partir daí, pouquíssimas pessoas de uma aldeia tocavam no vinho de palma ou na noz-de-cola que tivessem passado pelas mãos de um homem da outra aldeia.

Nwaka era conhecido por dizer sempre o que pensava — nunca parava para avaliar suas palavras. Porém, muita gente tremeu por ele naquela noite em seu *compound*, quando chegou a ponto de ameaçar Ulu, ao lembrar-lhe o destino de outra divindade que falhara com seu povo. Era verdade que a gente de Aninta queimara uma de suas divindades e enxotara o seu sacerdote. Mas isso não significava que Ulu viesse também a permitir que o maltratassem e desonrassem. Era possível que Nwaka contasse com a proteção do deus pessoal de sua aldeia. Contudo, os idosos não eram tolos quando diziam que um homem pode ter a seu favor *ngwu* e ainda assim ser morto por *ojukwu*.

Nwaka sobreviveu à sua temeridade. Sua cabeça não doeu, nem sua barriga; e ele não gemeu no meio da noite. Talvez fosse este o significado do recitativo que ele cantou no festival de Idemili aquele ano. Ele possuía uma enorme máscara que costumava usar nessa e em outras importantes ocasiões. A máscara chamava-se Ogalanya, ou seja, Homem das Riquezas, e, em todos os festivais de Idemili, multidões de pessoas de todas as aldeias vizinhas vinham ao *ilo* de Umunneora para ver essa grande máscara, ornamentada com espelhos e ricos panos de muitas cores.

Naquele ano, a máscara expressou-se num monólogo cheio de jactâncias. Alguns daqueles que conheciam a linguagem dos espíritos ancestrais disseram que Nwaka falou em desafio a Ulu.

— Povo reunido, escute minhas palavras. Existe um lugar, Além do Conhecimento, onde nenhum homem ou espírito se aventura, a menos que esteja segurando em sua mão direita seus amigos, e na esquerda, seus parentes. Porém eu, Ogalanya, Cachorro Perverso que Esquenta Seu Corpo Através da Cabeça, eu não levei nem amigos nem parentes quando fui àquele lugar.

A flauta chamou-o de Ogalanya Ajo Mmo, e o grande tambor repetiu a expressão.

— Quando eu lá cheguei, o primeiro amigo que fiz foi um feiticeiro. Fiz um outro amigo e descobri que era um envenenador. Fiz um terceiro amigo, e era um leproso. Eu, Ogalanya, que corto *kpom* e puxo *waa*, fiz amizade com um leproso, de quem até mesmo um envenenador foge.

A flauta e o tambor tornaram a falar. Ogalanya dançou alguns passos para a direita e depois para a esquerda, girou em volta de si mesmo rapidamente e saudou o ar vazio com seu machete.

— Retornei da minha viagem. Afo passou, Nkwo passou, Eke passou, Oye passou. Afo tornou a vir. Prestei atenção, mas minha cabeça não doeu, minha barriga não doeu; e não me senti tonto. Diga-me, povo reunido, o homem que faz isso tem seu braço forte ou não?

A multidão replicou:

— Seu braço é, de verdade, muito forte.

A flauta e todos os tambores juntaram-se na resposta.

Durante os cinco anos que transcorreram desde esses acontecimentos, as pessoas se perguntavam como é que um homem podia desafiar Ulu e viver para jactar-se disso. Era melhor dizer que não fora Ulu que o homem insultara, Uma vez que não dissera o nome do deus. Mas, se fora, de onde tirara Nwaka o seu poder? Pois quando vemos um pequeno pássaro dançando no meio de um caminho, sabemos que o seu tocador de tambor está por perto, no mato.

O tamborileiro de Nwaka, e seu cantor de loas, era o sacerdote de Idemili, a divindade de Umuinneora. Esse homem, Ezidemili, era o maior amigo de Nwaka e o seu mentor. Foi ele quem tornou forte Nwaka e o fez crescer na vida. Durante muito tempo, ninguém soube disso. Poucas coisas aconteciam em Umuaro sem que Ezeulu delas não tivesse conhecimento. Ele sabia que os sacerdotes de Idemili, Ogwugwu, Eru e Udo nunca se conformaram com o papel secundário que passaram a ter, desde que as aldeias se juntaram, fizeram Ulu e o puseram acima das divindades mais antigas. Mas Ezeulu não pensara jamais que um deles chegaria a ponto de incitar alguém a desafiar Ulu. Somente quando houve o incidente da jiboia sagrada foi que os olhos de Ezeulu se abriram. Mas isso deu-se mais tarde.

A amizade entre Nwaka e Ezidemili começou na juventude. Eram frequentemente vistos juntos. Suas mães lhes haviam dito que eles tinham nascido com apenas três dias de diferença um do outro, sendo Nwaka o mais jovem. Ambos eram bons lutadores. Porém, em outros aspectos, eram muito diferentes. Nwaka era alto e de pele clara; Ezidemili, muito pequeno e preto como carvão. No entanto, era ele quem trazia o outro como uma cabra no cabresto. Mais tarde, suas vidas tomaram caminhos diferentes, mas Nwaka ainda procurava o conselho do outro antes de fazer qualquer coisa importante. Isso era estranho, porque Nwaka era um grande homem e um grande orador, chamado por seus amigos de Dono das Palavras.

De qualquer modo, sua amizade com Ezidemili gradualmente tornou-o um inimigo mortal de Ezeulu. Uma das maneiras pelas quais Ezidemili conseguiu isso foi repetidamente asseverando que, antes de Ulu, os verdadeiros líderes de cada aldeia eram os homens de alto título, como Nwaka.

Certo dia, quando Nwaka estava sentado com Ezidemili em seu *obi*, bebendo vinho de palma e falando sobre os assuntos de Umuaro, a conversa voltou-se, como muitas vezes acontecia, para Ezeulu.

— Por acaso, alguma vez alguém perguntou por que a cabeça do sacerdote de Ulu é removida do corpo na hora da morte e pendurada no altar? — perguntou Ezidemili, abruptamente.

Era como se a pergunta tivesse esperado gerações para ser feita e, agora, irrompesse por si mesma. Nwaka não teve resposta para ela. Sabia que, quando um Ezeulu ou um Ezidemili morria, sua cabeça era separada do corpo e colocada no altar. Porém, jamais ninguém lhe havia dito por que isso acontecia.

— Na verdade, não sei — confessou.

— Eu posso lhe dizer que nem mesmo Ezeulu sabe a resposta.

Nwaka esvaziou o vinho de seu chifre e bateu com ele duas vezes no chão. Sabia que uma

grande história estava por vir, mas não queria parecer demasiado ansioso. Serviu-se a si mesmo outro chifre cheio.

— É uma boa história, mas não creio que a tenha contado a alguém antes. Ouvi da boca do último Ezidemili, antes de ele morrer. — Fez uma pausa e bebeu um pouquinho de seu chifre: — Este vinho de palma está aguado... Qualquer menino de Umuaro sabe que Ulu foi feito por nossos pais há muito tempo. Mas Idemili já estava lá no início das coisas. Você sabe qual é o significado de Idemili?

Nwaka sacudiu a cabeça ligeiramente, por causa da borda do chifre que tinha na boca.

— Idemili significa Pilar de Água. Tal como o pilar desta casa sustenta o teto, Idemili sustenta A Nuvem de Chuva no céu, para que ela não despenque. Idemili pertence ao céu, e esta é a razão pela qual eu, seu sacerdote, não posso sentar-me na terra desnuda.

Nwaka assentiu com a cabeça. Qualquer menino de Umuaro sabia que Ezidemili não se sentava na terra desnuda.

— E este é o motivo pelo qual, quando eu morrer, não serei enterrado na terra, porque a terra e o céu são duas coisas diferentes. Mas por que o sacerdote de Ulu é sepultado da mesma maneira? Ulu não tem briga com a terra. Quando nossos pais o fizeram, eles não afirmaram que seu sacerdote não deveria tocar a terra. O primeiro Ezeulu foi, contudo, um homem invejoso, tal como o Ezeulu atual. Foi ele próprio quem pediu ao povo para ser sepultado como um Ezidemili. Outro dia qualquer, quando o atual sacerdote começar a falar sobre coisas que não conhece, pergunte-lhe sobre isso.

Nwaka assentiu novamente em sinal de admiração e estalou os dedos.

O lugar onde os cristãos construíram seu recinto de adoração não era longe do *compound* de Ezeulu. Enquanto ele estava sentado em seu *obi*, pensando no Festival das Folhas de Abóbora, ouviu o sino deles: gom, gom, gom, gom, gom. Sua mente voltou-se do festival para a nova religião. Não estava seguro sobre o que fazer com ela. No início, pensara que, como o homem branco chegara com grande poder e conquista, era necessário que algumas pessoas aprendessem os atributos da divindade deles. Por isso, concordara em enviar seu filho, Oduche, para aprender o novo ritual. Também queria que ele aprendesse a ciência do homem branco, pois Ezeulu não ignorava, pelo que vira de Wintabota e pelas histórias que ouvira sobre seu povo, que o homem branco era muito sábio.

No entanto, agora, Ezeulu estava com medo de que a nova religião fosse como um leproso: permita-lhe um aperto de mão e ele quer um abraço. Ezeulu já havia falado severamente com seu filho, que estava ficando, cada dia, mais estranho. Talvez fosse chegado o tempo de trazê-lo para casa novamente. Mas o que aconteceria se, tal como muitos oráculos profetizaram, o homem branco tivesse vindo para assenhorear-se da terra e governá-la? Neste caso, seria mais sábio ter um homem de sua família do lado de lá. Justamente quando pensava sobre essas coisas, Oduche entrou, vindo do interior do *compound*, usando uma camiseta branca e uma toalha que lhe haviam dado na escola. Nwafo chegou com ele, admirando sua camiseta. Oduche saudou o pai e saiu para a missão, porque era domingo de manhã. O sino continuava badalando, na sua triste monotonia.

Nwafo voltou ao *obi* e perguntou ao pai o que o sino estava dizendo. Ezeulu abanou a cabeça.

— Ele está dizendo: “Deixe seus inhames, deixe seus carás, e venha para a igreja. Pelo menos, isso é o que Oduche diz”.

— Sim — concordou Ezeulu, pensativamente. — Ele diz a todos que deixem seus inhames e seus carás, não é verdade? Então ele está entoando a canção do extermínio.

Eles foram interrompidos por uma alta e confusa falação dentro do *compound*, e Nwafo correu para fora, a fim de ver o que se passava. As vozes soavam cada vez mais altas, e Ezeulu, que geralmente não tomava nenhum interesse na gritaria das mulheres, começou a aguçar o ouvido. Porém, Nwafo logo voltou correndo.

— A caixa de Oduche está se movendo — disse sem tomar fôlego, todo excitado. O tumulto no *compound* aumentava cada vez mais. Como de costume, a voz da filha de Ezeulu, Akueke, sobressaía a todas as demais.

— O que você quer dizer com “a caixa de Oduche está se mexendo”? — perguntou, levantando-se com deliberada lentidão, para desmentir sua curiosidade.

— Ela está se mexendo pelo chão.

— Não há nada que um homem não ouça atualmente. — E foi para o interior do *compound*, pela porta dos fundos do *obi*. Nwafo correu, passando por ele, em direção ao grupo de mulheres excitadas, reunidas do lado de fora da cabana de sua mãe. Akueke e Matefi eram as que falavam mais. A mãe de Nwafo, Ugoye, estava muda e, de vez em quando, ela esfregava as palmas das mãos juntas, apontado-as para o céu.

Akueke voltou-se para Ezeulu assim que o viu.

— Pai, venha cá e veja o que estamos vendo. Esta nova religião...

— Cale a boca — disse Ezeulu, que não desejava que ninguém, muito menos sua própria filha, questionasse sua sabedoria mandando um de seus filhos juntar-se à nova religião.

A caixa de madeira fora trazida do quarto onde Oduche e Nwafo dormiam e colocada no cômodo central da cabana da mãe deles, onde as pessoas costumavam sentar-se durante o dia e onde a comida era preparada.

A caixa, que era a única do seu tipo no *compound* de Ezeulu, tinha um cadeado. Somente as pessoas da igreja tinham caixas semelhantes, feitas para elas pelo carpinteiro da missão e altamente valorizadas em Umuaro. A caixa de Oduche não estava, realmente, se movendo; mas parecia ter dentro alguma coisa lutando para se libertar. Ezeulu ficou parado diante dela, pensando no que fazer. O que quer que estivesse dentro da caixa tornava-se cada vez mais violento e a movia para todos os lados. Ezeulu esperou que a coisa se acalmasse um pouco, abaixou-se e carregou a caixa para fora. As mulheres e as crianças espalharam-se em todas as direções.

— Se é um mal ou um bom feitiço, ficarei sabendo agora — disse, enquanto carregava a caixa nos braços estendidos como se fosse um poderoso sacrifício. Não passou pelo seu *obi*, e sim pela porta no muro de barro vermelho do *compound*. Seu segundo filho, Obika, que acabara justamente de entrar, seguiu-o. Nwafo aproximou-se por trás de Obika, e as mulheres e crianças os acompanhavam, medrosamente, a uma boa distância.

Ezeulu olhou para trás e pediu a Obika que lhe trouxesse um facão. Levou a caixa para o lado de fora de seu *compound* e a pôs no chão, ao lado do caminho de pedestres comum a todos. Olhou para trás e viu Nwafo, as mulheres e as crianças.

— Todas vocês voltem já para casa. O macaco curioso leva uma bala na cara.

Elas recuaram, não para o interior do *compound*, para a frente do *obi*. Obika levou o machete

para o pai, que pensou, durante alguns instantes, e o colocou de lado, mandando buscar a lança usada para desenterrar inhames. A luta dentro da caixa estava feroz como nunca. Durante um rápido instante, Ezeulu perguntou-se se não seria mais sábio deixar a caixa ali até o dono voltar. Mas o que isso significaria? Que ele, Ezeulu, tinha medo de qualquer que fosse o poder que seu filho prendera na caixa. Uma história dessas jamais poderia ser contada a respeito do sacerdote de Ulu.

Pegou a lança da mão de Obika e inseriu-a entre a caixa e sua tampa. Obika tentou tirar a lança da mão dele, mas Ezeulu nem queria ouvir falar nisso.

— Fique de lado — ordenou ao filho. — O que você pensa que está lutando aí dentro? Dois galos?

Apertou os dentes, num esforço para conseguir que a tampa abrisse. Não foi fácil, e o velho sacerdote estava coberto de suor no momento em que conseguiu forçar a caixa. O que viram era suficiente para cegar um homem. Ezeulu ficou parado, sem fala. As mulheres e as crianças, que espiavam de longe, correram para perto. O vizinho de Ezeulu, Anosi, que estava passando por ali, aderiu também e, breve, uma grande multidão se tinha juntado. Dentro da caixa quebrada jazia uma jiboia, exausta.

— Possa a grande divindade perdoar-nos — exclamou Anosi.

— Uma abominação aconteceu — disse Akueke.

Matefi disse:

— Se isto é um feitiço, tomara que tenha perdido sua potência.

Ezeulu deixou a lança cair da mão.

— Onde está Oduche? — indagou.

Ninguém respondeu.

— Eu perguntei onde está Oduche. — Sua voz era terrível.

Nwafo disse que ele tinha ido à igreja. A jiboia sagrada levantou a cabeça para fora da beira da caixa e começou a se mover na sua maneira digna e sem precipitação.

— Eu vou matar, hoje, esse garoto com minhas próprias mãos — disse Ezeulu e apanhou do chão o machete que Obika trouxera.

— Que possa a grande divindade perdoar semelhante ato — implorou Anosi.

— Eu digo o mesmo.

A mãe de Oduche começou a chorar, e as outras mulheres se juntaram a ela. Ezeulu caminhou lentamente de volta para o seu *obi*, sempre carregando o machete. A jiboia real serpenteou para longe, embrenhando-se no mato.

— O que é que vocês lucram chorando? — perguntou Anosi a Ugoye. — Não acha melhor ir procurar o seu filho e dizer-lhe que não volte para casa hoje?

— Ele falou a verdade, Ugoye — afirmou Matefi. — Mande-o para a casa de seus parentes. Temos muita sorte, pois a jiboia não morreu.

“Vocês realmente têm muita sorte”, dizia Anosi a si mesmo, enquanto continuava no seu caminho para Umunneora, onde ia comprar de um amigo inhames para plantio. “Eu já disse que o que esta nova religião trará para Umuaro usa um chapéu na cabeça.”

Pelo caminho, ele parava e contava para qualquer pessoa que encontrasse o que tinha feito o filho de Ezeulu. Antes do meio-dia, a história chegara aos ouvidos de Ezidemili, cuja divindade, Idemili, era dona da jiboia real.

Havia cinco anos, Ezeulu prometera ao homem branco que enviaria um de seus filhos para a igreja. Mas fazia apenas dois anos que cumprira a promessa. Queria certificar-se de que o homem branco não viera apenas para uma visita curta, mas para construir uma casa e ali morar.

No início, Oduche não queria ir para a igreja, mas Ezeulu chamou-o ao seu *obi* e falou-lhe como um homem falaria ao seu melhor amigo, e o rapaz seguiu em frente com orgulho em seu coração. Ele jamais ouvira seu pai falar com ninguém como um igual.

— O mundo está mudando — dissera-lhe. — Eu não gosto disso. Mas sou como o pássaro *eneki-nti-oba*. Quando os amigos lhe perguntaram por que ele estava sempre voando, respondeu: “Os homens de hoje aprenderam a atirar sem errar, e por isso eu tive que aprender a voar sem pousar”. Desejo que um de meus filhos se junte a essa gente e seja um olho meu lá. Se não houver nada nessa história, você voltará, mas se houver alguma coisa lá, você trará para casa o meu quinhão. O mundo é como uma máscara dançando. Se você quer vê-la bem, não deve ficar parado num lugar só. Meu espírito me diz que aqueles que não fazem, hoje, amizade com o homem branco estarão dizendo amanhã: “Ah, se eu tivesse sabido”.

A mãe de Oduche, Ugoye, não estava feliz com o fato de seu filho ter sido escolhido para ser sacrificado ao homem branco. Tentou argumentar com o marido, porém este se irritou com ela.

— O que é que você tem a ver com o que eu faço com meus filhos? Você diz que não quer que Oduche siga costumes estranhos. Você não sabe que, no lar de um grande homem, deve sempre haver pessoas que sigam toda espécie de costumes estranhos? É preciso que nele haja boas e más pessoas, trabalhadores honestos e ladrões, pacificadores e destruidores: esta é a marca de um grande *obi*. Num lugar como este, para qualquer música que você toque no seu tambor, haverá sempre alguém que a dance.

Se acaso Oduche tivesse ainda um pouco de relutância, após seu pai ter falado com ele, essa se desfez assim que começou a frequentar a igreja. Descobriu que podia aprender muito rapidamente e começou a pensar no dia que poderia falar a língua do homem branco, tal como seu professor, o sr. Molokwu, tinha falado com o sr. Holt, quando este visitara a igreja. Mas havia outra pessoa que tinha impressionado ainda mais Oduche. Seu nome era Blackett, um missionário das Índias Ocidentais. Dizia-se que esse homem, embora negro, tinha muito mais conhecimento do que o homem branco. Oduche pensou que, se pudesse obter um décimo do conhecimento de Blackett, seria um grande homem em Umuaro.

Ele fez excelentes progressos e era popular com o professor e os membros da igreja. Era mais jovem do que a maioria dos outros convertidos, tendo apenas quinze ou dezesseis anos. O professor, sr. Molokwu, esperava grandes coisas dele e estava preparando-o para o batismo quando foi transferido para Okperi. O novo professor era um homem do Delta do Níger. Ele falava a língua do homem branco como se fosse a sua própria. Seu nome era John Goodcountry.

O sr. Goodcountry contou aos convertidos de Umuaro muita coisa sobre os primeiros cristãos do Delta do Níger, que tinham lutado contra os maus costumes do seu povo, destruído altares e matado a iguana sagrada. Contou-lhes coisas sobre Joshua Hart, seu conterrâneo, que sofrera o martírio em Bonny.

— Se somos cristãos, devemos estar prontos a morrer pela fé — afirmou. — Vocês precisam estar prontos para matar a jiboia, assim como o povo dos rios matou a iguana. Vocês se dirigem à

jiboia como Pai. Ela não é senão uma cobra, a cobra que enganou nossa primeira mãe, Eva. Se você tem medo de matá-la, não se considere um cristão.

O primeiro homem em Umuaro a matar e comer uma jiboia foi Josiah Madu, de Umuagu. Mas a história não se espalhou além do pequeno grupo de cristãos, a maioria dos quais se recusou, entretanto, a seguir o exemplo de Josiah. Eles eram liderados por Moses Unachukwu, o primeiro e o mais famoso convertido de Umuaro.

Unachukwu era carpinteiro, o único que havia em toda a região. Aprendera a profissão com os missionários brancos que construíram a Missão Industrial de Onitsha. Em sua juventude, fora recrutado para carregar as cargas dos soldados enviados para destruir Abame, em represália ao assassinato de um homem branco. O que Unachukwu viu durante aquela expedição punitiva ensinou-lhe que o homem branco não era coisa para se brincar. Por isso, após ser dispensado, não voltou a Umuaro, mas se dirigiu a Onitsha, onde se tornou empregado de um missionário carpinteiro, J. P. Hargreaves. Após dez anos de estada numa terra estranha, Unachukwu retornou a Umuaro com o grupo de missionários que, depois de dois malogros, lograram implantar a nova fé. Unachukwu considerou que o sucesso desse terceiro esforço missionário era devido amplamente a si próprio. Viu sua estada em Onitsha como um paralelo à de Moisés, do Velho Testamento, no Egito.

Como era o único carpinteiro nas vizinhanças, Moses Unachukwu construiu, praticamente sozinho, a nova igreja de Umuaro. Agora ele era não somente um leitor laico, mas também assistente do pastor. E, como Umuaro ainda não tinha um pastor, só um catequista, o título era apenas honorífico. Mostrava, porém, a grande estima na qual Moses Unachukwu era tido na jovem igreja. O último catequista, o sr. Molokwu, consultava-o sobre tudo que fazia. Já o sr. Goodcountry tentou, desde o primeiro momento, ignorá-lo. Mas Moses não era homem para ser ignorado facilmente.

Os ensinamentos do sr. Goodcountry sobre a jiboia sagrada deram a Moses a primeira oportunidade para desafiá-lo abertamente. Para fazer isso, usou não somente a Bíblia, mas, coisa muito estranha para um convertido, os mitos de Umuaro. Falou com convicção, pois, vindo de onde vinha, de uma aldeia que sediava o sacerdócio de Idemili, sabia, talvez muito mais que os outros, o que significava a jiboia. Todavia, seu grande conhecimento da Bíblia e sua estada em Onitsha, que era a fonte da nova religião, davam-lhe confiança. Disse ao novo professor, bruscamente, que nem a Bíblia nem o catecismo pediam aos convertidos que matassem a jiboia, que era um animal cheio de mau augúrio.

— Por acaso foi por nada que Deus lançou uma maldição sobre a sua cabeça? — perguntou e, em seguida, começou a falar das tradições de Umuaro. — Atualmente, há seis aldeias em Umuaro, mas nem sempre foi assim. Nossos pais nos contaram que antes havia sete, e a sétima chamava-se Umuama.

Alguns dos convertidos concordaram, apoiando-o. O sr. Goodcountry ouvia pacientemente, com ar de menosprezo.

— Certo dia, seis irmãos de Umuama mataram a jiboia e pediram a um de seu grupo, Iweka, que fizesse sopa de inhame com ela. Cada um deles trouxe um pedaço de inhame e uma tigela de água para Iweka. Quando este acabou de cozinhar a sopa de inhame, os homens foram, um por um, pegando seus pedaços de inhame. Depois, encheram suas tigelas até a borda com a sopa de inhame. Porém, desta vez, a sopa acabou quando apenas quatro deles conseguiram o seu quinhão.

Os ouvintes de Moses Unachukwu sorriram, exceto o sr. Goodcountry, que continuou sentado, como se fosse de pedra. Oduche sorriu, porque ouvira a história quando era pequeno, mas dela não se lembrava até aquele momento.

— Os irmãos começaram a discutir violentamente e, depois, a brigar. Logo, logo, essa luta espalhou-se por toda Umuama e tornou-se tão violenta que a aldeia quase foi exterminada. As poucas pessoas que sobreviveram fugiram do vilarejo, atravessaram o grande rio a caminho da terra de Olu, onde estão até hoje espalhadas. As seis aldeias restantes, vendo o que acontecera a Umuama, consultaram um vidente para saber a razão; e este lhes disse que a jiboia real era sagrada para Idemili. Fora esta divindade que punira Umuama. Desde aquele dia, as seis aldeias decretaram que, doravante, a jiboia não deveria ser morta em Umuaro, e que qualquer pessoa que a matasse seria considerada assassina de um conterrâneo.

Moses terminou contando nos dedos as aldeias e clãs que também proibiram que se matasse a jiboia. Em seguida falou o sr. Goodcountry.

— A história, tal como você nos contou, não é apropriada para ser ouvida na casa de Deus. Mas permiti que você continuasse, de modo que todos pudessem ver a insensatez dela.

Houve um murmúrio da congregação que poderia ser tomado como de concordância ou de discordância.

— Terei que deixar que seu próprio povo lhe responda.

O sr. Goodcountry olhou para a pequena congregação, porém ninguém disse nada.

— Não há ninguém aqui que possa falar a favor do Senhor? — disse ele.

Oduche, que até então estivera inclinado para a posição de Unachukwu, teve um súbito lampejo. Levantou a mão, mas ficou a ponto de descê-la novamente. O sr. Goodcountry, porém, o tinha visto.

— Sim?

— Não é verdade que a Bíblia não nos peça para matar a serpente. Deus não disse a Adão que esmagasse a serpente que enganara sua mulher?

Muitas pessoas o aplaudiram.

— Você ouviu isso, Moses?

Moses levantou-se para responder, mas o sr. Goodcountry não pretendia dar-lhe outra oportunidade.

— Você diz que é o primeiro cristão de Umuaro, partilha da Comunhão Sagrada e, no entanto, sempre que você abre a boca, nada a não ser imundícies pagãs saem dela. Uma criancinha que suga o peito da mãe pode ensinar-lhe as Escrituras. Não é como se o próprio Nosso Senhor não tivesse dito que os primeiros serão os últimos e os últimos se tornarão os primeiros. O mundo desaparecerá, e nem uma única palavra de Nosso Senhor será posta de lado.

Voltou-se para Oduche:

— Quando chegar a época do seu batismo, você será chamado de Pedro: sobre esta pedra construirei minha Igreja.

Isso provocou mais aplausos de uma parte da congregação. Moses imediatamente pôs-se de pé.

— Por acaso eu lhe pareço alguém que o senhor pode pôr na sua maleta e sair andando? — perguntou. — Eu estive na nascente desta nova religião e vi com meus próprios olhos os brancos que a trouxeram. Por isso, quero dizer-lhe agora que não serei desviado por estranhos que resolvem chorar mais alto do que os donos do cadáver. O senhor não é o primeiro professor que

eu vi; o senhor não é o segundo; o senhor não é o terceiro. Se o senhor for sábio, encarará o trabalho que eles me mandaram fazer aqui e tirará sua mão da jiboia. O senhor pode dizer que eu o avisei. Ninguém aqui se queixou ao senhor de que a jiboia bloqueou o seu caminho quando vinha para a igreja. Se o senhor quiser fazer seu trabalho aqui, o senhor ouvirá o que eu disse, mas se o senhor preferir ser o lagarto que arruinou o funeral da própria mãe, poderá continuar a fazer o que está fazendo.

Voltou-se para Oduche:

— Você poderá ser chamado de Pedro, ou poderá ser chamado de Paulo ou Barrabás; isso não me comove nem um pouco. E não tenho nada a dizer a um mero garoto, que deveria estar apanhando nozes de palma para sua mãe. Mas, desde que você se tornou também nosso professor, deverei esperar pelo dia em que terá coragem de matar a jiboia em Umuaro. O covarde pode cobrir o chão com suas palavras, porém quando chega o momento de lutar ele foge.

Naquele momento, Oduche tomou sua decisão. Havia duas jiboias — uma grande e uma pequena — que moravam quase o tempo todo na cabana de sua mãe, no alto da parede que sustentava o teto. Elas eram inofensivas e mantinham os ratos à distância. Apenas uma vez suspeitaram delas, de terem assustado uma galinha e engolido seus ovos. Oduche decidiu que bateria na cabeça delas com um grande bastão. Faria isso tão cuidadosa e secretamente que as pessoas pensariam que tinham morrido de morte natural.

Seis dias se passaram antes que Oduche encontrasse o momento favorável, e durante esse tempo seu coração perdeu um pouco de sua força. Decidiu pegar a jiboia menor. Puxou-a para baixo da parede com o bastão, mas não teve coragem para esmagar-lhe a cabeça. Inesperadamente, pensou ouvir pessoas chegando e teve que agir com rapidez. Com a velocidade de um raio levantou-a, como vira seu vizinho, Anosi, muitas vezes fazer, e carregou-a para seu quarto de dormir. Um novo e excitante pensamento veio à sua cabeça. Abriu a caixa que Moses havia construído para ele, tirou de dentro a toalha e a camiseta, e trancou dentro a jiboia. Sentiu um grande alívio interior. A jiboia morreria por falta de ar, e ele seria responsável apenas por sua morte, e não o culpado de matá-la. Na ambivalência de sua vida, pareceu-lhe esse um arranjo feliz.

O primeiro filho de Ezeulu, Edogo, saíra de casa muito cedo naquele dia, a fim de terminar a máscara que estava talhando para um novo espírito ancestral. Faltavam apenas cinco dias para o Festival das Folhas de Abóbora, quando se esperava que o espírito viesse das profundezas da terra e aparecesse aos homens como uma máscara. Aqueles que atuavam como seus assistentes estavam fazendo grandes planos para a sua vinda. Aprenderam sua dança e estavam ansiosos à espera da máscara que Edogo estava esculpindo. Havia outros escultores em Umuaro; alguns eram até mesmo melhores do que ele. Mas Edogo tinha reputação de terminar seus trabalhos a tempo, ao contrário de Obiako, o mestre, que pegava seus instrumentos somente quando via os clientes chegando. Se tivesse sido qualquer outro tipo de escultura, Edogo a teria terminado muitos dias antes, trabalhando nela todos os momentos que suas mãos estivessem livres. Porém, uma máscara era coisa diferente. Ele não podia fazê-la no *compound*, sob o olhar profano de mulheres e crianças. Tinha de retirar-se para a casa dos espíritos, construída para trabalhos semelhantes num recanto isolado da praça do mercado Nkwo. Ninguém que não tivesse sido iniciado no segredo das máscaras ousaria aproximar-se da cabana que dava frente para a floresta, bem afastada do centro da praça. Mesmo quando as mulheres eram chamadas para polir a superfície da máscara de cor de

terra vermelha e decorá-la com desenhos nas cores branca, verde, amarela e preta, os homens estavam presentes, a guardar a entrada.

O interior da cabana era escuro, mas o olho se acostumava a esse ambiente em pouco tempo. Edogo colocou no chão o pedaço de madeira de *okwe* branco com que iria trabalhar e, em seguida, tirou do ombro sua sacola de pele de cabra, dentro da qual carregava seus instrumentos. Além da necessidade de segredo, Edogo sempre achara a atmosfera dessa cabana a atmosfera certa para talhar máscaras. Em volta dele, as paredes estavam cheias de máscaras antigas e outras insígnias reais de espíritos ancestrais, algumas mesmo até mais velhas que o seu pai. Elas produziam um certo ambiente que dava poder e habilidade a seus dedos. A maioria das máscaras era de espíritos ferozes, agressivos, com chifres e dentes do tamanho de dedos. Porém, quatro delas pertenciam a espíritos de donzelas e eram delicadamente belas. Edogo lembrou-se com um sorriso do que Nwanyinma lhe contara, logo que se casou pela primeira vez. Nwanyinma era uma viúva de quem ele se tornara amigo nos dias de solteiro. Em seu ciúme contra a rival mais jovem, ela dissera a Edogo que a única mulher cujos seios ficavam eretos ano após ano era a donzela-espírito.

Edogo sentou-se no chão perto da entrada, onde havia maior claridade, e começou a trabalhar. De vez em quando, ouvia as vozes da gente que passava pela praça do mercado, indo de uma aldeia de Umuaro a outra. Mas, quando finalmente se empolgou com o trabalho, deixou de ouvir as vozes.

A máscara estava começando a sair da madeira quando Edogo virou a orelha na direção das vozes que inesperadamente tinham interrompido o seu trabalho. Uma dessas vozes era muito familiar — sim, era a de seu vizinho, Anosi. Edogo escutou atentamente e, então, pôs-se de pé e foi até a parede que dava para o centro do mercado. Dali podia ouvir claramente. Anosi parecia estar falando com dois ou três outros homens que acabara de encontrar.

— Sim. Eu estava lá e vi com meus próprios olhos — Anosi estava dizendo. — Eu não teria acreditado se alguém me tivesse contado. Eu vi a caixa ser aberta e a jiboia dentro dela.

— Não repita isso — disse um dos outros. — Não pode ser verdade.

— Isso é o que todo mundo diz: não pode ser verdade. Mas eu vi com meus próprios olhos. Vá até Umuachala agora e encontrará toda a aldeia em tumulto.

— O que aquele homem, Ezeulu, trará para Umuaro está grávido e dando de mamar ao mesmo tempo.

— Já ouvi muitas coisas na vida, porém, até hoje, nunca tinha ouvido falar de uma abominação dessa natureza.

Quando Edogo voltou para casa, seu pai estava de péssimo humor. Sua zanga não era tanto contra Oduche, mas contra todos os de duas caras: vizinhos e passantes cujas palavras de solidariedade mal e mal escondiam o escárnio em seus corações. Mesmo se estivessem sendo sinceros, Ezeulu teria ficado ressentido com aqueles que o tornasse objeto de piedade. No início, sua zanga esfriara um pouco. Mas o último grupo de mulheres que entrou para ver suas esposas, e que pareciam visitantes de um velório, inflamou sua ira. Ele as ouvira no interior do *compound*, falando alto: “Ê-u-u! Que devemos fazer com as crianças de hoje em dia?”. Ezeulu entrou no *compound* e ordenou-lhes que fossem embora.

— Se eu vir alguma de vocês quando voltar, ela vai saber que sou um homem malvado.

— Que mal fizemos nós em vir consolar outra mulher?

— Eu já disse: saiam desse lugar imediatamente!

As mulheres saíram correndo, dizendo:

— Perdoe-nos, que erramos.

Foi, portanto, a um Ezeulu cheio de raiva que Edogo contou sua história sobre o que tinha ouvido na praça do mercado de Nkwo. Quando terminou, seu pai perguntou-lhe bruscamente:

— E o que foi que você fez quando ouviu isso?

— O que eu deveria ter feito? — Edogo estava surpreso e um pouco zangado com o tom de seu pai.

— Você não ouviu o que ele disse? — perguntou Ezeulu. — Meu primogênito, alguém diz, para você escutar, que seu pai cometeu uma abominação, e você me pergunta o que deveria ter feito. Quando tinha sua idade, eu teria sabido o que fazer. Teria avançado e quebrado a cabeça do homem, em vez de me esconder na casa dos espíritos.

Edogo estava agora muito zangado, mas controlou a língua:

— Quando você tinha minha idade, seu pai não enviou um dos filhos dele para adorar o deus do homem branco.

E saiu andando para a sua cabana, cheio de amargura por ter interrompido o seu trabalho a fim de vir ver o que estava se passando em casa, só para ser insultado.

— Eu culpo Obika por esse temperamento violento — pensou Ezeulu. — Mas é muito melhor um temperamento violento do que cinza fria!

Inclinou-se para trás, descansou a cabeça na parede e começou a ranger os dentes.

Foi um dia de aborrecimento para o sumo sacerdote, um desses dias em que parecia que se levantara do lado esquerdo. Como se já não tivesse suportado suficiente vexame, recebia a visita, ao cair da noite, de um jovem de Umunneora. Por causa da hostilidade entre a aldeia de Ezeulu e Umunneora, não ofereceu ao rapaz noz-de-cola, para que este não pudesse atribuir a ela a dor de barriga que viesse a ter. O jovem não perdeu tempo para transmitir sua mensagem.

— Fui enviado por Ezidemili.

— De verdade? Espero que ele esteja bem.

— Ele está bem — replicou o mensageiro. — Mas, ao mesmo tempo, não está.

— Eu não o entendo. — Ezeulu estava agora muito alerta. — Se o senhor tem uma mensagem, transmita-a, porque não tenho tempo para perder com um rapazola que está aprendendo a falar por charadas.

O jovem ignorou o insulto.

— Ezidemili deseja saber o que o senhor pretende fazer a respeito da abominação que foi cometida em sua própria casa.

— O que aconteceu? — perguntou o sumo sacerdote, segurando a raiva firmemente com as duas mãos.

— Devo repetir o que acabo de dizer?

— Sim.

— Muito bem. Ezidemili deseja saber como o senhor pretende purificar sua casa da abominação que seu filho cometeu.

— Volte e diga a Ezidemili que vá comer merda. O senhor me ouviu? Diga a Ezidemili que Ezeulu mandou dizer para ele encher a boca de merda. Quanto ao senhor, meu jovem, vá em paz, porque o mundo não é mais aquilo que era. Se o mundo ainda fosse o que era, eu lhe daria alguma coisa que sempre lhe recordaria o dia em que o senhor colocou a cabeça dentro da boca de um leopardo.

O jovem queria dizer algo mais, porém Ezeulu não lhe deu tempo.

— Se o senhor deseja fazer algo da sua vida, siga meu conselho e não diga mais uma palavra aqui dentro.

Ezeulu pôs-se de pé e esticou-se ameaçadoramente. O rapaz decidiu seguir seu conselho, levantou-se e foi embora.

O capitão T. K. Winterbottom olhou para o memorando diante dele com irritação e certa dose de desdém. Vinha do vice-governador, passando pelo residente e pelo mais graduado funcionário distrital, os dois últimos acrescentando seu próprio comentário antes de passar o documento adiante. O capitão Winterbottom estava particularmente zangado com o tom do despacho do oficial distrital mais graduado. Era virtualmente uma reprimenda pelo que ele se aprazia em descrever como o bloqueio de Winterbottom à designação dos chefes supremos. Se esse despacho tivesse sido escrito por qualquer outra pessoa, talvez o capitão Winterbottom não tivesse se importado tanto; mas Watkinson era um funcionário três anos mais novo e fora promovido antes dele.

— Qualquer tolo pode ser promovido — Winterbottom sempre dizia a si mesmo e a seus assistentes. — Sempre e quando ele não faça nada senão experimentar. Aqueles dentre nós que têm trabalho para fazer não têm tempo para fazer experimentos.

Acendeu o cachimbo e começou a andar de um lado para outro no espaçoso escritório. Ele próprio o desenhara e o fizera aberto e arejado. À medida que andava para cima e para baixo, reparou pela primeira vez, embora a cena sempre se repetisse, na cantoria dos prisioneiros enquanto cortavam a grama. Era espantoso ver como ela crescera com as duas chuvaradas que tinham caído tão próximas uma da outra. Aproximou-se da janela e ficou observando os prisioneiros durante algum tempo. Um deles marcava o ritmo batendo com algo semelhante a um pedaço de pedra numa garrafa vazia, enquanto cantava um curto solo. Os outros respondiam em coro e iam ceifando dentro do ritmo. O capitão Winterbottom tirou o cachimbo, colocou-o sobre a beira da janela e, com as mãos em concha sobre a boca, berrou:

— Calem a boca, vocês aí!

Todos eles olharam para cima, viram de quem se tratava e pararam a música. Suas foices, daí por diante, subiam e desciam a esmo. Depois, seu guardião, que estivera de pé à sombra de uma mangueira a pouca distância dali, pensou que era melhor levar seus homens para outro lugar, onde eles não perturbassem o chefe do distrito. Então marchou com eles, uma fila dupla de esfarrapados, para outra parte de Government Hill. Todos usavam macacões brancos sujos, feitos de baeta, e com um boné combinando. Dois deles carregavam panelas, e o solista não largara sua garrafa vazia e sua pedra. Assim que se assentaram em seu novo lugar, ele voltou a cantar, e as foices zuniam para cima e para baixo, dentro do ritmo:

*Quando eu corto grama e você corta  
Que direito tem você de me insultar?*

De volta à sua escrivaninha, o capitão Winterbottom leu o memorando do vice-governador mais uma vez:

Meu propósito nestes parágrafos limita-se a deixar claro para todos os funcionários políticos que trabalham no meio de tribos que

não têm chefes naturais a vital necessidade de desenvolverem sem maior demora um sistema efetivo de “governo indireto”, baseado em instituições nativas.

Para muitas nações coloniais, a administração nativa significa o governo pelo homem branco. Todos vocês estão bem conscientes de que o governo de Sua Majestade considera essa política errada. Em vez da alternativa de governar diretamente por meio de funcionários administrativos, há um outro método de fazê-lo, ao mesmo tempo que nos empenhamos em expurgar o sistema nativo de seus abusos, para construir uma civilização mais elevada, sobre uma base sólida enraizada na raça nativa, que tenha sua fundação nos corações, mentes e pensamentos das pessoas, sobre o que nós poderemos mais facilmente construir, moldando-a e estabelecendo-a em linhas compatíveis com as ideias modernas e padrões mais elevados, e, no entanto, todo o tempo, juntando a real força do espírito do povo, em vez de matar tudo o que existia e eliminá-lo, tentando começar novamente. Precisamos não destruir a atmosfera africana, o pensamento africano, toda a base de sua raça...

— Palavras, palavras, palavras. Civilização, mentalidade africana, atmosfera africana. Por acaso Sua Excelência alguma vez já salvou um homem enterrado vivo até o pescoço, com um pedaço de inhame tostado na cabeça para atrair os abutres?

Ele voltou a andar para a frente e para trás. Mas por que não poderia alguém dizer ao maldito homem que toda aquela porcaria era estúpida e fútil. Ele sabia por quê. Todos eles estavam com medo de perder sua promoção ou a Ordem do Império Britânico.

O sr. Clarke entrou para dizer que estava de saída para o seu primeiro giro pelo distrito. O capitão Winterbottom dispensou-o com um “tenha uma boa viagem”, que disse quase sem olhá-lo. Mas quando ele já se ia embora, o capitão chamou-o de volta.

— Quando estiver em Umuaro, procure descobrir tanto quanto puder (muito discretamente, lógico) sobre Wright é sua nova estrada. Eu ouvi toda espécie de histórias terríveis sobre espancamentos e esse tipo de coisa. Sem prejudicar o assunto, posso dizer-lhe que não estranharia nada da parte de Wright, desde dormir com uma nativa até espancar os seus homens... Tudo bem, eu o verei dentro de uma semana. Cuide-se. Lembre-se, muito cuidado com a água. Tenha uma boa viagem.

Esta curta interrupção tornou possível ao capitão Winterbottom retornar ao memorando do vice-governador com a zanga diminuída. Sentia-se agora cansado e resignado. A grande tragédia da Administração Colonial Britânica era que o homem que trabalhava no local, e conhecia o seu africano, e sabia do que estava falando, era constantemente desautorizado pelos idealistas do Quartel-General.

Três anos antes, eles tinham pressionando o capitão Winterbottom para que designasse, contra sua vontade, um chefe nativo para Okperi. Após longa negociação, ele escolhera um certo James Ikedi, sujeito inteligente que estivera entre as primeiras pessoas a receberem educação missionária naquela região. Mas o que acontecera? Três meses depois de ter esse homem recebido o cargo, o capitão Winterbottom começou a ouvir rumores de seu autoritarismo. Montara uma corte ilegal e uma prisão privada. Tomava qualquer mulher que lhe caísse nas graças, sem pagar o costumeiro preço da noiva. O capitão Winterbottom investigou a questão minuciosamente e descobriu muitos outros escândalos sérios. Decidiu suspender o sujeito por seis meses e retirou-lhe a chefia. Após três meses, porém, o residente-chefe, que acabara de voltar de licença e não tinha nenhum conhecimento prévio do assunto, ordenou que o patife fosse reempossado. E, assim que ele voltou ao poder, organizou um vasto sistema de extorsão em massa.

Estava em andamento, naquela época, um grande programa de construção de estradas e de drenagem, que se seguiu a uma epidemia de varíola. O chefe James Ikedi associou-se com um notório bêbado que era supervisor de estrada e tinha recebido o cognome de Destruidor de *Compounds* dos nativos. Os projetos para as estradas e drenagens haviam sido finalizados havia

muito tempo, completados e aprovados pelo próprio capitão Winterbottom, e, tanto quanto possível, não interferiam com as habitações das pessoas. Mas esse supervisor andou por toda parte intimidando os aldeões e dizendo-lhes que, a menos que lhe dessem dinheiro, a nova estrada passaria bem no meio dos *compounds* deles. Quando alguns dos aldeões foram relatar o assunto ao chefe Ikedi, este lhes disse que nada podia fazer, pois o supervisor estava executando ordens do homem branco e qualquer pessoa que não tivesse dinheiro para pagar deveria pedir emprestado a seu vizinho ou vender suas cabras ou inhames. O supervisor pegava sua taxa e seguia adiante para outro *compound*, escolhendo apenas os aldeões mais ricos. A fim de convencê-los de que pretendia fazer o que anunciava, demoliu os *compounds* de três pessoas que se mostraram lentas em pagar, embora nenhuma estrada ou escoadouro estivesse planejado a um quilômetro de seus lares. É desnecessário dizer que o chefe Ikedi ficava com uma grande fatia dessa taxa ilegal.

Ao pensar nesse caso, o capitão Winterbottom podia até encontrar certa desculpa para o supervisor. Era um homem de outro clã; aos olhos dos nativos, um estrangeiro. Mas que desculpa poderia alguém apresentar para um homem que era irmão de sangue e chefe? O capitão Winterbottom apenas podia atribuir o ocorrido a uma espécie de crueldade que só a África produzia. Era essa crueldade elementar na maneira de ser psicológica do nativo que o europeu idealista achava tão difícil de entender.

O chefe Ikedi era naturalmente um homem muito esperto e, quando o capitão Winterbottom começou a investigar esse escândalo, foi quase impossível incriminá-lo, tão bem ele havia coberto suas pegadas. O capitão Winterbottom perdera, até aquele momento, a sua principal presa, mas não tinha dúvida nenhuma que o pegaria um desses dias. Quanto ao supervisor, sentenciou-o a dezoito meses de trabalhos forçados.

Não havia dúvida nenhuma na mente do capitão Winterbottom de que o chefe Ikedi era um corrupto autoritário, mas este se tornara ainda mais esperto do que antes. A última coisa que fizera fora obrigar o seu povo a fazer dele um *obi* ou rei, de modo que ele passou a ser chamado de Sua Alteza Ikedi I, *Obi* de Okperi. Isso, num povo que nunca conhecera reis antes! E isso era o que os administradores britânicos estavam fazendo entre os ibos: criando uma dúzia de reis, que cresciam como cogumelos onde antes não havia nenhum.

O capitão Winterbottom dormiu sobre o memorando do vice-governador e decidiu que havia muito pouco que pudesse fazer para acabar com aquela tendência estúpida. Ele já sacrificara suas oportunidades de promoção ao dizer o que pensava. Praticamente todos os funcionários que tinham se alistado no Serviço Nigeriano na mesma época que ele já eram agora residentes, e ele não era nem sequer um administrador distrital de primeira classe. Não que ele se importasse muito com isso, mas, nessa questão de Governo Indireto, parecia não haver sentido em continuar a lutar contra ele, quando alguns que até havia pouco se opunham ao sistema tinham mudado de campo, e agora o censuravam por não estar contribuindo para colocá-lo em vigor. Acabara de receber ordens para encontrar um chefe e seu dever era claro. Mas precisava não repetir o erro de escolher um sujeito convencido, educado por missionários. No que concernia a Umuaro, estava praticamente decidido. Iria procurar aquele sacerdote de aspecto impressionante, que, sozinho, dentre todas as testemunhas que apareceram diante dele no caso da disputa de terras entre Okperi e Umuaro, fora o único a falar a verdade. Desde que ainda estivesse vivo. O capitão Winterbottom

lembrava-se de tê-lo visto novamente uma ou duas vezes, durante suas visitas de rotina a Umuaro. Mas isso se passara, pelo menos, dois anos antes.

O ultraje que o filho de Ezeulu cometera contra a jiboia sagrada era um assunto muito sério — Ezeulu era o primeiro a admiti-lo. Porém, a má vontade dos vizinhos e, especialmente, a despudorada mensagem que lhe fora enviada pelo sacerdote de Idemili não lhe deixavam alternativa senão desafiar todos. Ele estava cheio de espanto com a calúnia que até mesmo pessoas que ele chamava de amigos estavam espalhando contra ele.

— É até bom que um infortúnio como este aconteça de vez em quando — disse ele —, porque assim você pode conhecer o pensamento de seus amigos e vizinhos. A menos que o vento sopra, nós não vemos o rabo da ave.

Mandou chamar sua mulher e perguntou-lhe onde estava seu filho Oduche. Ela ficou de pé, com os braços cruzados ao peito, e não respondeu. Durante os dois últimos dias, estivera cheia de ressentimentos contra o marido, porque fora ele quem enviara Oduche para a gente da igreja, apesar da oposição dela. Por que deveria ele agora afiar seu facão para matá-lo, se fizera exatamente o que lhe ensinaram na igreja?

— Por acaso eu estou falando com uma pessoa ou com um *ngwu* entalhado?

— Eu não sei onde ele está.

— Você não sabe? Ha, ha, ha, ha, ha, ha — riu mecanicamente e depois voltou a ficar sério. — Você precisa me dizer se, na sua cabeça, o homem que traz para casa lenha infestada de formiga não deveria se queixar, se for visitado por lagartos. Você está certa. Mas não me diga que você não sabe onde seu filho está...

— Ah, agora ele é meu filho?

Ele ignorou a pergunta da mulher.

— Não me diga que você não sabe onde ele está, porque é mentira. Você pode chamá-lo de onde o estiver escondendo. Eu não matei ninguém até hoje, e não pretendo começar pelo meu filho.

— Mas ele não irá para aquela igreja de novo.

— Isso é outra mentira. Eu disse que ele irá para lá, e ele irá. Se alguém não gostar disso, que venha e pule nas minhas costas.

Naquela tarde Oduche voltou, parecendo uma ave encharcada de chuva. Saudou seu pai temerosamente, mas este o ignorou por completo. No interior do *compound*, as mulheres deram-lhe as boas-vindas sem entusiasmo. As crianças pequenas, especialmente Obiageli, examinaram-no minuciosamente, como se quisessem ver se ele estava alterado de alguma forma.

Embora Ezeulu não quisesse que ninguém pensasse que estava em apuros ou que o fizessem aparecer como um objeto de piedade, não ignorava as implicações religiosas do ato de Oduche. Pensara sobre isso de forma muito séria na noite do incidente. A norma costumeira de Umuaro era bem conhecida, e ele não necessitava de instruções do sacerdote de Idemili. Qualquer criança

de Umuaro sabia que, se um homem mata uma jiboia inadvertidamente, deverá aplacar Idemili, organizando para a cobra um funeral quase tão elaborado como o de um homem. Mas nada estava prescrito em Umuaro para um homem que colocava a cobra dentro de uma caixa. Ezeulu não estava afirmando que isso não fosse uma ofensa, mas ela não era suficientemente séria para que o sacerdote de Idemili lhe enviasse uma mensagem insultuosa. Era a espécie de ofensa que o homem resolve diretamente entre si próprio e o seu deus pessoal. Além disso, o Festival das Folhas de Abóbora aconteceria dentro de alguns dias. Cabia a ele, Ezeulu, limpar as seis aldeias deste e de incontáveis outros pecados antes da estação do plantio.

Não muito tempo depois da volta de Oduche, Ezeulu foi visitado por um de seus parentes de Umuogwugwu. Esse homem, Onwuzuligbo, era um daqueles que tinham vindo ver Ezeulu, no ano anterior, para saber por que seu conterrâneo e marido da filha de Ezeulu fora espancado e carregado para fora de sua aldeia.

— Parece que minha morte está próxima — disse Ezeulu.

— Por que você diz isso, parente? Por acaso eu tenho a cara da morte?

— Quando um homem vê uma cena pouco familiar, talvez sua morte esteja chegando.

— Você está certo, parente. Na verdade, faz muito tempo desde que vim visitá-lo. Porém, nós temos um ditado segundo o qual a própria coisa que mata a ratazana evita que seus filhotes abram os olhinhos. Se tudo correr bem, nós esperamos vir novamente como devem fazer os parentes.

Ezeulu mandou seu filho, Nwafo, trazer uma noz-de-cola da casa de sua mãe. Enquanto isso, procurou a pequena tigela de madeira que continha um pedaço de giz branco.

— Aqui está um pedaço de *nzu* — disse, e rolou o giz na direção do hóspede, que o apanhou e desenhou no chão, entre suas pernas, três linhas verticais e uma quarta deitada sob elas. Depois, pintou um dos seus dedões do pé e rolou o giz de volta para Ezeulu, que o guardou novamente.

Após terem comido a noz-de-cola, Onwuzuligbo pigarreou, agradeceu a Ezeulu e, em seguida, perguntou:

— Nossa mulher está bem?

— Sua mulher? Ela está bem. Nada a perturba, exceto a fome. Nwafo, vá e chame Akueke para cumprimentar o parente de seu marido.

De volta, Nwafo disse que ela estava a caminho. Akueke entrou quase imediatamente. Saudou seu pai e apertou a mão de Onwuzuligbo.

— Sua mulher, Ezinma, está bem? — ela perguntou.

— Ela está bem hoje. Amanhã, não sabemos.

— E seus filhos?

— Nós não passamos por nenhum problema, exceto a fome.

— Aaah! — exclamou Akueke. — Isso não pode ser verdade. Olhe como você parece bem alimentado.

Quando Akueke voltou para o interior do *compound*, Onwuzuligbo disse a Ezeulu que seu povo o tinha enviado para dizer que eles gostariam de fazer uma visita ao seu parente na manhã seguinte.

— Eu não fugirei de minha casa — disse Ezeulu.

— Nós não lhe traremos a guerra. Estamos vindo para, juntos, cochicharmos de parente a

parente.

Ezeulu estava grato pelo único acontecimento feliz numa semana de aborrecimentos e vexames. Mandou chamar sua primeira mulher, Matefi, e lhe disse que se preparasse para cozinhar para seus parentes amanhã.

— Que parentes? — indagou.

— O marido de Akueke e sua gente.

— Não há mandioca na minha casa, e hoje não é dia de mercado.

— Então, o que quer que eu faça? — perguntou Ezeulu.

— Eu não quero que você faça nada. É possível que Akueke tenha um pouco de mandioca, se você lhe pedir.

— Esta loucura que eles dizem que você tem precisa conhecer seus limites. Você está me dizendo que vá e procure mandioca para você. O que é que tem Akueke a ver com isso? Por acaso ela é minha mulher? Eu lhe tenho dito várias vezes que você é uma mulher má. Eu tenho observado que você não faz nada de bom grado, a menos que seja para você mesma ou para seus filhos. Não me deixe dizer o que penso hoje de você. — Fez uma pausa. — Se você deseja que neste *compound* caibamos os dois, vá e faça o que lhe digo. Se a mãe de Akueke estivesse viva, ela não traçaria uma linha entre os filhos dela e os seus e você sabe disso. Vá embora daqui antes que eu me levante.

Embora Ezeulu estivesse muito ansioso para que sua filha, Akueke, voltasse para o marido, ninguém esperava dele que dissesse isso abertamente. Um homem que admitisse que sua filha não era sempre bem-vinda em sua casa, ou que achava sua presença maçante, estava praticamente dizendo ao marido que a tratasse mal como quisesse. Por isso, quando o marido de Akueke anunciou sua intenção de levar a mulher de volta para a casa, Ezeulu fez uma encenação.

— Está certo que um homem deseje levar sua mulher para casa — disse. — Mas eu desejo lembrar-lhes que, quando começarmos o plantio, um ano se terá passado desde que ela voltou a viver em meu *compound*. Por acaso vocês trouxeram inhames, ou carás, ou mandioca para alimentá-la e a seu filho? Ou vocês acham que eles ainda estão vivendo do almoço que comeram na sua casa, ano passado?

Ibe e sua gente murmuraram vagamente, como que se desculpando.

— O que desejo saber — continuou Ezeulu — é como vocês me pagarão por ter tomado conta da mulher durante um ano.

— Parente, eu o compreendo muito bem — disse Onwuzuligbo. — Deixe tudo conosco. Você sabe que a dívida de um homem para com seu sogro jamais pode ser totalmente paga. Quando compramos uma cabra ou uma vaca, pagamos por ela, e ela se torna nossa. Porém, quando casamos, precisamos continuar pagando pela mulher até morrer. Não discutimos que lhe devemos. Nossa dívida é até mesmo maior do que você disse. Nós lhe devemos todos os anos desde o nascimento dela até o dia em que a tomamos de você. Na verdade, temos com você uma grande dívida, mas lhe pedimos que nos dê tempo para saldá-la.

— Permita-me concordar com você — retorquiu Ezeulu —, mas estou concordando por covardia.

Além dos dois filhos adultos de Ezeulu, Edogo e Obika, seu irmão mais moço também estava

presente. O nome dele era Okeke Onenyi. Ele falara muito pouco até então; mas agora parecia-lhe que seu irmão estava cedendo rapidamente demais e resolveu se manifestar.

— Meus parentes, eu os saúdo. Eu não disse nada até agora, porque o homem que não tem o dom da fala costuma dizer que seus parentes já disseram tudo que havia por dizer. Desde que vocês começaram a falar, tenho estado muito atento para escutar uma coisa da boca de vocês, que até agora não ouvi. Pessoas diferentes têm razões diferentes para se casar. Fora os filhos que nós todos desejamos, alguns homens querem uma mulher para cozinhar suas refeições, outros buscam uma mulher para ajudar na roça, outros ainda desejam alguém que eles possam espancar. O que eu desejo saber da boca de vocês é se o nosso parente está aqui porque ele não tem atualmente uma mulher em quem bater ao levantar-se pela manhã.

Onwuzuligbo prometeu em nome de seu parente que Akueke não seria espancada no futuro. Depois, Ezeulu mandou chamá-la para saber se ela desejava voltar para o marido. Akueke hesitou e depois disse que voltaria, se seu pai ficasse satisfeito.

— Meus parentes, eu os saúdo — disse Ezeulu. — Akueke voltará para a casa do marido, porém não hoje. Ela precisará de um pouco de tempo para se preparar. Hoje é Oye. Ela voltará para vocês depois do próximo Oye. Quando ela voltar, tratem-na bem. Não é um ato de coragem um homem bater em sua mulher. Eu sei que um homem e sua mulher precisam brigar; não há nada de muito errado nisso. Até mesmo irmãos e irmãs do mesmo ventre discordam, às vezes; quanto mais dois estranhos. Sim, vocês podem brigar, mas nunca deixem que a briga acabe em luta. Eu nada mais direi neste momento.

Ezeulu estava grato a Ulu por ter ajudado Akueke e seu marido a fazerem as pazes. Tinha a certeza de que Ulu resolvera agir, a fim de pô-lo no estado de espírito certo para purificar as seis aldeias, antes do plantio. Nessa mesma noite, seus seis assistentes vieram procurá-lo para pedir ordens, e ele os mandou anunciar a cada homem, em sua própria aldeia, que o Festival das Folhas de Abóbora se realizaria no próximo Nkwo.

Ugoye ainda estava cozinhando a ceia quando o *ogene* do arauto soou. Ugoye era famosa por cozinhar tarde. Embora Ezeulu frequentemente criticasse Matefi por cozinhar depois da hora, Ugoye merecia muito mais a censura. Mas ela era mais esperta do que a esposa mais velha: jamais cozinhou tarde nos dias em que deveria enviar a comida para o marido. Em todos os outros dias, ouvia-se seu pilão por muito tempo, durante a noite. Ela era particularmente relapsa quando, como agora, estava proibida de cozinhar para qualquer adulto, por causa da sua falta de asseio.

Sua filha, Obiageli, e Nkechi, a filha de Akueke, contavam histórias uma para a outra. Nwafo estava sentado no pequeno assento de barro ao pé do pilar central da cabana, observando-as com um ar de superioridade, e chamava a atenção, de vez em quando, para os erros das meninas.

Ugoye mexia a sopa no fogo e provava-a, passando a língua na parte de baixo da concha. O som do *ogene* pegou-a no meio desse ato.

— Calem a boca, crianças, e deixem-me ouvir o que o arauto está dizendo.

Gom. Gom. Gom. Gom.

— Ora *Obodo*, ouçam! Ezeulu pediu-me para anunciar-lhes que o Festival das Folhas de Abóbora se realizará no próximo Nkwo.

Gom, gom, gom, gom.

— Ora *Obodo!* Ezeulu pediu-me...

Obiageli interrompera sua história para que a mãe pudesse ouvir a mensagem do arauto. Enquanto ela esperava impacientemente, seu olhar caiu na concha de sopa e, para ocupar-se, apanhou-a da tigela de madeira onde estava e lambeu-a até que nela não houvesse mais nada.

— Glutona — disse Nwafo. — É este lambe lambe lambe que impede uma mulher de deixar crescer a barba.

— E onde está a sua barba? — perguntou Obiageli.

Gom, gom, gom, gom.

— Moradores da aldeia. O sumo sacerdote de Ulu pediu-me para avisar a todo homem e mulher que o Festival das Folhas de Abóbora se realizará no próximo dia de mercado Nkwo.

Gom, gom, gom, gom.

A voz do arauto tornou-se cada vez mais fraca, à medida que ele ia apregoando sua mensagem no caminho principal para Umuachala.

— Vamos voltar ao começo? — perguntou Nkechi.

— Vamos — respondeu Obiageli. — A grande fruta de *ukwa* caiu em Nwaka Dimkpolo e matou-o. Eu cantarei a história e você fará o refrão.

— Mas antes eu estava fazendo o refrão — protestou Nkechi. — Agora é a minha vez de cantar.

— Você vai estragar tudo. Você sabe que nós não tínhamos completado a história quando surgiu o arauto.

— Não concorde, Nkechi — atalhou Nwafo. — Ela quer enganá-la, porque é maior do que você.

— Ninguém chamou você aqui, seu nariz de formigueiro.

— Você está pedindo por um choro.

— Não dê ouvidos a ele, Nkechi. Depois, será sua vez de cantar e eu farei o refrão.

Nkechi concordou e Obiageli começou a cantar novamente:

— *Ukwa matou Nwaka Dimkpolo*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *Quem punirá esta ukwa para mim?*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *O Facão cortará esta ukwa para mim*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *Quem punirá este Facão para mim?*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *O Ferreiro derreterá o Facão para mim*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *Quem punirá este Ferreiro para mim?*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *O Fogo chamuscará este Ferreiro para mim*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *E quem punirá este Fogo para mim?*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

— *A Água apagará este Fogo para mim*

— *E-e Nwaka Dimkpolo*

E quem punirá esta Água para mim?

*E-e Nwaka Dimkpolo*

A Terra secará esta Água para mim

*E-e Nwaka Dimkpolo*

Quem punirá esta Terra para mim?

— Não, não, não — Nkechi a interrompeu.

— O que poderá acontecer à Terra, sua bobalhona? — perguntou Nwafo.

— Eu disse isso de propósito para testar Nkechi — replicou Obiageli.

— É uma mentira tão velha quanto você. Você não consegue nem mesmo contar uma simples história.

— Se isso aborrece você, vem e pula nas minhas costas, nariz de formigueiro.

— Mãe, se Obiageli abusar de mim de novo, eu vou bater nela.

— Toque nela, se ousar, e eu a curarei da sua loucura esta noite.

— Vamos mudar para outra história — disse Obiageli. — Esta não tem fim.

Enquanto falava, ela tentou alcançar a concha, que tinha acabado de voltar de outra visita à panela de sopa no fogo, mas sua mãe arrancou-a de sua mão.

A praça do mercado se enchia cada vez mais, com homens e mulheres chegando de todos os lados. Porque era especialmente o dia delas, as mulheres usavam seus mais finos panos e ornamentos de marfim e de contas, de acordo com a riqueza de seus maridos ou, em alguns casos excepcionais, com a força de seus próprios braços. A maioria dos homens trazia vinho de palma, em potes carregados à cabeça ou em cabaças penduradas ao ombro por um laço de corda. Os primeiros a chegar tomaram posição à sombra das árvores e começaram a beber com os amigos, conhecidos e parentes. Aqueles que vieram depois sentaram-se ao ar livre, enquanto ainda não fazia muito calor.

Um estranho que assistisse ao festival desse ano poderia ir embora pensando que Umuaro nunca estivera tão unida em toda a sua história. A grande hostilidade entre Umunneora e Umuachala parecia, momentaneamente, não significar nada. No dia anterior, se dois homens das mesmas aldeias tivessem se encontrado, teriam olhado os movimentos um do outro com cuidado e suspeita. No dia seguinte, teriam de fazê-lo novamente. Mas, hoje, bebiam vinho de palma juntos, porque nenhum homem em seu juízo perfeito levaria veneno para uma cerimônia de purificação. Seria como sair na chuva levando feitiços potentes e destruidores na sua pessoa.

A mulher mais moça de Ezeulu examinava os cabelos num espelho que mantinha entre as coxas. Ela não podia deixar de pensar que tinha feito um trabalho muito melhor no cabelo de Akueke do que Akueke fizera no dela. Mas estava muito satisfeita com os padrões negros de *uli* e as suaves linhas amarelas de *ogalu* em seu corpo. Em anos anteriores, ela teria estado entre as primeiras a chegar à praça do mercado, descuidada e alegre. Entretanto este ano seus pés pareciam arrastar-se por causa do peso em sua mente. Iria orar pela purificação de sua cabana, que Oduche havia poluído. Já não era uma das muitas e muitas mulheres de Umuaro que participavam de um rito coletivo. Hoje, estava numa situação de necessidade especial. O peso desse sentimento quase esmagava o prazer tão longamente esperado de usar seus novos braceletes de marfim, que lhe tinham valido tanta inveja e hostilidade da outra mulher de seu marido, Matefi.

Ainda estava polindo os marfins quando Matefi partiu para a praça do mercado de Nkwo. Antes de sair, chamou do meio do *compound*:

— A mãe de Obiageli já está pronta?

— Não. Nós iremos em seguida. Você não precisa esperar.

Quando ficou pronta, Ugoye foi para a parte de trás de sua cabana, onde havia um pé de abóbora que ela plantara especialmente depois da primeira chuva e cortou quatro folhas, atou-as com um cordel e voltou para a cabana. Colocou as folhas num banco e foi até a estante de bambu, para examinar o pote de sopa e o *foofoo* que Obiageli e Nwafo comeriam ao meio-dia.

Akueke abaixou-se no umbral da porta e espiou para dentro da cabana de Ugoye.

— Então, você ainda não está pronta? O que está remexendo por aí como uma galinha à procura de ninho? — ela perguntou. — Nesse passo, nós não encontraremos lugar nenhum na praça do mercado, nem mesmo para ficar de pé.

Entrou, em seguida, na cabana, levando seu próprio molho de folhas de abóbora. Elas admiraram mutuamente suas roupas, e Akueke elogiou mais uma vez os marfins de Ugoye.

Assim que saíram, Akueke perguntou:

— Por que você acha que Matefi estava tão aborrecida esta manhã?

— Quem deveria perguntar sou eu. Ela não é mulher de seu pai?

— A cara dela estava do tamanho de um pilão. Por acaso ela perguntou se você estava pronta para sair?

— Sim, perguntou; mas a coisa não passou dos lábios.

— Tenho cruzado todo o tempo com gente ruim — disse Akueke —, mas ainda não encontrei ninguém como ela. Sua própria ruindade assovia. Desde que meu pai lhe pediu, anteontem, que cozinhasse para meu marido e sua gente, seu estômago tem estado cheio de bÍlis.

Nos dias comuns de Nkwo as vozes do mercado iam longe, em todas as direções, como a aproximação de um grande vento. Naquele dia, era como se todas as abelhas do mundo estivessem passando lá por cima. E as pessoas continuavam a fluir de todos os caminhos de Umuaro. Assim que emergiram de seu *compound*, Ugoye e Akueke juntaram-se a uma dessas correntes. Todas as mulheres de Umuaro levavam um molho de folhas de abóbora na mão direita. A mulher que não tivesse nenhuma era uma estranha das aldeias vizinhas, que viera ver o espetáculo. À medida que se aproximavam de Nkwo, a voz do mercado crescia e crescia, até afogar as conversas.

Ugoye e Akueke entraram na praça justo a tempo de assistir à chegada das cinco mulheres de Nwaka e à grande agitação que causaram. Cada uma usava, além de tornozeleiras, duas enormes caneleiras de marfim que iam do tornozelo até quase o joelho. O andar delas era estudadamente lento, como o de uma máscara *ijele*: levantavam e abaixavam os pés com pesada cerimônia. Vestiam ademais veludos coloridos. Marfins e veludos não eram coisa nova em Umuaro, porém nunca antes tinham sido vistos a sair em tamanha profusão da casa de um só homem.

Obika e seu bom amigo Ofoedo sentaram-se com três outros rapazes de Umuagu num tapete tosco tecido no chão pelas raízes expostas de um pé de *ogbu*. No meio deles havia duas manchas escuras de vinho de palma. E, logo ao lado, jazia um pote vazio. Um dos rapazes já estava completamente ébrio, mas nem Obika nem Ofoedo pareciam ter bebido uma só gota de vinho.

— É verdade, Obika — perguntou um dos homens —, que sua nova noiva não voltou depois da primeira visita?

— É, meu amigo — replicou Obika, despreocupadamente. — Meus assuntos sempre terminam de maneira diferente das das outras pessoas. Se bebo água, ela gruda entre meus dentes.

— Não vá atrás dele — disse Ofoedo. — A mãe dela está doente, e o pai pediu-lhe que ficasse e cuidasse da mãe por algum tempo.

— Han-han, eu sabia que a história que ouvi não podia ser verdadeira. Como poderia uma jovem noiva hesitar diante de um *ugonachomma* bonitão como Obika?

— Ah, deixe disso, meu amigo — disse o homem, meio bêbado. — Talvez ela não tenha gostado do tamanho do pênis dele.

— Mas ela nunca o viu — retrucou Obika.

— Você está brincando com menininhos de ontem: ela nunca o viu!

Pouco depois, ouviu-se o grande *ikolo*. Ele chamou as seis aldeias de Umuaro, uma por uma,

por ordem de antiguidade: Umunneora, Umuagu, Umuezeani, Umuogwugwu, Umuisiuzo e Umuachala. A cada chamado, um grito enorme levantava-se da praça do mercado. O tambor voltou a chamar, porém desta vez começou pela mais nova. As pessoas se apressaram em terminar suas bebidas, antes que chegasse o sumo sacerdote.

O *ikolo* agora batia incessantemente. Às vezes, chamava pelos nomes de pessoas importantes de Umuaro, como Nwaka, Nwosisi, Igboneme e Uduezue. Contudo, a maior parte do tempo invocava as aldeias e suas divindades. Finalmente, parou saudando Ulu, o deus de toda a Umuaro.

Obiozo Ezikolo era um homem velho, mas seu domínio de rei de todos os tambores era ainda incomparável. Muitos anos antes, quando ainda era jovem, as seis aldeias tinham decidido conferir-lhe o título de *ozo*, em reconhecimento a sua grande arte, que com tanto poder, em tempos de guerra, abalava o coração de seus conterrâneos. Agora, em sua velhice, era uma maravilha vê-lo readquirir força para tocar o grande tambor. Até mesmo subir no *ikolo* era um grande feito para um homem da metade de sua idade. Aqueles que estavam perto rodearam o tambor e ficaram a olhar com admiração para o velho tamborileiro. Um homem que era seu conhecido levantou sua voz e saudou-o. Ele gritou de volta:

— Uma mulher velha nunca está velha quando se trata de uma dança que conhece.

A multidão riu.

O *ikolo* fora feito, nos velhos tempos, de um gigantesco *iroko*, no próprio lugar onde tombara. O *ikolo* era tão velho como o próprio Ulu, por cujas ordens a árvore fora derrubada e seu tronco esvaziado em forma de tambor. Desde aqueles dias, jazia no mesmo lugar, exposto ao sol e à chuva. Seu corpo estava lavrado com homens e jiboias. Num dos lados, tinham sido cortados pequeninos degraus, sem os quais o tocador não poderia trepar até o topo do tambor para tocá-lo. Quando o *ikolo* chamava para a guerra, era decorado com crânios ganhos em lutas passadas. No momento, porém, ele cantava a paz.

Um grande *ogene* soou três vezes no altar de Ulu. O *ikolo* tomou-lhe o ritmo e o sustentou num infundável jato de epítetos em louvor da divindade. Ao mesmo tempo, os mensageiros de Ezeulu começaram a esvaziar o centro da praça do mercado. Embora estivessem armados com um chicote de fronde de palma, tiveram grande dificuldade para afastar as pessoas. A multidão estava excitada, e somente após uma grande luta os mensageiros conseguiram limpar um pequeno espaço no coração do mercado. Desta posição central, trabalharam furiosamente com seus chicotes até conseguirem empurrar todas as pessoas para trás, de modo a formar com elas um grosso anel. As mulheres, com suas folhas de abóbora, eram difíceis de conter, porque cada uma delas lutava para conseguir um lugar na frente. Os homens não tinham necessidade de ficar tão perto e formavam a parte externa do anel.

O *ogene* soou novamente. O *ikolo* começou a saudar o sumo sacerdote. As mulheres sacudiam suas folhas de um lado para o outro, diante do rosto, murmurando preces a Ulu, o deus que mata e salva.

A aparição de Ezeulu foi saudada com um grito alto, que deve ter sido ouvido em todas as aldeias da vizinhança. Ele correu para diante, parou subitamente e olhou de frente o *ikolo*.

— Continue falando — disse ao tambor. — Ezeulu ouve o que você diz.

Depois, agachou-se, dançou três ou quatro passos e levantou-se novamente.

Ezeulu usava um saiote de ráfia cinza, que descia da cintura até o joelho. A parte esquerda de seu corpo — da testa ao dedão do pé — estava pintada de giz branco. Em volta de sua cabeça

havia uma faixa de couro, na qual uma pena de águia apontava para trás. Na mão direita ele segurava *Nne Ofo*, a mãe de todos os cajados de autoridade em Umuaro, e, na esquerda, um longo bastão de ferro com um chocalho que soava cada vez que ele batia com sua ponta fina na terra. Deu alguns passos longos, parando sempre que apoiava o pé no chão. Depois, correu para a frente de novo, como se tivesse visto um camarada no espaço vazio; estendeu o braço e sacudiu o cajado para a direita e para a esquerda. Aqueles que estavam perto ouviram o bater do cajado de Ezeulu contra um outro que ninguém via. Quando isso ocorreu, muitos fugiram de terror diante do sacerdote e das presenças invisíveis que o cercavam.

À medida que se aproximava do centro da praça do mercado, Ezeulu tornou a representar a Primeira Vinda de Ulu, e como cada um dos quatro Dias puseram obstáculos em seu caminho.

— Naquele tempo — disse ele —, quando os lagartos ainda andavam sozinhos ou em dupla, o povo inteiro juntou-se e me escolheu para carregar a nova divindade. E eu lhes disse: “Quem sou eu para carregar este fogo na minha cabeça nua? Um homem que sabe que seu ânus é pequeno não engole uma semente de *udala*”. Eles retrucaram: “Não tema. O homem que envia uma criança para apanhar um musaranho também lhe dará água para lavar as mãos”. E eu disse: “Assim seja”. E nos pusemos a trabalhar. Aquele dia era Eke; nós trabalhamos até Oye; e depois até Afo. Quando o dia raiou em Nkwo, o sol levou seu sacrifício, eu levei meu *Alusi* e, com todo o povo atrás de mim, dei início à viagem. Um homem cantava com a flauta à minha direita e outro respondia à minha esquerda. Atrás, o andar pesado daquelas pessoas todas dava-me forças. Então, de repente, alguma coisa se espalhou pelo meu rosto. De um lado, estava chovendo, do outro lado estava seco. Olhei novamente e vi que era Eke. Perguntei: “É você, Eke?”. Ele replicou: “Sou eu, Eke, aquele que faz um homem forte morder a terra com seus dentes”. Tomei um ovo de uma galinha e lhe dei. Ele o pegou, comeu-o e abriu espaço para mim. Nós continuamos, passando rios e florestas. Depois, uma moita fumacenta surgiu no meu caminho, e dois homens lutavam, cabeça contra cabeça. Meus seguidores, quando viram isso, fugiram. Olhei de novo e vi que era Oye. Perguntei: “É você, Oye, que cruza meu caminho?”. E ele respondeu: “Sou eu, Oye, aquele que começou a cozinhar antes do outro e, por isso, tem mais panelas quebradas”. Peguei um galo branco e dei para ele. Ele tomou-o e abriu caminho para mim. Continuei passando por fazendas e descampados, até sentir minha cabeça pesada demais para mim. Olhei fixamente e vi que era Afo. Indaguei: “É você, Afo?”. Ele respondeu: “Sou eu, Afo, o grande rio que não pode ser salgado”. Repliquei: “Eu sou Ezeulu, o corcunda mais terrível do que um leproso”. Afo deu de ombros e disse: “Passa, o que é teu é pior do que o meu”. Passei e o sol caiu e me espancou, e a chuva veio e me encharcou. Então, encontrei Nkwo. Olhei para o seu lado esquerdo e vi uma mulher velha, cansada, dançando estranhos passos na colina. Olhei para o lado direito e vi um cavalo e um carneiro. Matei o cavalo e com o carneiro limpei meu machete e assim removi o mal.

Nessa altura, Ezeulu estava no centro da praça do mercado. Ele enfiou com força o cajado de metal na terra e deixou-o trepidando, enquanto dançava alguns passos ao som do *ikolo*, que não tinha parado para respirar desde que o sacerdote emergira. Todas as mulheres sacudiram suas folhas de abóbora na frente delas.

Ezeulu olhou em volta para todos os homens e mulheres de Umuaro, mas não viu ninguém em particular. Depois, puxou o bastão do solo e com ele na sua mão esquerda e a *Nne de Ofo* na

direita, saltou para a frente e começou a correr em volta da praça do mercado.

Todas as mulheres iniciaram uma longa e excitada ululação, e se renovaram os empurrões para conseguir um lugar na frente. À medida que o veloz sumo sacerdote se aproximava de um setor da multidão, as mulheres que ali estavam sacudiam suas folhas em volta da cabeça e jogavam-nas para ele. Era como se milhares e milhares de gigantescos insetos voadores esvoaçassem sobre Ezeulu.

Ugoye, que tinha empurrado e dado cotoveladas para todos os lados até conseguir chegar à frente, murmurou mais de uma vez a sua prece, quando o sumo sacerdote se aproximou da parte do círculo onde ela estava de pé:

— Grande Ulu, que matas e salvas, eu imploro que limpes minha casa de toda a imundície. Se eu a disse com a minha boca, ou a vi com meus olhos, ou se a ouvi com meus ouvidos, ou se lhe pisei em cima com meu pé, ou se ela me chegou pelos meus filhos, pelos meus amigos ou pelos meus parentes, deixa que ela se vá com essas folhas.

Sacudiu o pequeno ramo em volta da cabeça e jogou-o com toda a força no sumo sacerdote quando este passou correndo em frente ao lugar onde ela estava.

Os seis mensageiros seguiam bem de perto o sacerdote, e, de vez em quando, um deles inclinava-se rapidamente, pegava ao acaso um ramo de folhas e continuava correndo. O tambor *ikolo* batera num frenesi durante a corrida do sumo sacerdote, e mais ainda em seu estágio final, quando ele, tendo completado o círculo da praça, continuou correndo com velocidade cada vez maior para dentro do seu santuário, com os mensageiros nos calcanhares. Assim que eles desapareceram, o *ikolo* interrompeu suas batidas abruptamente com um último bum! A tensão crescente que tomara conta da praça inteira, que parecia respirar cada vez mais rápida, explodiu com esta última batida do tambor e soltou um grande e profundo suspiro. Mas o momento de alívio durou muito pouco. A multidão voltou a agitar-se ao saber que o sumo sacerdote estava a salvo em seu santuário, triunfante sobre os pecados de Umuaro, que estava agora pondo numa cova funda juntamente com os seis ramos de folhas.

Como se alguém lhes tivesse dado um sinal, todas as mulheres de Umunneora saíram do círculo e começaram a correr ao redor da praça do mercado, batendo com os pés pesadamente. No início, ao acaso, porém logo todas estavam batendo os pés ao mesmo tempo, em uníssono, elevando uma vasta nuvem de poeira. Somente aquelas cujos pés estavam pesados por causa da idade ou por causa do excesso de marfim estavam fora de ritmo. Quando completaram a volta, juntaram-se à multidão. Depois foram as mulheres de Umuagu que irromperam de toda parte do grande círculo, para começar sua própria corrida. As outras esperavam e as aplaudiam; nenhuma correu fora de sua vez. No momento em que as mulheres da sexta aldeia correram, as folhas de abóbora que juncavam o chão estavam esmagadas e se confundiam com a poeira.

Assim que a corrida terminou, a multidão começou a dividir-se outra vez em vários pequenos grupos de amigos e parentes. Akueke procurou pela irmã mais velha, Adeze, a quem vira pela última vez correndo com as outras mulheres de Umuezeani. Não precisou procurar muito, porque Adeze sobressaía em qualquer multidão. Ela era alta e bronzeada; e, se tivesse sido homem, seria ainda mais parecida com o pai do que Obika.

— Pensei que talvez você tivesse ido para casa — disse Adeze. — Eu estive com Matefi agora

mesmo, e ela não a tinha visto em hora nenhuma.

— Como é que ela podia me ver? Eu não sou suficientemente grande para ela me ver.

— Vocês duas estão brigadas novamente? Eu penso que vi isso no rosto dela. O que você fez para ela dessa vez?

— Minha irmã, deixe Matefi e seu problema de lado, e vamos falar de coisas melhores.

Naquele ponto, Ugoye juntou-se a elas.

— Procurei por vocês duas em toda a praça do mercado — ela disse. E beijou Adeze, a quem chamava Mãe de Meu Marido.

— Como vão as crianças? — perguntou Adeze. — É verdade que você as tem ensinado a comer jiboia?

— Você pensa que isso é motivo de riso? — disse Ugoye, num tom sentido. — Não é à toa que você foi a única pessoa em Umuaro que não fez nenhum esforço para vir e perguntar o que estava acontecendo.

— Alguma coisa estava acontecendo? Ninguém me disse nada. Houve um incêndio ou alguém morreu?

— Não se importe com Adeze, Ugoye — disse sua irmã. — Ela é pior do que seu pai.

— Você esperava que a cria do leopardo fosse diferente do leopardo?

Ninguém replicou.

— Não fique zangada comigo, Ugoye. Eu soube de tudo, porém nossos inimigos e aqueles com ciúmes de nós esperavam nos ver correndo para cima e para baixo, em confusão. Não é Adeze quem lhes dará satisfação. Aquela mulher doida, Akueni Nwosisi, cuja família cometeu toda espécie de abominação em Umuaro, veio correndo para mim para mostrar sua piedade. Eu perguntei-lhe se, por acaso, alguém que pôs uma jiboia numa caixa não era preferível ao seu parente que certa vez foi apanhado atrás da casa copulando com uma cabra.

Ugoye e Akueke riram. Elas podiam visualizar claramente sua agressiva irmã fazendo essa pergunta.

— Você vem conosco? — perguntou Akueke.

— Sim, eu preciso ver as crianças. Talvez tenha de cobrar uma multa ou duas de Ugoye e Matefi. Temo que elas estejam tomando conta de meu pai de má vontade.

— Por favor, marido, eu lhe imploro — choramingou Ugoye, a fingir. — Eu faço o melhor que posso. É seu pai quem me maltrata. E quando você falar com ele — acrescentou seriamente — pergunte-lhe por que, na sua idade, precisa correr como um antílope. Ano passado, ele não pôde se levantar durante dias, após a cerimônia.

— Você sabia — indagou Akueke, olhando furtivamente para trás, a fim de verificar se havia homem por perto; não havia, mas, mesmo assim, ela abaixou a voz — que, em seus dias de juventude, ele costumava correr como Ogbazulobodo? Tal como Obika faz agora.

— São vocês, especialmente vocês duas, que o levam pelo mau caminho. Ele gosta de pensar que é mais forte do que qualquer jovem de hoje, e vocês o encorajam. Se ele fosse meu pai, eu lhe diria o que penso.

— Ele não é seu marido? — perguntou Adeze. — Se ele morrer amanhã, não é você quem vai sentar-se nas cinzas da cozinha durante sete mercados? É você ou sou eu quem usará roupa de sarrapilheira durante um ano?

— O que estou lhes dizendo? — indagou Akueke, mudando de assunto. — Meu marido e seu

povo vieram no outro dia.

— O que eles vieram fazer?

— O que mais eles poderiam vir fazer?

— Então, eles estão cansados de esperar, as feras do mato. Eu pensei que eles estivessem esperando que vocês lhes levassem vinho de palma para implorar-lhes perdão.

— Não fale mal da gente do meu marido ou brigaremos — disse Akueke, fingindo zanga.

— Por favor, perdoe-me. Eu não sabia que você e ele tinham, de repente, se tornado óleo de palma e sal. Quando é que voltará para ele?

— Um mercado depois do próximo Oye.

A nova estrada que o sr. Wright estava construindo, para ligar Okperi à sua inimiga Umuaro, alcançara os estágios finais. Mesmo assim, não poderia estar acabada antes do início da estação chuvosa, se fosse deixada para a turma paga que ele estava empregando. Pensara em aumentar o grupo, mas o capitão Winterbottom lhe dissera que, longe de autorizar qualquer aumento, estava considerando uma redução do número de trabalhadores, porque o orçamento anual para obras públicas já estava quase todo gasto. O sr. Wright cogitara até mesmo reduzir o pagamento dos trabalhadores de três *pence* por dia para algo em torno de dois *pence*, mas com isso não conseguiria aumentar substancialmente a força de trabalho. Ainda que, se o sr. Wright tivesse em seu coração coragem para tratar seus homens tão mesquinhamente, diminuísse para a metade o pagamento, não obteria o resultado desejado. Na realidade, tornara-se muito ligado a essa turma e conhecia seus líderes pelo nome. Muitos deles eram, naturalmente, preguiçosos e só respondiam a um tratamento duríssimo. Mas, uma vez que a pessoa se habituasse com eles, podiam ser bastante divertidos. Eram leais como cachorros de estimação e sua habilidade para improvisar canções era incrível. Logo no primeiro dia, assim que foram contratados e lhes disseram quanto iriam ganhar, inventaram uma canção de trabalho. O líder cantava: *Lebura toro toro*, e todos os outros replicavam: “por dia”, agitando seus machetes ou balançando suas enxadas. Era uma das mais eficientes canções de trabalho, e eles a cantaram durante muitos dias:

*Lebura toro toro*  
*Por dia*  
*Lebura toro toro*  
*Por dia*

E eles a cantavam em inglês também!

Fosse como fosse, só havia uma opção para o sr. Wright, se pretendia completar a estrada antes de julho. Teria de usar mão de obra não paga. Ele pediu permissão para fazer isso e, após o devido exame, o capitão Winterbottom aprovou a medida. Na carta em que comunicava sua aprovação, o administrador distrital salientou que era política da Administração lançar mão desse método apenas nas mais excepcionais circunstâncias.

— Os nativos não podem ser uma exceção ao aforisma de que o trabalhador é merecedor de seu salário.

O sr. Wright, que se deslocara do campo da estrada do Departamento de Obras Públicas, a cerca de oito quilômetros de distância, para Government Hill, apenas para obter essa resposta, leu-a rapidamente, amassou-a e colocou-a no bolso de sua bermuda cáqui. Como todos os sujeitos práticos, ele tinha pouco respeito pelo lacre vermelho dos documentos oficiais.

Quando os líderes de Umuaro souberam que tinham que fornecer o trabalho necessário para a nova estrada do homem branco, fizeram uma reunião e decidiram oferecer os serviços dos dois últimos grupos de idade que tinham sido iniciados como adultos: o grupo de idade que se

denominava a si próprio de Otakagu e o outro abaixo dele que era apelidado de Omumawa.

Esses dois grupos jamais se deram bem juntos. Eram como dois irmãos sucessivos: estavam sempre brigando. Na realidade, o grupo mais velho, que tomara, ao atingir a maioridade, o nome de Devorador Como um Leopardo, de tal modo desdenhava de seus irmãos mais novos que, quando estes se iniciaram, dois anos mais tarde, os apelidaram de Omumawa, palavra que significava que o pano amarrado entre as pernas era um artifício para cobrir os pequenos pênis dos meninos. Era uma boa brincadeira e, por isso, sobrepujou a tentativa do novo grupo de tomar um nome mais apropriado. Esta era a razão do rancor que o grupo nutria contra Otakagu, um rancor tão grande que o encontro entre os dois era frequentemente como o encontro do fogo com a pólvora. Por isso, sempre que podiam, andavam em caminhos separados, e isso se deu também no caso da nova estrada do homem branco. Tudo o que o sr. Wright pedia eram dois dias de trabalho por semana: os dois grupos de idades deram um jeito para trabalhar separadamente em dias Eke alternados. Nesses dias, o homem branco punha a turma paga, por ele treinada, para supervisionar o bando de Umuaro, que trabalhava de graça, mas era indisciplinado.

Por causa de sua familiaridade com a língua do homem branco, o carpinteiro Moses Unachukwu, embora muito mais velho do que os dois grupos de idade, se apresentou como voluntário para organizá-los e para levar-lhes as palavras da boca do homem branco. No início, o sr. Wright desconfiou dele, assim como desconfiava de todos os nativos avançados, porém não demorou em reconhecê-lo de grande utilidade e passou a considerar dar-lhe uma pequena recompensa quando a estrada estivesse pronta. Enquanto isso, em Umuaro, a reputação de Unachukwu subiu a alturas sem precedentes. Uma coisa era alguém afirmar que falava a língua do homem branco e outra, bem diferente, era ser visto, de fato, falando-a. A história espalhou-se pelas seis aldeias. O único desgosto de Ezeulu era que um homem de Umunneora tivesse esse prestígio. Porém em breve, pensou, seu filho receberia a mesma ou ainda maior honra.

No dia seguinte ao Festival das Folhas de Abóbora, foi a vez do grupo Otakagu trabalhar na nova estrada. O segundo filho de Ezeulu, Obika, e seu amigo Ofoedo pertenciam a esse grupo. Mas haviam bebido tanto vinho de palma no dia anterior que, quando todas as outras pessoas foram trabalhar, eles ainda estavam dormindo. Obika, que chegara em casa cambaleando, quase ao cantar do galo, desafiou o esforço combinado de sua mãe e de sua irmã para acordá-lo.

Acontecera no dia anterior que, quando Obika e Ofoedo bebiam com três homens na praça do mercado, um deles lhes lançara um desafio. A conversa se desviara para a quantidade de vinho de palma que um bom bebedor podia tomar sem perder o conhecimento de si mesmo.

— Tudo depende da palmeira e do sangrador — declarou um dos homens.

— Isto mesmo — concordou seu amigo, Maduka. — Depende da árvore e do homem que a sangra.

— Isso não é verdade. Depende do homem que bebe. Você pode trazer qualquer árvore de Umuaro e qualquer sangrador — disse Ofoedo —, e ainda assim eu encherei minha barriga e irei para casa com os olhos claros.

Obika concordou com seu amigo.

— É verdade que algumas árvores são mais fortes que outras, e alguns sangradores são melhores que outros, mas um bom bebedor derrotará ambos.

— Você já ouviu falar de uma palmeira em minha aldeia que chamam de Okposalebo?

Obika e Ofoedo disseram que não.

— Uma pessoa que nunca ouviu falar de Okposalebo e, no entanto, declara ser um bom bebedor, engana-se a si próprio.

— O que Maduka diz é verdade — afirmou um dos outros. — O vinho dessa árvore nunca é vendido no mercado, e dele ninguém consegue beber três chifres cheios e ainda saber o caminho de casa.

— Essa Okposalebo é uma árvore muito velha. Ela é chamada de *separadora de parentes*, porque irmãos lutavam como estranhos, depois de beber dois chifres cheios de seu vinho.

— Conte-nos outra história — disse Obika, enchendo o seu chifre. — Se o sangrador adiciona feitiço ao vinho, esta é outra questão, mas se você está falando do fluido tal como a árvore o produz, eu lhes digo que nos contem outra história.

Então Maduka lançou o desafio:

— Não há vantagem em desperdiçar palavras. A palmeira não está numa terra distante, mas aqui mesmo, em Umuaro. Vamos até o *compound* de Nwokafo e lhe pedimos uma cabaça de vinho de sua árvore. É muito cara, pode custar *ego-nese*, mas eu pagarei. Se vocês dois beberem três chifres cheios cada um e conseguirem ir para casa, eu perco. Mas, se não, vocês devem me dar *ego-neli*, assim que recobrem os sentidos.

Aconteceu o que Maduka previra. Os dois gabolas caíram no sono ali mesmo onde estavam sentados. Quando baixou a noite, Maduka deixou-os ali e foi para a sua cama. Veio, porém, espíá-los duas vezes durante a noite e encontrou-os ainda roncando. Quando despertou, de manhã, os dois tinham ido embora. Desejou tê-los visto partir. Talvez, no futuro, ao ouvirem falar de vinho de palma, não abrissem tanto a boca.

Ofoedo não parecia ter passado tão mal quanto Obika. Quando acordou e viu que o sol já estava brilhando, correu para o *compound* de Ezeulu, para acordar Obika. Mas, ainda que gritassem o seu nome e o sacudissem, este não se mexia. E só acordou quando Ofoedo despejou sobre ele uma cabaça de água fria. E os dois foram juntar-se ao seu grupo de idade, que estava trabalhando na estrada nova. Pareciam um par de Máscaras da Noite surpreendido em plena luz do dia.

Ezeulu, que estava deitado em seu *obi*, prostrado de exaustão por causa do festival, foi despertado pelo barulho no interior do *compound*. Perguntou a Nwafo qual era a causa de tanto barulho e lhe foi dito que estavam tentando despertar Obika. Ele não falou mais nada; só rangeu os dentes. O comportamento do rapaz era como uma carga pesada na cabeça de seu pai. Em poucos dias, Ezeulu disse para si mesmo, a nova mulher de Obika chegaria. Ela já teria vindo, se sua mãe não tivesse adoecido. Quando chegasse, que marido ela encontraria! Um homem que não podia tomar conta de sua casa à noite, porque estava morto de bêbado. Onde estava a virilidade de semelhante marido? Um homem que não podia proteger sua mulher, se saqueadores noturnos batessem em sua porta. Um homem que era despertado pela manhã por mulheres. *Tufia!*, cuspiu o velho sacerdote. Ele não conseguia conter o desgosto.

Embora Ezeulu não pedisse detalhes, sabia, sem que ninguém lhe dissesse, que Ofoedo estava por trás desse último episódio. Ezeulu dissera mais de uma vez que esse sujeito, Ofoedo, não tinha a menor gota de presença humana dentro de seu corpo inteiro. Havia pouco mais de dois anos, ele tinha feito quase todo mundo correr para o *compound* de seu pai, com um falso alarme de fogo, e, por isso, o pai, que não era um homem rico, pagara uma multa de uma cabra. Ezeulu dissera a Obika, mais de uma vez, que uma pessoa semelhante não era amigo que servisse para ninguém que desejasse fazer alguma coisa na vida. Mas Obika não lhe dera ouvidos, e agora era

difícil escolher entre os dois, como entre nozes de dendê podres e um pilão quebrado.

Quando os dois amigos saíram para se juntar ao grupo de idade, caminhavam em silêncio. Obika sentia um vazio no cocuruto, como se a cabeça tivesse sido entorpecida por uma noite inteira de queda de orvalho. Mas a caminhada começou a lhe fazer bem. E, pouco a pouco, voltou-lhe a sensação de que a cabeça lhe pertencia.

Após mais uma volta no estreito e antigo caminho, viram à pequena distância uma vasta abertura na floresta — o início da nova estrada. Ela se abria como o dia depois de uma noite espessa.

— O que você pensa a respeito daquela coisa que Maduka nos deu? — perguntou Ofoedo.

Essa era a primeira menção ao incidente do dia anterior. Obika não respondeu. De sua boca saiu um som que ficava a meio caminho entre um suspiro de alívio e um grunhido.

— Aquilo não era simples vinho de palma — afirmou Ofoedo. — Eles puseram ervas fortíssimas nele. Quando penso nisso agora, verifico que fomos muito tolos em acompanhar um homem tão perigoso à sua própria casa. Você se lembra de que ele não bebeu nem um chifre cheio?

Obika continuou sem dizer nada.

— Eu não pagarei o *ego-neli* para ele.

— Você estava pensando em algum momento em lhe pagar? — Obika parecia surpreso. — Eu considero qualquer coisa que tenhamos dito ontem palavras em honra ao vinho de palma.

Estavam agora num pedaço já construído da nova estrada. A largura do caminho fazia com que a pessoa se sentisse perdida como um grão de milho numa sacola vazia de pele de cabra. Obika mudou seu machete da mão esquerda para a mão direita e sua enxada da direita para a esquerda. A sensação de abertura e exposição tornava-o alerta.

Como a nova estrada não levava a um rio nem a um mercado, Ofoedo e Obika não encontraram muitos aldeões pelo caminho; só viram algumas mulheres carregando pesados feixes de lenha.

— O que é isto que eu estou ouvindo? — perguntou Obika. Eles se aproximavam de um velho e enrugado pé de *egbu*, do qual, durante a alegre estação após a colheita, os espíritos noturnos chamados Onyekulum saíam em viagem, cheios de canções e boatos.

— Eu estava justamente para lhe perguntar. Parece uma canção funerária.

Ao chegarem perto do local de trabalho, já não tinham mais dúvida. O que se ouvia era o canto fúnebre com o qual um cadáver era levado à floresta para ser sepultado:

*Olhem! Uma jiboia!*

*Olhem! Uma jiboia!*

*Sim, ela está no meio do caminho.*

Os dois rapazes reconheceram a cantiga, assim como os cantores, que pertenciam ao seu grupo de idade. Eles começaram a rir juntos. Alguém tinha dado à antiga canção uma nova e irreverente viravolta, que a transformara num canto de trabalho estranho e hilariante. Ofoedo estava seguro de ver nisso a mão de Nweke Ukpaka, pois era o humor malicioso típico dele.

A chegada de Obika e seu amigo causou uma súbita mudança entre os trabalhadores. O canto parou e, com ele, o som dos facões que cortavam os troncos das árvores. Aqueles que se inclinavam para a frente com as enxadas, para nivelar as partes já limpas, pararam e se

endireitaram, com os pés bem separados cobertos de terra vermelha.

Nweke Ukpaka levantou a voz e gritou:

— *Kwo kwo kwo kwo kwo!*

Os demais responderam:

— *Kwooooooh oh!*

E todos começaram a rir muito com esta imitação de mulheres a agradecer um presente.

Cresceu a irritação do sr. Wright. Ele agarrou firmemente o chicote com a mão direita e plantou a outra ameaçadoramente no quadril esquerdo. Seu capacete branco fazia-o parecer ainda mais atarracado do que era. Moses Unachukwu estava falando excitadamente com ele, mas ele não parecia estar ouvindo. Olhava sem piscar para os dois atrasados que se aproximavam. Os outros ficaram imaginando o que estava para acontecer. Embora o homem branco sempre carregasse um chicote, ele o usava raramente; e, quando o fazia, dava a impressão de estar meio brincando. Mas esta manhã ele se tinha levantado da cama do lado esquerdo. Seu rosto fumegava de raiva.

Ao notar a postura do homem, Obika pôs mais arrogância no seu andar. Isso provocou mais risos nos homens. Ele fez menção de passar pelo sr. Wright, que, incapaz de controlar sua ira por mais tempo, lhe deu uma chicotada violenta. De novo o chicote funcionou e desta vez atingiu Obika na orelha, deixando-o furioso. Obika largou o machete e a enxada e avançou contra Wright. Mas Moses Unachukwu se lançou entre os dois. Ao mesmo tempo, os dois assistentes do sr. Wright rapidamente seguraram Obika, que recebeu mais meia dúzia de lambadas em suas costas nuas. Ele não lutou; apenas tremeu como o cordeiro destinado ao sacrifício, que recebe em silêncio os golpes dos dançarinos funerários antes que sua garganta seja cortada. Ofoedo tremeu também, mas, pela primeira vez na vida, viu uma luta passar-se diante dele, sem que pudesse fazer outra coisa a não ser olhar.

— Você está maluco? Atacar um homem branco? — gritou Moses Unachukwu, tomado de espanto. — Ouvi dizer que nem uma só pessoa na casa do seu pai tem a cabeça boa.

— O que você tem na cabeça quando diz isso? — perguntou um homem da aldeia de Obika, que tinha sentido na declaração de Unachukwu o cheiro da hostilidade entre Umuachala e Umunneora.

O grupo, que até então observara em silêncio, começou a brigar, e não demorou para que ameaças fossem gritadas de todos os lados e pelo menos uma pessoa metesse o dedo na cara da outra. Era muito mais fácil lidar com uma velha briga do que com um fato novo e sem precedentes.

— Calem a boca, seus macacos pretos, e vamos voltar ao trabalho! — O sr. Wright tinha uma voz rascante, mas que se ouvia longe.

Estabeleceu-se imediatamente a trégua. O sr. Wright voltou-se para Unachukwu:

— Diga-lhes que não mais tolerarei qualquer negligência.

Unachukwu traduziu.

— Diga-lhes que este trabalho infernal deverá estar terminado em junho.

— O homem branco diz que ou vocês acabam esse trabalho a tempo, ou saberão a espécie de homem que ele é.

— Não mais atrasos.

— Perdão?

— Perdão o quê? Será que você não entende o inglês claro e simples? Eu disse que não haverá mais atrasos.

— Ah! Ah!... Ele diz que todo mundo deve trabalhar duro e parar com toda essa comilança de merda.

— Tenho uma pergunta que quero que o homem branco responda. — Quem assim falou foi Nweke Ukpaka.

— O que é isso?

Unachukwu hesitou e coçou a cabeça.

— Aquele homem quer lhe fazer uma pergunta.

— Não há perguntas.

— Sim, senhor. — Unachukwu voltou-se para Nweke: — O homem branco diz que não deixou sua casa esta manhã para vir responder a suas perguntas.

A turma manifestou desagrado. Wright gritou que se não recomeçassem imediatamente a trabalhar seriam severamente tratados. Não havia necessidade de traduzir isso; estava bem claro.

Os machetes começaram a soar novamente nos troncos das árvores, e aqueles que trabalhavam com enxadas se inclinaram outra vez. Mas, enquanto trabalhavam, combinaram a realização de uma assembleia.

Não saiu nada desse encontro. O primeiro desacordo foi a respeito da presença de Moses Unachukwu. Muita gente — principalmente da aldeia de Umuachala — não via razão por que um homem de outro grupo de idade deveria participar de suas deliberações. Outros salientavam que esse era um encontro especial para discutir o homem branco e, por essa razão, seria tolo excluir o único compatriota que conhecia as maneiras de ser dessa gente branca. Nesse ponto, Ofoedo levantou-se e, para surpresa de todos, juntou-se àqueles que desejavam que Moses ficasse.

— Porém, meu motivo é diferente — acrescentou. — Desejo que ele repita diante de nós todos o que disse a respeito da família de Obika. Quero também que ele diga diante de nós todos se é verdade que ele incitou o homem branco a chicotear o nosso camarada. Quando ele nos tiver dado essas respostas, poderá ir embora. Vocês me perguntam por que ele deveria ir embora? Eu vou lhes dizer. Este é um encontro do grupo de idade Otakagu. Ele pertence ao Akakanma. E deixe-me lembrar a todos vocês, mas especialmente aos que estão murmurando e me interrompendo, que ele também pertence à religião do homem branco. Mas não quero falar nisso agora. Tudo o que tenho a dizer é que Unachukwu deve responder às perguntas que lhe fiz e, depois disso, pode ir embora e levar com ele todo o seu conhecimento das maneiras do homem branco. Todos nós ouvimos histórias de como ele obteve esses conhecimentos. De como ele deixou Umuaro e foi cozinhar, como uma mulher, na cozinha do homem branco e lambar seus pratos...

O resto da fala de Ofoedo foi afogado no tumulto que se seguiu. Era esta a maneira de ser de Ofoedo, muita gente estava dizendo: abrir a boca e soltar suas palavras vivas, sem dar-lhes nem sequer uma mordida nos seus dentes. Outros diziam que ele tinha falado a verdade. De qualquer forma, levou muito tempo para que a paz se estabelecesse novamente. Moses Unachukwu estava falando alguma coisa, mas só foi ouvido quando o tumulto se acalmou. Mas sua voz ficara completamente rouca.

— Se vocês me pedem para ir embora, farei isso imediatamente.

— Não vá!

— Nós lhe permitimos que fique!

— Mas se eu for embora, não será por causa do latir daquele cão raivoso. Se restar qualquer vergonha no mundo, como poderá aquela besta do mato que não tem como dar ao seu pai um segundo enterro, ficar de pé diante de vocês e lançar merda pela boca...

— Basta!

— Nós não viemos aqui para ofender a nós mesmos!

Quando a discussão recomeçou, alguém sugeriu que deveriam ir ter com os mais velhos de Umuaro e dizer-lhes que não podiam mais trabalhar na estrada do homem branco. Mas, à medida que um orador após outro revelava as implicações de tal passo, a ideia perdeu todo o apoio. Moses disse-lhes que o homem branco replicaria levando todos os líderes para a prisão de Okperi.

— Todos vocês sabem como somos amigos de Okperi. Vocês acham que algum homem de Umuaro que vá para a prisão lá voltará vivo? Mas, fora isso, vocês se esquecem de que essa é a lua do plantio? Vocês querem plantar as safras deste ano na prisão, numa terra onde seus pais devem uma vaca? Eu falo como um irmão mais velho. Viajei por Olu e tenho viajado em Ibo e posso lhes dizer que não há escapatória para o homem branco. Ele chegou. Quando o Sofrimento bate à sua porta e você diz que não há lugar onde possa sentar-se, ele lhe diz que não se preocupe, porque trouxe o seu próprio banco. O homem branco é assim. Antes que qualquer um de vocês tivesse idade suficiente para amarrar um pano entre as pernas, eu vi com meus próprios olhos o que o homem branco fez a Abame. Eu soube então que não havia escapatória. Assim como a luz do dia afugenta a escuridão, da mesma forma o homem branco desmanchará todos os nossos costumes. Sei que o que digo não entra nos ouvidos de vocês, mas acontecerá. O homem branco tem o poder que vem do verdadeiro Deus e queima como fogo. Este é o Deus sobre Quem pregamos todo oitavo dia...

Os oponentes de Unachukwu estavam agora gritando que aquele era um encontro de um grupo de idade, e que não estavam ali para mascar com ele a semente da tolice que chamavam de nova religião.

— Nós estamos discutindo sobre a estrada do homem branco — disse uma voz mais alta que as outras.

— É verdade, nós estamos discutindo a estrada do homem branco. Mas quando as paredes de uma casa caem o teto não resiste. O homem branco, a nova religião, os soldados, a nova estrada, tudo isso é parte de uma mesma coisa. O homem branco tem uma espingarda, um facão, um arco e leva fogo em sua boca. Ele não luta com uma arma só.

Nweke Ukpaka falou em seguida:

— Aquilo que um homem não sabe é maior do que ele. Aqueles de nós que desejam que Unachukwu vá embora esquecem que nenhum de nós consegue dizer “venha!” na língua do homem branco. Devemos ouvir o seu conselho. Se nós formos aos nossos mais velhos e lhes dissermos que já não queremos trabalhar na estrada do homem branco, o que pretendemos que eles façam? Por acaso nossos pais irão pegar as enxadas e machetes e sair para trabalhar eles próprios, enquanto ficaremos sentados em casa? Eu sei que muitos de nós gostariam de lutar

contra o homem branco. Porém, só um homem tolo vai atrás de um leopardo com as mãos nuas. O homem branco é como uma sopa quente, e nós devemos tomá-lo lentamente e pelas beirinhas da tigela. Umuaro estava aqui antes que o homem branco viesse de sua terra até nós. Não lhe pedimos que nos visitasse; ele não é nosso conterrâneo nem nosso parente. Nós não roubamos sua cabra nem sua galinha. Nós não tomamos sua terra nem sua mulher. Nós não lhe fizemos nenhum mal. E, no entanto, ele veio para nos causar problemas. Tudo que sabemos é que nosso *ofò* se mantém alto entre nós e ele. O estranho não matará o hospedeiro com sua visita; quando ele for embora, que não parta com as costas machucadas. Eu sei que o homem branco não deseja o bem de Umuaro. Esta é a razão pela qual nós devemos manter nosso *ofò* perto dele e não lhe dar motivo para dizer que fizemos isto ou deixamos de fazer aquilo. Pois se lhe dermos motivo, ele vai se regozijar. Por quê? Porque a casa que ele tem procurado derrubar pegou fogo por sua própria vontade. Por esta razão, devemos continuar trabalhando na estrada; e, quando ela terminar, devemos perguntar-lhe se ele tem mais trabalho para nós. Mas, ao lidar com um homem que pensa que você é tolo, é bom algumas vezes lembrá-lo de que você sabe tanto quanto ele, mas decidiu parecer tolo pelo bem da paz. Este homem branco pensa que nós somos tolos. Então nós lhe faremos uma pergunta. Esta era a pergunta que eu queria fazer-lhe esta manhã, mas ele não ouviu. Nós costumamos dizer que um homem pode recusar-se a fazer aquilo que se pede dele, mas não pode se recusar a ser perguntado. Mas parece que o homem branco não tem esse modo de pensar na terra de onde veio. De qualquer forma, a pergunta que eu queria pedir à Unachukwu que lhe fizesse é esta: por que não somos pagos para trabalhar em sua estrada? Eu ouvi dizer que em toda a região de Olu e Ibo, onde quer que as pessoas façam esse tipo de trabalho, o homem branco lhes paga. Por que conosco deveria ser diferente?

Ukpaka era um orador persuasivo; depois dele ninguém mais se levantou para falar. E a única decisão do encontro foi tomada nesse momento. O grupo de idade Otakagu pediu à Unachukwu que procurasse um momento apropriado, quando fosse seguro aproximar-se do homem branco, e lhe perguntasse por que não tinha dado dinheiro aos rapazes para trabalhar em sua estrada.

— Eu lhe levarei a mensagem — declarou Unachukwu.

— A mensagem não está completa — atalhou Nwoye Udora. — Não é suficiente perguntar-lhe por que não somos pagos. Ele sabe por que e nós sabemos também. Ele sabe que, em Okperi, aqueles que fazem este tipo de trabalho são pagos. Portanto, a pergunta que você deve fazer é esta: se outros são pagos por este trabalho; por que nós não somos? Por acaso o nosso trabalho é diferente? É importante perguntar-lhe se o nosso é diferente.

Todos concordaram, e a reunião terminou.

— Suas palavras foram muito boas — alguém disse a Nwoye Udora quando saíam da praça do mercado. — Talvez o homem branco nos conte se matamos seu pai ou sua mãe.

Ezeulu não estava tão quebrado como sua jovem mulher temia. É verdade que sentia dores nos pés e nas coxas e sua saliva tinha um gosto amargo. Mas ele se prevenira contra os piores efeitos de seu esforço excessivo, ao ter o corpo esfregado com um leve unguento de pau-campeche assim que voltou para casa, e se assegurado de que, a noite inteira, um pouco de lenha queimasse ao lado de sua cama baixa de bambu. Não havia melhor remédio do que o pau-campeche e o fogo. Logo o sacerdote se levantaria tão saudável que, se alguém tivesse contado a Ezeulu a

preocupação de sua mulher mais nova, ele teria rido. Isso mostrava quão pouco de um marido suas mulheres conheciam, especialmente quando, como Ugoye, elas não eram mais velhas do que os primeiros filhos desse homem. Se Ugoye tivesse conhecido Ezeulu em seus primeiros anos como sacerdote, talvez pudesse compreender que a exaustão sentida por ele depois do festival nada tinha a ver com a idade avançada. Era possível que Ezeulu não tivesse sido afetado por isso. Suas filhas fizeram pouco da preocupação da esposa, porque o conheciam melhor, sendo suas filhas. Sabiam que o cansaço era um resultado necessário ao festival. Era parte do sacrifício. Pois quem poderia pisar com os pés os pecados e as abominações de toda Umuaro e não sangrar na poeira os pés? Nem mesmo um sacerdote tão poderoso quanto Ezeulu poderia esperar fazer isso.

A história de que o homem branco tinha chicoteado Obika espalhou-se pelas aldeias, enquanto o grupo de idade celebrava sua assembleia à sombra dos pés de *ogbu*, na praça do mercado. Foi a mulher de Edogo, que voltava do mato com um feixe de lenha à cabeça, quem trouxe a notícia para o *compound* de Ezeulu. Este foi despertado do sono pela mãe e a irmã de Obika. Ezeulu atirou fora a esteira com a qual se cobrira e ficou rapidamente de pé, com o pensamento a correr para a morte. Mas, então, ouviu que a mulher de Edogo falava, o que não aconteceria se alguém tivesse morrido. Sentou-se na beira da cama e, levantando a voz, chamou a mulher de Edogo. Esta imediatamente entrou no *obi*, seguida por seu marido, que estava esculpindo uma porta de *iroko* para o *compound* de um homem titulado.

— O que você está dizendo? — Ezeulu perguntou a Amoge. Ela repetiu a história que ouvira.

— Chicoteado? — perguntou, incapaz de compreender. — Mas que ofensa ele cometeu?

— Os que contaram a história não disseram.

Ezeulu contraiu o rosto, pensativo.

— Eu acho que ele chegou tarde, mas o homem branco não chicotearia um homem crescido, que também é meu filho, só por isso. Ele teria sido obrigado a pagar uma multa para o seu grupo de idade por chegar atrasado. Não teria sido chicoteado. Mas talvez ele tenha batido no homem branco em primeiro lugar...

Edogo ficou tocado pela aflição que seu pai sentia, mas tentava esconder. Poderia ter tido ciúme de seu irmão mais moço, mas não teve.

— Acho que irei a Nkwo, onde eles estão fazendo uma reunião — disse Edogo. — Essa história para mim não tem pé nem cabeça.

Retornou à sua cabana, pegou o facão e preparou-se para sair.

Seu pai, que ainda estava tentando entender como tudo tinha acontecido, chamou-o de volta. Quando ele entrou, Ezeulu aconselhou-o a não ser rude.

— Se bem conheço seu irmão, é muito possível que tenha sido ele quem desfechou o primeiro golpe. Principalmente porque estava bêbado quando saiu de casa.

Já havia uma mudança em seu tom de voz, e Edogo quase sorriu.

Ele voltou a sair, usando apenas seu pano de trabalho — uma faixa longa e estreita que lhe passava entre as pernas e se amarrava em volta da cintura, com uma das extremidades pendurada na frente e a outra atrás.

A mãe de Obika saiu do *compound* fungando e esfregando o punho nos olhos.

— Para onde é que esta vai? — perguntou Ezeulu. — Vejo que aqueles que lutarão contra o

homem branco estão se alinhando.

E riu quando Matefi virou-se para ouvir o que ele estava dizendo.

— Volte para sua cabana, mulher!

Edogo já tinha alcançado o caminho principal e virara à esquerda.

Ezeulu sentou-se na pracha de *iroko*, com as costas apoiadas na parede, de forma a poder ver quem quer que se aproximasse do seu *compound*. Sua mente corria para cima e para baixo em diferentes direções, tentando inutilmente encontrar sentido para a história do chicoteamento. Pensava no homem branco que por ele fora responsável. Ezeulu o tinha visto e ouvido sua voz quando ele expusera aos mais velhos de Umuaro o plano da nova estrada. Quando se soube que o homem branco viria falar aos anciãos, Ezeulu pensara que este seria o seu amigo, Wintabota, o Destruidor de Armas. Ficara profundamente desapontado ao ver que era outro homem branco. Wintabota era alto e ereto e tinha o porte de um grande homem. Sua voz soava como um trovão. Este outro era atarracado e cabeludo como um macaco. Falava de uma maneira esquisita, quase sem abrir a boca. Ezeulu pensou que ele pudesse ser uma espécie de trabalhador braçal a serviço de Wintabota.

Algumas pessoas apareceram na junção do caminho principal e das sendas que levavam ao *compound* de Ezeulu. Ele virou a cabeça para vê-los, mas os homens passaram.

Ezeulu chegou finalmente à decisão de que, a menos que seu filho estivesse em falta, lhe cabia ir pessoalmente a Okperi, denunciar o homem branco a seu chefe. Mas seus pensamentos foram interrompidos pela súbita aparição de Obika e Edogo. Atrás deles vinha um terceiro homem, que logo reconheceu como Ofoedo. Ezeulu nunca poderia se acostumar a este jovem desprezível, que se arrastava atrás de seu filho como um abutre atrás de um cadáver. Sentia uma raiva tão grande que esta chegava a abarcar o filho.

— Qual foi a causa do chicoteamento? — perguntou a Edogo, ignorando os outros dois. A mãe de Obika e todas as outras pessoas do *compound* se apressaram a entrar no *obi* de Ezeulu.

— Eles estavam atrasados para o trabalho.

— Por que vocês estavam atrasados?

— Eu não voltei para casa para responder às perguntas de ninguém — berrou Obika.

— Você pode responder ou não. Como quiser. Porém, deixe-me dizer-lhe que este é apenas o início do que o vinho de palma trará para você. A morte que matará um homem começa assim, como uma propensão.

Obika e Ofoedo saíram do *obi*.

O lar de Edogo fora construído encostado ao *compound* de seu pai, de forma que eles tinham uma parede em comum. Era uma propriedade muito pequena, com duas cabanas, uma para Edogo e outra para sua mulher, Amoge. Fora deliberadamente feita assim, pois, tal qual os *compounds* de muitos primogênitos, não era senão um lar temporário, onde Edogo moraria até herdar a casa do pai.

Outro pequeno *compound* tinha sido construído recentemente do outro lado do de Ezeulu, para o seu segundo filho, Obika. Mas não era tão pequeno quanto o de Edogo. Também tinha duas cabanas, uma para Obika e outra para a noiva que chegaria em breve.

Para quem, vindo da rua principal da aldeia, se aproximasse do *compound* de Ezeulu, a casa de Edogo ficava à esquerda e a de Obika à direita.

Quando Obika foi embora com seu amigo, Edogo voltou à sombra da árvore *ogbu* que havia na frente de seu *compound* para recomeçar o trabalho na porta que estava esculpindo. Quando o terminasse, abandonaria por algum tempo o ofício de esculpturar, para dedicar-se à sua roça. Ele invejava os mestres como Agwuegbo, cujas terras eram cultivadas por seus aprendizes e fregueses.

Enquanto esculpia, sua mente não se afastava da cabana de sua mulher, de onde ele ouvia o choro do único filho que tinham. Era o seu segundo, tendo o primeiro morrido aos três meses. O primeiro já trouxera a doença dentro dele: um sulco corria no meio de sua cabeça. Mas o segundo, Amechi, tinha sido diferente. Ao nascer, parecera tão cheio de vida. E depois, mais ou menos no sexto mês, mudara da noite para o dia. Parou de mamar no peito da mãe e sua pele ficou com a cor das folhas murchas de inhame. Algumas pessoas diziam que talvez o leite de Amoge tivesse ficado azedo. Pediram-lhe que esguichasse um pouco do leite numa tigela para ver se mataria uma formiga. Como, porém, a pequena formiga jogada dentro dele ficou viva, o problema não era do leite.

Edogo sofria por causa da criança. Algumas pessoas já estavam dizendo que talvez o menino não fosse outro senão o primeiro. Mas Edogo e Amoge nunca falavam sobre isso. A mulher tinha medo. Uma vez que o falar em voz alta tinha o poder de transformar o medo numa verdade viva, eles não ousavam dizer nada, a não ser que fossem obrigados a fazê-lo.

Em sua cabana, Amoge estava sentada num banco baixo, a criança que chorava colocada no ângulo formado pelos pés que se tocavam nos calcanhares. Após algum tempo, ela levantou os pés e os moveu com a criança para outro lugar, deixando atrás, no chão, uma mancha redonda de excremento aguado e verde. Olhou em volta do aposento, mas não pareceu encontrar o que queria. Então chamou: *Nwanku! Nwanku! Nwanku! Nwanku!* Um cachorro magro e preto correu do lado de fora para dentro e foi direto para o excremento, que desapareceu em quatro ou cinco barulhentos e rápidos movimentos de sua língua. Depois, o cão sentou-se, com a cauda sacudindo no chão. Amoge moveu os pés e a criança de novo, porém, dessa vez, o que ficou para trás foi uma minúscula mancha verde. *Nwanku* não a considerou suficientemente grande para justificar que se levantasse; simplesmente esticou o pescoço, pegou-a com a ponta da língua e ficou sentado, à

espera. Mas a criança terminara, e o cachorro passou a tentar, sem êxito, apanhar uma mosca entre as mandíbulas.

Os pensamentos de Edogo se recusavam a se concentrar na porta que estava esculpindo. Uma vez mais, largou o martelo e mudou o formão da mão esquerda para a mão direita. A criança parara de chorar, e a mente de Edogo voltou-se para a recente troca de palavras entre seu pai e seu irmão. O problema de Ezeulu é que ele nunca podia, ao ver uma coisa, tirar os olhos dela. Todos concordavam que a amizade de Obika e Ofoedo não poderia trazer nada de bom, mas Obika já não era uma criança e, se se recusava a ouvir conselhos, deviam deixá-lo em paz. Isso seu pai jamais aprenderia. Ele precisava continuar a tratar seus filhos crescidos como meninos pequenos, e se estes alguma vez dissessem não, haveria uma grande briga. Era essa a razão pela qual, à medida que seus filhos ficavam mais velhos, mais ele parecia deixar de gostar deles. Edogo lembrava-se de quanto seu pai o amava quando ele era menino e de como, com a passagem dos anos, ele transferira essa afeição, primeiro para Obika e, depois, para Oduche e Nwafo. Pensando nisso agora, Edogo não conseguia realmente lembrar-se de que seu pai tivesse jamais demonstrado muita afeição por Oduche. Parecia ter se demorado muito em Obika (que, de todos os seus filhos, era quem mais se parecia com ele) e, depois, substituíra Oduche por Nwafo. O que aconteceria se o velho tivesse outro filho no dia seguinte? Por acaso Nwafo começaria então a ser desfavorecido? Talvez. Ou haveria mais do que isso? Haveria alguma coisa no menino, Nwafo, que dissesse a seu pai que finalmente um sucessor ao sacerdócio chegara? Algumas pessoas diziam que Nwafo era, sob todos os aspectos, uma imagem do pai de Ezeulu. Na realidade, Edogo se sentiria grandemente aliviado se, ao morrer seu pai, o cordão de contas do adivinho caísse em favor de Nwafo.

— Eu não quero ser sumo sacerdote — ele ouviu-se dizendo a si mesmo em voz alta.

Olhou em volta instintivamente, para ver se alguém estava perto o bastante para tê-lo ouvido.

“Quanto a Obika”, pensou, “coisas tais como sacerdócio nem chegam perto da cabeça dele.” O que deixava apenas Oduche e Nwafo. Mas, como Ezeulu tinha mandado Oduche para a nova religião, já não se podia contar com ele.

Um estranho pensamento tomou conta de Edogo. Seria possível que seu pai tivesse deliberadamente mandado Oduche para a religião do homem branco, a fim de desqualificá-lo para o sacerdócio de Ulu? Largou o formão com o qual estava distraidamente acertando as linhas cruzadas da porta de iroco. Isso explicaria tudo. O sacerdócio, então, recairia no seu filho mais novo e favorito. A razão que Ezeulu dera para sua estranha decisão jamais convenceria ninguém. Se, tal como ele dissera, simplesmente queria que um de seus filhos fosse seu olho e seu ouvido nessa nova assembleia, por que não enviara Nwafo, que estava mais próximo de seus pensamentos? Não, esta não era a razão. O sacerdote queria ter uma mão na escolha de seu sucessor. Era o que qualquer pessoa que conhecesse Ezeulu esperava que ele fizesse. Mas não estaria Ezeulu presumindo demais? A escolha de um sacerdote devia ser atribuída à divindade. Era provável que ela deixasse o velho sacerdote forçar a mão? Embora Edogo e Obika não parecessem atraídos pelo ofício, isso não evitaria que a divindade escolhesse qualquer um deles, ou até mesmo Oduche, só para contrariar. O pensamento de Edogo tornou-se confuso. Se Ulu resolvesse escolhê-lo para ser sumo sacerdote, o que faria? Este pensamento nunca o havia preocupado antes, porque sempre tomara como coisa certa que Ulu não o queria. Mas a maneira como ele agora via as coisas não lhe dava certeza disso. Será que seria feliz se as contas do

adivinho caíssem em seu favor? Ele não podia responder. Talvez a única felicidade segura que isso lhe daria seria saber que a parcialidade de seu pai pelos filhos mais moços tinha sido frustrada pela própria divindade. Do Ani-Mmo, para onde os homens mortos iam, Ezeulu olharia para cima e veria o malogro de todos os seus planos.

Edogo surpreendeu-se com a má vontade que demonstrava para com seu pai e abrandou um pouco. Lembrou-se de que sua mãe costumava dizer, quando era viva, que o único defeito de Ezeulu era esperar que todos — suas mulheres, seus parentes, seus filhos, seus amigos e até mesmo seus inimigos — pensassem e agissem da mesma forma que ele. Considerava inimigo quem quer que lhe ousasse dizer não. Ele se esquecera do que costumavam dizer os anciãos: se um homem buscasse um companheiro que agisse inteiramente igual a ele, viveria na solidão.

Ezeulu continuou sentado no mesmo lugar, muito tempo depois da briga com Obika. Suas costas estavam apoiadas contra a parede e tinha o olhar posto na entrada do *compound*. De vez em quando, parecia examinar o altar colado à parede baixa do umbral que tinha à frente. À sua esquerda, havia um longo assento de barro, coberto por peles de cabra. Os beirais daquela parte da cabana eram tão estreitos que Ezeulu podia observar o céu, para ver surgir a lua.

Durante o dia, a luz entrava na cabana, principalmente daquele lado. Nwafo estava acocorado no assento de barro, defronte de seu pai. No outro lado do aposento, à direita de Ezeulu, estava sua cama baixa de bambu e, ao lado dela, uma pequena fogueira de *ukwa* ardia lentamente.

Sem mudar o olhar de direção, Ezeulu começou a falar com Nwafo:

— Um homem não diz uma mentira para seu filho. Lembre-se disso sempre. Dizer “Meu pai me disse” é fazer o maior dos juramentos. Você é apenas um menino, mas eu não era mais velho do que você quando meu pai começou a confiar em mim. Você está ouvindo o que eu estou dizendo?

Nwafo respondeu que sim.

— Veja o que aconteceu com o seu irmão. Dentro de poucos dias, chegará sua noiva, e ele não será mais chamado de criança. Quando estranhos o virem, não mais perguntarão: “De quem é filho esse rapaz?”. Mas: “Quem é ele?”. De sua mulher, eles não dirão mais: “De quem ela é filha?”. Mas: “De quem ela é mulher?”. Você me entende?

Nwafo viu que o rosto do pai começava a brilhar de suor. Alguém estava vindo em direção à cabana, e ele parou de falar.

— Quem vem lá?

Ezeulu apertou os olhos num esforço para ver. Nwafo pulou do assento de barro e veio para o centro da cabana para olhar melhor.

— É Ogbuefi Akuebue.

Akuebue era um dos poucos homens de Umuaro cujas palavras entravam no ouvido de Ezeulu. Os dois eram do mesmo grupo de idade. Ao aproximar-se, Akuebue levantou a voz e perguntou:

— Por acaso o dono desta casa ainda está vivo?

— Quem é este homem? — perguntou Ezeulu. — Não me disseram que você morreu há dois mercados a partir do próximo?

— Talvez você não saiba que todos os do seu grupo de idade já morreram há muito tempo. Ou você está esperando que os cogumelos cresçam na sua cabeça, antes de saber que seu tempo

terminou?

Akuebue estava agora dentro da cabana, mas ainda mantinha a postura que assumira para passar sob os beirais baixos — a mão direita apoiada acima do joelho e o corpo inclinado na cintura. Sem levantar-se totalmente, apertou a mão do sumo sacerdote. Depois, estendeu sua pele de cabra no chão perto do banco de barro e sentou-se.

— Como está sua gente?

— Eles estão tranquilos.

Esta era a maneira como Akuebue sempre respondia sobre sua família. Isso divertia enormemente Nwafo. Ele compunha na sua mente um quadro com as mulheres e filhos desse homem sentados tranquilamente, com as mãos no regaço.

— E os seus? — perguntou a Ezeulu.

— Ninguém morreu.

— Estão dizendo que Obika foi chicoteado pelo homem branco?

Ezeulu abriu as palmas das mãos para o céu e não disse nada.

— Qual foi a ofensa que ele praticou?

— Meu amigo, vamos falar de outras coisas. Houve um tempo em que um acontecimento como este teria me causado uma febre, mas esse tempo já passou. Nada mais significa coisa alguma para mim. Vá e peça à sua mãe para mandar-me uma noz-de-cola, Nwafo.

— Ela disse esta manhã que suas nozes-de-cola tinham acabado.

— Vá e peça a Matefi, então.

— Você precisa se preocupar com nozes-de-cola todas as vezes? Eu não sou um estranho.

— Não me ensinaram que a noz-de-cola fosse comida para estranhos — disse Ezeulu. — E, além disso, por acaso o nosso povo não afirma que aquele que trata seu irmão pior que um estranho é um tolo? Mas eu sei do que você tem medo: me disseram que você perdeu todos os dentes.

Enquanto dizia isso, Ezeulu pegou, de um recipiente de madeira que tinha a forma da cabeça de um lagarto, um pedaço de argila branca e rolou-o no solo na direção de Akuebue. Este apanhou-o e desenhou com ele quatro linhas retas no chão. Depois, pintou o dedão de seu pé direito e rolou o giz de volta para Ezeulu, que o pôs de volta no recipiente de madeira.

Nwafo retornou, com uma noz-de-cola num outro recipiente.

— Mostre-a para Akuebue — ordenou o pai.

— Eu já a vi — replicou Akuebue.

— Então, faça o favor de abri-la.

— Não. A noz-de-cola do rei volta para as suas mãos.

— Se você o diz.

— De fato, eu o digo.

Ezeulu tomou o recipiente de Nwafo e colocou-o no chão, entre as pernas. Depois, pegou a noz-de-cola com a mão direita e rezou. À medida que dizia cada sentença, ele estendia a mão para a frente, com a palma para cima, a noz-de-cola segura pelo polegar contra os quatro dedos.

— Ogbuefi Akuebue, possa você viver e toda a sua gente. Eu também viverei com toda a minha gente. Mas a vida só não é bastante. Que possamos ter as coisas com as quais viver bem. Pois há uma espécie de vida lenta e aborrecida que é pior do que a morte.

— Você fala a verdade.

— Possa o bem estar ao alcance do homem que está por baixo. Mas deixemos aquele que tem ciúme da posição do outro engasgar-se com sua inveja.

— Assim seja.

— Possa o bem vir para a terra dos ibos e para a terra do povo ribeirinho.

Partiu, então, a noz-de-cola com as mãos e jogou os lóbulos dentro do recipiente no chão.

— Fiu fi-fio o-o — ele assoviou. — Olhe o que aconteceu. Os espíritos querem comer.

Akuebue esticou o pescoço para ver.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Na verdade eles querem comer.

Ezeulu pegou um lóbulo e jogou fora. Depois, pegou outro e o pôs na boca. Nwafo adiantou-se, pegou o recipiente do chão e serviu Akuebue. Durante alguns instantes ninguém falou; somente o som das nozes-de-cola sendo mastigadas quebrava o silêncio.

— É estranha a maneira como as nozes-de-cola se portam — disse Ezeulu, depois de ter engolido duas vezes. — Eu não me lembro de quando vi uma com seis lóbulos pela última vez. Na verdade, é muito rara, e você só vê uma quando não está procurando por ela. Mesmo cinco não é comum. Há alguns anos, tive de comprar quatro ou cinco cestas de nozes-de-cola antes de encontrar uma com cinco lóbulos, para um sacrifício. Nwafo, vá à casa de sua mãe e traga-me uma grande cabaça de água fresca... este tipo de calor não vem de mãos vazias. Penso que há água no céu. Este é o calor antes da chuva.

Ao dizer isso, levantou-se, curvado, deu alguns passos até sua cama de bambu e pegou a sacola de pele de cabra. A sacola estava costurada com grande habilidade. Parecia que a cabra que vivera nela tinha sido puxada para fora como se puxa um caracol de sua concha. Tinha quatro pernas curtas, e o rabo estava intacto. Ezeulu levou a sacola para seu assento e começou a procurar, com o braço metido até o fundo, pela sua pequenina garrafa de rapé. Quando a encontrou, colocou-a no chão e começou a procurar a pequenina colher de marfim. Logo a encontrou também, e pôs a sacola a seu lado. Pegou novamente a pequenina garrafa branca, levantou-a para ver quanto ainda continha de rapé e, depois, bateu levemente com ela no joelho. Abriu a garrafa e deixou cair um pouco do conteúdo na sua palma esquerda.

— Dê-me um pouco dessa coisa para limpar minha cabeça — disse Akuebue, que acabara de beber sua água.

— Venha e pegue — replicou Ezeulu. — Você não pretende que eu lhe forneça o rapé e também que ande até aí, que lhe dê uma esposa e que lhe arranje uma esteira para dormir.

Akuebue levantou-se meio ereto, com a mão direita sobre o joelho e a palma esquerda aberta em direção a Ezeulu.

— Eu não brigarei com você — disse ele. — Você está com o inhame e a faca.

Ezeulu transferiu duas colheres cheias de rapé da palma de sua mão para a de Akuebue e, depois, tirou mais um pouco da garrafinha para si próprio.

— É um bom rapé — afirmou Akuebue.

Uma de suas narinas tinha marcas marrons do pó. Ele pegou outro pequeno montinho de sua mão esquerda em concha com o polegar direito e o pôs na outra narina. Jogou a cabeça para trás e fungou três ou quatro vezes. Ficou com as marcas do rapé nas duas narinas. Ezeulu usou a colherinha de marfim em vez do polegar.

— Não compro o meu rapé no mercado — disse Ezeulu. — Esta é a razão.

Edogo entrou, com uma cabaça de vinho de palma balançando de uma corda curta amarrada

em volta do gargalo. Cumprimentou Akuebue e seu pai e colocou no chão a cabaça.

— Eu não sabia que você tinha vinho de palma — disse Ezeulu.

— Esse vinho acabou de me ser enviado pelo proprietário da porta que estou esculpindo.

— E por que você traz esse vinho quando está aqui este meu amigo que herdou o estômago de todos os seus parentes mortos?

— Mas eu não ouvi Edogo dizer que o trouxe especialmente para você.

Voltou-se para Edogo e perguntou:

— Ou será que você disse isso?

Edogo riu e disse que o vinho era para os dois.

Akuebue tirou de sua sacola um grande chifre de vaca e bateu com ele três vezes no chão. Depois esfregou sua borda com a palma da mão, a fim de remover a sujeira. Ezeulu tirou o seu chifre da sacola que tinha ao lado e estendeu-o para que Edogo o enchesse. Depois de servi-lo, Edogo levou a cabaça até Akuebue e encheu o chifre dele. Antes de beberem, Ezeulu e Akuebue lançaram um pouco no chão e murmuraram um quase inaudível oferecimento aos seus antepassados.

— Meu corpo está cheio de dores — disse Ezeulu — e eu não acho que este vinho de palma me fará bem.

— Eu posso lhe assegurar que não — afirmou Akuebue, após sorver o primeiro chifre e fazer uma careta, como se estivesse esperando que um som dentro de sua cabeça lhe dissesse se o vinho era bom ou não.

Edogo tirou o chifre da mão de seu pai e o encheu para si próprio. Nesse momento, entrou Oduche, cumprimentou seu pai e Akuebue e sentou-se com Nwafo no banco de barro. Desde que se juntara à religião do homem branco, usava sempre uma tanga de tecido atoalhado em vez da estreita tira de pano entre as pernas. Edogo encheu o chifre novamente e ofereceu a Oduche, mas este afirmou que não bebia.

— E você, Nwafo? — indagou Edogo. Ele também respondeu que não.

— Quando é que você disse que vai para Okperi? — perguntou Ezeulu a Oduche.

— Depois de amanhã.

— Por quanto tempo?

— Por dois mercados.

Ezeulu parecia estar dando voltas a isso na sua mente.

— O que você vai fazer lá? — perguntou Akuebue.

— Eles desejam testar nosso conhecimento do livro sagrado.

Akuebue deu de ombros.

— Eu não estou certo de que você irá — disse Ezeulu. — Mas deixe os dias passarem, e eu decidirei.

Ninguém falou mais nada sobre o assunto. Oduche conhecia suficientemente o seu pai para protestar. Akuebue bebeu outro chifre de vinho e começou a rilhar os dentes. A voz que ele estava esperando tinha falado e declarara que o vinho era bom. Bateu com o chifre no chão algumas vezes e orou.

— Possa o homem que sangrou este vinho ter vida longa, para continuar seu bom trabalho. Possam aqueles de nós que o bebemos também viver. A terra de Olu e a terra de Ibo.

Ele esfregou a beira do chifre antes de repô-lo na sacola.

— Beba um chifre mais — disse Edogo.

Akuebue esfregou a boca com as costas das mãos antes de responder.

— O único remédio contra o vinho de palma é o poder de dizer não.

Esta declaração pareceu trazer Ezeulu de volta às pessoas que o cercavam.

— Antes que você entrasse — declarou a Akuebue —, eu estava dizendo àquele menininho ali que o maior mentiroso dos homens ainda diz a verdade a seu filho.

— É certo — confirmou Akuebue. — Um homem pode jurar diante da mais temível divindade ser verdade o que o seu pai lhe disse.

— Se um homem não tem certeza do limite entre sua terra e a do vizinho — continuou Ezeulu —, ele diz a seu filho: “Eu penso que é aqui, mas, se há uma disputa, não jure diante da divindade”.

— É isso mesmo — confirmou Akuebue.

— Mas quando um homem fala a verdade e seus filhos preferem aceitar a mentira...

Sua voz foi se elevando a cada palavra, a caminho de uma perigosa maldição. Mas, com uma violenta sacudidela da cabeça, interrompeu o que estava dizendo. Quando recomeçou a falar, foi de modo mais tranquilo.

— É por isso que um estranho pôde chicotear um filho meu e sair são e salvo. Porque o meu filho tampou os ouvidos para as minhas palavras. Não fosse assim, o estranho já teria aprendido que não se deve insultar Ezeulu. Cachorros já teriam lambido os seus olhos. Eu o teria engolido inteiro e vomitado. Eu lhe teria raspado a cabeça sem molhar os cabelos.

— Então Obika deu o primeiro golpe? — perguntou Akuebue.

— Como é que vou saber? Tudo o que posso dizer é que ele estava cego de vinho de palma quando saiu daqui pela manhã. E quando voltou, faz pouco tempo, ainda não tinha clareado os olhos.

— Mas dizem que ele não deu o primeiro golpe — arriscou Edogo.

— Você estava lá? — perguntou seu pai. — Você juraria diante da divindade sobre o que um homem bêbado lhe diz? Se eu tivesse certeza de que meu filho agiu direito, você acha que eu estaria aqui sentado, falando com você, enquanto o homem que enfiou um dedo nos meus olhos vai para casa dormir? Se eu não lhe fizesse mais nada, ao menos pronunciaria algumas palavras contra ele, e ele saberia o poder da minha boca.

Sua testa voltou a cobrir-se de suor.

— O que você diz é verdade — disse Akuebue. — Mas, na minha maneira de pensar, há algo que podemos fazer: localizar aqueles que viram se Obika deu o primeiro golpe ou...

Ezeulu não o deixou terminar:

— Por que iria eu sair à procura de estranhos, para saber o que meu filho fez ou deixou de fazer? Era eu quem deveria lhes estar dizendo isso.

— Isto é verdade. Mas, primeiro, vamos afugentar o gato selvagem. Depois, culparemos a galinha.

Akuebue virou-se para Edogo:

— Onde está Obika?

— Parece que o que eu disse não entrou no seu ouvido — disse Ezeulu. — Onde...

Edogo interrompeu-o:

— Ele saiu com Ofoedo. Foi embora porque nosso pai, antes de culpá-lo, não lhe perguntou o

que aconteceu.

Esta acusação inesperada picou Ezeulu como uma formiga preta. Mas ele conseguiu controlar-se e, para surpresa de todos, encostou-se contra a parede e fechou os olhos. Quando os reabriu, começou a assoviar baixinho para si próprio. Akuebue assentiu com a cabeça quatro ou cinco vezes, como um homem que acaba de descobrir uma inesperada verdade. Ezeulu moveu a cabeça de um lado para outro e de cima para baixo, enquanto continuava seu quase silencioso assovio.

— Isso é o que eu digo aos meus filhos — declarou Akuebue a Edogo e aos dois meninos. — Eu lhes digo que um pai sempre tem mais bom senso do que seus filhos.

Era claro que dizia isso para abrandar Ezeulu; mas, ao mesmo tempo, era claro que ele falava a verdade.

— Aqueles de vocês que pensam que são mais sábios que seus pais esquecem que foram eles quem lhes legaram a forma de pensar. Esse é o sentido do ditado em que se afirma que o menino que tenta lutar com seu pai fica cego pela tira de pano entre as pernas do velho. Por que eu falo assim? Porque não sou um estranho na casa de seu pai e não tenho medo de dizer o que penso. Sei quantas e quantas vezes seu pai pediu a Obika que largasse a amizade com Ofoedo. Por que Obika não lhe deu ouvidos? Porque vocês todos, não apenas Obika, mas vocês todos, inclusive aquele pequenino ali, vocês todos pensam que sabem mais do que seu pai. Meus próprios filhos são assim. Mas há uma coisa que vocês todos esquecem. Vocês esquecem que uma mulher que começa a cozinhar antes de outra deve ter mais utensílios quebrados. Quando nós, mais velhos, falamos, não é por causa da doçura das palavras em nossa boca; é porque nós vemos alguma coisa que vocês não veem. Nossos pais fizeram um provérbio sobre isso. Eles diziam que, quando vemos uma mulher velha parar mais de uma vez durante a dança e apontar numa mesma direção, podemos ter a certeza de que lá, naquele lugar para onde ela aponta, alguma coisa aconteceu, muito tempo atrás, que tocou as raízes de sua vida. Quando Obika voltar, conte-lhe o que eu disse, Edogo. Você me ouve?

Edogo assentiu. Ele estava imaginando se era verdade que um homem nunca mente para seus filhos.

Akuebue deu uma volta com seu traseiro e encarou Ezeulu.

— É este o orgulho de Umuaro: nós nunca vemos um lado como certo e o outro como errado. Eu falei com as crianças e, agora, não tenho medo de falar com você. Julgo que você é muito duro com Obika. Além da sua alta posição como sumo sacerdote, você também é abençoado com um grande *compound*. Mas em todos os grandes *compounds* deve sempre haver pessoas de todos os tipos: algumas boas, algumas más, algumas corajosas e algumas covardes, aquelas que trazem riqueza e aquelas que a desperdiçam, aquelas que dão bons conselhos e aquelas que só falam as palavras do vinho de palma. Essa é a razão pela qual nós dizemos que, seja qual for a melodia que se tocar no *compound* de um grande homem, haverá sempre alguém capaz de dançá-la. Eu o saúdo.

Embora Tony Clarke já estivesse havia quase seis semanas em Okperi, a maior parte de sua bagagem, inclusive sua louça, chegara apenas quinze dias antes — na realidade, um dia antes que ele saísse de viagem. Essa era a razão pela qual não tinha podido até então convidar o capitão Winterbottom para comer em sua casa.

Enquanto esperava a chegada do convidado, o sr. Clarke não se sentia à vontade. Um dos problemas de viver num lugar como este, com apenas quatro outros europeus (de três dos quais se sabia que estavam sob observação dos comissários políticos), era que se tinha de enfrentar completamente sozinho um hóspede como Winterbottom. Este não era, é certo, o primeiro encontro social deles. Haviam jantado juntos pouco tempo antes, e as coisas não tinham se passado mal. Naquela ocasião, porém, Clarke fora o convidado, isento, portanto, de responsabilidades. Agora, seria o anfitrião, e recairia sobre ele o ônus de manter a conversa viva ao longo do árduo ritual dos drinques, da comida, do café e de mais álcool, a alongar-se até meia-noite. Se ao menos ele pudesse ter convidado alguém mais, como John Wright, com quem fizera uma espécie de amizade durante sua recente viagem... Mas, não, teria sido desastroso.

Clarke tinha partilhado com Wright, por uma noite, a solitária Casa de Hóspedes com teto de sapê, durante sua viagem a Umuaro. Naquela ocasião, Wright estava vivendo, havia mais de duas semanas, na metade da Casa de Hóspedes. Esta consistia em dois enormes quartos, cada qual com uma cama de campanha e um velho mosquiteiro, uma tosca mesa de madeira, uma cadeira e um pequeno armário. Logo atrás da casa havia um galpão coberto de sapê, usado como cozinha. A cerca de vinte e cinco metros de distância, outra cabana continha latrina e um assento de madeira. Mais longe um pouco, na mesma direção, outra cabana, em muito mau estado, abrigava os empregados e carregadores, que eram às vezes chamados de “rapazes da rede”. A Casa de Hóspedes estava rodeada por uma cerca de uma planta nativa que Clarke nunca vira antes.

A aparência do lugar mostrava que ele não conhecia um zelador desde que o último desaparecera no mato com duas camas de campanha. As camas foram substituídas, mas a chave da casa e da latrina passaram a ser guardadas no Quartel-General. Todas as vezes que um europeu chegava de viagem e necessitava hospedar-se ali, o escrivão nativo — que era o principal funcionário do escritório do capitão Winterbottom — tinha que se lembrar de dá-las para o chefe dos carregadores ou para o mordomo. Certa vez, quando o comissário de polícia, sr. Wade, fora a Umuaro, o funcionário esquecera-se de fazer isso e fora obrigado a andar os nove ou dez quilômetros, à noite, para entregar as chaves. Felizmente para ele, o sr. Wade não sofrera nenhum inconveniente, porque mandara seus empregados, um dia antes, limpar o local.

Enquanto andava em volta do terreno da Casa de Hóspedes, Tony Clarke sentia que estava a centenas de quilômetros de Government Hill. Era quase impossível acreditar que estivesse somente a nove ou dez quilômetros de distância. Até mesmo o sol parecia se pôr numa direção diferente. Não era de admirar que os nativos, segundo se dizia, considerassem essa caminhada de dez quilômetros uma viagem a um país estrangeiro.

Mais tarde, naquela noite, ele e Wright sentaram-se na varanda da Casa de Hóspedes para beber o gim de Wright. Nesse remoto recanto, longe da atmosfera formal do Government Hill de Winterbottom, Clarke conseguiu descobrir que gostava muito de Wright. Também descobriu, para sua encantada perplexidade, que, de certa maneira, em certas circunstâncias, ele podia absorver tanto gim como qualquer velho funcionário colonial.

Clarke e Wright tinham tido, antes, apenas breves encontros. Mas estavam conversando como velhos amigos. Clarke pensou que, apesar do aspecto atarracado e rude, Wright era um inglês bom e honesto. E era muito agradável conversar com um homem que não tinha o persistente pecado da presunção e de levar-se a si mesmo muito a sério.

— O que você acha que o capitão diria, Tony, se visse o seu jovem comissário político sendo simpático e amigável com um simples construtor de estradas? — Sua grande cara vermelha parecia quase a de um menino.

— Não sei e não me importo muito — respondeu Clarke. E como os vapores do gim já estavam trabalhando o seu cérebro, acrescentou: — Ficarei feliz se, em todos os meus anos de África, conseguir construir uma coisa tão boa como sua estrada...

— É bondade sua dizer isso.

— Vamos ter uma cerimônia para inaugurá-la?

— O capitão diz que não. Ele diz que nós já extrapolamos o orçamento.

— É o que isso importa?

— É o que gostaria de saber. No entanto, gastamos centenas de libras construindo, por toda parte, tribunais nativos que ninguém quer, tanto quanto eu sei.

— Devo dizer, no entanto, que isso não é culpa do capitão. — Clarke já estava adotando a maneira meio desrespeitosa de se referir a Winterbottom. — É a política do Quartel-General, da qual, eu por acaso sei, o capitão discorda completamente.

— Para o diabo com o Quartel-General.

— O capitão concordaria com você.

— Na realidade, sabe, o capitão não é mau sujeito. Creio que, no fundo, é um sujeito bastante decente. Agente precisa ter em conta as duras provas por que passou.

— Você se refere às preterições nas promoções?

— Nisso também ele foi maltratado, segundo me disseram — respondeu Wright. — Mas eu não estava pensando nisso. Estava pensando na sua vida familiar. Ah, sim. Sabe, durante a guerra, enquanto o pobre homem estava lutando contra os alemães nos Camarões, um espertinho fugiu com a mulher dele.

— É verdade? Nunca ouvi falar nisso.

— Disseram que ele ficou abaladíssimo. Em alguns momentos, sou levado a pensar que foi essa perda pessoal durante a guerra o que o fez apegar-se a essa ridícula história de capitão.

— Muito possivelmente. Ele é o tipo de pessoa que não aceitaria de forma nenhuma ser abandonado pela sua mulher, não é mesmo?

— Correto. Um homem tão inflexível como ele não pode aceitar uma coisa dessas.

No decurso da noite, Clarke recebeu todos os detalhes da crise conjugal de Winterbottom e sentiu de verdade pena do homem. Wright também parecia ter sido tocado de comiseração pelo próprio ato de contar a história. Sem qualquer desígnio consciente, os dois homens abandonaram sua desrespeitosa referência ao *capitão* e passaram a chamar Winterbottom pelo nome.

— O verdadeiro problema de Winterbottom — disse Wright, após meditar por algum tempo — é que ele é sério demais para dormir com mulheres nativas.

Clarke ficou espantado com seus próprios pensamentos, e, por um breve momento, esqueceu-se completamente de Winterbottom. Em mais de uma ocasião durante essa sua viagem, ele tinha feito mentalmente a pergunta: Quão difundida era a prática de homens brancos dormirem com mulheres nativas?

— Winterbottom não parece compreender que se sabe até mesmo de governadores com amantes de cor escura.

E lambeu os lábios.

— Não creio que seja uma questão de se saber ou não saber — disse Clarke. — Ele é um homem de princípios elevados, com algo de missionário. Penso que seu pai foi clérigo da Igreja da Inglaterra, muito diferente, portanto, de meu pai, que é funcionário do Banco da Inglaterra.

Ambos riram às gargalhadas. Ao lembrar-se desse lance de peça de humor na manhã seguinte, Clarke procurou calcular quanto álcool devia ter bebido para achar tanta graça numa piada de tão má qualidade.

— Acho que você está certo quanto à vocação de missionário. Ele devia ter vindo para a África com a Sociedade Missionária Cristã ou coisa semelhante. Aliás, ele tem saído ultimamente com a mulher missionária que é médica em Nkisa. Todos temos naturalmente gostos distintos, mas eu nunca pensaria que uma médica missionária pudesse proporcionar diversão a um homem.

Clarke queria indagar sobre as mulheres nativas — se elas eram melhores que as brancas e muitos outros detalhes —, mas nem mesmo o gim lhe permitiu fazer essas perguntas. Em vez disso, viu-se mudando de assunto e perdendo essa grande oportunidade. Os pensamentos que tivera, desde que vira pela primeira vez moças andando nuas de um lado para outro, foram novamente obrigados a adormecer.

— Pelo que ouvi de Winterbottom no Quartel-General — disse ele —, esperava encontrar uma espécie de palhaço.

— Eu sei. Ele é um motivo de troça em Enugu, não é?

— Todas as vezes que disse que ia para Okperi, eles exclamavam: “O quê! Com o velho Tom?”. E me olhavam cheios de pena. Eu ficava imaginando o que haveria de errado com o Velho Tom, mas ninguém dizia mais nada. Então, certo dia, um funcionário muito antigo disse para outro, alto para que eu pudesse ouvi-lo: “O Velho Tom está sempre lembrando que veio para a Nigéria em 1910, mas nunca menciona que, durante todo esse tempo, jamais trabalhou um só dia”. É simplesmente espantoso o falatório em Enugu.

— Bem — disse Wright, bocejando —, por mim não posso dizer que o Velho Tom seja o homem mais trabalhador que conheci, mas quem o é? Certamente ninguém daquela turma de Enugu.

Tudo isso se estava passando na mente de Clarke, enquanto esperava pela chegada de Winterbottom. Sentia-se culpado, como alguém que tivesse sido apanhado falando mal de uma pessoa de seu próprio grupo com um estranho. Mas, então, disse a si mesmo em sua defesa, eles não haviam falado nada sobre Winterbottom que pudesse ser considerado pouco caridoso. Ele apenas ficara sabendo de alguns pormenores sobre a vida do homem, e sentira pena dele.

Foi até a cozinha pela décima vez, para ver como o cozinheiro estava assando o frango no forno de madeira. Seria terrível se ficasse tão duro quanto o último que Clarke comera. Todo frango

nativo era naturalmente rijo e pequeno, mas talvez a gente não devesse se queixar. Um galo bem crescido não custava mais do que dois *pence*. Mesmo assim, ninguém se importaria de pagar, de vez em quando, um pouco mais por um bom e succulento frango inglês. A expressão no rosto do cozinheiro parecia dizer que Clarke estava entrando na cozinha com demasiada frequência.

— Como vão as coisas?

— Tentando pouco a pouco — disse o cozinheiro, esfregando com o antebraço os olhos inflamados de fumaça.

Clarke olhou em volta vagamente e voltou para a varanda do bangalô. Sentou-se e olhou o relógio de pulso novamente: eram quinze para as sete. Faltava uma boa meia hora para o horário marcado. Começou a imaginar uma quantidade de temas de conversação. Sua recente viagem lhe teria fornecido suficientes tópicos para a noitada, mas ele tinha acabado de escrever e mandar um relatório completo sobre ela.

“É curioso”, pensou consigo mesmo. Por que estaria se sentindo tão nervoso com a vinda de Winterbottom para jantar? Por acaso tinha medo do homem? Certamente não! Por que então toda a excitação? Por que o encontro com Winterbottom o afligia tanto? Seria porque Wright lhe contara algumas histórias da vida dele, que, afinal, eram do conhecimento de todos?

A partir desse ponto, Clarke especulou brevemente sobre a natureza do conhecimento. “Por acaso o fato de se saber da vida de nossos amigos e colegas nos cria embaraços ao convívio com eles? Talvez sim. E se assim for, isso demonstraria quão errônea é a suposição corrente de que, quanto maior a quantidade de fatos que você conhece sobre os outros, maior o seu poder sobre eles. É possível que os fatos coloquem você em uma grande desvantagem, pois o fazem sentir-se penalizado e até mesmo responsável.” Clarke pôs-se de pé e andou para cima e para baixo, bastante consciente de si mesmo. “Talvez seja essa a verdadeira diferença entre a administração colonial britânica e a francesa. Os franceses decidem o que querem fazer e fazem. Os britânicos, no entanto, nunca fazem nada sem em primeiro lugar enviar uma comissão de inquérito para descobrir todos os fatos, fatos estes que terminam por incapacitá-los para tomar decisões.” Ele tornou a sentar-se, resplandecendo de satisfação.

O jantar transcorreu de forma quase satisfatória. Houve apenas dois ou três momentos de constrangimento ao longo da noite. Quando, por exemplo, o capitão Winterbottom afirmou:

— Acabei há pouco de ler o seu relatório sobre a viagem. Pode-se ver que você está se adaptando muito bem aos seus deveres.

— Foi tudo tão estimulante — retrucou Clarke, tentando minimizar sua parte numa história de sucesso. — Esta é uma divisão maravilhosa. Posso imaginar como o senhor deve sentir-se ao ver um distrito tão feliz progredindo sob a sua direção.

Clarke escapou por pouco de dizer “sob sua *sábia direção*”. Mesmo assim, ele se perguntou se esta tentativa bastante óbvia de devolver elogio com elogio fora inteiramente feliz.

— Há uma coisa, no entanto, que me preocupa — disse Winterbottom, sem qualquer indicação de ter ouvido a última frase de Clarke. — Você diz no relatório que, depois de cuidadoso inquérito, ficou satisfeito em verificar que não havia nenhuma verdade em todas as histórias de que Wright chicoteava os nativos.

O coração de Clarke deu um salto. Essa era a única falsidade no relatório inteiro. De fato, ele

tinha esquecido completamente de fazer quaisquer inquirições a respeito, mesmo se tivesse sabido como fazê-las. Foi somente na volta a Okperi que ele encontrou uma breve anotação, “Wright e nativos”, rabiscada a lápis na segunda página de seu caderno de notas da viagem. No início, preocupara-se com ela; depois, chegara à conclusão de que, se Wright tivesse de fato empregado métodos pouco ortodoxos, teria ouvido falar do assunto, sem fazer muitas perguntas sobre ele. Mas, uma vez que nada ouvira a respeito, era seguro afirmar que as histórias não eram verdadeiras. De qualquer maneira, como é que uma pessoa investigaria uma coisa dessas? Por acaso a pessoa chegaria perto do primeiro nativo que encontrasse e lhe perguntaria se ele tinha sido açoitado por Wright? Ou indagaria do próprio Wright? Pelo que Clarke vira do homem, não o julgaria capaz disso.

— Meu criado é nativo de Umuaro — continuou Winterbottom — e acaba justamente de voltar de lá, após ter passado dois dias em casa. Contou-me que a aldeia estava em alvoroço, porque um homem bastante importante tinha sido chicoteado por Wright. Mas talvez não haja nenhuma verdade nisso.

Clarke esperava não estar demonstrando sua perturbação. De qualquer forma, recompôs-se rapidamente e disse:

— Eu não ouvi nada sobre isso no local.

As palavras “no local” picaram Winterbottom como duas vespas. O atrevimento do sujeito! Ele estivera lá pouco mais de uma semana e já estava falando como se fosse dono do distrito, e Winterbottom, o novo empregado. No local, realmente! Por sorte, Winterbottom não insistiu no assunto. Estava imerso em seus planos para a escolha de dois novos chefes supremos e, ao longo do jantar, não falou noutra coisa. Clarke ficou surpreso de que Winterbottom não mais se expressasse sobre o assunto com emoção. Observou-o do outro lado da mesa e o achou muito cansado e velho. Não demorou, porém, para que um toque de entusiasmo voltasse à sua voz.

— Creio que lhe contei a história do sacerdote que me impressionou muito favoravelmente, ao falar a verdade no caso da disputa de terras entre o povo daqui e o de Umuaro.

— Sim, o senhor me contou.

Clarke observava nervosamente a dificuldade de seu hóspede em lidar com um pedaço de galinha. Essas desgraçadas aves nativas!

— Bem, eu agora decidi nomeá-lo chefe supremo de Umuaro. Percorri de novo todos os antecedentes do caso e descobri que o título do homem é Eze Ulu. O prefixo *eze* em *ibo* significa rei. Portanto, o homem é uma espécie de rei ou sacerdote.

— Isso significa, suponho eu — disse Clarke —, que o novo título não será totalmente estranho para ele.

— Exatamente. Embora eu deva dizer-lhe que nunca encontrei um homem *ibo* que se recusasse a adquirir ares de autoridade. Veja, por exemplo, esse safado que nós fizemos chefe aqui. Ele agora se autodenomina Sua Alteza Obi Ikedi I de Okperi. O único título que ainda não o ouvi usar é o de Defensor da Fé.

Clarke chegou a abrir a boca, para dizer que o amor aos títulos era uma falha humana universal, mas pensou melhor e calou-se.

— O homem era uma total nulidade até que nós o coroamos, e agora ele se comporta como se não tivesse sido outra coisa na vida. Passa-se o mesmo com os funcionários dos tribunais e até mesmo com os mensageiros. Todos eles se transformam em tiranetes ao lidar com sua gente. Este

parece ser um traço do caráter do negro.

O criado, em seu uniforme branco brilhante, moveu-se e saiu da escuridão da cozinha, carregando o restante das batatas cozidas e da couve-flor numa das mãos e a galinha na outra. Seu uniforme, pesadamente engomado, estalava. Encaminhou-se para a mesa e parou silenciosamente à direita do capitão Winterbottom.

— Vá para o outro lado, Stephen — ordenou Clarke, irritado.

Stephen sorriu e foi para o outro lado.

— Não. Eu não quero mais — disse Winterbottom e, voltando-se para Clarke comentou: — Isto está muito bom. A gente, em geral, não tem tanta sorte com o primeiro cozinheiro que consegue.

— Aloysius não é um cozinheiro de primeira, mas eu suponho... Não, eu não vou querer mais, Stephen.

Enquanto comiam a salada de frutas frescas feita de mamão, banana e laranja, Winterbottom voltou aos seus chefes supremos.

— Quanto a Umuaro, eu encontrei o chefe deles — afirmou, com um de seus raros sorrisos — e eles viverão felizes para sempre. Já não estou tão otimista em relação a Abame, que é uma gente bastante selvagem.

— Foram eles que assassinaram Macdonald? — perguntou Clarke, cuja metade da atenção estava na salada, que tinha ficado um pouco ácida.

— Você está correto. Na realidade, eles já não causam muitos problemas. Não para nós, pois a expedição punitiva ensinou-lhes uma lição inesquecível. Mas continuam pouco cooperativos. Em toda a divisão, são os que menos cooperam com o tribunal nativo. Durante todo o ano passado, a corte lidou com menos de uma dúzia de casos, e nenhum deles lhe foi trazido pelos próprios nativos.

— Isso é muito desagradável — disse Clarke, sem estar muito certo se queria dar a essa palavra um tom irônico ou não. Mas, como Winterbottom começou a detalhar seus planos para os dois tribunais nativos, não pôde deixar de ficar impressionado com um novo aspecto do caráter do homem. Tendo sido rejeitada sua oposição aos chefes supremos, ele agora não poupava esforços para assegurar o êxito da política. O tutor de Clarke para moral em Cambridge gostava muito da frase “cristalização da civilização”. Era isso.

Enquanto tomavam uísque com soda após o café, a oposição do capitão Winterbottom levantou a cabeça momentaneamente. Mas isso apenas confirmou a nova opinião de Clarke sobre ele.

— O que eu acho desolador — disse Winterbottom — não é tanto a política errada da nossa Administração, quanto a nossa ausência de consistência. Veja, por exemplo, essa questão dos chefes supremos. Quando sir Hugh Macdermot chegou aqui pela primeira vez como governador, determinou a seu secretário para assuntos nativos que estudasse profundamente o assunto. O sujeito veio para cá e passou um tempo enorme descobrindo os absurdos do sistema, que eu salientara todo o tempo. De qualquer forma, do que ele disse em conversação privada ficou claro que concordava conosco que era um desastre inqualificável. Isso aconteceu em 1919. Lembro-me de que eu acabara de regressar de férias...

Uma estranha emoção tomou sua voz, e Clarke viu uma onda de rubor em sua face. Dominou-se, porém, e continuou:

— Isso ocorreu há mais de dois anos, e até hoje nada ouvimos sobre o relatório do homem. Ao

contrário, o vice-governador agora nos pede para continuar com a política anterior. Onde ficamos afinal?

— Tudo isso é muito frustrante — disse Clarke. — O senhor sabe, eu estava, outro dia, pensando sobre o amor dos britânicos por comissões de inquérito. Esta me parece ser a verdadeira diferença entre nós e os franceses. Eles sabem o que querem e fazem-no. Nós instalamos uma comissão para descobrir todos os fatos, como se os fatos significassem alguma coisa. Nós imaginamos que, quanto mais fatos conseguirmos obter sobre nossos africanos, mais fácil será governá-los. Porém, os fatos...

— Os fatos são importantes — cortou Winterbottom — e comissões de inquérito podem ser úteis. O erro da nossa administração é que eles invariavelmente designam as pessoas erradas e põem de lado o conselho daqueles que trabalham aqui há anos.

Clarke sentiu uma raiva impotente contra o homem, por não o ter deixado terminar, e contra si próprio, por não ter conseguido dizer o que queria tão bem como o fizera na ocasião em que pela primeira vez a ideia lhe ocorrera.

A primeira vez que Ezeulu deixou o seu *compound*, depois do festival, foi para visitar seu amigo Akuebue. Encontrou-o sentado no chão de seu *obi*, preparando o inhame que seria plantado, na manhã seguinte, por pessoas que havia contratado para tal fim. Akuebue estava sentado entre duas pilhas de inhame, com uma faca curta de cabo de madeira. A pilha maior ficava à sua direita, no chão nu. A pilha menor estava numa cesta longa, da qual tirava um inhame de cada vez, olhava-o bem de perto, aparava-o com a faca e o colocava na pilha grande. O refugo ficava diante dele, entre as duas pilhas — um grande número de cascas de inhame, circulares e marrons, das quais tinham sido cortadas as pontas das gavinhas.

Os dois homens apertaram-se as mãos. Ezeulu tirou a pele de cabra que tinha enrolada debaixo do braço, estendeu-a no chão e sentou-se. Akuebue perguntou-lhe sobre sua família e, durante alguns minutos, continuou a cortar os inhames.

— Eles estão bem — replicou Ezeulu. — E as pessoas do seu *compound*?

— Elas estão tranquilas.

— Estes inhames são muito grandes e excelentes. Provêm eles de seu próprio celeiro ou do mercado?

— Você não conhece a minha gleba em Anietiti? Sim. Eles foram colhidos lá.

— É uma terra boa — disse Ezeulu, assentindo com a cabeça algumas vezes. — Uma terra assim faz com que as pessoas preguiçosas pareçam grandes agricultores.

Akuebue sorriu:

— Você quer me forçar a começar uma discussão, mas não vai conseguir.

Pôs a faca de lado e levantou a voz para chamar o filho Obielue, que respondeu de dentro do *compound* e não tardou em aparecer, coberto de suor.

— Ezeulu! — saudou ele.

— Meu filho.

Obielue voltou-se para o pai, a fim de saber o que este desejava.

— Vá dizer à sua mãe que Ezeulu a está cumprimentando. Se ela tiver noz-de-cola, que a traga aqui.

Obielue voltou para dentro do *compound*.

— Embora eu não tenha comido nem uma só noz-de-cola, da última vez que eu fui à casa de meu amigo — disse Akuebue, como se falasse para si mesmo.

Ezeulu caiu na risada.

— O que é que nós dizemos a um homem que come e depois faz uma boca de quem nunca viu comida?

— Como que eu vou saber?

— Que isso faz seu ânus secar. A sua mãe não lhe contou isso?

Akuebue pôs-se de pé muito lentamente por causa da dor na cintura.

— A velhice é uma doença — disse ele, lutando para esticar-se, com uma das mãos no quadril.

Quando estava três quartas partes ereto, desistiu. — Toda vez que me sento durante algum tempo tenho que aprender novamente a andar, como uma criança.

Sorriu, enquanto andava tropeçadamente em direção à parede baixa de entrada do *obi*, tirou dali um recipiente de madeira com um pedaço de giz dentro e ofereceu-o ao seu hóspede. Ezeulu pegou o giz e desenhou com ele cinco linhas no chão — três verticais, uma horizontal no topo delas e outra embaixo. Depois, pintou um dos dedões do pé e passou uma fina camada de branco em volta do olho esquerdo.

Apenas uma das duas mulheres de Akuebue estava em casa, e logo entrou no *obi*, a fim de cumprimentar Ezeulu e dizer-lhe que a esposa mais velha tinha saído para procurar frutos maduros em seus dendezeiros. Obielue voltou com uma noz-de-cola. Tomou o recipiente de madeira de seu pai, soprou dentro dele para remover a poeira e ofereceu a Ezeulu a noz-de-cola que pusera dentro.

— Muito obrigado — disse Ezeulu. — Leve-a para seu pai partir.

— Não — atalhou Akuebue. — Peça-lhe que a parta.

— Assim não pode ser. Nós não passamos por cima de um homem ao entrar em seu *compound*.

— Eu sei disso — afirmou Akuebue. — Mas você não vê que minhas mãos estão ocupadas e que é por isso que lhe estou pedindo para partir a noz-de-cola por mim?

— Um homem não pode estar tão ocupado que não possa partir a primeira noz-de-cola do dia, na sua própria casa. Portanto, ponha o inhamé de lado. Ele não vai fugir.

— Mas esta não é primeira noz-de-cola do dia. Eu já parti várias.

— Pode ser. Mas você não as partiu na minha presença. A hora em que o homem desperta é a sua manhã.

— Está certo — disse Akuebue. — Eu a partirei, como você quer.

— Eu quero, de verdade. Nós não usamos no olho um bastãozinho para limpar o ouvido.

Akuebue pegou a noz-de-cola.

— Nós dois viveremos — disse, e a partiu.

Desde a chegada de Ezeulu, dois tiros tinham detonado na vizinhança. Agora um terceiro se ouviu.

— O que está acontecendo? — perguntou. — Estão os homens deixando as florestas para caçar nos *compounds*?

— Ah, você não soube? Ogbuefi Amalu está muito doente.

— Está? E a coisa já chegou a ponto de dispararem armas?

— Já. — Akuebue abaixou a voz, em sinal de respeito pela história. — Que dia foi ontem?

— Eke — respondeu Ezeulu.

— Pois foi no outro Eke que a coisa aconteceu. Ogbuefi Amalu estava voltando da roça que tinha ido limpar, quando foi atacado. Ao chegar à casa, tremia de frio em pleno calor do meio-dia. Já não podia segurar o machete porque seus dedos estavam tortos.

— O que disseram que era?

— Pelo que vi esta manhã e ontem, acho que é *aru-mmo*.

— Por favor, não repita isso.

— Mas não estou lhe dizendo o que Nwokonkwo ou Nwokafo me contaram, e, sim, o que vi com meus próprios olhos.

Ezeulu começou a rilhar os dentes.

— Fui vê-lo esta manhã. Sua respiração parece estar raspando seu corpo com uma navalha cega.

— Quem foi que eles contrataram para tratá-lo? — perguntou Ezeulu.

— Um homem chamado Nwodika, de Umuofia. Eu lhes disse, esta manhã, que se tivesse estado lá quando tomaram a decisão, eu lhes teria aconselhado a ir diretamente a Aninta. Existe lá um curandeiro que consegue retirar com os dedos das mãos a doença do corpo.

— Mas, se for a doença dos espíritos, tal como você diz, não há remédio para ela, exceto paucampeche e fogo.

— Assim é — disse Akuebue. — E, de acordo com a sabedoria dos nossos ancestrais, se o doente não morrer no prazo de três mercados, sabemos que os espíritos o liberaram. Tudo isso é verdade, mas não podemos colocar as mãos nos nossos regaços e ficar olhando para um homem doente durante doze dias. Devemos tentar tudo, até que o que vai acontecer, aconteça. Esta é a razão pela qual eu falei nesse curandeiro de Aninta.

— Eu acho que você se refere a Aghadike, a quem eles chamam de Anyanafummo.

— Então, você o conhece. É justamente este homem.

— Eu conheço muita gente em toda a região de Olu e Ibo. Aghadike é um grande curandeiro e adivinho. Mas mesmo ele não pode enfrentar uma batalha no *compound* do grande deus.

— Homem nenhum pode fazer isso.

Um tiro soou novamente.

— Esse tiroteio nada mais é do que uma tola tentativa de enfrentar a situação — declarou Ezeulu. — Como é que podemos afugentar os espíritos com o barulho de tiros? Se fosse assim tão fácil, qualquer homem que tivesse dinheiro suficiente para comprar um barrilete de pólvora poderia viver e viver até que cogumelos brotassem de sua cabeça. Se eu ficar doente e me trouxerem um curandeiro que saiba mais de caça do que de ervas, eu o mandarei embora e procurarei outro.

Os dois homens ficaram sentados durante certo tempo em silêncio. Depois, Akuebue disse:

— Pelo que eu vi esta manhã, é provável que nós ouçamos qualquer coisa antes do próximo amanhecer.

Ezeulu moveu sua cabeça para cima e para baixo muitas vezes.

— É uma história muito triste, mas nós não podemos pôr fogo no mundo.

Akuebue, que tinha parado de trabalhar nos seus inhames, voltou para eles, com a proverbial desculpa de que cumprimentar alguém no frio harmatã só se pode fazer no calor do fogo.

— Isso é o que o nosso povo diz — replicou Ezeulu. — Também se diz que um homem que visita um artesão ocupado em seu trabalho encontra um anfitrião mal-humorado.

Um tiro soou mais uma vez. E pareceu irritar Ezeulu.

— Eu irei lá e direi ao homem que, se ele não tem remédio para dar ao doente, deve ao menos poupar a pólvora que usarão no funeral.

— Talvez ele pense que pólvora é tão barata quanto cinza de madeira — disse Akuebue e acrescentou, com seriedade: — Se você passar por lá a caminho de casa, não diga nada que possa fazê-los pensar que deseja algum mal ao parente deles. Podem perguntar: a vida de um homem não vale mais do que toda a pólvora?

Ezeulu não precisou olhar duas vezes para o homem doente para ver que ele não passaria dos doze dias que os espíritos dão para um homem atacado dessa doença. Se, tal como Akuebue dissera, nada se ouvisse até o dia seguinte, o caso viraria história.

O tronco do homem estava coberto por uma grossa camada de unguento de pau-campeche, endurecido e rachado em inúmeros lugares. Havia um grande fogo de lenha ao lado da cama de bambu na qual o doente jazia, e um forte odor de ervas queimadas tomava o ar. Sua respiração era como o rachar de madeira dura. Ele não reconheceu Ezeulu, que, ao entrar, cumprimentara com os olhos todos os que estavam no quarto, dirigindo-se diretamente para perto da cama, onde ficou de pé durante muito tempo, a olhar em silêncio para o enfermo. Depois, sentou-se junto ao pequeno grupo de parentes, que falavam em voz muito baixa.

— O que um homem fez para merecer isso? — indagou.

— É o que todos nós temos nos perguntado — respondeu um dos homens. — Ninguém nos diz para esperar por isso. Ao despertar, certa manhã, damos com a nossa tibia deformada.

O herbanário estava sentado um pouco afastado do grupo e não tomava parte na conversação. Ezeulu olhou em volta e viu de que modo o homem havia fortificado o recinto para impedir a entrada dos espíritos. Do teto estavam pendurados três longas cabaças arrolhadas com tampões de folha seca de banana. Uma quarta cabaça, do tipo usado para conter vinho de palma, parecia uma quartinha e estava dependurada em cima do doente. No seu gargalo havia uma corrente de cauris e um punhado de penas de papagaio, das quais a metade inferior estava dentro da cabaça. Parecia que algo, fervendo, as forçava a girar na boca da cabaça. Dois frangos, sacrificados havia pouco, estavam pendurados de cabeça para baixo, um de cada lado.

O enfermo, de quem, silencioso, só se ouvia a respiração, começou subitamente a gemer. Todos pararam de falar. O curandeiro, com um anel de giz branco desenhado ao redor de um dos olhos e um grande amuleto coberto de couro em seu pulso esquerdo, levantou-se e saiu. Sua espingarda jazia na soleira, com a base no chão e o cano apontando para dentro da cabana. Ele pegou-a e começou a carregá-la. A pólvora estava guardada numa garrafa de base retangular que antes contivera uma bebida forte do homem branco chamada *njenje*. Quando terminou de carregar a arma, foi para o fundo da casa e atirou. Todos os galos e galinhas da vizinhança puseram-se imediatamente em alvoroço, como se tivessem visto um animal selvagem.

Ao voltar para dentro, o curandeiro encontrou o doente ainda mais inquieto e dizendo coisas sem sentido.

— Tragam-me o seu *ofó* — pediu.

O irmão do doente pegou do altar da casa o curto bastão de madeira que estava dependurado por cordas a um caibro. O curandeiro, que se acororara perto da cama, tomou-o da mão do irmão e, abrindo a mão direita do doente, colocou-o nela.

— Segure isto! — ordenou, apertando os dedos secos em volta do bastão. — Agarre-o e diga não para eles! Você está me ouvindo! Diga não!

O significado desta ordem pareceu finalmente penetrar no cérebro do enfermo, e os seus dedos começaram a se fechar como garras, lentamente, ao redor do bastão.

— Isso mesmo — disse o curandeiro, removendo pouco a pouco sua mão, para deixar o *ofó* na de Amalu. — Diga não para eles!

Mas assim que ele tirou sua mão, os dedos de Amalu se abriram, e o *ofó* caiu no chão. O pequeno grupo que estava dentro da cabana trocou olhares significativos, mas ninguém disse uma

só palavra.

Logo depois, Ezeulu levantou-se para ir embora.

— Tomem muito cuidado com ele — disse.

— Vá em paz — replicaram os outros.

Quando a noiva de Obika chegou com sua gente, e ele a olhou de novo, surpreendeu-se enormemente de que tivesse sido capaz de deixá-la intocada durante sua última visita. Sabia que poucos rapazes jovens de sua idade teriam mostrado o mesmo controle de emoções que os costumes antigos exigiam. Mas o que era certo era certo. Obika começou a admirar esta nova imagem de si próprio, como um defensor dos costumes. Sentiu-se autorizado a elogiar-se a si mesmo, se ninguém mais o fazia — tal como o lagarto que caiu de um iroco sem quebrar nenhum osso e disse que, se ninguém mais pensava grande coisa da façanha, ele próprio dela se gabava.

A noiva vinha acompanhada da mãe, que acabava de sair de uma doença, de várias jovens da mesma idade e de amigas de sua mãe. A maioria das mulheres carregava pequenas trouxas na cabeça, com o dote da noiva, para o qual, aliás, todas elas tinham contribuído — panelas, recipientes de madeira, vassouras, almofariz, pilão, cestas, esteiras, conchas, potes de óleo de palma, cestas de inhame, peixe defumado, mandioca fermentada, feijões em favas e cones de sal e pimenta. Havia também dois cortes de tecido, dois pratos e uma panela de ferro. Estes últimos eram produtos do homem branco, comprados na nova loja de comércio de Okperi.

Antes que a noiva e sua gente chegassem, os três *compounds* de Ezeulu e seus filhos já estavam cheios de parentes e amigos. As vinte e tantas jovens que acompanhavam a noiva estavam todas enfeitadíssimas. A noiva, porém, sobressaía entre elas. Não apenas porque era a mais alta, mas também por ser a mais bonita e a de mais belo porte. Usava um penteado diferente, que indicava sua transição ao estado de mulher — tranças em vez dos desenhos habituais feitos com navalha.

As moças entoavam uma canção chamada “Ifeoma”. Nela diziam que a Coisa Formosa chegara, e que todos os que tinham coisas boas as trouxessem como oferendas para ela. As moças fizeram um círculo em volta da noiva, que dançava, enquanto elas cantavam. Enquanto ela dançava, seu futuro marido e outros membros da família de Ezeulu rompiam o círculo, um ou dois de cada vez, e grudavam dinheiro em sua testa. Ela sorria e deixava o presente cair a seus pés, de onde uma das moças o apanhava e punha dentro de uma vasilha.

O nome da noiva era Okuata. Na altura, ela puxava pelo pai, que vinha de uma raça de gigantes. Seu rosto era delicadamente talhado e algumas pessoas já a chamavam de Oyilidie, porque ela se parecia com o marido em boa aparência. Seus seios tinham uma pequenina curva para cima, que os salvaria de cair e ficar murchos muito cedo.

Seu cabelo estava penteado na nova moda *otimili*. Mostrava oito carreiras de cabelo estreitamente entrelaçado, correndo em linhas perfeitas da nuca até a frente da cabeça e terminando em curtos tufo levantados, como se fosse uma guirlanda no alto da testa, de uma orelha a outra. Usava pelo menos quinze cordões de *jigida* na cintura. A maior parte deles, cor de sangue, porém dois ou três pretos, e alguns dos cordões cor de sangue tinham umas poucas contas pretas misturadas. No dia seguinte, ela amarraria uma tanga de mulher casada e doravante seu corpo estaria escondido do olhar público. Os cordões de *jigida* tilintavam quando ela dançava.

Atrás, eles cobriam a sua cintura e a parte superior das nádegas. Na frente, caíam, cordão sobre cordão, de sob o seu umbigo até os genitais, ocultando a maior parte deles e sombreando o resto. As outras moças estavam vestidas da mesma maneira, ainda que a maioria delas usasse menor quantidade de *jigidas*.

O festejo que se seguiu durou até o pôr do sol. Havia panelas de sopa de inhame, *foofoo*, sopa de folha azeda e sopa *egusi*, duas pernas de cabra cozidas, dois enormes recipientes com peixe *asa* cozido, tirado inteiro da sopa, e pequenos barris de vinho doce extraído da palmeira de ráfia.

Todas as vezes que um tipo de comida particularmente gostosa era colocado diante das mulheres, a chefe do coro elevava um antigo cântico de agradecimento:

*Kwo-kwo-kwo-kwo-kwo!*

*Kwo-o-o-oh!*

Nós vamos comer novamente como costumamos comer!

*Quem vai dar?*

Quem é?

*Que vai dar?*

Quem é?

*Obika Ezeulu, ele vai dar.*

*Ayo-o-o-o-oh!*

Quando a sua mãe e todo o grupo de sua aldeia partiram de volta para casa, deixando-a para trás, Okuata sentiu-se como uma criança órfã, e lágrimas desceram pelo seu rosto. A sogra levou-a para a sua casa, onde a nora ficaria até que o Sacrifício de Cobertura fosse realizado.

O curandeiro e adivinho que fora contratado para cumprir o ritual não demorou a chegar, e o grupo partiu. Dele faziam parte Obika, seu meio-irmão mais velho, sua mãe e a noiva. Ezeulu não foi com eles, porque raramente deixava o seu *obi* depois do cair da noite. Oduche recusou-se a ir, para não ofender o catequista que pregava contra os sacrifícios. Eles seguiram na direção da estrada que ia para Umuezeani, a aldeia de onde a noiva provinha. Estava já muito escuro e não havia lua. A lâmpada de óleo de palma que a mãe de Obika carregava dava muito pouca luz, principalmente porque ela era obrigada a colocar uma das mãos em volta do pavio, para protegê-lo do vento. Mesmo assim, ele apagou e duas vezes ela foi obrigada a entrar em *compounds* próximos para acendê-lo novamente: primeiro, no *compound* de Anosi e, depois, na casa da viúva de Membolu.

O curandeiro, cujo nome era Aniegboka, caminhava silenciosamente, à frente do grupo. Era um homem pequeno, mas, quando falava, sua voz era tão forte que podia ser ouvido do outro lado da parede de um *compound* por um vizinho que fosse surdo. Aniegboka não era um dos mais famosos curandeiros do clã. Fora escolhido porque era amigo do pessoal do *compound* de Ezeulu e, além disso, porque o sacrifício que ia fazer não exigia dotes excepcionais. As crianças de toda a vizinhança conheciam-no e fugiam quando se aproximava, porque diziam que era capaz de transformar uma pessoa num cachorro, dando-lhe palmadas. E faziam troça dele, na sua ausência, porque um de seus olhos era como um cauri estragado. De acordo com uma história, o olho fora vasado pela ponta aguçada de uma haste de bananeira que Aniegboka — na época, um menino pequeno — estava jogando para cima e pegando novamente no ar.

À medida que o grupo caminhava na escuridão, passava por algumas pessoas, que só eram reconhecidas por suas vozes quando o cumprimentavam. A fraca luz da lâmpada de óleo parecia

tornar mais densa a escuridão ao redor deles, impedindo que vissem outras pessoas com facilidade e que fossem vistos por elas.

Ouvia-se um suave porém constante ruído, que vinha da sacola de pele pendurada no ombro de Aniegboka. A noiva tinha um recipiente de barro cozido em uma das mãos e uma galinha na outra. De vez em quando, a galinha cacarejava do jeito que as galinhas fazem quando seu galinheiro é perturbado por um intruso à noite. No meio da fila, Okuata experimentava em seus pensamentos a briga da felicidade com o medo. Obika e Edogo, que iam na dianteira, carregavam seus machetes. Falavam de vez em quando, mas a mente de Obika não estava ligada naquilo que diziam. Seu ouvido esforçava-se para pegar o suavíssimo tilintar das correntes de *jigida* de sua noiva. Podia até isolar os passos dela de todos os outros que vinham atrás dele. Também ele estava ansioso. Quando levasse sua mulher para casa depois do sacrifício, será que a encontraria imaculada — como se dizia — ou ele ficaria sabendo, com raivosa humilhação, que outro tinha entrado em cena e saído com seu prêmio? Isso não podia ser. Todos aqueles que a conheciam eram testemunhas de seu bom comportamento. Obika já escolhera uma enorme cabra como presente para a sogra, caso sua mulher fosse virgem. Ele não tinha ideia do que faria se descobrisse que não poderia levar um presente para a sogra.

Na mão esquerda, Obika carregava um pequenino vaso de água pelo gargalo. Seu meio-irmão tinha um ramo de folhas novas de palmeira cortadas do cimo da árvore.

Dali a pouco, eles chegaram à junção da estrada pela qual vinham com outra que levava à aldeia da noiva, a mesma que ela percorrera naquele dia. Andaram um pouco por essa estrada e pararam. O curandeiro escolheu um local no meio do caminho e pediu a Obika que cavasse um buraco ali.

— Coloque essa lâmpada no chão aqui — disse ele à mãe de Obika.

Ela assim fez, e Obika agachou-se e começou a cavar.

— Faça o buraco mais largo — determinou o curandeiro. — Sim, assim mesmo.

Os três homens estavam agachados; as mulheres, ajoelhadas, com o tronco ereto. A chama da lâmpada a óleo ardia forte.

— Não cave mais — disse o curandeiro. — Já está suficientemente profundo. Tire toda a terra solta.

Enquanto Obika tirava a terra vermelha com as mãos, o curandeiro começou a pegar em sua sacola os objetos para o sacrifício. Primeiro, quatro pequeninos inhames; depois, quatro pedaços de giz branco e a flor do lírio selvagem.

— Dê-me o *omu*.

Edogo passou-lhe as macias folhas de palmeira. Ele arrancou quatro folhinhas e pôs o resto de parte. Depois, voltou-se para a mãe de Obika.

— Dê-me o *ego nano*.

Ela desmanchou uma penca de cauris que guardava no seu pano e entregou-os ao curandeiro. Este contou-os cuidadosamente no chão, como uma mulher faria antes de comprar ou vender no mercado, e separou-os em grupos de seis. Havia quatro grupos, e ele assentiu com a cabeça.

Pôs-se de pé e ajoelhou Okuata ao lado do buraco, de modo que ela olhasse na direção de sua aldeia. Depois, colocou-se em posição oposta à dela, do outro lado do buraco, com os objetos sacrificiais arrumados à sua direita. As demais pessoas ficaram de pé, um pouco atrás.

Aniegboka tomou um dos inhames e deu-o a Okuata, que fez com ele um círculo sobre a

cabeça e o pôs dentro do buraco. O curandeiro fez o mesmo com os outros três. Deu à moça um dos pedaços de giz branco e ela repetiu o que fizera com o inhame. Em seguida, foi a vez das folhas de palmeira e do lírio selvagem. Por último, ele entregou-lhe um grupo de seis cauris, que ela fechou na palma da mão e fez exatamente o que fizera com o resto. Depois disso, ele pronunciou a absolvição:

— Qualquer mal que você possa ter visto com seus olhos, ou falado com sua boca, ou escutado com seus ouvidos, ou pisado com seus pés; qualquer coisa que seu pai possa ter atraído sobre você ou sua mãe possa ter trazido sobre você, eu enterro tudo isso aqui.

Enquanto dizia essas palavras, tomou o recipiente de barro cozido e colocou-o de boca para baixo sobre os objetos no buraco. Depois, começou a pôr de volta a terra solta. Por duas vezes afrouxou o vaso ligeiramente, de modo que, quando terminou, a sua base curva aparecia um pouco acima da superfície da estrada.

— Onde está a água? — perguntou.

A mãe de Obika apresentou-lhe o pequenino pote de água. A noiva, que nesse momento se levantara, curvou-se e, pondo a água na palma da mão, começou a lavar o rosto, as mãos, os braços e pés e pernas até o joelho.

— Não se esqueça — disse-lhe o adivinho quando ela terminou — de que, até amanhã de manhã, você não deverá passar por este caminho, ainda que os guerreiros de Abam nos atacassem esta noite e você estivesse fugindo para salvar sua vida.

— O grande deus não a deixará fugir para salvar sua vida, nem hoje nem amanhã — declarou a sogra.

— Nós sabemos que ela não o fará — afirmou Aniegboka —, mas devemos fazer as coisas como devem ser feitas.

Depois, voltando-se para Obika, disse:

— Fiz o que você me pediu para fazer. Sua mulher lhe dará nove filhos.

— Nós lhe agradecemos — disseram Obika e Edogo, juntos.

— Esta galinha me acompanhará até minha casa — disse o curandeiro, enquanto pendurava sua sacola num dos ombros e pegava a galinha pelas pernas, amarradas com uma corda de banana.

Ele notou que os olhos de todos se voltavam repetidamente para a ave.

— Eu sozinho comerei sua carne. Que nenhum de vocês me faça uma visita amanhã de manhã, porque eu não a dividirei com ninguém.

Riu muito alto, como um homem bêbado.

— Até mesmo os adivinhos devem ser premiados de vez em quando. — Riu mais uma vez. — Por acaso não costumamos dizer que o tocador de flauta não precisa parar de vez em quando para limpar o nariz?

— É o que dizemos — replicou Edogo.

Na viagem de volta, o curandeiro não parava de falar alto, gabando-se do prestígio que desfrutava, dizia ele, nos clãs mais distantes. Os outros ouviam com um só ouvido e diziam uma palavra de vez em quando. A única pessoa que não abriu a boca foi Okuata.

Quando chegaram a Agbasioso, o adivinho despediu-se e tomou o caminho à direita. Assim que ele ficou fora do alcance da voz, Obika perguntou se era costume os curandeiros levarem a galinha para casa.

— Ouvi dizer que alguns deles fazem isso — disse a mãe. — Mas até hoje nunca tinha visto: a

minha própria galinha foi enterrada com o resto do sacrifício.

— Eu nunca ouvi falar nisso — disse Edogo. — Parece-me que o sujeito não consegue obter trabalho e agarra qualquer coisa que vê.

— Nossa parte era providenciar a galinha — acrescentou a mãe de Obika — e isso nós fizemos.

— Eu tive vontade de fazer uma pergunta a ele.

— Não, meu filho. Foi melhor que você não perguntasse nada. Não é este um momento para brigas ou discussões.

Antes que Obika e sua mulher, Okuata, se retirassem para seu próprio *compound*, foram cumprimentar Ezeulu.

— Pai, por acaso é costume que o adivinho leve para casa a galinha do sacrifício? — perguntou Obika.

— Não, meu filho. Aniegboka fez isso?

— Fez. Eu quis falar com ele, mas minha mãe me fez um sinal para que eu não dissesse nada.

— Não é o costume. Você precisa saber que há mais pessoas com gargantas grandes e gananciosas entre os adivinhos e curandeiros do que em qualquer outra parte. — Notou o olhar de preocupação no rosto de Obika. — Leve sua mulher para casa e não permita que isso o aborreça. Se o adivinho deseja comer as entranhas do sacrifício como um urubu, a questão é entre ele o seu *chi*. Você fez a sua parte ao fornecer o animal.

Quando eles o deixaram, Ezeulu sentiu o coração aquecido de prazer, o que não experimentara durante muitos dias. Por acaso Obika já seria uma pessoa mudada? Não era costume dele vir fazer-lhe perguntas com tanta preocupação no rosto. Akuebue sempre dissera que, quando Obika tivesse uma esposa para cuidar, ele mudaria sua maneira de ser. Talvez fosse acontecer isso mesmo. Outro pensamento ocorreu a Ezeulu para confirmar essa ideia: no passado, Obika teria enfrentado o adivinho e feito com que ele enterrasse a galinha. Ezeulu sorriu.

Embora Okuata tivesse se levantado de madrugada, sentindo-se estranha e envergonhada em sua nova tanga, essa era uma vergonha cheia de orgulho. Ela podia ir sem qualquer acanhamento cumprimentar os pais do seu marido porque fora “encontrada imaculada”. Seu marido estava justamente nesse momento fazendo os preparativos para enviar a cabra e outros presentes para a mãe dela em Umuezeani, como agradecimento por ter-lhe dado uma noiva intacta. Ela sentiu-se enormemente aliviada, pois, ainda que sempre tivesse sabido que era virgem, abrigava um medo secreto, que algumas vezes sussurrava em seu ouvido e a fazia assustar-se. Era a lembrança de uma brincadeira numa noite de lua cheia, quando Obiora colocara o pênis entre as suas coxas. Na verdade, ele somente conseguira brincar na entrada, mas ela não podia ter muita certeza disso.

Ela não tinha dormido muito — dormira muito menos que seu marido —, mas sentia-se feliz. Em alguns momentos tentara esquecer sua felicidade e pensar como tudo poderia ter sido diferente. Nesse caso, andaria, por muitos anos, como alguém que tivesse medo de que a terra pudesse mordê-la. Toda moça conhecia a história de Ogbanje Omenyi, cujo marido — assim se contava — teria mandado alguém à casa dos pais dela, para pedir um facão para cortar o mato de cada lado da ampla estrada que ela tinha entre suas coxas.

Todas as crianças do *compound* de Ezeulu queriam ir apanhar água no rio naquela manhã, porque a recém-casada também ia. Até mesmo a pequenina Obiageli, que odiava o rio por causa das pedras agudas no caminho, apressou-se a ir buscar o seu pote de água. Dessa vez, ela chorou quando a mãe lhe disse que ficasse em casa e tomasse conta do nenê de Amoge.

A irmã mais moça de Obika, Ojiugo, corria de um lado para outro, com o ar de quem era dona da noiva, porque até mesmo a criança menorzinha do *compound* de um homem sabia diferenciar a cabana de sua mãe das demais cabanas. A mãe de Ojiugo, Matefi, tinha o mesmo ar, mas com um estudado recato que o tornava ainda mais evidente. Inútil é dizer que o que ela desejava era mostrar à mulher mais jovem de seu marido que era muito mais importante ter uma nora do que comprar tornozeleiras e matar os filhos de fome.

— Voltem o mais rápido possível — recomendou à filha e à mulher de seu filho. — Antes que seque este cuspe no chão.

E cuspiu.

— Só o banho poderá nos demorar — disse Nwafo. — Se agora só apanharmos água e deixarmos para nos banhar em outra ocasião...

— Eu acho que você está maluco — atalhou sua mãe, que até então pretendia ignorar a mulher mais velha de seu marido. — Mas deixe-me ver você voltar do rio com o corpo de ontem e nós veremos qual é loucura maior, se a sua ou a minha.

A veemência com que falou parecia muito maior do que a causa de seu aborrecimento. Na realidade, ela estava zangada com o filho não pelo que este havia proposto, mas por sua

deslealdade ao juntar-se à excitada agitação da outra cabana.

— Por que você está ainda se arrastando por aí como uma centopeia? — Matefi perguntou à filha. — Será que ir ao rio vai ser todo o trabalho de seu dia?

Oduche estava usando a tanga atalhada de listras e a camiseta branca que normalmente só punha para ir à igreja ou a escola. Isso tornou sua mãe ainda mais zangada do que a proposta de Nwafo, mas ela conseguiu permanecer calada.

Logo depois que as aguadeiras partiram, Obiageli entrou na cabana de Ezeulu, carregando a criança de Amoge nas costas. A criança era claramente grande demais para ela; uma de suas pernas quase se arrastava no chão.

— Essa gente é doida — comentou Ezeulu. — Quem deixou uma criança doente nas suas mãos? Leve-a de volta para a mãe, imediatamente.

— Eu posso carregar ele — disse Obiageli.

— Quem está carregando quem? Leve-o para sua mãe, já disse.

— Ela foi para o rio — replicou Obiageli, pondo-se na ponta dos pés, num esforço para evitar que a criança escorregasse pelas suas costas abaixo. — Eu posso carregar ele. Veja!

— Eu sei que pode — disse Ezeulu. — Mas ele está doente e não deveria ser sacudido por aí. Leve-o para a mãe dele.

Obiageli pareceu obedecer e foi para o interior do *compound*, mas Ezeulu sabia que ela ainda carregava a criança, que começara a chorar. A vizinha de Obiageli lutava valentemente para abafar o choro e niná-lo com esta canção:

*Diga à mãe que seu filho está chorando*

*Diga à mãe que seu filho está chorando*

*E depois prepare um ensopado de uziza*

*E também um ensopado de uziza*

*Faça uma sopa rala de pimenta*

*De forma que os pequenos passarinhos que beberem dela*

*Morrerão todos de soluço*

*A mãe cabra está no celeiro*

*E os inhames não estarão seguros*

*O pai bode está no celeiro*

*E os inhames serão todos comidos*

*Você pode ver aquele veado se aproximando*

*Olhe! Ele mergulhou uma pata na água*

*A cobra o atacou!*

*Ele se retira!*

*Ja-ja. Ja kulo kulo!*

*Viajante falcão*

*Você é bem-vindo em casa*

*Ja-ja. Ja kulo kulo!*

*Mas onde está o comprimento*

*De tecido que você trouxe*

*Ja-ja. Ja kulo kulo!*

— Nwafo!... Nwafo! — chamou Ezeulu.

— Nwafo foi para o rio! — respondeu sua mãe, da cabana dela.

— Nwafo foi aonde? — Ezeulu gritou de volta.

Ugoye decidiu ir até o *obi* em pessoa e explicar que Nwafo fora para o rio por conta própria.

— Ninguém lhe pediu para ir — disse.

— Ninguém lhe pediu para ir? — retorquiu Ezeulu, imitando a voz de uma criança. — Você disse que ninguém lhe pediu para ir? Você não sabe que ele varre minha cabana todas as manhãs? Ou você espera que eu quebre noz-de-cola ou receba pessoas numa cabana que não foi varrida? Por acaso seu pai quebrava sua noz-de-cola matinal em cima das cinzas da fogueira do dia anterior? A abominação que todos vocês cometem nesta casa recairá nas suas próprias cabeças. Se Nwafo tornou-se grande demais para ouvi-la, por que você não pediu a Oduche para varrer minha cabana?

— Oduche foi também para o rio, com o resto do pessoal.

Ezeulu resolveu não dizer mais nada. Sua mulher foi embora, mas logo voltou com duas vassouras. Ela varreu a cabana com a vassoura de folhas de palmeira e a frente do *obi* com o feixe de *okeakpa*, que era mais longo e mais forte.

Enquanto ela estava varrendo a parte de fora, Obika veio de sua cabana e perguntou:

— É você quem agora varre o *iru-ezi*? Onde está Nwafo?

— Ninguém nasce com uma vassoura na mão — ela respondeu impacientemente e aumentou o volume de sua cantoria.

Devido ao comprimento da vassoura, ela a segurava e manejava como se fosse um remo. Ezeulu sorriu para si mesmo. Quando terminou, ela juntou o lixo num montinho e levou-o para um lote de terreno à direita, onde pretendia, naquela estação, plantar carás.

Akuebue planejava visitar Ezeulu logo depois da refeição matinal, para regozijar-se com ele pela nova esposa de seu filho. Mas tinha outras coisas importantes para conversar com o amigo e, por isso, resolveu ir de manhã cedinho — antes que outros visitantes, atrás de vinho de palma, enchessem o lugar. O assunto sobre o qual Akuebue queria conversar não tinha nada de novo. Eles já haviam falado sobre ele muitas vezes. Mas, nos últimos dias, Akuebue começara a ouvir coisas que o tinham preocupado muito. Todas diziam respeito ao terceiro filho de Ezeulu, Oduche, que o pai havia mandado aprender os segredos da religião do homem branco. Akuebue, desde o início, duvidara do bom senso desse ato de Ezeulu, mas Ezeulu o havia persuadido de sua sabedoria. Agora isso estava sendo usado pelos inimigos de Ezeulu para enodoar o seu nome. O povo andava perguntando: “Se o sumo sacerdote de Ulu podia mandar seu filho para o meio de um povo que mata e come a jiboia sagrada e comete outras iniquidades, o que se podia esperar que os homens e as mulheres comuns fizessem? O lagarto que lançou a confusão no ritual funerário de sua mãe por acaso esperava que estranhos carregassem o peso de honrar os seus mortos?”.

Agora o primeiro filho de Ezeulu tinha se juntado, embora sub-repticiamente, aos oponentes de seu pai. Ele procurara Akuebue no dia anterior e lhe pedira que fosse falar com o seu pai como o seu melhor amigo e conversasse com ele sem medir as palavras.

— O que é que está acontecendo?

— Um homem deveria manter seu *compound* unido e não plantar a dissensão entre seus filhos.

Todas as vezes que Edogo sentia profundamente alguma emoção, gaguejava agoniadamente.

Como naquele momento.

— Eu estou ouvindo.

Edogo contou-lhe que a razão pela qual Ezeulu mandara Oduche juntar-se à nova religião fora para deixar o caminho livre para Nwafo tornar-se sumo sacerdote.

— Quem disse isso? — perguntou Akuebue. Mas, antes que Edogo pudesse responder, acrescentou: — Você fala de Nwafo e Oduche, mas o que tem a dizer de você e Obika?

— A cabeça de Obika não está nessas coisas, nem a minha.

— Mas Ulu não pergunta se a cabeça de alguém está numa coisa ou não. Se ele o quiser, ele o terá. Mesmo aquele que foi para a nova religião, se Ulu o quiser, ele o pegará.

— Isso é verdade — disse Edogo. — O que me preocupa, porém, é que meu pai faz com que Nwafo pense que ele será o escolhido. Se amanhã, tal como o senhor diz, Ulu escolher outro de nós, haverá briga na família. Meu pai já não estará aqui, e tudo cairá sobre a minha cabeça.

— Tudo o que você está dizendo é verdade, e eu não o culpo por desejar baldear essa água antes que ela suba acima do tornozelo. — Akuebue pensou um pouco e depois acrescentou: — Mas eu não acho que haverá briga. Nwafo e Oduche vêm da mesma mulher. É uma sorte que você e Obika não tenham o pensamento posto nessa questão.

— Mas o senhor sabe como é Obika — disse Edogo. — Ele é bem capaz de se levantar amanhã de manhã e querer ser sumo sacerdote.

O velho e o filho de seu amigo conversaram durante muito tempo. Quando Edogo finalmente se levantou para sair (ele anunciara sua intenção de ir embora três ou quatro vezes antes, sem se levantar), Akuebue prometeu falar com Ezeulu. Ele sentia piedade e um pouco de desprezo pelo jovem rapaz. Por que ele não podia abrir sua boca como homem e dizer que queria ser o sumo sacerdote, em vez de se esconder atrás de Oduche e Obika? Era por isso que Ezeulu nunca contara com ele. O rapaz tinha a esperança de que o oráculo *afa* chamaria o seu nome quando o dia chegasse. “O sujeito não cai onde seu corpo pode ser apanhado”, pensou o velho. “Não é necessário um oráculo para ver que Edogo não está talhado para ser sumo sacerdote. Uma espiga de milho madura pode ser reconhecida simplesmente pelo olhar.”

E, no entanto, Akuebue tinha pena de Edogo. Sabia como o primeiro filho de um homem devia se sentir ao ser empurrado para trás, a fim de que os mais novos pudessem pôr-se na frente e receber os favores. Sem dúvida tinha sido por isso que, nos primeiros dias de Umuaro, Ulu decidiu dar unicamente um filho aos seus sumos sacerdotes durante sete gerações.

A caminho do rio, naquela manhã, a noiva, que não tinha visto muitas camisetas na sua vida, interessou-se muito por Oduche e pela nova religião que fornecia tais maravilhas. Para refrear o seu entusiasmo, a ciumenta Ojiugo sussurrou em seu ouvido que os devotos do novo culto matavam e comiam a jiboia. A noiva, que, como qualquer outra pessoa em Umuaro, soubera da aventura de Oduche com a jiboia, perguntou ansiosamente:

— Ele a matou? Disseram-me que ele apenas a colocou numa caixa.

Infelizmente, Okuata era uma dessas pessoas que nunca conseguiam sussurar, e o que ela disse chegou aos ouvidos de Oduche. Ele imediatamente correu até Ojiugo e — nas palavras de Nwafo, quando contou o incidente mais tarde — deu-lhe uma bofetada na cara. Em resposta, Ojiugo praticamente jogou no chão o seu pote e atacou Oduche, usando os braceletes de metal nos pulsos

para tornar cortantes os seus golpes. Oduche replicou com tapas ainda mais violentos e um golpe final e maldoso com o joelho na barriga de Ojiugo. Isso provocou muitas críticas e até mesmo insultos a Oduche por parte de muitas pessoas que se tinham juntado para ajudar a separá-los. Mas Ojiugo pendurava-se em seu meio-irmão, gritando:

— Mate-me hoje. Você precisa me matar. Você está me ouvindo, comedor de jiboia. Você precisa me matar.

Ela mordeu uma das pessoas que estavam tentando segurá-la e arranhou outra.

— Deixe-a em paz — disse uma das mulheres, exasperada. — Se ela quer ser morta, deixe-a...

— Não fale assim. Você não estava aqui quando ele quase a matou com pontapés na barriga.

— Ela não já bateu nele o suficiente? — perguntou uma terceira.

— Não, ainda não — retrucou a segunda mulher. — Eu penso que ele é um desses que se tornam corajosos quando veem uma mulher.

A multidão dividiu-se rapidamente entre aqueles que apoiavam Ojiugo e aqueles que pensavam que ela já tinha se vingado o suficiente. Estes últimos insistiam com Oduche para que ele fosse para o rio e não ouvisse mais nenhum dos insultos de Ojiugo e tentasse respondê-los.

— O filhote de um falcão não pode deixar de devorar pintinhos — disse Oyilidie, a quem Ojiugo mordera. — Esta aqui se parece com a mãe em teimosia.

— Ela deveria se parecer a tua mãe, por acaso? — Essa pergunta foi feita por Ojinika, uma mulher grandalhona que tinha uma velha briga com Oyilidie. As pessoas costumavam dizer que, apesar da aparência dura de Ojinika e da rapidez com que entrava em brigas, sua força era só bravata, e uma criança de dois anos podia derrubá-la com um sopro.

— Não abra sua boca podre perto de mim, está me ouvindo? — gritou Oyilidie. — Ou eu arrancarei sementes de quiabo da sua boca. Talvez você já tenha esquecido...

— Vá comer merda — berrou Ojinika.

As duas já estavam se medindo, uma contra a outra, paradas na ponta dos pés e com os peitos jogados para a frente.

— O que é que há de errado com essas duas? — perguntou outra mulher. — Abram caminho e deixem-me passar.

Ojiugo ainda estava soluçando quando chegou em casa. Nwafo e Oduche tinham voltado mais cedo, porém a mãe de Ojiugo não lhes perguntara pelos demais. Quando ela viu Ojiugo, quis perguntar-lhe se eles tinham tido de esperar que o rio voltasse de uma viagem ou levantasse do sono. Mas as palavras secaram em sua boca.

— O que é que há de errado com ela? — perguntou, em vez disso.

Ojiugo aumentou as fungadelas. A mãe ajudou-a a colocar no chão seu pote de água e perguntou-lhe novamente o que é que estava errado. Antes de dizer qualquer coisa, Ojiugo entrou na cabana, sentou-se no chão e secou os olhos. Depois, contou sua história. Matefi examinou o rosto da filha e viu o que parecia ser a marca deixada pelos cinco dedos de Oduche. Ela imediatamente levantou a voz em protesto e lamento para que toda a vizinhança pudesse ouvir. Ezeulu entrou tão lentamente quanto pôde no *compound* e perguntou qual o motivo daquele barulhão. Matefi lamentou-se ainda mais alto.

— Cale a boca — ordenou Ezeulu.

— Você me diz que cale a minha boca — gritou Matefi — quando Oduche leva minha filha ao rio e bate nela até quase matá-la. Como é que eu posso fechar minha boca, ao me trazerem um cadáver de volta? Vá lá e olhe para a cara dela; os cinco dedos do sujeito...

A voz dela aumentou a um ponto que reverberava no cérebro.

— Eu lhe disse para calar a boca! Você está maluca?

Matefi parou com o berreiro. Passou a choramingar resignadamente:

— Eu já fechei minha boca. Por que eu não fecharia minha boca? Afinal de contas, Oduche é filho de Ugoye. Sim, Matefi precisa calar a boca.

— Que ninguém fale o meu nome aqui! — gritou a outra esposa, que saía de sua cabana, onde estivera sentada o tempo todo, como se todo o barulho no *compound* viesse de um clã distante. — Eu disse que ninguém mencione meu nome para nada.

— Feche a boca — disse Ezeulu, voltando-se para ela. — Ninguém aqui falou no seu nome.

— Você não a ouviu dizer o meu nome?

— E se ela disse?... Vá e pule nas costas dela se puder.

Ugoye resmungou e voltou para sua cabana.

— Oduche!

— E-eh!

— Venha cá!

Oduche veio da cabana de sua mãe.

— O que é essa barulheira toda? — indagou Ezeulu.

— Pergunte a Ojiugo e à mãe dela.

— Eu estou perguntando a você. E não me diga para perguntar a outra pessoa ou um cachorro lamberá seus olhos essa manhã. Quando foi que vocês aprenderam a jogar palavras na minha cara?

Olhou em volta para todos eles, e sua maneira mudara para a de um leopardo acororado.

— Se um de vocês abrir a boca novamente e fizer *fim*, eu lhe ensinarei que um homem não fala quando os espíritos mascarados falam.

Tornou a olhar em volta, desafiando qualquer um a abrir a boca. Houve um silêncio completo no recinto. Ele deu as costas a todos e dirigiu-se para o seu *obi*, a zanga tendo diminuído o seu interesse pela causa do tumulto.

A pressa de Akuebue em tratar da questão de Oduche acabou por ser contraproducente. Estava ansioso por chegar ao fim dessa parte da conversa antes que outras pessoas chegassem, pois não havia dúvida de que os três *compounds* estariam em breve cheios de gente. Muitas das pessoas que haviam estado ali na noite anterior viriam novamente, e muitas outras o fariam pela primeira vez, porque nessa estação de fome, quando a maioria dos celeiros estava vazio de tudo, com exceção de inhames usados no plantio, ninguém perderia a oportunidade de comer um bocado e beber um chifre de vinho de palma na casa de um homem rico. Akuebue sabia que, assim que o primeiro homem chegasse, não mais poderia conversar com Ezeulu. Por isso, não perdeu tempo. Se tivesse sabido o quanto Ezeulu acabara de se aborrecer, talvez tivesse esperado pelo dia seguinte.

Ezeulu ouviu-o silenciosamente, segurando com ambas as mãos a crescente irritação que o tomava.

— Você já terminou? — perguntou assim que Akuebue parou de falar.

— Sim, terminei.

— Eu o saúdo.

Ezeulu não estava olhando para o hóspede, e sim, vagamente, para a soleira da porta.

— Eu não posso censurá-lo, pois você não disse nada que um homem não possa dizer a um amigo. Eu não sou cego e tampouco surdo. Sei que Umuaro está dividida e confusa. Sei que algumas pessoas estão tendo encontros secretos para persuadir os outros de que sou a causa dos problemas. Mas por que isso deveria remover o sono de meus olhos? Essas coisas não são novas e elas irão para onde as outras foram. Quando as chuvas vierem, terão passado cinco anos desde que esse mesmo homem disse, num encontro secreto em sua casa, que, se Ulu deixasse de lutar em sua censurável guerra, deixaria de ser adorado como um deus. Nós ainda estamos esperando, Ulu e eu, que essa besta venha e nos destitua. O que me aborrece não é que um imbecil exibido, de testículos vazios e bamboleantes, tenha se esquecido do que é, porque a riqueza entrou na sua casa por engano. Não, o que me aborrece é que o sacerdote covarde de Idemili se esconda atrás dele e o incite.

— É ciúme — disse Akuebue.

— Ciúme de quê? Eu não sou o primeiro Ezeulu em Umuaro, e ele não é o primeiro Ezidemili. Se o seu pai e o pai de seu pai e todos os outros antes deles não se mostraram ciumentos dos que me antecederam, por que estaria ele de mim? Não, não é ciúme, e sim besteira; do tipo que põe sua cabeça dentro do pote. Mas se é ciúme, deixe-o continuar. A mosca que pousa num monte de esterco pode pavonear-se por quanto tempo quiser, mas não é capaz de mover o monte.

— Todo mundo conhece esses dois — afirmou Akuebue. — Todos nós sabemos que se eles conhecessem o caminho para Ani-Mmo, teriam ido brigar com os nossos ancestrais por terem dado o sacerdócio de Ulu a Umuachala e não à sua aldeia. Não estou preocupado com eles. O que me aborrece é o que o clã inteiro está dizendo.

— E quem diz ao clã o que ele diz? O que é que o clã sabe? Algumas vezes, Akuebue, você me faz rir. Você estava aqui, ou você não tinha ainda nascido, quando o clã decidiu declarar guerra a Okperi por um pedaço de terra que não nos pertencia. Por acaso eu não me levantei naquela ocasião e disse a Umuaro o que nos aconteceria? E quem estava certo no fim das contas? O que eu disse aconteceu ou não?

Akuebue não respondeu.

— Cada palavra aconteceu como eu disse que aconteceria.

— Eu não duvido disso — disse Akuebue. E, num súbito acesso de impaciência e temeridade, acrescentou: — Mas você se esquece de uma coisa: em matéria de julgamento, homem nenhum, por maior que seja, pode ganhar de um clã. Você pode pensar que logrou isso durante a disputa de terra, mas está errado. Umuaro sempre dirá que você a traiu diante do homem branco. E dirá que você a está traindo novamente, ao mandar seu filho juntar-se aos que estão profanando a terra.

A resposta de Ezeulu mostrou a Akuebue uma vez mais que, mesmo para seu melhor amigo, o sacerdote era uma incógnita. Até mesmo seus filhos não o conheciam. Akuebue não tinha certeza de qual era a resposta que esperava, mas não era com certeza absoluta aquela risada. Ela o fez sentir-se temeroso e desassossegado, como alguém que encontra um louco rindo num caminho solitário. Não lhe foi dado tempo para examinar esse estranho sentimento de medo bem de perto.

Mas iria senti-lo novamente no futuro e, só então, compreenderia o seu significado.

— Não me faça rir — disse Ezeulu. — Então, quer dizer que eu traí Umuaro diante do homem branco? Deixe-me fazer-lhe uma única pergunta. Quem trouxe o homem branco aqui? Foi Ezeulu? Nós entramos em guerra contra Okperi, que são nossos irmãos de sangue, por causa de um pedaço de terra que não nos pertencia, e você culpa o homem branco por ter se metido no meio. Você não ouviu dizer que quando dois irmãos brigam, um estranho colhe sua safra? Quantos homens brancos faziam parte do grupo que destruiu Abame? Você sabe? Cinco.

Ele levantou sua mão direita com os cinco dedos bem abertos.

— Cinco. Ora, alguma vez você ouviu dizer que cinco pessoas, ainda que suas cabeças tocassem o céu, pudessem dominar um clã inteiro? Impossível. Com todo o seu poder e mágica, os homens brancos não teriam dominado Olu e Ibo inteiros, se nós não os tivéssemos ajudado. Quem lhes mostrou o caminho para Abame? Eles não nasceram lá. Como é que encontraram o caminho? Fomos nós que lhes mostramos e nós continuamos a fazê-lo. Que ninguém venha a mim, agora, queixar-se de que o homem branco fez isso e fez aquilo. Quem traz achas de lenha infestadas de formigas para dentro de sua cabana não deve resmungar quando os lagartos começarem a lhe fazer visitas.

— Não posso objetar nada do que você diz. Fizemos muitas coisas erradas no passado, porém não devemos, daqui por diante, continuar a fazê-las. Agora sabemos o que fizemos errado e, por isso, podemos consertar as coisas. Nossos sábios costumam dizer que um homem que não sabe onde a chuva começou a bater sobre ele não pode saber onde secou o seu corpo. Nós não somos assim. Nós sabemos onde esta chuva começou a cair sobre nós...

— Não estou tão certo disso — cortou Ezeulu. — Mas, de qualquer modo, é preciso que você não se esqueça de uma coisa. Nós mostramos ao homem branco o caminho de nossa casa e nós lhe demos um banco para sentar-se. Se quisermos que ele se vá, precisamos ou esperar que esteja cansado de sua visita ou mandá-lo embora. Você acha que pode mandá-lo embora, culpando Ezeulu? Você pode tentar, e, no dia que souber que conseguiu, virei apertar a sua mão. Eu tenho meu próprio caminho e pretendo segui-lo. Eu vejo coisas para as quais outros homens são cegos. Esta é a razão pela qual eu sou Conhecido e ao mesmo tempo uma Incógnita. Você é meu amigo e sabe se eu sou um ladrão, um assassino ou um homem honesto. Mas você não pode saber a Coisa que bate o tambor ao som do qual Ezeulu dança. Eu posso ver o amanhã; e esta é a razão por que posso dizer a Umuaro: saiam daí porque aí há morte ou façam isso por que daí resultará um bom proveito. Se me ouvirem, muito bem. Se fizerem ouvidos moucos, muito bem. Já passei do estágio de dançar para receber presentes. Você conheceu meu pai, que foi sacerdote antes de mim. Você conheceu meu avô também, embora com os olhos de uma criança pequenina.

Akuebue fez que sim com a cabeça.

— O meu avô não acabou com o *ichi* em Umuaro? Ele levantou-se indignado e disse: “Nós não mais entalharemos nossos rostos como se fossem a porta de um *ozo*”.

— Sim, ele fez isso — concordou Akuebue.

— E qual foi a resposta que lhe deu Umuaro? Eles o amaldiçoaram. Disseram que seus homens pareceriam mulheres. Disseram: “Como é que vai ser posta à prova a capacidade de um homem de aguentar a dor física?”. Quem, hoje em dia, faria pergunta semelhante?

Akuebue sentiu que já tinha concordado com Ezeulu suficientemente para ser capaz de estar de novo em desacordo.

— Não se pode pôr em dúvida o que você está dizendo, mas, se o que nos contam é verdade, o seu avô não estava sozinho naquela luta. Havia mais pessoas contra o *ichi* em Umuaro do que...

— Foi assim que seu pai contou a história? Eu ouvi coisa bem diferente. De qualquer modo, o ponto importante é que o sumo sacerdote guiou-os e eles o seguiram. Mas, se há outras versões dessa história, o que você me diz de certos acontecimentos da época de meu pai? Você não era um menino pequeno quando meu pai fez com que se abandonasse o costume que fazia de toda criança nascida de uma viúva um escravo, a menos que...

— Eu não sou quem vai opor-se a tudo o que você está dizendo, Ezeulu. Sou seu amigo e posso falar com você como quiser. Isso não significa, contudo, que me esqueça de que metade da sua pessoa é homem e a outra metade é espírito. É verdade o que você diz de seu pai e de seu avô. Porém, o que aconteceu no tempo deles não é igual ao que se está passando hoje. Não é sequer semelhante. Seu pai e seu avô não fizeram o que fizeram para agradar um estranho...

Isso picou Ezeulu agudamente, porém uma vez mais ele manteve a raiva sob um firme controle.

— Não me faça rir — disse ele. — Se alguém chegar para você e disser que Ezeulu mandou o filho para uma estranha religião, a fim de agradar outro homem, o que você lhe dirá? Eu digo: não me faça rir. Você quer que lhe diga por que mandei meu filho? Então, escute. Uma moléstia que nunca foi vista antes não pode ser curada com as ervas de todos os dias. Quando queremos fazer um sacrifício, procuramos um animal cujo sangue esteja à altura do poder que desejamos convocar: se uma galinha não for suficiente, buscamos uma cabra ou um carneiro; se estes não bastarem, mandamos trazer um touro. Em alguns casos, no entanto, nem mesmo um touro servirá: então recorremos a um ser humano. Você acha que é o som do grito de morte gorgolejando através do sangue que queremos ouvir? Não, meu amigo. Nós fazemos isso porque alcançamos o limite final das coisas e sabemos que nem o galo, nem a cabra, nem o touro serão suficientes. Nossos antepassados nos disseram que pode até acontecer a uma infeliz geração que ela seja empurrada além do limite das coisas e suas costas sejam quebradas e penduradas por cima de um fogo. Quando isso acontecer, ela poderá sacrificar o seu próprio sangue. Foi isso o que os nossos sábios nos quiseram dizer ao declarar que, quando um homem não tem nenhum outro lugar para apoiar a mão, a põe em cima do próprio joelho. E foi essa a razão pela qual nossos ancestrais, quando foram empurrados para além do limite das coisas pelos guerreiros de Abam, sacrificaram não um estranho, mas um deles próprios, e fizeram o grande fetiche a que chamaram Ulu.

Akuebue estalou os dedos e moveu sua cabeça para cima e para baixo.

— Tratou-se, portanto, de um sacrifício — murmurou para si mesmo. — Edogo estava certo, afinal, embora tivesse parecido tão tolo naquele momento.

Ele fez uma pausa em seus pensamentos e, depois, disse em voz alta:

— O que acontecerá se esse rapaz que você está sacrificando vier a ser o escolhido por Ulu, quando você for procurado e não mais for encontrado?

— Deixe isso para a divindade. Quando chegar o tempo do qual você fala, Ulu não procurará o seu conselho nem a sua ajuda. Não fique acordado à noite por causa disso.

— Eu não fico. Por que ficaria? Meu *compound* está cheio de seus próprios problemas. Por que eu levaria os seus para a minha casa? Onde encontraria espaço para eles? Mas preciso repetir o que disse antes e, se você não quiser ouvir, pode fechar os ouvidos. Quando falou contra a guerra

com Okperi, você não estava sozinho. Eu também era contra ela, e muitos outros também. Mas, ao mandar seu filho para se juntar a estrangeiros na profanação de terra, você está sozinho. Você pode pôr uma marca naquela parede para lembrá-lo do que lhe digo.

— E quem deve dizer se a terra de Umuaro foi profanada, você ou eu? — A boca de Ezeulu estava contorcida numa indiferença orgulhosa. — Quanto ao fato de estar sozinho, você não acha que eu deveria estar tão acostumado a isso como os defuntos à terra? Meu amigo, não me faça rir.

Nwafo, que entrara na cabana do pai no momento em que Akuebue estava dizendo de Ezeulu que ele era meio homem meio espírito, não compreendeu a briga entre os dois homens. Mas ele já tinha visto cenas de aspecto igualmente perigoso acabar por dar em nada. Por isso não se surpreendeu quando seu pai mandou-o buscar na casa de sua mãe óleo de palma temperado com pimenta moída. Quando voltou com o óleo, Ezeulu já tinha descido sua cesta redonda. Essa cesta tinha uma tampa que fechava muito bem, e ficava pendurada no teto diretamente sobre a fogueira. Pendurados com ela estavam a saia de ráfia cerimonial de Ezeulu, duas cabaças e algumas espigas do milho da última colheita, especialmente escolhidas por sua boa qualidade para o plantio. Cesta, milho e saia de ráfia estavam pretos de fumaça.

Ezeulu abriu a cesta redonda e tirou dela uma perna de cabra cozida e defumada, cortou um pedaço grande para Akuebue e um pedaço pequenino para si próprio.

— Acho que precisarei de algo para embrulhar isto — disse Akuebue.

Ezeulu mandou Nwafo cortar um pedaço de folha de bananeira, que segurou por cima do fogo quase apagado, até que ela murchou ligeiramente e perdeu sua tenra frescura. Passou-a depois para Akuebue, que dividiu a carne em dois pedaços, embrulhou o pedaço maior na folha de bananeira e o colocou de parte em sua sacola. Começou então a comer a outra metade, molhando-a no óleo apimentado.

Ezeulu deu uma pequena tira de seu próprio pedaço para Nwafo e jogou o restante na boca. Durante muito tempo eles comeram em silêncio e, quando recomeçaram a conversar, foi sobre coisas bem menos importantes. Ezeulu quebrou um palito da vassoura que estava caída no chão perto dele e encostou-se na parede. Naquela posição, ele facilmente controlava os que se aproximavam de seu *compound* e dos *compounds* de seus dois filhos. Foi, por isso, o primeiro a observar a chegada do mensageiro do tribunal e de seu acompanhante.

Quando os dois estranhos chegaram à porta da casa de Ezeulu, o acompanhante bateu palmas e perguntou:

— Os donos da casa estão?

Houve um breve silêncio antes que Ezeulu respondesse:

— Entre e o senhor verá.

O acompanhante se abaixou nos beirais inferiores e entrou em primeiro lugar; depois, o outro o seguiu. Ezeulu cumprimentou-os e disse que se sentassem. O mensageiro do tribunal sentou-se na cama de barro, porém seu acompanhante permaneceu de pé. Uma vez terminados os cumprimentos, o acompanhante saudou Ezeulu e explicou que era o filho de Nwodika, de Umunneora.

— Eu pensei ter visto o rosto de seu pai, assim que o senhor entrou — disse Akuebue.

— É verdade — confirmou Ezeulu. — Qualquer pessoa que ponha os olhos nele pensa logo em

Nwodika. Seu amigo parece ter vindo de longe.

— Sim, viemos de Okperi...

— Quer dizer que o senhor vive em Okperi? — perguntou Ezeulu.

— Sim — respondeu Akuebue. — Você não ouviu falar de um de nossos jovens que vive com o homem branco em Okperi?

Na verdade, Ezeulu tinha ouvido falar, mas deliberadamente fingiu ignorância.

— É mesmo? — perguntou. — Há muita coisa que eu não sei hoje em dia. Então, quer dizer que o senhor saiu de Okperi esta manhã e já está aqui. É bom ser forte e jovem. Como vão as pessoas na terra de minha mãe? O senhor sabe que minha mãe nasceu em Okperi?

— Não havia nada a não ser felicidade e risos quando nós partimos. O que aconteceu desde então eu não posso dizer.

— E quem é seu companheiro?

— Ele é o mensageiro-chefe do grande homem branco, o Destruidor de Armas.

Ezeulu estalou os dedos e moveu a cabeça.

— Então este é o mensageiro de Wintabota? Ele é um homem de Okperi?

— Não — respondeu o acompanhante. — Ele pertence ao clã Umuru.

— Wintabota estava bem quando o senhor partiu? Nós não o temos visto por esses lados faz muito tempo.

— É verdade. Este homem aqui é o seu olho.

O mensageiro-chefe não parecia muito satisfeito com o rumo da conversação. No íntimo, ele estava irritado com aquele homem do mato que se dava ares e pretendia ser muito amigo do chefe do distrito. Seu acompanhante sentia isso e fazia esforços desesperados para deixar clara a importância de seu superior.

— Forasteiro, o senhor é bem-vindo — disse Ezeulu. — Como o senhor se chama?

— Ele se chama Jekopu — declarou o acompanhante. — Como já disse, ninguém vê o Destruidor de Armas sem o seu consentimento. Não existe ninguém em Okperi que não conheça o nome de Jekopu. O Destruidor de Armas pediu-me que o acompanhasse nesta viagem, porque ele não conhece esta região.

— Está bem — disse Ezeulu, com um olhar significativo para Akuebue. — Assim é que deveria ser. O homem branco nos envia um homem de Umuru e um homem de Umuro ensina o caminho ao homem de Umuru. — Riu. — O que eu disse a você, Akuebue? Nossos sábios estavam certos quando afirmaram não importar quantos espíritos planejem a morte de um homem; ela não ocorrerá, a não ser que o seu deus pessoal tome parte na deliberação.

Os dois homens pareciam intrigados. Depois o filho de Nwodika disse:

— Assim é. Mas nós não viemos numa missão de morte.

— Não. Eu não disse isso. É apenas uma maneira de falar. Nós temos um ditado segundo o qual uma cobra nunca é tão comprida quanto a vara com que a medimos. Eu sei que Wintabota não mandaria uma missão de morte a Ezeulu. Nós somos bons amigos. O que desejo dizer é que um estranho não poderia vir a Umuro, a menos que um filho da terra lhe mostrasse o caminho.

— Isso é verdade — disse o acompanhante. — Nós viemos...

— Meu amigo — interrompeu o mensageiro-chefe —, você já fez o que foi mandado aqui fazer. O resto é comigo. Portanto, ponha sua língua na bainha.

— Desculpe-me. Eu fico de fora.

Ezeulu mandou Nwafo buscar noz-de-cola em casa de Matefi. Já então, Obika e Edogo estavam presentes, pois tinham sabido que um mensageiro do homem branco estava na cabana de seu pai. Quando a noz-de-cola chegou, foi passada em volta e partida.

— As pessoas que você mandou ao mercado para comprar vinho de palma já voltaram? — perguntou Ezeulu.

Obika respondeu que não.

— Eu sabia que não tinham voltado. Um homem que pretende comprar vinho de palma não fica fazendo hora em casa até que todo o vinho do mercado seja vendido.

Ele continuava encostado na parede, levantando do chão uma das pernas, com as mãos entrelaçadas no tornozelo.

O mensageiro removeu o seu fez azul e o pôs no joelho, expondo uma cabeça bem raspada, brilhante de suor. A beirada do gorro deixara um anel em volta da cabeça. Ele pigarreou e falou, como se fosse pela primeira vez.

— Eu os saúdo.

Tirou do bolso da camisa um pequenino livro preto e o abriu como faria o homem branco.

— Quem de vocês se chama Ezeulu? — perguntou, olhando primeiro para o livro e depois para cima e para todos na cabana. Ninguém respondeu. Estavam todos perplexos.

Akuebue foi o primeiro a se recuperar:

— Olhe em volta e conte seus dentes com a língua — disse ele. — Sente-se, Obika. Você deve esperar que os estrangeiros falem pelo nariz.

— O senhor disse que é de Umuru? — perguntou Ezeulu. — Os senhores lá têm sacerdotes e anciãos?

— Não leve a mal minha pergunta. O homem branco tem sua própria maneira de fazer as coisas. Antes de tratar de qualquer coisa com o senhor, ele perguntará o seu nome, e a resposta deve vir de seus próprios lábios.

— Se o senhor tiver um só grão de bom senso na barriga — disse Obika —, saberá que não está na casa do homem branco, mas em Umuaro, na casa do sumo sacerdote de Ulu.

— Segure a língua, Obika, você não ouviu Akuebue dizer agora mesmo que os estranhos falam pelo nariz? Você sabe se eles têm sumos sacerdotes na terra deles ou na terra do homem branco?

— Diga àquele jovem que tome cuidado como fala comigo. Se ele não ouviu falar de mim, deveria informar-se com aqueles que ouviram.

— Vá comer merda!

— Feche a boca! — rugiu Ezeulu. — Este homem percorreu todo o caminho da terra de minha mãe até a minha casa, e eu proíbo qualquer pessoa de insultá-lo. Além disso, ele é apenas um mensageiro. Se não gostarmos de sua mensagem, nossa briga não será com ele, porém com aquele que o enviou.

— Isso é verdade — concordou Akuebue.

— Não há palavras a mais — disse o acompanhante.

— O senhor me fez uma pergunta — continuou Ezeulu, voltando-se novamente para o mensageiro. — Eu agora lhe responderei. Sou aquele Ezeulu de quem o senhor falou. Está satisfeito?

— Muito obrigado. Somos todos homens aqui, mas quando abrimos nossas bocas sabemos distinguir os homens dos meninos. Nós já dissemos muitas palavras; algumas foram palavras de

proveito, outras, não; algumas foram palavras da razão, e outras, da embriaguez. Este é o momento de dizer por que eu vim, pois um sapo não corre durante o dia, a menos que alguma coisa o esteja perseguindo. Eu não fiz toda a estrada desde Okperi apenas para esticar as pernas. Seu próprio conterrâneo aqui já lhe disse como Kaputin Winta-bor-tom me encarregou de muitos de seus assuntos. Ele é o chefe de todos os homens brancos nessas áreas. Conheço-o há mais de dez anos e ainda estou para ver um homem branco que não trema diante dele. Quando me mandou aqui, não me disse que tinha um amigo em Umuaro. — Sorriu com ar de mofa. — Mas, se o que o senhor diz é verdade, nós teremos confirmação disso amanhã, quando eu o levar para vê-lo.

— O que o senhor está dizendo? — perguntou Akuebue, alarmado.

O mensageiro continuou a sorrir, ameaçadoramente.

— O seu amigo Wintabota — e ele pronunciou afetadamente o nome da maneira como faziam os que o ouviam — ordena-lhe que se apresente a ele amanhã de manhã.

— Onde? — perguntou Edogo.

— Onde mais seria senão em seu escritório em Okperi?

— O sujeito está maluco — disse Obika.

— Não, meu amigo. Se alguém é maluco, é você. De qualquer maneira, Ezeulu precisa preparar-se imediatamente. Por sorte, a nova estrada faz com que até mesmo um aleijado tenha desejo de caminhar. Nós partimos esta manhã, ao primeiro canto do galo, e, antes que nos déssemos conta de onde estávamos, havíamos chegado aqui.

— Bem que eu disse que o sujeito é maluco. Quem...

— Ele não é louco — cortou Ezeulu. — Ele é um mensageiro e deve transmitir a mensagem tal como lhe foi dada. Deixem-no terminar.

— Eu já terminei — disse o outro. — Mas eu peço a quem quer que seja o responsável por esse jovem que o aconselhe para o seu próprio bem.

— O senhor está seguro de ter transmitido toda a mensagem?

— Estou. O homem branco não é como os homens negros. Ele não desperdiça palavras.

— Eu os saúdo — disse Ezeulu — e lhes dou as boas-vindas novamente. *Nno!*

— Eu me esqueci de uma pequenina coisa — acrescentou o mensageiro. — Há sempre muitas pessoas aguardando para ver o homem branco, e o senhor talvez tenha que esperar em Okperi por dois ou três dias, antes que sua vez chegue. Mas sei que um homem como o senhor não desejaria passar muitos dias fora de sua aldeia. Se o senhor me fizer um agrado, eu conseguirei que o veja amanhã. Tudo está em minhas mãos: se eu disser que o homem branco verá esta pessoa, ele a verá. Seu conterrâneo lhe dirá o que eu como.

Sorriu, e pôs o fez de volta na cabeça.

— Esta é uma questão sem importância — disse Ezeulu. — Não brigaremos por isso. Não acredito que aquilo que o senhor pode pôr dentro de sua pequena barriga esteja fora do meu alcance. E, se estiver, meus conterrâneos estão aqui para ajudar.

Fez uma pausa e parecia gozar imensamente a reação zangada do mensageiro à menção ao seu tamanho pequeno.

— O senhor deve, entretanto, primeiro regressar a Okperi, e lá dizer ao seu homem branco que Ezeulu não sai de sua casa. Se ele desejar ver-me, terá de vir até aqui. O filho de Nwodika, que lhe mostrou o caminho, poderá fazer o mesmo com ele.

— O senhor sabe o que está dizendo, meu amigo? — perguntou, atônito, o mensageiro.

— O senhor é ou não é um mensageiro? — indagou Ezeulu. — Volte para casa e transmita minha mensagem ao seu chefe.

— Não brigemos por causa disso — interveio rapidamente Akuebue, para desmanchar uma situação que seu espírito lhe dizia estar carregada de perigo. — Se o mensageiro do homem branco nos der algum tempo, nós conversaremos juntos em voz baixa.

— O que é que vocês estão murmurando? — perguntou Ezeulu, indignado. — Eu já mandei minha mensagem.

— Dê-nos apenas um pouco de tempo — disse Akuebue ao mensageiro, que obedeceu e foi para fora.

Akuebue voltou-se para o acompanhante:

— O senhor pode sair com ele.

Ezeulu não tomou parte na conversa que se seguiu. Quando o mensageiro e seu camarada voltaram à cabana, foi Akuebue quem lhes disse que, por causa do respeito que tinha pelo homem branco, Ezeulu concordara em enviar seu filho, Edogo, a Okperi, para trazer qualquer mensagem que houvesse para seu pai.

— Em Umuaro, não é nosso costume recusar um convite, embora possamos recusar fazer aquilo que quem convida pede. Ezeulu não quer recusar o convite do homem branco e, por isso, está mandando seu filho.

— É essa a resposta? — perguntou o mensageiro do tribunal.

— É — replicou Akuebue.

— Eu não a levarei.

— Então, o senhor pode ir lá, naquele mato, comer merda — disse Obika. — O senhor está vendo para onde o meu dedo está apontando?

— Ninguém vai comer merda — atalhou Akuebue e, voltando-se para o mensageiro, acrescentou: — Nunca ouvi falar de mensageiro que escolhesse a mensagem que vai levar. Volte e transmita ao homem branco o que Ezeulu disse. Ou o senhor é o próprio homem branco?

Ezeulu se havia afastado um pouco dos outros e voltara a palitar os dentes com a varetinha da vassoura.

Assim que o mensageiro e seu acompanhante deixaram a cabana de Ezeulu para regressar a Okperi, o sumo sacerdote pediu ao velho que batia o gigantesco *ikolo* que convocasse os anciãos e os *ndichie* para uma reunião urgente, ao pôr do sol. Logo depois, o *ikolo* começou a falar às seis aldeias. Em todos os lugares, os anciãos e titulados ouviram o sinal e se prepararam para a assembleia. Talvez houvesse ameaça de guerra. Mas ninguém falava de guerra nesses dias do homem branco. Era mais provável que a divindade de Umuaro tivesse revelado, por meio de um oráculo, um agravo que deveria ser rapidamente removido, ou então... mas, o que quer que fosse — um chamado para se preparar para a batalha ou para desempenhar um sacrifício comunal —, tratava-se de assunto urgente. Pois o *ikolo* não era batido fora de época, exceto numa grande emergência — quando, como afirma o ditado, um animal mais poderoso do que o *nté* era apanhado pela armadilha do *nté*.

A reunião começou quando as aves foram para o poleiro e continuou noite a dentro. Se tivesse sido uma reunião diurna, as crianças teriam trazido os tamboretas dos pais e ficariam brincando nas redondezas da praça do mercado, à espera do fim da reunião, para levarem de volta os bancos para casa. Mas nenhum pai levava o filho para uma reunião noturna. Aqueles que moravam perto da praça do mercado carregavam os seus próprios tamboretas; os outros, uma pele de cabra enrolada sob o braço.

Ezeulu e Akuebue foram os primeiros a chegar. Mal tinham, porém, acabado de sentar, e já outros anciãos e homens titulados de todas as aldeias de Umuaro começaram a entrar na praça de Nkwo. No início, cada homem saudava todos os outros que ali estavam antes dele, mas à medida que a multidão aumentou os recém-chegados cumprimentavam somente aqueles que estavam mais próximos, apertando as mãos de uns três ou quatro.

A reunião realizou-se debaixo da antiquíssima árvore *ogbu*, sobre cujo emaranhado de raízes expostas gerações de anciãos de Umuaro se haviam sentado para tomar importantes decisões. Em pouco tempo, a maioria das pessoas esperadas para a reunião já estava ali, e a corrente de recém-chegados tornou-se um simples fio. Ezeulu manteve uma rápida consulta com aqueles que se encontravam sentados perto dele, e todos estavam de acordo que chegara o momento de dizer aos notáveis de Umuaro por que eles tinham sido chamados para aquela assembleia. O sumo sacerdote levantou-se, ajustou sua toga e fez a saudação que era ao mesmo tempo um chamado para Umuaro falar com uma única voz.

— *Umuaro kwenu!*

— *Hem!!*

— *Kwenu!*

— *Hem!!*

— *Kwezuenu!*

— *Hem!!*

— Agradeço a todos por deixarem suas tarefas em casa para responder ao meu chamado. Pode

sucedem que um homem chame alguém, e ninguém lhe responda. Esse homem é como quem está tendo um pesadelo. Eu lhes agradeço por não me terem deixado chamando em vão, como aquele que está lutando contra um sonho mau.

Perto dele, alguém estava falando enquanto ele discursava. Olhou em volta e viu que era Nwaka, de Umunneora. Ezeulu parou de falar durante alguns instantes e, depois, dirigiu-se ao homem:

— Ogbuefi Nwaka, eu o saúdo.

Nwaka pigarreou e interrompeu o que estava dizendo aos vizinhos. E Ezeulu prosseguiu:

— Eu lhes estava agradecendo pelo que fizeram. Nosso povo diz que, se você agradecer a um homem por aquilo que fez, ele terá mais força para fazer ainda melhor. Há aqui, porém, uma grande omissão, pela qual peço desculpa. Um homem não convoca Umuaro sem pôr diante dela nem sequer um pote de vinho de palma. Mas fui apanhado de surpresa e, como vocês sabem, o inesperado derrota até mesmo um homem de bem...

Ezeulu contou-lhe então como se dera a visita do mensageiro do tribunal à sua casa.

— Meus companheiros — disse, para rematar o discurso —, foi isso que se passou quando acordei esta manhã. Ogbuefi Akuebue estava lá e assistiu a tudo. Pensei sobre o assunto, durante muito tempo, e decidi que Umuaro deveria juntar-se a mim, para ver e ouvir o que eu vi e ouvi, pois, quando um homem vê uma cobra sozinho, pode ter dúvida sobre se é uma cobra comum ou a intocável jiboia. Por isso, disse a mim mesmo: “Amanhã, convocarei Umuaro e lhe contarei o que se passou”. Então, algo me disse: “Você sabe o que poderá acontecer esta noite ou ao amanhecer?”. Foi por isso que, embora não tenha vinho de palma para oferecer-lhes, achei que seria melhor convocá-los hoje mesmo. Se continuarmos vivos, teremos tempo de sobra para o vinho de palma. Quando o dia da caça chegar, nós caçaremos no quintal do cortador-de-grama.<sup>[1]</sup> Eu os saúdo.

Durante muito tempo, ninguém se levantou para responder. Em vez disso, generalizou-se a troca de palavras (que algumas vezes soava como murmúrio) entre os anciãos e titulados de Umuaro. Ezeulu sentou-se em seu banco e fixou os olhos no chão. Não reagiu nem mesmo quando Akuebue lhe disse que ele havia dito todas as palavras que precisavam ser ditas. Finalmente, Nwaka de Umunneora levantou-se:

— *Umuaro kwenu!*

— *Hem!!*

— *Umuaro kwenu!*

— *Hem!!*

— *Kwekwanu ozo!*

— *Hem!!*

Ele ajeitou a toga, que tinha quase caído do ombro esquerdo, quando, na saudação, estendera três vezes o braço para a frente e para cima.

— Todos ouvimos o que Ezeulu disse. Foram boas palavras, e desejo agradecer-lhe por nos ter chamado e dito essas palavras para nós. Por acaso eu reflito o pensamento de Umuaro?

— Continue — replicou a assembleia.

— Quando um pai reúne os filhos, não deve preocupar-se em oferecer-lhes vinho de palma. São eles que devem trazer vinho de palma para o pai. Eu digo novamente “muito obrigado” ao sacerdote de Ulu. Que ele tenha achado necessário nos convocar e dizer-nos essas coisas, mostra a

alta consideração em que nos tem, e pela qual lhe apresentamos nossos agradecimentos.

E continuou:

— Mas há algo que, para mim, não está claro nesta convocação. Talvez esteja claro para outros; e, se for assim, alguém deve explicar-me. Ezeulu nos disse que o mandatário branco convidou-o a ir a Okperi. Ora, não está claro para mim se é errado um homem convidar seu amigo para visitá-lo. Quando temos uma festa, não chamamos nossos amigos de outros clãs para virem compartilhar conosco, e eles também não nos convidam para suas celebrações? O homem branco é amigo de Ezeulu e mandou chamá-lo. O que há de tão estranho nisso? Ele não me mandou chamar. Ele não chamou Udeozo; ele não mandou chamar o sacerdote de Idemili; ele não mandou chamar o sacerdote de Eru; ele não mandou chamar o sacerdote de Udo, nem convidou o sacerdote de Ogwugwu para ir vê-lo. Ele convidou Ezeulu. Por quê? Porque são amigos. Ou por acaso Ezeulu pensa que essa amizade deveria interromper-se ao entrar um na casa do outro? Por acaso ele deseja que o homem branco seja seu amigo somente de boca? Os nossos anciãos não nos disseram que, quando apertamos a mão de um leproso, ele vai querer um abraço? Parece-me que Ezeulu apertou a mão de um homem de corpo branco.

Essa afirmação provocou murmúrios de aplauso e até mesmo algumas risadas. Como muitas coisas terríveis, das quais as pessoas se encolhem de medo, a lepra é quase sempre mencionada, de modo mais polido e tranquilizador, como “corpo branco”. O aplauso e as risadas foram misturados à saudação “Dono das palavras!”, dirigida a Nwaka. Este esperou que as risadas terminassem e disse:

— Se vocês têm vontade de rir, riam. Quanto a mim, não tenho vontade de rir.

Ezeulu continuava sentado da mesma maneira que ao terminar seu discurso.

— O que eu digo é isso — prosseguiu Nwaka. — Um homem que traz para dentro de sua casa achas de lenha infestadas de formigas deve esperar a visita de lagartos. Mas, se Ezeulu nos está dizendo agora que está cansado da amizade do homem branco, nosso conselho para ele devia ser: “Você, que amarrou o nó, deve saber como desamarrá-lo. Você, que cagou a merda que está fedendo, deve levá-la para longe”. Felizmente, o feitiço maligno introduzido na extremidade de uma vara não é muito difícil de tirar fora de novo.

E, após uma pausa:

— Ouvi uma ou duas vozes murmurando que é contra a tradição que o sacerdote de Ulu viaje para longe de sua cabana. Desejo perguntar a essas pessoas: “Será esta a primeira vez que Ezeulu irá a Okperi? Quem foi a testemunha do homem branco, naquele ano em que nós lutamos pela nossa terra e perdemos?”.

Esperou que o murmúrio geral diminuísse:

— Minhas palavras terminaram. Eu os saúdo.

Outros falaram. Embora ninguém tivesse se expressado com tanta aspereza como Nwaka, somente dois se manifestaram claramente contra sua linha de pensamento. Talvez houvesse outros que também estivessem contra, mas não falaram. A maioria daqueles que discursaram disse que seria temerário ignorar o chamado do homem branco. Por acaso eles se haviam esquecido do que acontecera aos clãs que caíram de suas boas graças? Nwokeke Nnabenyi tentou suavizar ainda mais as palavras duras de Nwaka. E sugeriu que fossem escolhidos seis anciãos para acompanhar Ezeulu.

— Você poderá ir com ele, se seus pés estão famintos por uma caminhada — bradou Nwaka.

— Ogbuefi Nwaka, por favor, não fale por cima de minhas palavras. O senhor ficou de pé e falou o quanto quis e ninguém o interrompeu — retrucou. E tornou a repetir a sugestão de que seis anciãos de Umuaro fossem com o seu sumo sacerdote a Okperi.

Ezeulu tornou a levantar-se. A grande fogueira que fora acesa a uma certa distância brilhava em seu rosto. Fez-se completo silêncio enquanto ele falou. Suas palavras não transmitiram o ódio que havia em seu peito. Sua raiva não era causada pela hostilidade aberta como mostrada por Nwaka em seu discurso, mas pelas palavras doces de pessoas como Nnabenyi. Elas olhavam para ele como ratos roendo sem parar a sola do pé de um homem que dormia, mordendo-o e, depois, soprando na ferida para suavizar a dor e embalar a vítima de volta ao sono.

Ele saudou Umuaro e começou a falar quase com alegria em sua voz:

— Quando eu os chamei para esta reunião, não foi porque esteja sem saber o que fazer ou porque meus olhos tenham visto minhas orelhas. O que desejava era ver como vocês receberiam a minha história. Agora vi e estou satisfeito. Algumas vezes, quando damos um pedaço de inhame a uma criança e lhe pedimos que nos dê de volta um pedacinho, não é porque realmente queiramos comer inhame, mas porque desejamos testar o nosso filho. Queremos saber se ele é a espécie de pessoa que será generosa ou se ele agarrará tudo ao peito quando crescer. Vocês sabem se Ezeulu não é o tipo de homem que fugiria porque o homem branco lhe mandou uma mensagem. Se eu tivesse roubado sua cabra, matado seu irmão ou fodido sua mulher, talvez me escondesse no mato ao ouvir sua voz. Mas eu não o ofendi de modo nenhum. Ora, já havia decidido o que farei, antes de pedir ao *ikolo* para reuni-los. Se, porém, eu tivesse feito qualquer coisa sem primeiro falar com vocês, vocês poderiam queixar-se: “Por que ele não nos disse nada?”. Agora que já lhes disse, a felicidade enche a minha alma. Este não é o momento para muitas palavras. Quando chegar a hora de falar, todos nós falaremos, até que estejamos cansados, e talvez descubramos então que existem oradores em Umuaro além de Nwaka. No momento, eu os saúdo e agradeço por terem respondido ao meu chamado. *Umuaro kwenu!*

— *Hem!*

Uma das pessoas que acompanhou Ezeulu até a casa naquela noite e se ofereceu para ir com ele, na manhã seguinte, a Okperi foi seu meio-irmão mais novo, Okeke Onenyi, um famoso curandeiro. Entretanto, Ezeulu recusou o oferecimento, assim como havia recusado todos os outros, entre os quais o de seu amigo Akuebue. Tomara a decisão de ir sozinho e não ia mudar de ideia.

Assim que fez seu oferecimento e que este foi recusado, Okeke Onenyi levantou-se para sair, embora as primeiras gotas esporádicas de uma pesada chuva tivessem começado a cair.

— O senhor não quer esperar e observar o rosto do céu durante algum tempo? — perguntou Edogo.

— Não, meu filho — retrucou Okeke Onenyi e, fingindo-se alegre e despreocupado, acrescentou: — Somente aqueles que levam unguentos malignos em seu corpo devem temer a chuva.

E saiu, afrontando a tempestade iminente. A escuridão era cortada pelos raios, a intervalos curtos e regulares. Às vezes, a luz era forte e constante; noutras, oscilava antes de apagar-se como se o vento apressado sacudisse sua chama.

A voz de Okeke Onenyi elevava-se poderosamente contra o vento e a trovoadas, enquanto ele cantava e assoviava uma cantiga, para fazer-lhe companhia na escuridão.

Ezeulu nada fizera para persuadi-lo a não sair na chuva. Na realidade, ele raramente tinha alguma coisa a dizer-lhe. Era difícil pensar neles como irmãos. Mas, ainda que tivessem sido mais chegados, Ezeulu poderia não lhe ter dito nada, porque sua mente não estava na cabana. Tudo o que dissera, durante muito tempo, fora que a chuva era precursora de uma lua nova. Ninguém, contudo, percebeu onde ele queria chegar.

Ezeulu e seu meio-irmão não eram inimigos, mas também não eram amigos. Ezeulu era conhecido por nutrir uma má vontade contra todos os curandeiros, a maioria dos quais tinha por ambiciosos charlatões. A verdadeira medicina, dizia ele, morrera com a geração de seu pai. Os profissionais de hoje não passavam de anões.

O pai de Ezeulu fora, na realidade, um grande curandeiro e feiticeiro. Fazia muitas coisas maravilhosas, mas o que as pessoas mais comentavam era a sua capacidade de tornar-se invisível. Quando a guerra se alastrara entre Umuaro e Aninta, ninguém de um clã ousava por um pé no território do outro. Porém, o sumo sacerdote passava por Aninta tantas vezes quanto desejasse. Ia sempre com seu filho Okeke Onenyi, que na época era um menino pequeno. Dava à criança uma vassoura curta, para segurar na mão esquerda, recomendando-lhe que não falasse ou saudasse nenhum passante, mas andasse bem perto da borda direita do caminho. O menino ia à frente, e o sumo sacerdote seguia atrás, a uma certa distância, sem perder o filho de vista. Qualquer passante que, de repente, se aproximasse deles parava antes que eles o alcançassem e começava a espreitar para dentro do mato, como um caçador que tivesse ouvido o farfalhar da caça. O homem permanecia desse jeito, até que o menino e seu pai passassem por ele e só então retomava o seu caminho. Algumas vezes, ao se aproximarem de um passante, este dava meia-volta e retornava pela estrada por onde estava vindo.

Okeke Onenyi aprendeu muito sobre ervas e muitos *anwansi* com seu pai. Mas nunca aprendeu aquela mágica especial, cujo nome era *Oti-anya afu-uzo*.

Houve poucos sacerdotes na história de Umuaro em cujo corpo se unissem o sacerdócio, o curandeirismo e a magia, como se dera com o último Ezeulu. Quando isso ocorria, o poder do homem era ilimitado.

Okeke Onenyi sempre afirmara que a causa da frieza entre ele e o atual Ezeulu, seu meio-irmão, era o ressentimento deste último em relação à divisão dos poderes entre eles.

— Ele esquece — dizia Okeke Onenyi — que o conhecimento das ervas e dos *anwansi* é algo que vem escrito na palma das mãos de um homem. Ele pensa que nosso pai deliberadamente o tirou dele e o deu a mim. Por acaso ele me ouviu queixar-me de o sacerdócio ter ido para ele?

Como era de esperar, era assim que as pessoas que não gostavam de Ezeulu viam sua desavença com Okeke Onenyi. Elas ressaltavam que era o orgulho e o ciúme de Ezeulu o que o fazia desdenhar da fama de seu irmão como curandeiro. E lembravam o recente Sacrifício de Cobertura para a mulher de Obika, quando, em vez de chamar o irmão, Ezeulu mandara buscar um curandeiro desprezível, que não podia nem mesmo comer três refeições por dia com o produto de seu ofício.

Havia outros, como Akuebue, que conheciam Ezeulu melhor e retorquiam que algo Okeke Onenyi fizera errado com Ezeulu. Não estava muito claro o que era. Tudo o que se sabia era que se tratava de alguma coisa que um irmão não deveria fazer com um irmão — e que era

imperdoável. O problema era que Ezeulu jamais se abriria, nem mesmo aos amigos, sobre esse assunto. Por isso, seus defensores não passavam das conjecturas. Alguns diziam que Okeke Onenyi amarrara o ventre da primeira mulher de Ezeulu, após ela lhe ter dado apenas três filhos.

— Mas isso não é possível — era a costumeira reação a essa hipótese. — Nós conhecemos todos os curandeiros malvados de Umuaro, e Okeke Onenyi não está entre eles. Okeke Onenyi não é a espécie de homem capaz de amaldiçoar uma mulher que nunca lhe causou mal, e muito menos a esposa de um irmão.

— Mas você se esquece de que Okeke Onenyi tem um grande ressentimento contra Ezeulu — outros poderiam dizer. — Você se esquece de que, quando eram meninos, o pai deles levou Okeke a pensar que iria sucedê-lo no sacerdócio e que, por ocasião da morte do velho, Okeke fez de tudo exceto questionar a decisão do oráculo.

— Pode ser que tenha sido assim — o outro lado poderia dizer. — Mas nós conhecemos todos os nossos curandeiros e tornamos a repetir que Okeke Onenyi até hoje jamais foi acusado por ninguém de ter selado o ventre de uma mulher. Além disso, os curandeiros que costumam executar tais práticas vis, como os homens que gostam de carne humana, nunca conseguem ter um grande número de crianças. Mas basta olhar para o *compound* de Okeke Onenyi, cheio de filhos e filhas!

Este último argumento era irrespondível, especialmente quando se verificava que o melhor amigo de Okeke Onenyi no *compound* de Ezeulu era Edogo, justamente o filho da mulher que se dizia que ele teria atormentado! Na realidade, a amizade entre Edogo e seu tio era sabidamente motivo de grande aborrecimento para Ezeulu. Talvez fosse por causa desse ressentimento que Ezeulu dissera que a escultura feita pelo filho era quase tão boa quanto a medicina praticada pelo tio.

— Aqueles dois? — declarara certa vez —, um pilão abandonado e nozes de palma podres!

Nos últimos dois ou três dias, o capitão Winterbottom sentia-se excessivamente cansado e abatido. As chuvas não pareciam trazer o alívio esperado. Suas gengivas mostravam-se mais pálidas do que nunca e seus pés estavam sempre muito frios. Não contava com outra crise de febre, mas aqueles eram de fato os sinais. Não estava com medo, como estaria um novato. A febre para um velho funcionário lotado na África nada mais era do que um inconveniente: deixava o sujeito caído durante alguns dias, mas isso era tudo.

Tony Clarke estava impressionado.

— O senhor deveria ver um médico — disse ele, sabendo que este era o tipo de observação esperada dos novatos.

— Médico? Pelo amor de Deus! Só por causa de uma febre? Não, meu rapaz. É só na primeira vez que você precisa ter cuidado. O pobre Macmillan não foi suficientemente cuidadoso, apesar da minha advertência. Durante a última década, tenho tido ataques de febre todos os anos, e, quando você tem essa febre com frequência, para de lhe dar atenção. Não, tudo que eu preciso é uma mudança de ares durante uma semana, e você me verá de volta forte como um touro. A viagem a Enugu fará o milagre.

Ele estava planejando uma visita ao Quartel-General dentro de dois dias. Por motivos óbvios, queria resolver a questão do chefe supremo para Umuaro antes de juntar-se à rapaziada do

Quartel-General. Era impossível concluir o assunto em dois dias, mas queria ser capaz de dizer que dera os primeiros passos. Era um desses sujeitos que acreditam fortemente em deixar a casa em ordem tal como esperava encontrá-la no seu retorno. Escreveu, por isso, inúmeras notas para Tony Clarke. Pôs preto no branco o que se propunha fazer sobre o assunto.

— Hoje enviei mensageiros para trazer Ezeulu aqui, a fim de termos uma conversa preliminar. A partir dessa conversa, fixarei uma data apropriada para a entrega do documento de designação, na presença dos anciãos e dos *ndichie* de seu clã.

O capitão Winterbottom gostava de impressionar outros europeus com palavras da língua ibo, que se gabava de falar fluentemente.

Tendo feito esses arranjos pormenorizados em favor de Ezeulu, o capitão Winterbottom ficou compreensivelmente furioso quando o mensageiro voltou com a insultuosa resposta do arrogante sacerdote. Imediatamente, atuando como magistrado, emitiu uma ordem de prisão contra ele e deu instruções para que, nas primeiras horas da manhã, dois policiais fossem a Umuaro e trouxessem o indivíduo.

— Assim que ele chegar — recomendou a Clarke —, você deverá trancá-lo no xadrez. Não desejo vê-lo até depois de meu retorno de Enugu. Até então, ele deverá ter aprendido boas maneiras. Não tolerarei que meus nativos fiquem pensando que podem tratar a administração com desprezo.

Talvez tenham sido a raiva e o arrebatamento do capitão Winterbottom que desencadearam tudo. Mas talvez o seu criado estivesse certo sobre a causa do que ocorrera. A verdade é que, naquela manhã, quando os dois policiais partiram para prender Ezeulu em Umuaro, o capitão Winterbottom desmoronou de repente e começou a delirar. A única coisa inteligível que dizia sem parar era:

— Meus pés estão frios. Ponha uma bolsa de água quente neles!

O criado esquentava um pouco de água, enchia com ela a bolsa de borracha e colocava-a sob os pés do homem. Winterbottom berrava que não estava suficientemente quente. O criado punha mais água fervendo, mas mesmo assim não estava suficientemente quente. Ele continuou trocando a água com intervalos de poucos minutos, mas ainda assim o capitão se queixava. Quando Tony Clarke (que não guiava) conseguiu finalmente localizar Wade e este levou o capitão, em seu velho Ford, ao hospital, que ficava a dez quilômetros de distância, os pés de Winterbottom estavam terrivelmente queimados. Mas isso só foi descoberto no hospital, no dia seguinte.

Clarke e Wade ficaram perplexos e não pouco embaraçados ao ver a dra. Mary Savage, a severa e pouco feminina médica missionária a cargo do hospital, derreter-se em lágrimas e ser tomada de pânico quando eles entraram com o capitão Winterbottom. Ela o chamava sem parar — “Tom! Tom!” — e portava-se como se seu profissionalismo a tivesse abandonado. Mas o pânico durou pouco. Logo ela conseguiu dominar-se e dominar a situação. A sua primeira reação durara, no entanto, o tempo suficiente para ser notada por algumas enfermeiras nativas e por ajudantes de enfermaria, que espalharam a notícia não apenas no hospital, mas por toda a pequenina aldeia de Nkisa. Tanto no hospital quanto fora, na aldeia, a dra. Savage era conhecida como Omesike — “Alguém Que Age Com Força” —, e não se esperava que ela chorasse por um paciente, nem

mesmo se esse paciente fosse o capitão Winterbottom, a quem maliciosamente eles chamavam de seu marido.

O delírio de Winterbottom durou três dias, e, durante todo esse tempo, a dra. Savage não saiu de sua cabeceira. Ela adiou até mesmo as operações que costumava fazer todas as quartas-feiras, razão pela qual esse dia era conhecido em toda a aldeia como o “Dia de Abrir as Vísceras e Cortá-las”. Era sempre um dia triste, e o pequeno mercado que surgira fora dos portões do hospital, para suprir as necessidades dos pacientes de clãs distantes, atraía, nas quartas-feiras, menor número de vendedoras do que qualquer outro dia da semana. Notava-se também, que até mesmo o céu conhecia aquele dia de morte e anuviava-se de tristeza.

A dra. Savage examinou a lista de casos que requeriam cirurgia e ficou satisfeita ao ver que não havia nenhum que pudesse ser considerado muito urgente. Decidiu, por isso, adiá-los até sexta-feira. O estado do capitão Winterbottom melhorara ligeiramente e havia uma pequena esperança. Os dois dias seguintes seriam decisivos, e muito dependeria de uma hábil enfermagem para ajudá-lo a atravessar o limiar crítico. Ele estava numa enfermaria especial, completamente sozinho, e ninguém tinha permissão para entrar lá, exceto a dra. Savage e a única enfermeira europeia.

O criado do capitão Winterbottom, John Nwodika, recebeu ordens para acompanhar os dois policiais até Umuaro, tal como fizera com o mensageiro. Mas jurara para ele próprio nunca mais levar um representante do “governo” ao seu clã natal. Sua resolução foi reforçada, nesse caso, quando soube que os dois policiais iriam armados, com uma ordem de prisão e algemas para o sumo sacerdote de Ulu. Como, porém, não podia dizer ao seu patrão que não iria, concordou em acompanhá-los, mas com outros planos já traçados. Assim, quando, antes do canto do primeiro galo, os dois policiais foram atrás dele, encontraram-no tremendo, com um súbito ataque de *iba*. Enrolado num velho cobertor que o capitão Winterbottom lhe dera para o filho que sua mulher tivera quatro meses antes, John conseguiu, com grande esforço, murmurar algumas instruções para os homens. Quando chegassem em Umuaro, disse ele, qualquer criancinha de peito poderia lhes mostrar a casa de Ezeulu. O que acabou por ser literalmente verdade.

Os dois homens entraram em Umuaro na hora da refeição da manhã. Logo encontraram um homem carregando um pote de vinho de palma e o pararam.

— Onde é a casa de Ezeulu? — perguntou o líder, cabo Matthew Nweke.

O homem olhou, desconfiado, para os estranhos uniformizados.

— Ezeulu — disse ele, após algum tempo, durante o qual pareceu estar tentando lembrar-se. — Qual Ezeulu?

— Quantos Ezeulus o senhor conhece? — perguntou o cabo, irritado.

— Quantos Ezeulus eu conheço? — repetiu o homem, como se fosse o eco. — Eu não conheço nenhum Ezeulu.

— Por que o senhor me perguntou qual Ezeulu, se o senhor não conhece nenhum?

— Por que eu lhe perguntei?

— Cale a boca! Seu cretino maldito! — berrou o policial, em inglês.

— Eu lhe disse que eu não conheço nenhum Ezeulu. Sou um estranho nesta aldeia.

As duas outras pessoas que eles mandaram parar disseram mais ou menos as mesmas coisas. Uma delas chegou mesmo a afirmar que o único Ezeulu que conhecia era um homem de

Umuofia, lugar que ficava a um dia de viagem, na direção do nascente.

Os dois policiais não estavam nem um pouco surpresos. A única maneira de fazer o pessoal falar era assustá-lo. Mas eles tinham sido advertidos pelo oficial europeu contra o emprego de violência e ameaças, em particular o uso de algemas, a menos que o indivíduo resistisse. Era por isso que tinham se mostrado tão controlados. Mas acabaram por se convencer de que, a menos que fizessem algo drástico, andariam de um lado para outro em Umuaro, até o pôr do sol, sem encontrar a casa de Ezeulu. Por isso, esbofetearam o primeiro sujeito que abordaram quando este começou a mostrar-se evasivo. A fim de deixar bem claro o que desejavam, também mostraram as algemas. Isso produziu o resultado esperado. O homem pediu-lhes que o seguissem. Levou-os às cercanias do *compound* que eles estavam procurando e apontou-lhes a casa.

— Não é nosso costume — disse aos policiais — mostrar aos credores do nosso vizinho o caminho de sua morada. Por isso, não posso entrar com vocês.

Essa era uma posição razoável, e os policiais o soltaram. O homem fugiu tão rápido quanto pôde, a fim de que os moradores do *compound* não pudessem fazer ideia de quem ele era.

Os policiais entraram na cabana e deram com uma mulher velha mastigando sua gengiva desdentada. Ela olhou para eles claramente com medo e não pareceu entender nenhuma das perguntas que lhe fizeram. Nem mesmo parecia lembrar-se de seu próprio nome.

Felizmente, um menino entrou naquele momento com um caco de vaso de barro, no qual levaria carvão em brasa para sua mãe acender o fogo. Foi esse menino quem levou os homens até o *compound* de Ezeulu. Assim que ele saiu com os policiais, a velha pegou o seu cajado e saiu, manquejando, numa rapidez espantosa, para a cabana da mãe do menino, a fim de relatar o seu comportamento. Depois, voltou para a sua cabana devagar, curvada sobre o seu cajado reto. Seu nome era Nwanyieke, uma viúva sem filhos. Mal voltara, ouviu o menino, Obielue, chorando.

Enquanto isso, os policiais chegavam à cabana de Ezeulu. E não estavam para brincadeira. Falaram com voz dura, apresentando todas as suas armas de uma vez.

— Quem de vocês se chama Ezeulu? — perguntou o cabo.

— Qual Ezeulu? — perguntou Edogo.

— Não me pergunte qual Ezeulu de novo, ou eu tirarei aos tapas sementes de quiabo de sua boca. Repito: quem, aqui, se chama Ezeulu?

— E eu repito: qual Ezeulu? Ou o senhor não sabe quem está procurando?

Os outros quatro homens que estavam na cabana nada diziam. Mulheres e crianças aglomeravam-se na porta que levava da cabana ao interior do *compound*. Em seus rostos, havia medo e ansiedade.

— Muito bem — disse o cabo, em inglês. — Intão agora ocê vai sabê que Ezeulu. Mi dê quella cosa. — A última frase foi dirigida ao seu companheiro, que imediatamente tirou as algemas do bolso.

Aos olhos do aldeão, as algemas, ou *iga*, eram a mais terrível das armas do homem branco. A visão de um homem reduzido à impotência e ao desamparo por uma tranca de ferro era a última das humilhações. Um tratamento reservado somente aos loucos violentos.

Por isso, quando o policial de aspecto truculento mostrou as algemas e andou com elas em direção a Edogo, Akuebue tomou a dianteira, na qualidade de mais velho na casa, e falou com

moderação. Suplicou aos policiais que não ficassem zangados com Edogo.

— Ele apenas falou como um jovem falaria. Como os senhores sabem, a linguagem dos jovens é sempre “derrubar e destruir”, mas um velho fala em conciliação. Nosso povo tem um provérbio. Dizem que, quando há um ancião em casa, a cabra não é abandonada para ter a cria amarrada.

Comunicou-lhes, em seguida, que Ezeulu e seu filho haviam partido para Okperi de manhãzinha cedo, a fim de atender ao chamado do homem branco. Os policiais entreolharam-se. De fato, eles haviam encontrado na estrada um homem com outro que parecia ser seu filho. Lembravam-se deles não só porque tinham sido as primeiras pessoas que viram a caminhar na direção oposta, mas também porque o homem e seu filho tinham um ar muito distinto.

— Como é que ele é? — perguntou o cabo.

— É alto como um iroco, e sua pele é branca como o sol. Em sua juventude, ele era chamado de *Nwa-anyanwu*.

— E o filho?

— Igual a ele. Não há diferença.

Os dois policiais confabularam entre si na língua do homem branco, para grande admiração dos aldeões.

— Alguma vez foi as duas pessoa que vimo na estrada — disse, o cabo.

— Foi eles, alguma vez — retrucou o seu companheiro. — Mais nois num vai voltá desse jeito. Todo este andá nois andamo e voltamo daqui sem nada.

O cabo ficou pensativo. O outro continuou:

— As vez eles mente mentira. Eu num quero fazê eles criá problema pra nossas cabeça.

O cabo continuou a pensar sobre o assunto. Ele estava convencido de que os homens haviam dito a verdade, mas era preciso assustá-los um pouco, pelo menos para tirar deles uma informação mais precisa. Dirigiu-se a eles em ibo:

— Nós achamos ser possível que vocês nos estejam contando uma mentira e, por isso, precisamos ter absoluta certeza das coisas, do contrário o homem branco nos castigará. Então, levaremos dois de vocês, algemados, a Okperi. Se encontrarmos lá Ezeulu, deixaremos vocês livres. Caso contrário... — E completou com um movimento de cabeça para o lado, que falava com mais clareza do que palavras. — Quais são os dois que levaremos?

Os presentes confabularam ansiosamente, e Akuebue falou uma vez mais, suplicando aos representantes do “governo” que acreditassem na história deles.

— Que vantagem haveria em enganar os mensageiros do homem branco? — perguntou ele. — Para onde fugiríamos depois? Se vocês retornarem a Okperi e Ezeulu não estiver lá, vocês podem voltar aqui e levar não apenas dois, mas todos nós.

O cabo pensou um pouco e concordou.

— Mas não podemos vir e ir para nada. Quando o espírito mascarado o visita, você tem de apaziguar suas pegadas com presentes. O homem branco é o espírito mascarado de hoje em dia.

— Concordo plenamente — disse Akuebue. — O espírito mascarado de hoje em dia é o homem branco e os seus mensageiros.

A primeira esposa de Ezeulu foi encarregada de preparar sopa de inhame com galinha para os dois homens. Quando ficou pronta, eles a comeram e beberam vinho de palma. Depois, descansaram um pouco e prepararam-se para partir. Akuebue agradeceu-lhes pela visita e disse que, se eles tivessem encontrado Ezeulu em casa, este teria sido ainda mais hospitaleiro. De

qualquer forma, aceitariam eles esta pequenina “noz-de-cola” em seu nome? Akuebue pôs diante deles dois galos vivos, e Edogo um recipiente de madeira contendo dois xelins. O cabo agradeceu-lhes, mas, ao mesmo tempo, repetiu sua advertência de que se eles tivessem dito mentiras sobre Ezeulu, o “governo” os faria ver suas orelhas com os próprios olhos.

O súbito colapso do capitão Winterbottom no mesmo dia em que mandara policiais prenderem o sumo sacerdote de Umuaro teve um significado claro. O primeiro a apontar a conexão foi John Nwodika, o criado do próprio capitão Winterbottom. Ele disse que tudo se passara como ele temia: o sacerdote atingira o seu patrão com um poderoso feitiço. Portanto, apesar de tudo, o poder ainda continuava em seu lugar costumeiro.

— Eu não lhes disse? — perguntou aos outros empregados, depois que o capitão foi removido para o hospital. — Por acaso foi por nada que eu me recusei a acompanhar os policiais? Disse-lhes que o sumo sacerdote de Umuaro não é uma sopa que se possa lambar apressadamente.

Sentia-se em sua voz uma nota de orgulho.

— Nosso patrão pensa que, por ser branco, a nossa medicina não o afeta.

Passou, então, a falar em inglês, por causa de um empregado de Clarke que acabara de chegar e não falava ibo.

— Eu costumava dizê *juju* de nêgo num sê coisa que home possa brincá. Mas quando eu digo pra ele num ri, ele ri. Quando ele terminô de rir me chamou John e eu disse sinhô. Ele disse Você fala fala do mato. Eu disse Ô ô um dia será um dia. Vocês vê agora?

A história dos poderes mágicos de Ezeulu espalhou-se por Government Hill, juntamente com a história do misterioso colapso do capitão Winterbottom. Quando o sr. Clarke voltou do hospital, seu criado perguntou como estava passando o grande patrão. Clarke abanou a cabeça e disse:

— Receio que ele esteja muito mal.

— Sinto muito, sinhô — disse o criado, com um ar muito preocupado. — Eles diz que aquele mau feiticeiro...

— Vá preparar meu banho, por favor, sim?

Clarke estava tão exausto que não se encontrava em condições de ouvir conversa fiada de empregado. Por isso, perdeu a oportunidade de ouvir a razão da doença de Winterbottom, que estava circulando em Government Hill e, em breve, ganharia toda Okperi. Só dois dias mais tarde Wright falou-lhe sobre o assunto.

Outros servidores subalternos de Government Hill estavam na cozinha à espera das últimas novidades. O criado de Clarke, que foi preparar o banho de seu chefe, sussurrou-lhes que não havia esperanças e que o patrão lhe dissera que temia pela vida de Winterbottom.

Mais tarde, naquela mesma noite, Clarke e Wade voltaram ao hospital. Não viram o paciente ou a médica; porém a irmã Warner lhes disse que o quadro não apresentava mudança. Pela primeira vez, desde que tudo começara, Tony Clarke sentiu-se angustiado. Voltaram de carro em silêncio.

Quando chegou em casa, havia um mensageiro do tribunal, do lado de fora de seu bangalô.

— Boa noite, sinhô — disse o homem.

— Boa noite — replicou Clarke.

— O curandeiro de Umuaro chegô.

Havia medo em sua voz, como se ele estivesse relatando a chegada de varíola na aldeia.

— Repita, por favor.

O homem deu mais pormenores, e foi somente então que Clarke compreendeu que ele estava falando de Ezeulu.

— Tranque-o na sala da guarda até amanhã. — E Clarke adiantou-se para entrar no bangalô.

— O sinhô diz que eu bote ele na sala da guarda?

— Foi isso o que eu disse — gritou Clarke. — Você é surdo?

— Num digo que eu sô surdo, sinhô, mas...

— Vá embora!

O mensageiro mandou varrer a sala da guarda e estender uma nova esteira no chão, de forma que ela pudesse parecer um quarto de hóspede. Depois, foi ao encontro de Ezeulu, que, desde sua chegada, estava sentado com Obika na sala das audiências, e dirigiu-lhe a palavra amavelmente.

— O grande homem branco está doente, mas o outro dá as boas-vindas para os senhores — mentiu. — Ele diz que está escuro agora, mas que verá os senhores amanhã de manhã.

Ezeulu nada lhe disse. Foi para a sala da guarda e sentou-se na esteira. Obika também se sentou. Ezeulu tirou sua garrafinha de rapé.

— Nós lhe mandaremos uma lâmpada — disse o mensageiro.

Logo depois, John Nwodika entrou com sua mulher. Esta pôs no chão a pequena trouxa que trouxera na cabeça. Ao abri-la, viu-se que era um monte de pasta de mandioca e uma tigela de sopa de cuxá. John Nwodika fez uma bola de *foofoo*, mergulhou-a na sopa e comeu-a, para mostrar que não estava envenenada. Ezeulu agradeceu-lhe e à sua mulher (que vinha a ser a filha de um amigo seu em Umuagu), porém recusou-se a comer.

— Alimentar-me não é a minha preocupação neste momento — disse.

— Por favor, coma um pouquinho. Só um bocado — pediu o filho de Nwodika.

Porém, o velho não se deixou convencer.

— Obika comerá por nós dois.

— Uma ave não come pelo estômago de uma cabra — disse o outro, mas o velho manteve-se firme.

O mensageiro tornou a entrar com uma lâmpada de óleo de palma, e Ezeulu agradeceu-lhe.

O cabo Matthew Nweke, que fora a Umuaro com o outro policial, encontrou, ao voltar para casa, suas esposas chorando baixinho e uma verdadeira multidão em seu alojamento de um quarto só. Ficou alarmado e pensou em seu filhinho, que estava com sarampo. Correu para a esteira onde o menino estava deitado e tocou-o; a criança estava bem e desperta.

— O que está acontecendo? — perguntou.

Ninguém disse nada. O cabo, cujo apelido era “Couple”, voltou-se então para um dos policiais que estava no quarto e fez a pergunta especificamente para ele. O homem pigarreou e disse-lhe que não esperavam vê-los de volta vivos, nem a ele nem ao seu companheiro, principalmente depois que o homem que eles tinham ido prender chegara sozinho. “Couple” quis explicar-lhes como eles tinham se cruzado no caminho, mas o homem não deixou. Insistiu em narrar tudo o

que acontecera desde a manhã, terminando com as últimas notícias do hospital de Nkisa, que levavam a crer que o capitão Winterbottom não veria o amanhecer do dia seguinte.

Naquele ponto, John Nwodika entrou.

— Mas o senhor não estava doente hoje de manhã? — perguntou “Couple”.

— É isso o que vim lhes contar. A doença era uma advertência do sumo sacerdote. Estou contente de tê-la ouvido; de outra forma, estaríamos agora contando outra história.

Então, John lhes disse como o sumo sacerdote sabia tudo a respeito da doença de Winterbottom, antes que qualquer pessoa lhe falasse a respeito.

— O que foi que ele disse? — perguntaram duas pessoas ao mesmo tempo.

— Ele disse: “Se ele está doente, também ficará bom”. Eu não sei o que ele quis dizer, mas pareceu-me que havia zombaria em sua voz.

No início, “Couple” Matthew Nweke não estava muito preocupado. Tinha uma poderosa proteção pessoal que um grande *dibia* de sua aldeia fizera para ele durante sua última licença. Porém, quanto mais ouvia falar de Ezeulu, mais a fé na sua segurança enfraquecia. Após uma rápida conversa com o policial que o acompanhara a Umuaro, ambos decidiram, para ficarem mais tranquilos, consultar um *dibia* local imediatamente. Passava das dez da noite quando chegaram à casa do homem. Este era chamado em toda a aldeia “O Arco que Atira para o Céu”.

Assim que entraram, ele lhes disse o objetivo da visita.

— Vocês fizeram bem em vir logo me ver, porque vocês realmente entraram na boca de um leopardo. Há, porém, algo maior do que um leopardo. Essa é a razão pela qual eu lhes dou as boas-vindas, porque vocês alcançaram o bom refúgio.

Disse-lhes para não comerem nada que tivessem trazido de Umuaro. Que eles deviam trazer os dois galos e o dinheiro para o sacrifício que eles iriam oferecer na estrada. Para neutralizar o que já tinham comido, deu-lhes uma infusão para beber e algo para misturar à água do banho.

[1] O personagem refere-se provavelmente a um roedor africano, que em inglês tomou o nome de *grass-cutter* (cortador de grama) e cuja carne é muito apreciada. (N. T.)

Enquanto comia o pirão de mandioca e a sopa de cuxá, Obika observava o pai com o rabo do olho e percebeu nele certa inquietação. Sabia que seria inútil fazer-lhe perguntas, estando ele nesse estado de espírito. Mesmo em seus melhores momentos, Ezeulu só falava quando queria e não quando as pessoas lhe faziam perguntas.

Ezeulu levantou-se e caminhou em direção à porta estreita. Depois, pareceu mudar de ideia ou então lembrar-se de alguma coisa que devia ter levado com ele. Voltou por sua sacola de pele de cabra e nela procurou a garrafinha de rapé. Quando a encontrou, tornou a encaminhar-se para a porta e, desta vez, saiu, dizendo, já do lado de fora, que ia urinar.

Resolvera que, durante todo o tempo que estivesse em Okperi, não procuraria pela lua nova. Mas o olho é muito cobiçoso e roubará um olhar a qualquer coisa que seu dono não quer ver. Por isso, enquanto Ezeulu urinava do lado de fora da sala da guarda, seus olhos buscavam a lua nova. O céu, porém, tinha um rosto pouco familiar. Era impossível pôr o dedo em qualquer lugar dele e dizer que a lua nasceria ali. Ezeulu sentiu uma súbita sensação de alarme, mas, pensando bem, não via causa para esse alarme. Por que o céu de Okperi deveria ser-lhe familiar? Cada terra tem o seu próprio céu; era assim como deveria ser.

Nessa noite, Ezeulu viu, num sonho, uma grande assembleia de anciãos de Umuaro, as mesmas pessoas a quem falara alguns dias antes. Mas, em vez de ser ele, era o seu avô quem se levantava para dirigir-lhes a palavra. Eles se recusavam a ouvi-lo. E gritavam em uníssono: “Ele não falará; nós não lhe daremos ouvidos”. O sumo sacerdote levantava a voz e insistia com eles para que o ouvissem, mas eles se recusavam, dizendo que precisavam tirar a água, enquanto ainda estava apenas à altura do tornozelo. “Por que devemos nós acreditar nele para dizer-nos a estação do ano?”, perguntava Nwaka. “Existe alguém aqui que não possa ver a lua no seu próprio *compound*? E, de qualquer maneira, qual é, hoje em dia, o poder de Ulu? Ele salvou nossos pais dos guerreiros de Abam, porém não pôde nos salvar do homem branco. Deixe-nos expulsá-lo, como nossos vizinhos de Aninta expulsaram e queimaram Ogba quando este deixou de fazer o que devia, e fez outras coisas, e começou a matar a gente de Aninta em vez de seus inimigos.” Então, o povo agarrou o sumo sacerdote, que tinha se transformado de avô de Ezeulu no próprio Ezeulu, e começou a jogá-lo aos empurrões, de um grupo para outro. Alguns cuspiam-lhe no rosto e o chamavam de sacerdote de um deus morto.

Ezeulu acordou sobressaltado, como se tivesse caído de uma grande altura.

— O que foi? — perguntou Obika, na escuridão.

— Nada. Por acaso eu disse alguma coisa?

— O senhor estava brigando com alguém e dizendo que iria ver quem iria expulsar o outro.

— Eu acho que deve haver aranhas no caibro.

Estava sentado na esteira. Não tivera um sonho, mas uma visão. Tudo ocorrera na claridade do meio-dia e não na meia-luz de um sonho. Seu avô, que ele conhecera com os olhos de criança, acabara de emergir com toda a clareza, após o correr de uma vida durante a qual sua imagem se

tornara fraca e indistinta.

Ezeulu pôs uma pitada de rapé em cada narina, para ajudado a pensar. Agora que Obika estava de novo adormecido, sentia-se livre para considerar as coisas com calma. Pensou novamente na sua infrutífera, embora rápida, busca pela lua nova. Na verdade, até mesmo na aldeia de sua mãe, que visitava regularmente quando menino e quando jovem, e que, além de Umuaro, conhecia melhor do que qualquer outra, até mesmo ali ele era uma espécie de estranho! Experimentou uma sensação de perda que era ao mesmo tempo dolorosa e agradável. Perdera temporariamente sua condição de sumo sacerdote — e este era o lado doloroso —, mas, após dezoito anos, sentia alívio por estar, durante algum tempo, dela despido. Sem Ulu, sentia-se um pouco como uma criança cujo pai severo tivesse partido de viagem. Mas seu imenso prazer vinha do pensamento de vingança que subitamente se formara em sua mente, enquanto continuara sentado, ouvindo Nwaka, na praça do mercado.

Esses pensamentos eram uma deliberada digressão. Afinal, Ezeulu conseguira acalmar-se de seu estonteante pesadelo. Agora que pensava com mais calma, seu sonho lhe mostrava algo com muita nitidez. Sua briga com o homem branco era insignificante perto da questão que precisava resolver com sua própria gente. Durante anos, advertira Umuaro que não permitisse que alguns homens ciumentos a empurrassem para dentro do mato. Mas os seus conterrâneos tinham tapado os ouvidos com os dedos. Continuaram a dar um passo perigoso após outro e, agora, finalmente, haviam abusado. Tinham tirado coisas demais para que o dono não reparasse. A luta não podia mais ser adiada, pois, enquanto um homem não enfrentar um daqueles que invadem as suas terras, os outros não pararão. Os músculos de Ezeulu ansiavam pela luta. Que o homem branco o mantenha preso, não por um dia, mas por um ano: a divindade, ao não o encontrar em seu posto, perguntará por ele a Umuaro.

Seguindo as instruções do capitão Winterbottom de que Ezeulu deveria ser posto em seu lugar, para aprender a ser educado com a administração, o sr. Clarke recusou-se a vê-lo no dia seguinte, como o mensageiro-chefe prometera. De fato, Clarke recusou-se a vê-lo durante quatro dias.

Na segunda manhã, quando Clarke e Wade iam de carro para o hospital de Nkisa, encontraram um despacho ao lado da estrada. Era comum que vissem esses sacrifícios na estrada e não costumavam parar. Mas este chamou-lhes a atenção por sua extraordinária fartura. Wade parou o carro, e os dois desceram para ver de perto. Em vez do costumeiro frango branco, havia dois grandes galos. Os outros objetos eram habituais: novas e amarelentas frondes de palmeira, cortadas do topo da árvore, uma tigela de barro com dois pedaços de noz-de-cola e um pedaço de giz branco. Contudo, os dois homens só viram esses objetos depois. No que eles puseram o olho imediatamente, ao chegar perto do despacho, foi no florim inglês.

— Ora essa! — exclamou Wade.

— Realmente, isso é muito estranho. Um sacrifício dos mais extravagantes. Eu me pergunto qual será o significado de tudo isto.

— Talvez seja pela recuperação do representante do nosso rei — disse Wade, em tom alegre. Depois, algo pareceu lhe ocorrer, e disse seriamente: — Eu não gosto do aspecto disso. Não me importa que usem nos despachos seus cauris e manilhas, mas a cabeça de Jorge v?

Clarke riu, porém parou quase que imediatamente quando Wade pôs a mão direita dentro da

tigela e retirou a moeda de prata, limpou-a, primeiramente nas folhas e depois na sua meia de lã, colocando-a no bolso.

— Deus do céu! O que você pensa que está fazendo?

— Ora, eu não vou deixar o rei da Inglaterra dentro de um nojento *juju* — respondeu Wade, rindo.

Esse incidente causou um grande aborrecimento a Clarke. Ele se convencera de que admirava pessoas como Wade e Wright, que pareciam fazer um trabalho importante, sem levar-se a si próprios muito a sério; que estavam sempre buscando o lado mais leve das coisas. Mas não seria falta de sentimento — pois certamente demonstrava uma monstruosa falta de sentimento profanar o sacrifício feito por uma outra pessoa — a tendência a buscar sempre o lado mais leve das coisas? Se assim era, não terminaríamos por ser a favor da uma seriedade (e da pompa que a acompanha) dos Winterbottoms?

Sem ter disso consciência, Clarke se estava preparando para assumir o encargo da Administração, no caso da morte de Winterbottom. Recairia sobre ele a defesa dos nativos, se necessário fosse, contra atos impensados de gente branca como Wade.

Nessa mesma manhã, Ezeulu enviou Obika de volta a Umuaro, a fim de contar à família como estavam as coisas e de tratar da vinda de Ugoye, para cozinhar suas refeições. Mas seu companheiro de clã, John Nwodika, não quis nem ouvir falar do assunto.

— Não é necessário — disse ele. — Minha mulher é filha de seu velho amigo, e ela não vai permitir que mande buscar em sua casa outra mulher. Eu sei que nós não lhe podemos oferecer a espécie de comida que o senhor come em sua própria casa, mas, se tivermos duas amêndoas de dendê para mastigar, nós lhe daremos uma, e uma xícara de água para engoli-la.

Ezeulu não podia recusar a oferta quando posta daquela maneira. Ainda que tivesse algo contra o filho de Nwodika, não poderia ofender a filha do seu amigo Egonwanne, que, na próxima colheita, faria três anos de morto. Por isso, disse a Obika que não mandasse vir Ugoye, mas que providenciasse a remessa de grande quantidade de inhames e outros alimentos.

Ezeulu tinha boas razões para não gostar do filho de Nwodika. Ele era originário da aldeia de Umuaro que estava sempre enfiando o dedo no olho de Ezeulu. Dizia-se que seu trabalho incluía lamber os pratos na cozinha do homem branco, o que era uma grande degradação para um filho de Umuaro. Pior do que tudo isso, fora ele quem levava o insolente mensageiro do homem branco à casa de Ezeulu. No entanto, no fim de seu primeiro dia em Okperi, Ezeulu começou a amolecer em relação ao homem e a ver que mesmo um hostil companheiro de clã era um amigo numa terra estranha. Pois a Okperi de Government Hill era, na verdade, uma terra estranha para Ezeulu. Não era de modo algum o lugar que conhecera, menino e jovem, a aldeia de sua mãe, Nwanyieke. Certamente, haveria partes daquela velha Okperi que ainda restavam, mas Ezeulu não podia de modo nenhum sair à procura delas neste momento de infortúnio. Onde encontraria os olhos para ver os velhos lugares e os velhos rostos familiares? Era uma sorte que ele pensasse dessa maneira, pois lhe poupava a mortificação de que lhe dissessem que era um prisioneiro e que não poderia ir onde quisesse.

Enquanto comia sua refeição naquela noite, ouviu as vozes das crianças dando as boas-vindas à lua nova.

— *Onwa atu-o-o-o! Onwa atu-o-o-o!* — subia de todos os lados de Government Hill. Mas o ouvido agudo de Ezeulu percebia algumas vozes que cantavam num curioso dialeto. Exceto pela palavra lua, não conseguia entender o que elas diziam. Sem dúvida, tratava-se dos filhos daquelas pessoas que falavam uma estranha espécie de ibo — pelo nariz.

Ao ouvir pela primeira vez as vozes das crianças, o coração de Ezeulu encheu-se de alegria. Embora tivesse esperado por algo semelhante, quando as vozes soaram não estava preparado. Sua mente havia sido momentaneamente tomada pelo esquecimento. Ele, porém, quase que de imediato recobrou a atenção. Sim, sua divindade devia estar perguntando agora: “Onde está ele?”. E, muito em breve, Umuaro teria de explicar.

Houve grande ansiedade no *compound* de Ezeulu, durante o primeiro e o segundo dias de sua ausência. Embora fosse o auge da estação do plantio, ninguém foi trabalhar. A mulher de Obika, Okuata, deixou sua cabana solitária e mudou-se para a de sua sogra. Edogo deixou o seu próprio *compound* e sentou-se no *obi* de seu pai, à espera de notícias. Vizinhos e até passantes entravam e perguntavam: “Eles ainda não voltaram?”. Depois de certo tempo, a pergunta começou a aborrecer Edogo, principalmente quando provinha daqueles cujo interesse principal era mexericar.

Mais ou menos na metade do segundo dia, Obika regressou. No início, ninguém ousava fazer-lhe nenhuma pergunta; e algumas das mulheres pareciam à beira das lágrimas. Mesmo num momento tão sério e de tanta ansiedade, Obika não conseguiu resistir à tentação de agravá-lo ainda mais. Exibia uma cara de poço turvo ao aproximar-se da cabana. E se esparramou no chão, como se tivesse corrido todo o caminho desde Okperi. Pediu água fresca, que sua irmã lhe trouxe. Quando terminou de beber e colocou a cabaça no chão, Edogo lhe fez a primeira pergunta.

— Onde está a pessoa com quem você foi? — perguntou, procurando evitar o terrível perigo de dizer-lhe o nome.

Nem mesmo Obika poderia ousar fazer uma brincadeira depois disso. Ele deixou passar alguns segundos e declarou:

— Ele estava bem quando o deixei.

O medo tenso nos rostos dissipou-se.

— Por que o homem branco mandou buscá-lo?

— Onde você o deixou?

— Quando ele voltará para casa?

— Qual das perguntas devo responder? — Obika tentou recuperar a atenção, mas era tarde demais. — Eu não tenho três bocas. Quando o deixei esta manhã, o homem branco ainda não nos tinha dito nada. Nem sequer o vimos, porque nos disseram que ele estava na boca da morte.

Essa notícia causou certa sensação. Das histórias que contavam sobre o homem branco, não lhes ocorrera que ele podia ficar doente como as pessoas comuns.

— Sim, ele já está meio morto. Mas tem um irmão mais moço, a quem ele deu a mensagem para ser entregue a Ezeulu. Este, porém, estava tão preocupado com a doença do irmão que se esqueceu de ir nos ver. Então, Ezeulu me disse: “Prepare-se e vá para casa, ou eles pensarão que alguma coisa nos aconteceu”. Eis por que eu regressei.

— Quem lhe dá comida? — perguntou Ugoye.

— Vocês se lembram do filho de Nwodika, que trouxe o primeiro mensageiro do homem branco? — Obika respondeu, dirigindo-se não a Ugoye, mas aos homens. — Sucede que a mulher

dele é a filha de um velho amigo de Ezeulu em Umuagu. Ela tem estado cozinhando para nós desde ontem, e declarou que, enquanto estiver viva, Ezeulu não mandará pedir a nenhuma mulher de sua casa que vá para lá.

— Será que eu ouvi bem o que você disse? — perguntou Akuebue, que até então falara muito pouco. — Você disse que a esposa de um homem de Umunneora está dando comida a Ezeulu?

— Exatamente.

— Por favor, não me conte uma história dessas novamente. Edogo, prepare-se já, que estamos indo para Okperi.

— Ezeulu não é uma criancinha — disse Anosi, vizinho deles. — Ninguém lhe pode ensinar com quem ele deve comer.

— Você ouviu o que eu disse, Edogo? Apronte-se já. Eu vou até em casa pegar as minhas coisas.

— Não desejo impedir que o senhor vá — disse Obika. — Mas não fale como se só o senhor tivesse razão. Ezeulu e eu não abrimos nossa boca, enquanto nossos olhos estavam fechados. A noite passada, Ezeulu recusou a comida, mesmo tendo o filho de Nwodika a provado para nós. Esta manhã, porém, Ezeulu já vira o suficiente do temperamento do homem para saber que dele não havia má vontade.

Akuebue não ficou impressionado com nada do que os outros lhe disseram. Ele conhecia bastante os homens de Umunneora. Quanto àqueles que disseram que Ezeulu não era criança, eles não podiam saber a amargura que havia em seu espírito. Akuebue o conhecia mais do que seus filhos ou esposas. Sabia que não estava longe de ele desejar morrer fora de casa, de forma a atormentar os inimigos de sua aldeia. Era possível que as mãos do filho de Nwodika estivessem limpas, mas era preciso que se tivesse certeza disso, mesmo com o risco de ofendê-lo. Quem engoliria catarro por medo de ofender os outros? E, muito menos, veneno?

O vizinho de Ezeulu, Anosi, cuja opinião fora ignorada durante a discussão e que, desde então, se mantivera em silêncio, falou novamente, desta vez no sentido contrário:

— Acho que Akuebue tem razão no que diz. Deixem-no ir com Edogo para satisfazer a si próprio de que está tudo bem. Mas deixem Ugoye ir com eles, levando inhames e outras coisas. Dessa maneira a visita não ofenderá ninguém.

— Mas por que esse medo de causar ofensa? — perguntou Akuebue, impacientemente. — Eu não sou um menino pequeno; sei como cortar sem tirar sangue. Apenas não terei medo de ofender um homem de Umunneora, se a vida de Ezeulu depender disso.

— Assim deve ser — concordou Anosi. — Assim mesmo. Meu pai costumava dizer que é o medo de causar ofensas que faz os homens engolirem veneno. Você entra na casa de um homem mau, e ele traz uma noz-de-cola. Você não gosta do jeito como ele a trouxe, e sua mente lhe diz que não a coma. Mas você tem medo de ofender seu anfitrião e engole *ukwalanta*. Eu concordo com Akuebue.

Talvez ninguém sentisse tão profundamente a ausência de Ezeulu como Nwafo. E, agora, sua mãe também estava indo para Okperi. Mas este segundo golpe foi muito amaciado pelo pensamento de que Edogo a acompanharia.

A ausência de Ezeulu dera a Edogo a oportunidade de mostrar seu ressentimento contra o favorito do velho. Na qualidade de primeiro filho, Edogo tomara posse temporária da cabana do

pai, para esperar seu regresso. Nwafo, que raramente saía da cabana, começou a sentir a hostilidade de seu meio-irmão, que o expulsara. Embora fosse um menino, Nwafo tinha a mente de um adulto; era capaz de dizer quando alguém olhava para ele com um olho bom ou com um olho mau. Ainda que Edogo nada tivesse dito, Nwafo teria sabido que não era desejado ali. Mas Edogo lhe dissera, no dia anterior, que fosse para a cabana de sua mãe e não ficasse sentado ali, no *obi*, encarando as pessoas mais velhas do que ele. Nwafo saiu e chorou. Pela primeira vez na vida, haviam lhe dito que não era bem-vindo na cabana de seu pai.

Manteve-se afastado do *obi* paterno ao longo de todo o dia, até o retorno de Obika, quando todos no *compound*, e até mesmo os vizinhos, vieram ouvir as novidades. Assumiu sua costumeira posição, desafiadoramente. Edogo nada lhe disse. Nem mesmo deu sinal de ter reparado nele.

A irmã de Nwafo, Obiageli, chorou durante muito tempo, depois que sua mãe e os outros partiram para Okperi. A promessa de Oduche de apanhar *icheku* e *udala* para ela não a consolou. No final, Obika ameaçou convocar o assustador espírito mascarado chamado Ichele. Isso produziu efeito imediato. Obiageli sentou-se num canto do *obi*, fungando, quietinha.

À medida que a noite se aproximava, à mente de Nwafo voltou o pensamento que o estivera preocupando desde o dia anterior. O que aconteceria à lua nova? Ele sabia que seu pai estivera esperando por ela antes de ir embora. Será que ela o seguiria a Okperi ou esperaria pelo seu regresso? Se ela aparecesse em Okperi, com que gongo de metal Ezeulu a receberia? Nwafo olhou para o *ogene* que estava encostado na parede, a baqueta com a qual ele seria tocado saindo de sua boca. A melhor solução era que a lua nova esperasse pelo retorno de seu pai, no dia seguinte.

Enquanto a noite caía, Nwafo ocupou o lugar onde seu pai sempre se sentava. E não teve de esperar muito tempo: logo viu a jovem e estreita lua. Parecia mesmo muito estreita e relutante. Nwafo pegou o *ogene* e fez um gesto como se fosse tocá-lo, mas o medo fez sua mão estacar.

Ezeulu ainda ouvia em sua mente as vozes das crianças de Government Hill quando o filho de Nwodika e sua esposa lhe trouxeram a ceia. Como de costume, o filho de Nwodika tomou uma bola de pirão de mandioca, molhou-a na sopa e a engoliu. Ezeulu comeu com bom apetite. Embora não comesse sopa de *egusi* por escolha própria, esta estava tão bem preparada que quase não se podia dizer que fosse *egusi*. O peixe dentro dela era *asa* ou outro igualmente gostoso e fora defumado semiseco, coisa que fazia a beleza daquele tipo de peixe. O pirão tinha uma textura deliciosa, nem muito leve nem muito pesada; sem dúvida, a mandioca fora tornada mais leve com bananas verdes.

Estava no meio da refeição quando seu filho, sua mulher e seu amigo chegaram. Vinham conduzidos pelo mensageiro-chefe, cujo dever era cuidar dos prisioneiros detidos na sala da guarda. A princípio, Ezeulu temeu que alguma coisa tivesse acontecido em casa. Mas, quando viu os inhames que eles traziam, seu espírito tranquilizou-se novamente.

— Por que vocês não esperaram até de manhã?

— Nós não sabíamos se você estaria voltando para casa pela manhã — respondeu Akuebue.

— Para casa? — Ezeulu deu uma risada. Era o riso daqueles que não choram. — Quem falou em casa? Eu ainda não vi o homem branco que me mandou chamar. Dizem que ele está à beira da morte. Talvez queira um sumo sacerdote para ser sacrificado em seu funeral.

— Que a terra de Umuaro não o permita! — exclamou Akuebue, e os outros se juntaram a ele.

— Estamos nós em Umuaro agora? — perguntou Ezeulu.

— Se o homem está doente e não deixou uma mensagem para o senhor, o senhor deve ir para casa e voltar novamente quando ele estiver bem — disse Edogo, que não achava que esse fosse lugar para seu pai e seu amigo se engajarem na costumeira batalha de palavras.

— Essa não é uma viagem que eu queira fazer duas vezes. Não, eu ficarei sentado aqui, até que eu tenha visto o começo e o final deste assunto.

— Você sabe quanto tempo ele vai ficar doente? Você pode ficar aqui...

— Se ele ficar doente até que os frutos da palmeira amadureçam no alto da fronde, eu esperarei... Como vão as pessoas em casa, Ugoye?

— Eles estavam bem quando os deixamos. — O pescoço dela parecia mais curto, pelo peso da trouxa que trazia à cabeça.

— As crianças, a mulher de Obika e todos os outros?

— Todos estavam bem.

— E como vão as pessoas da sua casa? — perguntou a Akuebue.

— Estavam tranquilos quando os deixei. Não havia doença, somente fome.

— Isso é coisa sem importância — disse o filho de Nwodika. — A fome é melhor do que a doença.

Enquanto dizia isso, foi lá fora e assoou o nariz. Voltou esfregando o nariz nas costas da mão.

— Nwogo, você não precisa esperar para juntar os utensílios. Eu os levarei para casa. Vá e traga alguma coisa para essa gente comer.

Sua esposa pegou a trouxa de Ugoye, e as mulheres foram preparar outra refeição.

Não havia tempo a perder e, assim que as mulheres saíram, Akuebue disse:

— Obika nos contou que o filho de Nwodika e sua esposa têm estado cuidando de você.

— Você acaba de ver isso com seus próprios olhos.

A boca de Ezeulu estava cheia de peixe.

— Muito obrigado — disse Akuebue a John Nwodika.

— Muito obrigado — repetiu Edogo.

— Nós não fizemos nada que merecesse agradecimento. O que podem fazer um homem pobre e sua mulher? Sabemos que Ezeulu tem carne e peixe em sua casa, mas enquanto estiver aqui, nós dividiremos com ele o miolo da amêndoa do dendê que comemos. Uma mulher não pode colocar mais do que o comprimento da sua perna sobre o seu marido.

— Quando Obika nos contou isso, eu disse a mim mesmo que não há nada como viajar.

— É verdade — concordou Ezeulu. — O cabrito declarou que, se não fosse a estada no clã de sua mãe, não teria aprendido a esticar o lábio superior. — Riu para si próprio. — Eu devia ter vindo com mais frequência à terra de minha mãe.

— Isso certamente amaciou a cara fechada que mostrava ontem — comentou Akuebue. — Quando me disseram que um homem de Umunneora estava cuidando de você, eu atalhei que era mentira. Como podia ser verdade, tendo em vista a guerra que travamos em nossa terra?

— Isso vale para quem está em casa — disse o filho de Nwodika. — Não levo contendas comigo quando viajo. Nossos sábios dizem que quem viaja para lugares distantes não deve fazer inimigos. Concordo com isso.

— Eu também — afirmou Akuebue, imaginando qual seria a melhor maneira de conduzir a conversa para o objetivo de sua viagem.

Após uma curta pausa, ele decidiu abrir o assunto com um só golpe de machete, como dizem que o povo de Nsugbe parte seus cocos.

— Nossa viagem tem dois objetivos. Trouxemos Ugoye, para aliviar a esposa de Nwodika do trabalho que está tendo, e viemos agradecer ao próprio Nwodika e dizer-lhe que, sem levar em conta o que os seus conterrâneos possam estar fazendo, ele é hoje um irmão para Ezeulu e para sua família.

Enquanto dizia isso, Akuebue procurava, com o braço inteiro metido na sacola de pele de cabra, sua pequenina navalha e uma noz-de-cola. O pacto de sangue entre Edogo e John Nwodika deu-se no curto silêncio que se seguiu. Ezeulu e Akuebue observaram, calados, os dois jovens comerem um gomo de noz-de-cola melado com o sangue de ambos.

— Como é que você veio trabalhar para o homem branco? — perguntou Akuebue quando voltaram à conversa normal.

O filho de Nwodika pigarreou.

— Como é que vim trabalhar para o homem branco? Deveria dizer que o meu *chi* planejou que fosse assim. Eu nada sabia a respeito do homem branco naquela época. Não conhecia a sua língua nem os seus costumes. Vai fazer três anos na próxima estação seca. Os rapazes de minha idade e eu viemos de Umunneora para Okperi, a fim de aprender uma nova dança, tal como vínhamos fazendo, havia vários anos, na época da estação seca, logo após a colheita. Para minha enorme surpresa, descobri que um amigo chamado Ekemezie, em cuja casa eu me hospedava durante essas visitas, e que vinha se alojar comigo sempre que nossa aldeia fazia papel de anfitriã para a sua aldeia, não se encontrava entre os dançarinos de Okperi. Procurei em vão por ele entre a multidão que veio dar-nos as boas-vindas. Outro amigo, chamado Ofodile, levou-me para sua casa, e foi por ele que soube que Ekemezie fora trabalhar para o homem branco. Não sei dizer como me senti quando ouvi a novidade. Foi quase como se tivessem dito que meu amigo morrera. Tentei saber mais de Ofodile a respeito desse trabalho para o homem branco, mas Ofodile não é a espécie de pessoa capaz de sentar-se e contar uma história do começo ao fim. No dia seguinte, Ekemezie veio ver-me e levou-me para esse Gorment Heel. Chamou-me pelo nome e eu respondi. Disse-me que tudo era bom no seu momento: que se devia dançar na época da dança. Mas, acrescentou, um homem de bom senso se dedica a caçar pequenos roedores quando seus companheiros de grupo de idade saem à procura dos grandes animais selvagens. Recomendou-me que abandonasse a dança e me juntasse na corrida pelo dinheiro do homem branco. Eu tinha os olhos arregalados. Ekemezie chamou-me Nwabueze, e eu disse que sim, que este era o meu nome. Ele me disse que a corrida pelo dinheiro do homem branco não esperaria até o dia seguinte, ou até que estivéssemos prontos para juntar-nos a ela. Se o rato não pudesse correr suficientemente depressa, cederia o lugar para a tartaruga. Disse que mesmo pessoas de clãs menores — mesmo pessoas que costumávamos desprezar — gozavam agora dos favores do homem branco, enquanto o nosso próprio povo nem mesmo sabia que o dia tinha raiado.

Os três homens escutavam em silêncio. Em sua mente, Akuebue estalava os dedos e dizia: “Agora entendo por que Ezeulu passou de repente a gostar tanto dele. Os pensamentos dos dois são irmãos”. Mas Ezeulu, na realidade, estava ouvindo a opinião do filho de Nwodika sobre o homem branco pela primeira vez, e se sentia satisfeito com o que ouvia. Escondia, no entanto, essa satisfação, pois, sempre que tomava uma posição sobre qualquer assunto, não desejava parecer ansioso pelo apoio dos outros. Isso não lhe dizia respeito, e sim a eles.

— Portanto, meus irmãos — continuou o filho de Nwodika —, foi assim que este irmão de vocês começou a trabalhar para o homem branco. No início, ele me pôs para capinar o seu *compound*, mas, depois de um ano, chamou-me, disse que meu serviço era bom e levou-me para trabalhar dentro de sua casa. Perguntou o meu nome, e eu lhe disse que meu nome era Nwabueze. Como ele não conseguia pronunciar esse nome, resolveu chamar-me de Johnu.

Seu rosto abriu-se num breve sorriso.

— Sei que algumas pessoas da minha terra espalharam a história de que cozinheiro para o homem branco. Este irmão de vocês não vê nem mesmo a fumaça do fogão; apenas põe as coisas em ordem na sua casa. Vocês sabem que o homem branco não é como nós: se ele põe um prato aqui, ficará zangado se você o colocar lá. Então, ando para cá e para lá, durante todo o dia, para ver se tudo está em seu lugar certo. Eu posso dizer-lhes que não almejo morrer como criado. Pretendo abrir um pequeno negócio de tabaco, tão logo consiga juntar um pouco de dinheiro. Em outros lugares, há pessoas enriquecendo nesse ramo de comércio e no de tecidos. Em Elumelu, Aninta, Umuofia e Mbaino, elas controlam esse grande mercado novo. Elas decidem o que se passa neles. Por acaso há um homem de Umuaro entre essas pessoas ricas? Nenhum. Às vezes, sinto vergonha quando me perguntam de onde eu venho. Nós não participamos do mercado; nós não participamos do escritório do homem branco; nós não participamos de nada. E foi esta a razão pela qual fiquei feliz quando o homem branco me chamou, outro dia, e me disse que havia um sábio na minha aldeia e que seu nome era Ezeulu. Eu lhe disse que havia. Ele me perguntou se esse homem ainda estava vivo, e eu lhe disse que sim. Ele então me ordenou: “Vá com o mensageiro-chefe e diga a este homem que desejo fazer-lhe algumas perguntas sobre os costumes de seu povo, porque sei que ele é um sábio”. Eu disse para mim mesmo: “Esta é nossa oportunidade de elevar o nosso clã no conceito do homem branco”. Eu não podia imaginar que a coisa terminaria desse modo.

Ele abaixou a cabeça e ficou olhando, tristemente, para o chão.

— A culpa não é sua — disse Akuebue. — As coisas são sempre assim. Nossos olhos veem alguma coisa. Nós tomamos de uma pedra e jogamos contra essa coisa. Mas a pedra raramente consegue acertar o alvo que os olhos viram tão bem.

— Eu culpo a mim mesmo — disse o filho de Nwodika, com tristeza.

— Você é um sujeito desconfiado — declarou Ezeulu.

Os outros tinham ido passar a noite na casa do filho de Nwodika, deixando Akuebue e Ezeulu na pequena sala da guarda.

— Eu fico do lado de um homem que está morrendo, quando o seu *chi* decidiu isso.

— Mas esse homem não é um envenenador, embora seja de Umunneora.

— Sei lá — disse Akuebue, sacudindo a cabeça. — Todos os lagartos deitam sobre o ventre, de modo que não podemos dizer qual deles tem dor de barriga.

— É verdade. Mas eu lhe digo que o filho de Nwodika tem intenções honestas em relação a mim. Consigo sentir o cheiro do envenenador tão nitidamente quanto o de um leproso.

Akuebue continuava sacudindo a cabeça. Ezeulu quase não podia ver esse movimento na luz fraca do óleo de palma.

— Por acaso você o observou quando você levantou a questão do pacto de sangue? —

continuou Ezeulu. — Se ele tivesse tido um pensamento mau, você o teria visto no meio da sua testa. Não, o homem não é perigoso. Ele atua como um homem dos velhos tempos, quando as pessoas gostavam de si próprias. Hoje em dia, há um excesso de pessoas sábias, e não é boa a sabedoria que elas têm, mas da espécie que enegrece o nariz.

— Como é que um homem consegue dormir com todos estes mosquitos? — perguntou Akuebue, agitando seu abana-moscas selvagemmente.

— Você ainda não viu nada; espere até que tenhamos apagado esta lâmpada. Eu tinha pensado em pedir ao filho de Nwodika que nos arranjasse um molho de folhas de *arigbe* para tentar queimá-las e espantar esses mosquitos. Mas a chegada de vocês tirou tudo o mais da minha cabeça. Na noite passada, eles quase nos comeram vivos.

E ele também sacudia o seu rabo de cavalo.

— Você disse que o seu pessoal estava todo bem? — indagou Ezeulu, tentando desviar a conversa de si próprio.

— Eles estavam todos tranquilos — respondeu Akuebue, bocejando e com a cabeça atirada para trás.

— Como era aquela história de Udenkwo? Você sabe que não teve oportunidade ainda de me contá-la toda?

— É verdade — afirmou Akuebue, com renovado interesse. — Se lhe dissesse que estava feliz com Udenkwo, estaria enganando a mim mesmo. Ela é minha filha, mas devo dizer-lhe que saiu inteiramente à mãe. Eu disse a ela muitas vezes que uma mulher que leva a cabeça no pescoço rígido, como se estivesse carregando um pote de água, jamais viverá muito tempo com nenhum marido. Não ouvi a versão do meu genro, mas deduzi do que Udenkwo me contou que a causa da briga foi muito pequena. Pediram ao meu genro um galo para um sacrifício. Quando ele chegou em casa, apontou para um galo qualquer e disse às crianças que o pegassem e o amarrassem. Sucedeu que era o galo de Udenkwo, e ela começou uma briga. Foi isso o que ela me contou. Perguntei-lhe se queria que seu marido fosse ao mercado comprar um galo, quando suas esposas criavam aves. Ela respondeu-me: “Por que deveria ser sempre o galo dela, e não os das outras esposas, ou, por acaso, os espíritos diziam que só comiam as galinhas de Udenkwo?”. Perguntei-lhe: “Quantas vezes ele pegou um galo seu, e como é que o homem vai saber que galo que pertence a quem?”. Ela ficou calada. Tudo o que ela sabia era que todas as vezes que meu genro queria um galo para um sacrifício lembrava-se dos dela.

— Isso foi tudo?

— Isso foi tudo.

Ezeulu sorriu.

— Qualquer um pensaria que o seu genro fazia um sacrifício todos os mercados.

— Foi isso exatamente o que eu disse a ela. Mas, como já expliquei, Udenkwo saiu à mãe. Sua raiva derivava, na verdade, de não ter o meu genro posto a testa no chão para suplicar-lhe que lhe desse o galo.

Ezeulu ficou calado por alguns instantes. Parecia estar reconsiderando o assunto.

— Cada homem tem sua própria maneira de dirigir sua casa — disse, finalmente. — O que eu mesmo faço, em caso parecido, é chamar uma de minhas esposas e dizer-lhe: “Preciso de tal e tal coisa para um sacrifício; vá e consiga isso para mim”. Sei que posso pegar o que quero, mas lhe peço que vá e que traga a coisa ela própria. Nunca esqueço o que meu pai contou a um amigo

quando eu era menino. Ele disse: “Não é nosso costume que um homem se ajoelhe e bata com a testa no chão diante de sua mulher para pedir-lhe perdão ou pedir-lhe um favor. Mas”, meu pai acrescentou, “um homem sábio não ignora que entre ele e sua mulher pode surgir a necessidade de que ele lhe diga em segredo: ‘Eu lhe peço por favor’. Quando uma coisa dessas acontece, ninguém mais deve saber, e essa mulher, se ela tiver um pingo de bom senso, jamais se vangloriará disso ou até mesmo abrirá a boca para falar no assunto. Se ela o fizer, a terra na qual o homem se abaixou a destruirá por completo”. Esta é a razão pela qual meu pai disse ao amigo que tinha certeza de que um homem nunca estava errado em sua própria casa. Eu jamais me esqueci daquelas palavras de meu pai. O galo de minha mulher me pertence, porque o dono de uma pessoa é também dono de tudo aquilo que a pessoa possui. Há mais de uma maneira de se matar um cachorro.

— Isso é verdade — admitiu Akuebue. — Mas tais palavras deveriam ser guardadas para os ouvidos do meu genro. Quanto à minha filha, não quero que ela continue pensando que, todas as vezes que o marido disser bah! para ela, ela precise amarrar seu bebezinho nas costas, pegar o mais velho pela mão e voltar para a minha casa. Minha mãe não se portava assim. Udenkwo aprendeu isso da mãe dela, minha mulher, e vai passar isso para as suas filhas, pois quando a mãe vaca está pastando capim gigante, seus bezerrinhos observam sua boca.

No quarto dia que passou em Okperi, Ezeulu recebeu uma súbita convocação para ir ver o sr. Clarke. Acompanhou o mensageiro que trouxe a ordem ao corredor do escritório do homem branco. Havia muitas outras pessoas lá, algumas sentadas num longo banco e o resto, no chão de cimento. O mensageiro deixou Ezeulu no corredor e entrou numa sala contígua, onde muitas pessoas trabalhavam em várias mesas para o homem branco. Ezeulu via o mensageiro através de uma janela, falando com um homem que parecia ser o chefe de todos aqueles trabalhadores. O mensageiro apontou em sua direção, e o outro homem acompanhou com o olhar e viu Ezeulu. Mas apenas sacudiu a cabeça e continuou a escrever em seu livro grande. Quando acabou o que estava escrevendo, abriu uma porta de comunicação e desapareceu na outra sala. Não se demorou muito por lá; quando retornou, acenou para Ezeulu e levou-o à presença do homem branco. Este também estava escrevendo, mas com a mão esquerda. O primeiro pensamento que veio à cabeça de Ezeulu, ao vê-lo, foi imaginar se algum homem negro poderia jamais alcançar o mesmo domínio sobre um livro, para conseguir escrever nele com a mão esquerda.

— Seu nome é Ezeulu? — perguntou o intérprete, depois que o homem branco falou.

Este insulto repetido foi quase demais para Ezeulu, mas ele conseguiu manter a calma.

— Você não me ouviu? O homem branco quer saber se seu nome é Ezeulu.

— Diga ao homem branco que vá perguntar ao pai dele e à mãe dele os seus nomes.

Seguiu-se uma troca de palavras entre o homem branco e o intérprete. O homem branco franziu a cara e depois explicou algo ao intérprete, que, então, disse a Ezeulu que não havia nenhuma intenção de insulto na pergunta.

— Esta é a maneira como o homem branco faz suas próprias coisas.

O homem branco observava Ezeulu com algo parecido a divertimento em seu rosto. Quando o intérprete terminou, ele endureceu o semblante e começou de novo. Censurou Ezeulu por ter mostrado desrespeito pelas ordens do governo e advertiu-o de que, se ele tornasse a mostrar esse desrespeito, seria severamente punido.

— Diga ao homem branco que eu ainda estou esperando para ouvir sua mensagem.

Porém, esta frase não foi traduzida. O homem branco acenou com a mão, zangado, e levantou a voz. Ezeulu não precisou que ninguém lhe dissesse que o sr. Clarke acabara de declarar que não queria ser interrompido novamente. Depois disso, acalmou-se e falou sobre os benefícios da Administração britânica. Clarke não tinha querido fazer esse sermão, que denominaria de complacente, se outra pessoa qualquer o tivesse feito. Mas não pôde deixar de fazê-lo. Confrontado com a orgulhosa falta de atenção daquele sacerdote feiticeiro a quem eles estavam prestes a fazer um grande favor, elevando-o acima de seus companheiros, e que, em vez de gratidão, demonstrava-lhes desprezo, Clarke já não sabia o que dizer. Quanto mais falava, mais ficava zangado.

Finalmente, graças à sua considerável autodisciplina e aos silêncios entre as suas palavras e as do intérprete, Clarke conseguiu controlar-se. E fez a proposta a Ezeulu.

A expressão no rosto do sacerdote não mudou quando a notícia lhe foi dada. Ezeulu permaneceu silencioso. Clarke sabia que demoraria algum tempo para que a proposta o atingisse com todo o seu peso.

— Bem, você aceita a oferta ou não? — Clarke estava feliz, sentindo-se um benfeitor que pensa intimamente “Eu sei, meu velho, que com esta eu o derrubei...”.

— Diga ao homem branco que Ezeulu não será chefe de ninguém, exceto de Ulu.

— O quê? — berrou Clarke. — Esse fulano é maluco?

— Eu acho que sim, sinhô — disse o intérprete.

— Nesse caso, ele volta para a prisão.

Clarke estava agora realmente furioso. Que descaramento! Um curandeiro fazendo de tola a Administração britânica, e em público!

A reputação de Ezeulu em Government Hill sofrera uma séria queda ao se passar o primeiro, e o segundo, e o terceiro dia sem notícia da morte do capitão Winterbottom. Agora, ela aumentava de novo, e de modo diferente, com sua recusa a ser um chefe do homem branco. Nada semelhante se havia passado até então, em lugar nenhum da Ibolândia. Pode-se pensar ser tolice um homem cuspir um bocado que a fortuna pôs em sua boca, mas, em certas circunstâncias, esse homem inspira respeito.

O próprio Ezeulu estava cheio de satisfação pela maneira como as coisas tinham se passado. Conseguira uma pequenina vitória sobre o homem branco e, por enquanto, podia esquecê-lo. Mas não era fácil esquecer, e à medida que repassava os acontecimentos dos últimos dias quase se persuadia de que o homem branco, Winterbottom, tivera boas intenções. Suas boas intenções, contudo, haviam se frustrado, por causa dos intermediários como o mensageiro-chefe e esse jovem e malcriado filhote branco. Afinal de contas, lembrou a si mesmo, fora Wintabota quem, alguns anos antes, o proclamara um homem de verdade, dentre todas as testemunhas de Okperi e Umuaro. Fora ele também quem mais tarde o aconselhara a enviar um de seus filhos para aprender a sabedoria de sua raça. Tudo isso sugeria que o homem branco tinha boa vontade para com Ezeulu. Mas que valor tinha uma boa vontade que o trouxera a esta vergonha e a este opróbio? A esposa que experimentou uma vida de carência diria: “Deixe meu marido odiar-me, contanto que ele me abasteça de inhames todas as tardes”.

Seja como for, pensou Ezeulu, Wintabota deve responder pelos atos de seus mensageiros. Pois, se um homem escolheu com o máximo cuidado o seu caminho num mercado repleto, mas, sem querer, as bordas de suas vestes arrastaram e quebraram as mercadorias de outrem, ao homem, e não à sua roupa, caberá reparar o estrago.

Apesar de tudo isso, o sentimento dominante de Ezeulu era o de que agora estava mais ou menos quite com o homem branco. Ainda não lhe dissera a última palavra, mas, no momento, travava a sua luta de verdade com o seu próprio povo, e o homem branco, sem o saber, era seu aliado. Quanto mais tempo ficasse preso em Okperi, maiores eram os seus ressentimentos e a sua disposição para a luta.

No início, poucas pessoas em Umuaro acreditaram na história de que Ezeulu tinha rejeitado a oferta do homem branco para ser um chefe. Como poderia ele recusar justamente aquilo que tinha estado planejando e tramando durante todos esses anos?, perguntavam seus inimigos. Mas Akuebue e outros tomaram para si a responsabilidade de espalhar a história por todos os recantos de Umuaro e, em pouco tempo, ela se tornou também conhecida em todas as aldeias vizinhas.

Nwaka, de Umunneora, tratou a história com desprezo. Quando já não podia mais desacreditá-la, invalidou-a:

— O homem é tão orgulhoso como lunático — afirmou. — Isso prova o que sempre disse: ele herdou a loucura da mãe.

Como quase todas as outras coisas que Nwaka dizia de pura maldade, esta, por acaso, tinha seu

fundamento na verdade. A mãe de Ezeulu, Nwanyieke, sofrera de severos, porém intermitentes, ataques de loucura. Dizia-se que, se seu marido não tivesse sido um conhecedor profundo das ervas, ela teria delirado permanentemente.

Apesar de Nwaka e de outros inimigos implacáveis de Ezeulu, o número de pessoas que julgava que ele fora pessimamente tratado crescia cada dia mais em Umuaro. Aumentava continuamente o número dos que iam visitá-lo em Okperi. Num dia só, ele recebeu nove visitas, algumas das quais com inhames e outros presentes.

Duas semanas depois de ter sido internado no Hospital da Missão em Nkisa, o capitão Winterbottom recuperou-se o suficiente para que Tony Clarke tivesse permissão de vê-lo durante cinco minutos. A dra. Savage ficou parada na porta, com o relógio de bolso na mão.

Winterbottom estava incrivelmente branco. Parecia um cadáver sorridente.

— Como vai a vida? — perguntou ele.

Clarke quase não podia esperar para responder. Apressou-se em contar que Ezeulu se havia recusado a ser chefe, como se quisesse ter a reação de Winterbottom, antes que a sua boca se fechasse para sempre.

— Deixe-o trancado até que ele aprenda a cooperar com a Administração.

— Eu os avisei de que não deveriam conversar — advertiu a dra. Savage, aproximando-se rapidamente deles, com um falso sorriso no rosto. O capitão Winterbottom fechara os olhos e já apresentava uma aparência muito pior. Tony Clarke sentiu-se culpado e saiu imediatamente, mas com um grande peso tirado da alma. Em seu caminho de volta para Government Hill, pensou com admiração na facilidade com que Winterbottom, mesmo tão doente, conseguia encontrar as palavras justas. Recusar-se a cooperar com a Administração.

Após a recusa de Ezeulu, Clarke fizera mais uma tentativa, por intermédio do escrivão-chefe, para persuadi-lo a mudar de ideia, e falhara. A situação, portanto, tornara-se quase intolerável. Deveria ele manter o homem na cadeia ou libertá-lo? Se o deixasse ir, a reputação da Administração afundaria por completo, especialmente em Umuaro, onde só agora as coisas estavam começando a melhorar, após um longo período de hostilidade em relação ao governo e ao cristianismo. De acordo com o que Clarke lera, Umuaro tinha oposto mais resistência às mudanças do que qualquer outro clã em toda a província. Sua primeira escola tinha apenas um ano ou pouco mais, e uma instável missão cristã fora instalada após uma série de malogros. Qual seria o efeito, num distrito como aquele, do retorno triunfante de um curandeiro que tinha desafiado a Administração?

Mas Clarke não era capaz de trancafiar um homem sem ter a consciência tranquila de que isso não apenas era justo, mas parecia ser justo. Agora que tinha obtido a resposta às suas dúvidas, os seus escrúpulos anteriores soavam um pouco tolos, embora tivessem sido muito fortes. O que o preocupara fora isto: se mantinha o sujeito na cadeia, de que ofensa o acusaria? O que escreveria no livro de ocorrências? O fato de ter feito a Administração passar por burra? A recusa a ser um chefe? Este ponto, aparentemente pequeno, irritara Clarke como uma mosca na hora da sesta. Compreendia que era insignificante, mas isso não ajudava as coisas; ao contrário, tornava-as piores.

Ele não podia simplesmente trancafiar um velho (sim, um homem muito velho) no xadrez sem

uma explicação razoável. Tudo isso era na verdade uma tolice, pensou, agora que Winterbottom lhe dera a resposta. A moral de tudo isso era que, se os homens mais velhos e experientes como Winterbottom não eram mais sábios do que os jovens, pelo menos tinham sutileza, e isso não podia ser descartado com ligeireza.

O capitão Winterbottom teve uma recaída e, na quinzena seguinte, ninguém teve permissão para vê-lo. Entre os empregados e a equipe africana de Government Hill espalhou-se, primeiro, o rumor de que ele estava louco e, depois, de que ficara paralisado. A reputação de Ezeulu continuou a crescer com esses rumores. Agora que a causa de sua prisão era conhecida por todos, era impossível não se ter comiseração por ele. Não fizera mal algum ao homem branco e podia, justificadamente, levantar seu *ofò* contra ele. Sendo assim, qualquer coisa que Ezeulu fizesse em retaliação era não apenas justificada, mas teria obrigatoriamente de ter eficácia. John Nwodika explicou que Ezeulu era uma espécie de cobra venenosa, que nunca atacava sem antes arreganhar suas sete presas mortais, uma depois da outra. Se, enquanto ela fazia isso, seu atormentador não tivesse o bom senso de fugir para salvar a vida, dele somente seria a culpa. Ezeulu advertira suficientemente o homem branco, durante os quatro mercados em que estivera trancado na prisão. Por isso, não podia ser culpado ao devolver o ataque, destruindo a razão de seu inimigo, ou matando um lado de seu corpo e deixando o outro para contorcer-se em meia-vida, o que era pior do que a morte total.

Fazia trinta e dois dias que Ezeulu estava preso. O homem branco lhe enviara emissários, pedindo-lhe que mudasse de ideia, mas não tivera a coragem de vê-lo novamente em pessoa — pelo menos essa era a história que corria em Okperi. Então, certa manhã, no oitavo mercado Eke após sua prisão, vieram inesperadamente dizer-lhe que estava livre e podia voltar para casa. Para grande espanto do mensageiro-chefe e do escrivão-chefe, que lhe haviam trazido a mensagem, ele deu uma das suas raras e grandes gargalhadas.

— Então o homem branco se cansou, afinal?

Os dois homens deram um sorriso de aquiescência.

— Pensei que ele tivesse maior capacidade de luta dentro dele.

— O homem branco é assim mesmo — disse o escrivão-chefe.

— Prefiro lidar com um homem que joga para cima uma pedra e põe a sua cabeça para recebê-la, do que com um que grita por uma briga, mas, ao aproximar-se a hora da luta, começa a tremer e se borra todo.

Os dois homens, pelo aspecto de suas caras, pareciam concordar com ele.

— Os senhores sabem do que os meus inimigos me chamam na minha terra? — perguntou Ezeulu.

Nesse instante, John Nwodika chegou, para manifestar sua alegria pelo que acontecera.

— Perguntem a ele; ele lhes dirá. Chamam-me o amigo do homem branco. Dizem que Ezeulu trouxe o homem branco para Umuaro. Não é isso mesmo, filho de Nwodika?

— É verdade — respondeu o outro, parecendo um pouco confuso por lhe pedirem para confirmar o final de uma história cujo início não ouvira.

Ezeulu matou uma mosca que pousara em sua canela. A mosca caiu no chão, e ele olhou para a palma da mão com a qual a matara. Depois esfregou a palma na esteira para remover a mancha

e examinou-a novamente.

— Eles dizem que eu os traí com o homem branco.

Continuava a olhar para a mão. Em seguida, pareceu perguntar a si próprio:

— Por que estou dizendo essas coisas para estranhos? — E parou.

— O senhor não devia dar muita importância a nada disso — disse John Nwodika. — Quantos daqueles que escarnecem do senhor em sua terra poderiam lutar com o homem branco como o senhor fez e prender as suas costas no chão?

Ezeulu riu.

— Você chama a isso lutar? Não, meu companheiro. Nós não lutamos. Nós simplesmente estudamos a mão um do outro. Voltarei para fazê-lo, mas, antes disso, quero lutar com o meu próprio povo, cuja mão conheço bem e que conhece a minha mão. Estou indo para casa, e desafiarei todos aqueles que enfiaram os dedos na minha cara, obrigando-os a sair para fora de seus portões, a fim de me dar combate. Quem derrubar o outro arrancará sua tornozela.

— O desafio de Eneke Ntulukpa a homem, pássaro e animal — disse John Nwodika, com excitação infantil.

— Você o conhece? — indagou Ezeulu, com ar feliz.

John Nwodika desatou a entoar a canção de escárnio com a qual o pássaro Eneke desafiou o mundo inteiro. Os dois estranhos riram; era a cara de Nwodika.

— Aquele que derrubar o outro arancará sua tornozela — disse Ezeulu quando a canção terminou.

A libertação de Ezeulu foi a primeira decisão importante que Clarke tomou por sua própria conta. Passara-se exatamente uma semana desde sua visita a Nkisa para obter uma explicação satisfatória da ofensa do homem, e, durante esse tempo, ele desenvolvera uma considerável autoconfiança. Em cartas que, depois do incidente, escrevera para casa, para o seu pai e a sua noiva, fizera brincadeiras com o seu antigo amorismo — um sinal certo da presente segurança de si. A confiança que passara a sentir fora, sem dúvida, estimulada pela carta do residente, autorizando-o a tomar decisões no dia a dia e a abrir a correspondência confidencial que não fosse endereçada pessoalmente a Winterbottom.

O mensageiro de correio trouxe duas cartas. Uma tinha um aspecto impressionante, fechada com cera vermelha e sinete. Era do tipo que os funcionários jovens do setor político definiam levianamente como “Altamente Sigilosa: Queime Antes de Abrir”. Examinou-a cuidadosamente e viu que não era pessoal para Winterbottom. Sentiu-se como alguém que acabara de ser iniciado numa importante sociedade secreta. Pôs o envelope de lado, para ler primeiro a correspondência menos importante. Esta era o telegrama semanal da Reuters, enviado como carta pela oficina telegráfica mais próxima, a uns oitenta quilômetros de distância. Trazia a notícia de que os camponeses russos, em revolta contra o novo regime, tinham se recusado a cultivar a terra. “Bem feito”, pensou Clarke e pôs o papel de lado. Ele o pregaria, no fim do dia, no quadro de avisos da cantina do Regimento. Sentou-se melhor na cadeira e pegou o outro pacote.

Era um relatório do secretário para assuntos nativos sobre o “governo indireto” na Nigéria Oriental. O ofício do vice-governador, que o encaminhava, dizia que o relatório fora amplamente discutido numa recente reunião em Enugu dos funcionários políticos mais antigos, uma reunião à qual o capitão Winterbottom não pudera assistir, por estar, infelizmente, muito enfermo. Continuava dizendo que, apesar de o relatório ser muito desfavorável, não era dada nenhuma

instrução para mudança de política, por ser um assunto a ser decidido pelo governador. Mas, como uma decisão poderia vir a ser tomada, num sentido ou noutro, a qualquer momento, desaconselhava-se, por ora, que se designassem novos chefes para novas áreas. Era significativo que o chefe de Okperi fosse o principal alvo de críticas no relatório. O ofício concluía com um pedido para que Winterbottom lidasse com o assunto com o maior tato, a fim de que a Administração não confundisse a mente dos nativos ou criasse a impressão de indecisão ou falta de direção, pois uma impressão semelhante iria causar indizível prejuízo.

Quando, dias mais tarde, Clarke teve a possibilidade de falar com Winterbottom sobre o relatório e o ofício do vice-governador, o capitão mostrou uma impressionante falta de interesse, sem dúvida por causa da febre. Ele apenas murmurou, muito baixinho, algo parecido a “merda para o vice-governador!”.

Embora fosse o auge da estação das chuvas, Ezeulu e seu companheiro partiram numa manhã seca e auspiciosa. Seu companheiro era John Nwodika, que não quis nem ouvir o seu plano de fazer a longa viagem sozinho. Ezeulu insistiu com ele para que não se preocupasse, mas foi em vão.

— Esta não é uma viagem que um homem da sua posição social possa fazer sozinho — disse ele. — Se o senhor está decidido a regressar hoje, eu preciso acompanhá-lo. Do contrário, fique até amanhã, quando Obika deverá vir vê-lo.

— Não posso ficar mais um só dia — retorquiu Ezeulu. — Eu sou o cágado que, durante dois mercados inteiros, ficou preso num buraco de excremento, mas quando, no oitavo dia, vieram socorrê-lo e puxá-lo para fora, gritou: “Rápido! Rápido! Eu não aguento mais o fedor!”.

Então, eles partiram. Ezeulu usava sua brilhante tanga amarela e uma grossa e rústica toga branca. Essa togapassava sob a axila direita e suas duas extremidades estavam jogadas sobre o ombro esquerdo. Por cima do mesmo ombro, ele carregava sua sacola de pele de cabra com uma longa alça. Na mão direita, levava o seu *alo*, um comprido cajado de ferro com uma extremidade aguda, semelhante a uma lança, que todos os homens titulados portavam em ocasiões importantes. Na cabeça usava um barrete vermelho de *ozo*, cingido por uma faixa de couro, da qual uma pena de águia apontava ligeiramente para trás.

John Nwodika usava uma camisa cinzenta grossa por cima de calças de cor cáqui.

O tempo manteve-se firme até mais ou menos a metade do caminho entre Okperi e Umuaro. Depois, a chuva pareceu dizer: “Agora é o momento; não há casas no caminho onde eles possam procurar abrigo”. Tirou as mãos com que se segurava e despencou num imenso e sufocante abandono.

John Nwodika disse:

— Vamos abrigar-nos debaixo de uma árvore por um tempo, para ver se a chuva diminui.

— É perigoso ficar debaixo de uma árvore numa tempestade como esta. Vamos continuar. Nós não somos feitos de sal e não estamos levando nenhuma erva má em nosso corpo. Pelo menos, eu não estou.

Então, eles continuaram a caminhar, as vestes grudadas aos corpos, como se estivessem aterrorizadas. A sacola de pele de cabra de Ezeulu encheu-se de água, e ele sabia que seu rapé devia estar estragado. O barrete vermelho também nunca tinha gostado de água e devia estar péssimo por causa dela. Mas Ezeulu não estava deprimido; pelo contrário, sentia uma certa euforia, que a chuva torrencial às vezes lhe provocava — o mesmo sentimento estonteante que fazia com que as crianças saíssem nuas a cantar na chuva:

*Mili zobe ezobe!*

*Ka mgbaba ogwogwo!*

A euforia de Ezeulu tinha, no entanto, uma ponta de amargura. Essa chuva era parte do

sofrimento ao qual fora exposto e do qual precisava extrair o máximo de compensação. Quanto mais ele sofresse agora, maior seria a alegria da compensação. Sua mente buscava novos ressentimentos, para acumulá-los sobre todos os outros.

Ele dobrou o polegar da mão esquerda e passou-o na testa e nos olhos, para enxugar a água que estava cegando. A estrada nova e larga mais parecia um agitado pântano vermelho. O cajado de Ezeulu não mais batia na terra com uma pancada surda; sua extremidade fina afundava nela por vários centímetros antes de encontrar o chão duro. De vez em quando, a chuva diminuía de repente, como se estivesse a ouvir. Só então era possível ver separadamente as árvores gigantescas e o mato que crescia por baixo delas, com folhas murchas pingando água. Mas esses momentos de estiagem duravam muito pouco; eram imediatamente seguidos por novas ondas de chuva grossa.

A chuva é boa para o corpo somente quando dura pouco tempo e para de repente. Se ela dura muito tempo, o corpo começa a enregelar. Essa chuva não conhecia limites. Ela continuou e continuou, até que os dedos de Ezeulu, que seguravam o cajado, pareciam garras de ferro.

— Isto foi o que você ganhou pelo trabalho que teve — disse a John Nwodika. Sua voz estava grossa e ele pigarreou.

— É com o senhor que estou preocupado.

— Comigo? Por que alguém deveria preocupar-se com um velho cujos olhos já gastaram todo o seu sono? Não, meu filho. A viagem que me espera é muito pequena ao lado da que já deixei para trás. Onde quer que a chama se apague agora, eu jogarei a tocha fora.

Outra rajada de chuva veio e abafou a resposta de John Nwodika.

A família de Ezeulu ficou muito preocupada quando ele entrou, enregelado e trêmulo. Fizeram para ele uma grande fogueira, enquanto sua mulher, Ugoye, se apressava em preparar unguento de pau-campeche. Antes de mais nada, Ezeulu precisava de um pouco de água para lavar os pés, cobertos de barro vermelho até acima da tornozeleira de *ozo*. Ele tirou de uma concha de coco a pasta de pau-campeche e esfregou com ela o peito, enquanto Edogo lhe massageava as costas. Matefi, que deveria cozinhar para Ezeulu naquela noite (elas haviam mantido o rodízio durante a sua ausência), já começara a preparar uma sopa de *utazi*. Ezeulu bebeu-a quente, e seu corpo começou pouco a pouco a recuperar a sensibilidade.

A chuva já tinha quase parado quando Ezeulu chegara em casa e não demorou a cessar completamente. A primeira coisa que ele fez, depois de ter tomado a sua sopa de *utazi*, foi mandar Nwafo avisar a Akuebue de que ele havia voltado.

Akuebue estava moendo rapé quando Nwafo lhe trouxe a notícia. Não esperou para terminar o que estava fazendo. Transferiu a metade do rapé moído para dentro de uma pequenina garrafa, usando uma faquinha fina. Depois, varreu com uma pena as partículas mais finas para o meio da pedra de moer e transferiu-as também para a garrafa. Usou novamente a pena nas pedras grande e pequena, até que todo o pó tivesse entrado na garrafa. Pôs de parte as pedras e chamou uma de suas mulheres, para dizer-lhe aonde estava indo.

— Se Osenigwe vier pedir emprestadas as pedras — disse, enquanto jogava seu pano sobre o ombro —, diga-lhe que ainda não terminei.

Já havia um punhado de pessoas na cabana de Ezeulu quando Akuebue chegou. Todos os vizinhos estavam lá, e todos os passantes que ouviam falar de seu retorno interrompiam o que

estavam fazendo para ir saudá-lo. Ezeulu falava muito pouco, aceitando a maior parte das boas-vindas apenas com o olhar e um aceno de cabeça. Ainda não chegara o momento de falar ou de agir. Ele deveria suportar a provação até o seu limite máximo, porque o homem que se deve temer é aquele que se mostra capaz de assim atuar. Veja-se, por exemplo, a cobra venenosa que incha quando irritada; ela suporta todas as provocações; até mesmo permite que o inimigo pise em seu corpo; e espera, a arreganhar suas sete presas, uma depois da outra, antes de ser a morte de seu atormentador.

Todos os esforços para arrastar Ezeulu para a conversa falharam ou lograram apenas um sucesso limitado. Quando os visitantes mencionavam sua recusa de ser um chefe do homem branco, ele apenas sorria. Não era que não gostasse das pessoas ao seu redor ou do assunto sobre o qual falavam. Ele apreciava tudo e até mesmo desejava que o filho de Nwodika tivesse ficado, para contar-lhes com pormenores o que acontecera, mas John ficara pouquíssimo tempo e seguira para a sua aldeia, a fim de lá passar a noite, antes de voltar para Okperi na manhã seguinte. Recusara-se até mesmo a lavar a lama dos pés.

— Eu vou sair de novo na chuva — dissera. — Lavar os meus pés agora seria a mesma coisa que limpar o ânus antes de defecar.

Como se adivinhasse o que Ezeulu estava pensando naquele momento, um de seus visitantes disse:

— O homem branco encontrou seu igual em você. Mas há um lado dessa história que eu ainda não entendi: o papel desempenhado pelo filho de Nwodika, de Umunneora. Quando o assunto tiver esfriado, ele deverá responder a uma ou duas perguntas.

— Estou com você — disse Anosi.

— O filho de Nwodika já explicou — disse Akuebue, que estava atuando como uma espécie de porta-voz de Ezeulu. — O que ele fez foi na crença de que estava ajudando Ezeulu.

O outro homem riu.

— É verdade? Que homem inocente! Suponho que ele costume colocar sua bola de *foofoo* dentro das narinas. Não me venha com esta história!

— Jamais confie num homem de Umunneora. É o que eu digo sempre. — Este era o vizinho de Ezeulu, Anosi. — Se um homem de Umunneora me disser para parar, eu correrei; e, se ele me disser que corra, eu ficarei parado onde estiver...

— Mas esse é diferente — declarou Akuebue. — As viagens o mudaram.

— Ha, ha, ha, ha — riu Ifeme. — Ele apenas acrescentou truques aprendidos no estrangeiro aos que sua mãe lhe ensinou. Você, Akuebue, está falando como um menino pequeno.

— Você sabe por que hoje choveu durante toda a tarde? — perguntou Anosi. — Foi porque a filha de Udendu vai dançar *uri*. Por isso, os fazedores de chuva de Umunneora decidiram estragar a festa de seus parentes. Não apenas eles odeiam os outros, mas odeiam a si mesmos ainda mais. A maldade deles usa chapéu.

— É verdade. Está grávida e amamenta um bebê ao mesmo tempo.

— É a mais pura verdade. Eles são a gente da minha mãe, mas tudo que eu faço é espia-los com medo.

Ifeme levantou-se para ir embora. Era um homem baixo e atarracado, que sempre falava em voz muito alta, como se toda conversa fosse uma briga.

— Preciso ir, Ezeulu — berrou ele tão alto que aqueles que estavam nas cabanas das mulheres

o escutaram. — Nós agradecemos ao grande deus e agradecemos a Ulu que nenhuma história ruim tenha acompanhado sua viagem. Talvez você tenha dito para você mesmo: “Ifeme não veio visitar-me, será que há algum desentendimento entre nós?”. Não há nenhuma briga entre Ezeulu e Ifeme. Eu estava pensando o tempo todo que precisava ir visitá-lo. Meus olhos o alcançavam, mas meus pés ficavam para trás. Passava o tempo todo dizendo: “Amanhã eu irei”. Mas cada dia me dava uma ordem diferente. Como disse antes: *Nno!*

— A mesma coisa sucedeu comigo — afirmou Anosi. — Eu ficava dizendo: “Amanhã eu irei, amanhã eu irei”, tal como o sapo que perdeu a oportunidade de criar um rabo por causa do “eu estou chegando, eu estou chegando”.

Ezeulu moveu suas costas encostadas na parede e aparentou dar toda a atenção ao neto Amechi, que tentava, em vão, abrir o punho fechado do velho. Estava atento, contudo, à conversa dos que o rodeavam, e dizia uma palavra ou duas quando era preciso. Olhou para cima por um momento e agradeceu Ifeme pela visita.

A inquietação de Amechi aumentou e logo se transformou em choro, apesar de Ezeulu lhe permitir abrir seu punho.

— Nwafo, venha cá e leve esta criança para sua mãe. Penso que o sono está chegando.

Nwafo veio, abaixou-se sobre os dois joelhos e apresentou as costas para Amechi. Em vez de subir na cacunda do menino, Amechi parou de chorar, fechou seu pequenino punho e deu uma pancada no meio das costas de Nwafo. Isso provocou uma risada geral, e ele olhou em volta, com marcas das lágrimas recentes nos olhos.

— Está bem, vá embora, Nwafo. Ele não o quer. Você não é uma boa pessoa. Ele quer Obiageli.

E, realmente, Amechi trepou nas costas de Obiageli, sem qualquer problema.

— Vejam só — disseram, juntas, duas ou três vozes.

Obiageli pôs-se de pé com dificuldade, inclinou-se ligeiramente e deu um súbito repuxão na cintura. Isso jogou a criança mais para a frente nas suas costas, e ela foi embora, caminhando.

— Devagarinho — recomendou Ezeulu.

— Não se preocupe — disse Anosi. — Ela sabe o que está fazendo.

Obiageli saiu na direção do *compound* de Edogo, cantando:

*Diga à mãe que seu filho está chorando*

*Diga à mãe que seu filho está chorando*

*E depois prepare um ensopado de uziza*

*E também um ensopado de uziza*

*Faça uma sopa rala de pimenta*

*De forma que os pequenos passarinhos que beberem dela*

*Morrerão todos de soluço*

*A mãe cabra está no celeiro*

*E os inhames não estarão seguros*

*O pai bode está no celeiro*

*E os inhames serão todos comidos*

*Você pode ver aquele veado se aproximando*

*Olhe! Ele mergulhou uma pata na água*

*A cobra o atacou!*

*Ele se retira!*

*Ja-ja. Ja kulo kulo!*

*Falcão Viajante*

*Você é bem-vindo lá em casa*

Ja-ja. Ja kulo kulo!

*Mas onde está o corte*

*De tecido que você trouxe*

Ja-ja. Ja kulo kulo!

Durante todo o tempo que passou no exílio, foi fácil para Ezeulu pensar em Umuaro como lhe sendo hostil. Porém, de volta à sua cabana, não mais podia ver a questão de forma tão simples. Todas essas pessoas que haviam abandonado o que estavam fazendo ou deixado de ir para onde estavam indo, a fim de dar-lhe as boas-vindas, não podiam ser chamadas de inimigas. Algumas delas — como Anosi — podiam ser inconsequentes, irresponsáveis, mexeriqueiras e até, algumas vezes, malévolas, mas eram diferentes do inimigo que ele vira em seu sonho, em Okperi.

No segundo dia, ele contou cinquenta e sete visitantes, excluindo as mulheres. Seis deles haviam trazido vinho de palma; seu genro, Ibe, e sua família, dois grandes potes de excelente vinho e um galo. Ao longo daquele dia, a cabana de Ezeulu apresentara um aspecto festivo. Duas ou três pessoas tinham até mesmo vindo de Umunneora, a aldeia inimiga. No fim do dia, Ezeulu refez a sua divisão de Umuaro em pessoas que nada tinham senão boa vontade em relação a ele e outras cuja ambição era a de destruir a união entre as seis aldeias. A partir do momento em que estabeleceu essa diferença, pensamentos de reconciliação começaram, se bem que timidamente, a visitá-lo. Sabia que podia dizer, com justiça, que, se um dedo trouxesse óleo, sujaria os outros; mas seria justo que afastasse com a mão todas aquelas pessoas que haviam demonstrado tanta preocupação por ele, durante seu exílio e desde o seu retorno?

O conflito em sua mente foi afinal resolvido, no terceiro dia, de modo totalmente inesperado. Seu último visitante, naquele dia, fora Ogbuefi Ofoka, um dos homens mais importantes de Umuaro, mas que pouco frequentava a casa de Ezeulu. Ofoka era muito conhecido por dizer sempre o que pensava. Não era uma dessas pessoas capazes de elogiar um homem só porque esse lhe oferecera vinho de palma. Em vez de deixar que o vinho de palma o cegasse, Ofoka o jogava fora, colocava seu chifre de volta dentro de sua sacola de pele de cabra e dizia exatamente o que pensava.

— Eu vim dizer-lhe *Nno* e agradecer Ulu e Chukwu por impedirem que o senhor desse uma topada com seu pé contra uma pedra — afirmou. — Queria dizer-lhe que toda a Umuaro soltou um suspiro de alívio, no dia em que o senhor pôs o pé de volta na sua cabana. Ninguém me mandou entregar-lhe esta mensagem, mas penso que o senhor deveria saber disso. Por que digo isso? Porque sei a disposição de espírito com que o senhor partiu.

Fez uma pequena pausa e, depois, inclinando-se na direção de Ezeulu, numa espécie de desafio, acrescentou:

— Sou um daqueles que apoiaram Nwaka de Umunneora quando ele declarou que o senhor deveria ir falar com o homem branco.

O rosto de Ezeulu ficou impassível.

— O senhor está me ouvindo bem? — continuou Ofoka. — Sou um daqueles que disseram que não nos deveríamos intrometer entre o senhor e o homem branco. Se quiser, o senhor pode me pedir para nunca mais pôr os pés na sua casa, depois que eu tiver terminado. Desejo perguntar se o senhor já sabe que os anciãos de Umuaro não tomaram o partido de Nwaka contra o senhor. Todos nós conhecemos Nwaka e conhecemos o homem que está por trás dele; e eles não nos

enganam. Por que, então, concordamos com ele? Foi porque ficamos confusos. O senhor está me ouvindo? Os anciãos de Umuaro estão confusos. O senhor pode dizer que Ofoka lhe disse isso. Nós estamos confusos. Nós somos como o cachorrinho do provérbio, que tentou atender a duas chamadas ao mesmo tempo e quebrou a mandíbula. Em primeiro lugar, Ezeulu, o senhor nos disse, há cinco anos, que era tolice desafiar o homem branco. Nós não lhe demos ouvidos. Nós fomos contra ele e ele tomou nossas armas e quebrou-as contra o joelho. Por isso, sabemos que o senhor estava com a razão. Mas justamente no momento em que estávamos começando a aprender nossa lição, o senhor se vira e nos diz para desafiar o mesmo homem branco. O que é que o senhor espera que façamos?

Ele fez uma pausa para que Ezeulu respondesse, mas este ficou calado.

— Se meu inimigo fala a verdade, não direi que não vou ouvi-la porque vem da boca de meu inimigo. O que Nwaka disse era verdade. Ele disse: “Vá e fale com o homem branco, porque ele o conhece”. Isso não era verdade? Quem mais dentre nós poderia ter ido e lutado com o homem branco como o senhor fez? Uma vez mais, *Nno*. Se o senhor não gostou do que eu disse, pode me enviar uma mensagem para nunca mais voltar à sua casa. Vou-me embora.

Ofoka resumira todo o debate que se travava na mente de Ezeulu nos três últimos dias. Talvez se Akuebue tivesse falado as mesmas palavras, elas pudessem não ter o mesmo impacto. Mas, vindo de um homem que não era nem amigo nem inimigo, elas pegaram Ezeulu despreparado e atingiram seu objetivo.

Sim, era verdade que o sumo sacerdote deveria pôr-se na frente e enfrentar o perigo antes que atingisse o seu povo. Essa responsabilidade lhe era imposta por seu sacerdócio. Fora assim desde o primeiro dia, quando as seis aldeias sitiadas se juntaram e disseram ao ancestral de Ezeulu: “Vós levareis esta divindade para nós”. A princípio, ele estava com medo. Que poder tinha ele em seu corpo para carregar tão poderoso perigo? Mas seu povo cantava seu apoio atrás dele, e o homem da flauta virava a cabeça. Então seu antepassado ajoelhou-se com os dois joelhos, e sua gente colocou a divindade sobre sua cabeça. Ele levantou-se e foi transformado num espírito. Seu povo continuou a cantar atrás dele, e ele caminhou para a frente, em sua primeira e decisiva viagem, forçando até mesmo os quatro dias no céu a lhe darem passagem.

O pensamento tornou-se intenso demais para Ezeulu, e ele o colocou de lado para refrescar. Chamou o seu filho Oduche.

— O que você está fazendo?

— Estou entretecendo um cesto.

— Sente-se.

Oduche sentou-se na cama de barro e olhou para o pai. Depois de uma pausa curta, Ezeulu falou e foi direto ao ponto: lembrou Oduche da importância de se ter o conhecimento que tinha o homem branco.

— Eu o enviei para junto dele a fim de que você seja os meus olhos lá. Não dê ouvidos ao que as pessoas dizem: as pessoas que não sabem distinguir o lado direito do lado esquerdo. Um homem não diz uma mentira a seu filho; eu já lhe falei isso antes. Se alguém lhe perguntar por que você foi enviado para aprender essas coisas novas, diga-lhe que o homem precisa dançar a dança que prevalece em sua época.

Coçou a cabeça e continuou com voz mais relaxada:

— Quando estava em Okperi, vi um jovem branco que era capaz de escrever no seu caderno

com a mão esquerda. De seus atos, pude perceber que ele tinha muito pouco juízo. Mas ele tinha poder. Podia gritar na minha cara. Podia fazer o que quisesse. Por quê? Porque podia escrever com a mão esquerda. Foi por isso que o chamei. Quero que aprenda e domine o conhecimento desse homem tão bem que, se você for subitamente despertado do sono e lhe perguntarem que conhecimento é esse, você saberá responder. Você deverá aprender tudo, até que possa escrever seja o que for com a mão esquerda. E é isso o que eu queria lhe dizer.

Quando a excitação em torno do regresso de Ezeulu diminuiu um pouco, a vida no seu *compound* voltou à rotina. As crianças, em especial, alegraram-se com o fim daquele meio-luto no qual tinham vivido durante mais de uma lua inteira.

— Conta para a gente uma história — pediu Obiageli a sua mãe, Ugoye. Na realidade, fora Nwafo quem mandara a irmã dizer isso.

— Contar uma história para vocês, com todos esses utensílios sujos por aí?

Nwafo e Obiageli imediatamente puseram-se a trabalhar. Eles afastaram o pequeno pilão para esmagar pimenta, puseram-no emborcado e colocaram os recipientes menores na prateleira de bambu. A própria Ugoye mudou no candeeiro a mecha de luz já quase gasta por uma nova, tirada de um maço mergulhado em óleo de palma num caco de barro.

Ezeulu comera toda a ceia que Ugoye preparara para ele. Isso faria qualquer mulher muito feliz. Mas, num *compound*, havia sempre algo para estragar a felicidade da gente. No caso de Ugoye, esse algo era a esposa mais velha do marido, Matefi. Fosse o que fosse que Ugoye fizesse, o ciúme de Matefi jamais a deixava em paz. Se ela cozinhava uma refeição modesta na sua própria cabana, Matefi dizia que estava matando de fome seus filhos para comprar braceletes de marfim. Se matasse um galo, como fizera esta noite, Matefi dizia que ela estava procurando as boas graças do marido. Claro que ela nunca dizia nenhuma dessas coisas na cara de Ugoye, mas todos os seus fuxicos mais cedo ou mais tarde chegavam aos ouvidos da mulher mais nova. Esta noite, quando Oduche estava temperando o galo num fogo alto, Matefi andara para cima e para baixo, pigarreando.

Depois que o aposento fora todo limpo, Nwafo e Obiageli estenderam uma esteira e sentaram-se ao lado do banco baixinho da mãe.

— Qual história vocês querem ouvir?

— A história de Onwuero — respondeu Obiageli.

— Não — disse Nwafo —, essa não, nós já a ouvimos muitas vezes. Conte aquela do...

— Está bem — interrompeu Obiageli. — Conte a do Eneke Ntulukpa.

Ugoye a procurou em sua memória e, após alguns minutos, encontrou o que buscava.

Era uma vez um homem que tinha duas mulheres. A mais velha tinha muitos filhos, e a mais moça, apenas um. Mas a mulher mais velha era invejosa e traiçoeira. Certo dia, o homem e sua família foram trabalhar na roça. Essa roça ficava na fronteira entre a terra dos homens e a terra dos espíritos. Qualquer pessoa que fosse trabalhar naquela redondeza deveria apressar-se para sair ao pôr do sol, porque, assim que caísse a noite, os espíritos chegariam para trabalhar em seus próprios campos de inhame. (Obiageli chegou mais perto de sua mãe.) O homem e suas mulheres

e filhos trabalharam até que o sol começou a se pôr. Rapidamente eles juntaram suas enxadas, facões e cestas e partiram para casa. Mas, ao chegar em casa, o filho da segunda mulher descobriu que havia deixado sua flauta na roça e disse que ia voltar para buscá-la. Sua mãe implorou para que não fosse, mas ele não lhe deu ouvidos. Seu pai avisou-o de que seria morte certa, mas ele não lhe deu atenção. Quando se cansaram de suplicar ao filho que não fosse, deixaram-no ir.

Ele passou por cima de sete rios e atravessou sete florestas antes de chegar à roça. Quando chegou perto, viu os espíritos inclinados sobre seus roçados, plantando inhames-fantasma. (Obiageli aproximou-se ainda mais da mãe.) Todos eles ficaram de pé quando o menino se aproximou e o olharam, zangados.

— Ei, menino humano! — vociferou o líder dos espíritos. — O que você quer? — Ele falava pelo nariz. — Você nunca ouviu dizer que nós estamos circulando a essa hora?

— Eu vim buscar a flauta que esqueci embaixo daquela árvore morta.

— Flauta? Você a reconhecerá, se a vir?

O menino disse que sim. Então, o líder dos espíritos apresentou-lhe uma flauta que brilhava como um metal amarelo.

— É esta?

O menino respondeu que não. Então ele apresentou outra flauta, que brilhava, branca, como a “noz da água do céu”.

— É esta? — o espírito perguntou, e novamente o menino disse que não.

Finalmente ele apresentou a flauta de bambu do menino, e o menino sorriu e disse que sim.

— Pegue-a e toque para nós.

O menino pegou a flauta da mão do espírito e tocou esta canção:

*Terrível espírito, incontestado*

*Senhor da noite sobre estas terras!*

*Meu pai me avisou que a morte aguardava*

*Os homens que se aventuravam aqui muito tarde;*

*Por favor, meu filho, por favor, espere até de manhã!*

*Chorava a minha mãe. Mas sua advertência*

*Perdeu-se. Pois como poderia eu*

*Ficar acordado e esperar pela madrugada*

*Enquanto minha flauta na umidade e no orvalho*

*Jazia esquecida e abandonada!*

Os espíritos ficaram encantados com a canção e houve um ho-ho-ho geral pelos seus narizes. (Obiageli e Nwafo riram muito, pela maneira com que sua mãe fazia ho-ho-ho, mexendo a cabeça de um lado para outro.)

O líder dos espíritos trouxe duas panelas, uma grande e uma pequena. Ambas as panelas estavam completamente seladas.

— Escolha uma dessas — disse ele ao menino.

Este escolheu a pequena.

— Quando você chegar em casa, chame sua mãe e seu pai e quebre a panela na frente deles.

O menino agradeceu-lhes.

— No caminho de casa, se você ouvir “dum-dum”, corra para dentro do mato, e quando ouvir “jam-jam”, volte para a estrada.

No caminho, o menino ouviu “dum-dum” e correu para o mato. Depois, ele ouviu “jam-jam” e voltou para a estrada. Atravessou os sete rios e as sete florestas e finalmente chegou no *compound* de seu pai. Chamou o pai e a mãe e quebrou a panela na frente deles. Imediatamente o lugar ficou cheio de todas as coisas boas: metal amarelo, panos e veludos, comidas de todas as espécies, dinheiro, vacas, cabras e muitas outras coisas de valor.

A mãe do menino encheu uma cesta de presentes e mandou para a mulher mais velha do marido. Mas esta, cega de inveja, recusou o presente. Não entendia por que devia ser insultada com um reles presente, quando tudo que tinha a fazer era enviar um de seus filhos para conseguir a mesma coisa.

Na manhã seguinte, ela chamou o filho e lhe disse:

— Traga sua flauta, nós vamos até a roça.

Não havia trabalho para eles fazerem na roça, mas ficaram por ali até o cair do sol. Então ela disse para o filho:

— Vamos para casa.

O menino pegou a flauta, mas a mãe bateu-lhe na cabeça.

— Menino bobo — disse. — Você não sabe esquecer sua flauta? (Obiageli e Nwafo riram novamente.)

Então o menino deixou ficar sua flauta. Eles atravessaram sete rios e sete florestas e finalmente chegaram em casa.

— Agora você vai voltar para buscar sua flauta!

O menino chorou e protestou, mas sua mãe empurrou-o para fora e disse-lhe que na cabana não caberiam os dois, até que ele voltasse da roça com o presente dos espíritos.

O menino passou pelos sete rios e pelas sete florestas e chegou ao local onde os espíritos estavam trabalhando.

— Hmm! Hmm! — fungou o menino com repugnância. — Eu engasgo com o fedor dos espíritos!

O rei dos espíritos perguntou-lhe o que ele tinha vindo fazer.

— Minha mãe me mandou buscar minha flauta. Hmm! Hmm!

— Você é capaz de reconhecer a flauta, se você a vir?

— Que raio de pergunta é essa? — perguntou o garoto. — Quem é que não vai reconhecer sua flauta quando a vir? Hmm! Hmm!

Então o espírito mostrou-lhe uma flauta brilhando como metal amarelo e o menino disse que era a dele.

— Pegue-a e toque-a para nós — pediu o espírito.

— Eu espero que você não tenha cuspidado dentro dela — disse o garoto, secando a boca com as costas das mãos. Depois, ele tocou sua canção:

*Rei dos espíritos ele fede*

*Hmm hmm*

*Velho espírito ele fede*

*Hmm hmm*

*Jovem espírito ele fede*

*Hmm hmm*

*Mãe espírito ela fede*

*Hmm hmm*

Quando terminou, os espíritos estavam silenciosos. Então, o líder deles trouxe duas panelas, uma grande e outra pequena. Antes que uma palavra saísse de sua boca, o menino tinha pulado em cima da grande.

— Quando você chegar em casa, chame sua mãe e seu pai e quebre esta panela diante deles. No caminho, se você ouvir “dum-dum”, corra para dentro do mato, e quando você ouvir “jam-jam”, saia de novo.

Sem parar para agradecer, o menino pegou a panela e foi embora. Num certo ponto do caminho, ao ouvir “dum-dum”, ficou na estrada olhando de um lado para outro, a fim de saber o que era. Depois, ouviu “jam-jam”, e entrou no mato.

Passou os sete rios e as sete florestas e finalmente chegou em casa. Sua mãe, que estivera esperando por ele do lado de fora da cabana, ficou feliz quando viu o tamanho da panela.

— Eles disseram que eu devia quebrá-la diante de você e de meu pai.

— O que tem o seu pai a ver com isto? Por acaso foi ele quem o mandou ir lá?

Ela levou a panela para dentro de sua cabana e fechou a porta. Depois, encheu cada buraquinho da parede, de modo que nada pudesse escapar para a mulher mais moça de seu marido. Quando tudo estava pronto, quebrou o pote. Lepra, varíola, boubá e moléstias piores sem nomes e toda a espécie de abominações encheram a cabana e mataram a mulher e todos os seus filhos.

Quando amanheceu, como não houvesse sinais de vida na cabana, o marido arrombou a porta e espiou lá dentro. Essa espiadela foi mais do que suficiente. Ele lutou com as coisas que forçavam para sair e acabou por conseguir fechar a porta de novo. Mas, nessa altura, algumas das doenças e abominações já haviam escapado e se disseminado pelo mundo. Felizmente, as piores — aquelas que não têm nome — ficaram trancadas dentro da cabana.

Ugoye, Nwafo e Obiageli estavam sentados, bem apertados, no lugar onde se cozinhava. Oduche sentava-se um pouco separado, perto da entrada do único quarto de dormir, segurando seu novo livro, *Azu Ndu*, à luz amarelenta do candeeiro. Seus lábios moviam-se silenciosamente, à medida que ele ia soletrando e formando as primeiras palavras da leitura:

a b a      aba  
e g o      ego  
i r o      iro  
a z u      azu  
O m u      Omu

Enquanto isso, Ezeulu continuara com seus pensamentos sobre a luta que estava por vir e começara a examinar, com a sensibilidade dos chifres de um caracol, a possibilidade de reconciliação ou, se isso fosse demais, de estreitamento da área de conflito. A condicionar o seu raciocínio havia a convicção de que a luta não começaria antes da época da colheita, três luas

mais tarde. Tinha, assim, muito tempo. Talvez fosse saber que não havia pressa, o que lhe dava confiança para jogar com diferentes opções, para abandonar sua resolução e, no momento certo, adotá-la novamente. Por que deveria um homem ter pressa de lambe os dedos? Iria ele jogá-los fora? Ou talvez os pensamentos de reconciliação nascessem de uma convicção mais funda. Como quer que fosse, Ezeulu não podia permanecer por mais tempo entre as duas maneiras de pensar.

— *Ta! Nwanu!* — vociferou Ulu em sua orelha, como um espírito faria na orelha de uma criança impertinente. — Quem lhe disse que esta luta lhe pertence?

Ezeulu tremeu e não disse nada.

— Eu perguntei quem lhe contou que esta luta era sua e que você poderia planejá-la como lhe conviesse? Você deseja salvar os seus amigos que lhe trouxeram vinho de palma. Ha-ha-ha-ha! — e o deus riu do jeito que os espíritos riem, um riso seco e esquelético. — Tome cuidado para não se interpor entre mim e a minha vítima, ou receberá golpes que não são dirigidos contra você! Você não sabe o que acontece quando dois elefantes lutam? Vá para casa, durma e deixe-me ajustar as contas com Idemili, que deseja destruir-me, a fim de que sua jiboia possa subir ao poder. Agora, me diga se isto lhe diz respeito. Vá para casa e durma. Quanto a mim e Idemili, nós brigaremos até o fim; e aquele que derrubar o outro lhe arrancará a tornozela!

Depois disso, não havia mais nada a ser dito. Quem era Ezeulu para dizer à sua divindade como lutar contra o ciumento da jiboia sagrada? Era uma luta entre deuses. Ezeulu nada mais era do que uma flecha no arco de seu deus. Esse pensamento o embriagava como vinho de palma. Novos pensamentos rolaram desordenados uns sobre os outros e acontecimentos passados assumiram um significado novo e excitante. Por que teria Oduche aprisionado uma jiboia em sua caixa? A culpa fora posta na religião do homem branco, mas teria sido essa a verdadeira causa? E se o rapaz fosse também uma flecha na mão de Ulu?

E o que dizer da religião do homem branco e até mesmo do próprio homem branco? Ezeulu estava à beira da blasfêmia, mas se sentia com disposição de espírito para ir até o fim no exame das coisas. Sim, o que dizer do próprio homem branco? Afinal, certa vez ele ficara do lado de Ezeulu e, de certo modo, ultimamente, ficara de novo do lado dele, ao exilá-lo, dando-lhe dessa forma uma arma com a qual lutar contra seus inimigos.

Se Ulu tivesse desde o início reconhecido o homem branco como aliado, isso explicaria muitas coisas. Explicaria a decisão de Ezeulu de enviar Oduche para aprender as maneiras do homem branco. É verdade que Ezeulu dera outras explicações para a sua decisão, mas foram as que lhe vieram à cabeça, na época. Metade dele era homem, e a outra metade, *mmo* — a metade que era pintada por cima com giz branco nas cerimônias religiosas. E a metade das coisas que fizera ao longo da vida tinha sido feita pelo seu lado espírito.

O povo de Umuaro costumava dizer que até mesmo o rumor dos acontecimentos mais espalhafatosos começava a abrandar na segunda semana de mercado. Foi assim que aconteceu com o exílio e o retorno de Ezeulu. Durante algum tempo, não se falou de outra coisa, mas, gradualmente, tornou-se uma história como outra qualquer na vida das seis aldeias — ou assim pensavam as pessoas.

Mesmo no *compound* de Ezeulu, a rotina diária restabeleceu-se. A nova mulher de Obika ficou grávida; Ugoye e Matefi continuaram a se comportar como duas esposas ciumentas; Edogo voltou a trabalhar em sua escultura, que deixara de lado no auge da época do plantio; Oduche fez novos progressos em sua nova fé e em seu aprendizado de leitura e de escrita; Obika, após uma curta interrupção, retornou ao vinho de palma com plena força. Sua abstenção temporária fora em grande parte devida à ideia muito difundida de que excesso de palma era prejudicial ao homem que estava copulando com sua mulher — tornava-o resfolegante em cima dela, como um lagarto caído de um *iroko* — e o diminuía em sua estima. Mas agora que Okuata engravidara, ele não mais a procurava.

Até o próprio Ezeulu parecia ter deixado de lado os ressentimentos. Não pensava neles em sua oferenda diária de noz-de-cola e de vinho de palma aos ancestrais ou no simples ritual de cada lua nova. Também chegara o tempo de sua esposa mais jovem de novo engravidar, tendo ela repousado durante um ano, desde a morte de seu último filho. Ela voltara a responder a seu chamado, para dormir com ele algumas noites em sua cabana. Isso não melhorou suas relações com Matefi, que já tinha ultrapassado a idade de gerar filhos.

As festas menores e os festivais do ano realizaram-se na época própria. Alguns deles eram celebrados pelas seis aldeias juntas; outros pertenciam às tradições de apenas uma delas. Umuagu celebrava o Mgba Agbogho ou “Luta das Donzelas”; Umunneora, a festa em honra a Idemili, o “Senhor da Jiboia”. Juntas, as seis aldeias faziam um tranquilo retiro chamado Oso Nwanadi, para aplacar os espíritos ressentidos de membros do clã mortos na guerra ou que tivessem sofrido outro tipo de morte por causa de Umuaro.

As chuvas pesadas pararam como de costume, durante o período de tempo seco, sem o qual os inhames, apesar das folhas luxuriantes, não produziam tubérculos grandes. Em resumo, a vida continuava como se nada tivesse acontecido ou nunca fosse acontecer.

Havia uma festa menor que a aldeia de Ezeulu, Umuachala, celebrava no fim da estação das chuvas e antes do grande festival do ano, o do Novo Inhame. Essa celebração menor chamava-se Akwu Nro. Dela constava um pequeno ritual: uma oferenda das viúvas à memória de seus maridos falecidos. Na noite de Akwu Nro, cada viúva de Umuachala preparava um *fofoo* e uma sopa de noz de palma e colocava do lado de fora de sua cabana. Na manhã seguinte, os recipientes estavam vazios, porque o marido viera de Ani-Mmo e comera a comida.

Este ano, o Akwu Nro teria um interesse adicional, porque o grupo etário de Obika apresentaria uma nova máscara de ancestral à aldeia. A chegada de uma nova máscara era sempre uma ocasião

importante, especialmente quando, como agora, se tratava de uma máscara de grande poder. Nos últimos dias, tinha havido muita agitação entre os membros do grupo de idade Otakagu. Os que desempenhariam papéis de relevo na cerimônia seriam naturalmente alvo de maledicência e inveja, e precisavam, por isso, ter o corpo fechado por magia protetora. Mesmo os demais tinham que ter alguma mezinha que os protegesse, esfregada em cortes rasos nos braços.

Todos os arranjos eram feitos em segredo, de conformidade com o mistério que envolvia os espíritos ancestrais. Nos últimos anos, uma nova maneira de pensar viera reforçar, em Umuaro, essa atmosfera de mistério. Tornara-se claro para os anciãos que, embora nenhuma mulher ousasse falar abertamente sobre uma máscara, não lhe era muito difícil adivinhar quem estava dentro dela; bastava olhar para todas as pessoas em volta da máscara e ver quem estava faltando. Para evitar isso, os anciãos tinham determinado que, sempre que um grupo ou uma aldeia desejasse criar uma nova máscara, precisaria ir buscar em outro grupo ou aldeia o homem que ficaria por trás dela. Por isso, o grupo etário de Otakagu, de Umuachala, fora escolhido em Umuogwugwu o homem que usaria a nova máscara. O escolhido chamava-se Amumegbu. Ele estivera em Umuachala durante todas as preparações, mas sua presença foi mantida totalmente em segredo.

Tanto Edogo como Obika estavam profundamente preocupados com a máscara que estava para chegar. Além de pertencer a máscara ao seu grupo etário, Obika fora escolhido como uma das duas pessoas que abateriam carneiros diante dela. Edogo estava inquieto, porque esculpira a máscara.

Era pouco mais de meio-dia. Obika estava sentado no chão de sua cabana, escarranchado em cima da pedra na qual amolava o machete. Fios de suor escorriam pelo seu rosto, e ele mordia o lábio inferior com os dentes de cima enquanto trabalhava. Já usara um bocado de sal para tornar mais lisa a pedra e, de vez em quando, espremia um pouco de suco de limão na lâmina. Dois frutos vazios estavam ao lado da pedra, juntamente com três ou quatro ainda por cortar. Obika estivera trabalhando neste novo machete durante os últimos três dias, e o facão estava agora suficientemente afiado para cortar um fio de cabelo. Levantou-se e foi lá fora, para vê-lo à luz do dia. Segurou-o e ficou torcendo o seu punho, fazendo-o brilhar como um espelho ao sol. Parecendo satisfeito, entrou novamente na cabana e colocou o facão de lado. Depois, passou pelo pátio interior do *compound* e viu sua mulher tirando água de um grande pote que estava fora da cabana e passando-a para outro recipiente. Ela levantou-se com dificuldade e cuspiu como sempre fazia ultimamente.

— Mulher velha — Obika brincou com ela.

— Eu já lhe disse que, se você sabe o que fez comigo, deveria vir e desfazê-lo — respondeu, rindo.

Pouco tempo depois, os primeiros rumores do que iria se passar foram ouvidos na aldeia. Meia dúzia de rapazes corria de um lado para outro pelos diversos lugares, batendo o *ogene* e procurando a máscara, pois ninguém sabia por qual dos milhares de buracos de formigas de Umuachala ela surgiria. Os rapazes continuaram a buscá-la durante muito tempo, e o ruído do gongo de metal e de seus pés mantinham a aldeia inteira aflita. Assim que o calor do sol começou a abrandar, a aldeia despejou-se no *ilo*.

O *ilo* de Umuachala contava-se entre os maiores de Umuaro e era o mais bem mantido. Havia quem lhe chamasse Ilo Agbasioso, porque sua extensão assustava até mesmo os melhores

corredores. Num de seus quatro cantos levantava-se o *okwolo*, a casa de onde os iniciados no mistério dos espíritos ancestrais observavam o que se passava no *ilo*. O *okwolo* era uma cabana alta, pouco comum, tendo apenas duas paredes laterais e uma traseira. Olhando para a construção pela parte da frente, viam-se fileiras de degraus ocupando toda a largura da cabana e elevando-se do chão quase até o teto. Os anciãos da aldeia costumavam sentar-se nos degraus mais baixos, que tinham a melhor vista, e os outros iniciados, nos degraus mais altos. Atrás do *okwolo* havia um grande pé de *udala*, a qual, como todas as *udalas* em Umuaro, era sagrada e dedicada aos espíritos ancestrais. Muitas crianças estavam, naquele instante, brincando debaixo dela, à espera de que eventualmente caísse um fruto maduro, marrom-claro, o prêmio para o corredor mais rápido ou para a criança mais sortuda, perto da qual o fruto tombasse. A árvore estava cheia desses frutos tentadores, mas ninguém, velho ou moço, tinha permissão para colhê-los dos galhos. Se alguém quebrasse essa regra, seria visitado por todos os espíritos mascarados de Umuaro e teria que apagar o que fizera com pesadas multas e sacrifícios.

Embora Ezeulu e Akuebue estivessem ali desde cedo, já havia uma grande multidão no *ilo* quando chegaram. Todos em Umuachala pareciam estar lá ou a caminho de lá, e muita gente vinha de todas as outras aldeias de Umuaro. Mulheres e meninas, homens e meninos já tinham formado um enorme anel em torno do *ilo*, e, à medida que mais e mais gente chegava de todos os lados, aos borbotões, o anel engrossava mais e mais, e o ruído aumentava. Não havia ninguém com um açoite tentando afastar a multidão da parte central; isso só aconteceria quando a máscara chegasse.

Houve um grande rebuliço num setor da multidão e se espalhou imediatamente ao derredor. Algumas pessoas perguntavam aos vizinhos o que estava acontecendo, e estes apontavam para algo. Logo milhares de dedos estavam apontando na mesma direção. Ali, num canto bastante tranquilo do *ilo*, estava sentado Otakekpele. Este homem era conhecido em toda Umuaro como um curandeiro malvado. Mais de duas vezes fora obrigado a tomar noz-de-cola da palma da mão de um homem morto, para jurar que não tivera nenhuma participação no seu falecimento. Otakekpele sobrevivera a cada juramento, o que significava que era inocente. Porém, as pessoas não acreditavam nisso; diziam que ele tinha corrido imediatamente para casa e bebido poções poderosas e neutralizantes.

Pelo que se sabia dele e pela maneira como se sentava longe dos demais, estava claro que não viera simplesmente para observar a nova máscara. Uma ocasião como esta era muitas vezes usada por homens malvados para experimentar a potência de sua mágica ou para comparar o seu poder com o dos outros. Contavam-se histórias de máscaras que, despreparadas, tinham ficado imobilizadas num mesmo lugar durante dias e até mesmo caídas no chão.

Talvez o que tornava Otakekpele ainda mais suspeito fosse a sua postura. Sentava-se como um aleijado, com as pernas dobradas sob o corpo. Dizia-se que era a postura de luta de um javali, quando um leopardo estava por perto: cavava um buraco raso na terra, sentava-se com os testículos escondidos nesse buraco e esperava, com as cerdas em riste na cabeça de ferro. Quase sempre o leopardo ia embora, à procura de cabras e carneiros.

A multidão observava Otakekpele com desaprovação; mas ninguém o desafiava, porque era perigoso fazê-lo e, sobretudo, porque a maioria das pessoas, no fundo do coração, ansiava por assistir à luta corpo a corpo entre duas forças poderosas. Se o grupo de idade Otakagu decidira apresentar uma nova máscara sem primeiro proteger-se espiritualmente, era culpa deles. Na

realidade, a maioria desses encontros não produzia nenhum resultado visível, porque os poderes mágicos tinham a mesma força ou o alvo era mais forte do que o agressor.

A aproximação da máscara causou uma debandada geral. As mulheres e as crianças espalharam-se e fugiram na direção oposta, gritando com o prazer do perigo. Logo, porém, estavam de volta, porque a máscara não tinha ainda aparecido, apenas tinham sido ouvidos o *ogene* e a cantoria de seus acompanhantes. O gongo de metal e as vozes tornaram-se cada vez mais altos, e a multidão olhou em volta para certificar-se de que a linha de fuga estava desimpedida.

Houve nova debandada quando os precursores da máscara irromperam no *ilo*. Os jovens usavam rafia e seus machetes captavam a luz quando os brandiam para cima ou, saudando os companheiros, os batiam uns contra os outros, da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda. Corriam de um lado para outro e, de vez em quando, um deles avançava a toda velocidade numa determinada direção. As pessoas que ali se encontravam se espalhavam e o homem estacava subitamente, alerta, pronto para a ação.

O gongo e as vozes estavam agora muito perto, mas quase se perdiam no vozear da multidão. Era possível que a máscara tivesse parado no caminho; do contrário, ela já teria aparecido. Seus acompanhantes continuavam a cantar.

O espetáculo começou com a chegada de Obika e, em seus calcanhares, de um flautista que lhe enaltecia as façanhas. A multidão dava vivas — e as mulheres eram as mais entusiasmadas, porque Obika era um dos jovens mais bonitos de Umuachala e talvez de toda Umuaro. Elas lhe chamavam de Ugonachomma.

Assim que Obika chegou ao *ilo*, ele avistou Otakekpele sentado sobre as pernas cruzadas. Sem pensar duas vezes, Obika foi direto para ele, a toda velocidade, e parou de repente. Gritou para o curandeiro que se levantasse imediatamente e fosse para casa. O outro simplesmente sorriu. A multidão esqueceu-se completamente da máscara. Okuata tomara uma posição longe do grosso das pessoas, por causa de sua gravidez. Seu coração inchava quando a multidão saudara seu marido; agora ela mantinha os olhos fechados e o solo girava ao seu redor.

Obika apontou para Otakekpele e, depois, para o seu próprio peito. Estava dizendo ao homem que se este quisesse fazer alguma coisa por sua vida, deveria levantar-se. O outro homem continuou a rir para ele. Obika dirigiu-se a ele, mas não com a rapidez anterior. Rondava o homem como um leopardo, com seu machete na mão direita e uma banda de couro de amuletos no braço esquerdo. Ezeulu mordia os lábios. Tinha de ser Obika, pensou, o impetuoso, o tolo Obika. Por acaso todos os outros rapazes não tinham visto Otakekpele e olhado para outro lado? Mas seu filho não poderia jamais desviar o olhar. Obika...

Ezeulu parou no meio do pensamento. Com a rapidez de um raio, Obika deixara cair o machete, corraera para a frente e, num só movimento, levantara Otakekpele do chão e o atirara na moita mais próxima, causando uma chuva de areia. A multidão estourou num enorme hurra, enquanto Otakekpele lutava inutilmente para se pôr de pé, apontando com um dedo impotente para Obika, que, a essa altura, já lhe tinha voltado as costas. Okuata abriu os olhos e deu um fundo suspiro.

A máscara chegou justamente no auge da excitação. A multidão espalhou-se, tomada por um terror verdadeiro ou semiverdadeiro. A máscara aproximou-se passo a passo, cada um acompanhado pelos sons dos sinos e dos chocalhos em sua cintura e nos tornozelos. Seu corpo estava coberto de panos brilhantes, predominando os vermelhos e os amarelos. O rosto tinha uma

expressão de poder e terror. Cada um de seus dentes era do tamanho do dedão de um homem forte, os olhos tinham enormes órbitas salientes, grandes como um punho, e dois chifres retorcidos se curvavam para a parte mais alta da cabeça. Carregava um escudo de pele na mão esquerda e um enorme facão na direita.

— Co-co-co-co-co-oh! — a máscara cantava como um metal rachado, e seus acompanhantes respondiam com um profundo e monótono gemido:

— Hum-hum-hum.

— Co-co-co-co-co-co-oh.

— Oh-oioio-oioio-oioio-oh: oh-oioio-oh. Hum-hum.

Não havia muita música nisso. Mas, na verdade, uma Agaba não era uma máscara de canções e danças. Representava o poder e a agressividade da juventude. Continuou a caminhar e a cantar, tal como era. À medida que se aproximava do centro do *ilo*, mudou para a canção chamada “Onye ebuna uzo cho ayi okwu”. Era um apelo para que ninguém provocasse a máscara ancestral; e dava pormenores minuciosos sobre o que aconteceria com quem ignorasse a advertência. Esse indivíduo se tornaria um pária, sem dedos nas mãos e nos pés, vivendo completamente sozinho numa cabana solitária, com uma bolsa de pedinte pendurada ao ombro — noutras palavras, um leproso.

Todas as vezes que a máscara tentava mover-se rápido demais, ou perigosamente, dois suarentos acompanhantes davam um violento puxão na forte corda amarrada à sua cintura. Essa era uma tarefa necessária, embora às vezes um pouco perigosa. Em certa ocasião, a máscara tornou-se tão furiosa que se virou para os dois homens com o machete levantado. Eles largaram imediatamente a corda e fugiram para salvar suas vidas. Dessa vez, o grito da multidão era de verdadeiro terror. Mas os dois homens não deixaram a máscara livre por muito tempo. Assim que ela desistiu de persegui-los, voltaram a fazer o que lhes cabia.

Um pequeníssimo incidente aconteceu em seguida, um incidente que não viria a ser lembrado, se não tivesse sido seguido por algo muito mais sério. Um dos jovens jogara para cima o seu facão e falhara ao tentar pegá-lo no ar. A multidão, sempre em busca de falhas como essa, logo deu uma enorme vaia. O rapaz, Obikwelu, pegou de novo o machete e tentou encobrir o seu malogro com um show de agilidade excessiva, mas isso provocou mais risadaria.

Enquanto isso, a máscara se encaminhou para o *okwolo*, a fim de saudar alguns dos anciãos.

— Ezeulu *de-de-de-de-dei* — ela disse.

— Nosso Pai, minha mão está no chão — respondeu o sumo sacerdote.

— Ezeulu, você me conhece?

— Como pode um homem conhecer o senhor, que está além do conhecimento humano?

— Ezeulu, nossa máscara o saúda — ela cantou.

— *Eje-ya-mma-mma-mma-mma-mma-mma-eje-ya-mma!* — cantaram seus acompanhantes.

— *Ora-obodo*, Agaba vos saúda!

— *Eje-ya-mma-mma-mma-mma-mma-mma-eje-ya-mma!*

— Vocês ouviram a canção da Aranha?

— *Eje-ya-mma-mma-mma-mma-mma-mma-eje-ya-mma!*

A máscara parou de repente, deu meia-volta e correu numa determinada direção. As pessoas afastaram-se para lhe abrir caminho.

Embora Edogo pudesse ter escolhido um dos assentos na parte de trás do *okwolo*, preferiu ficar de pé no meio da multidão para ver melhor a máscara de posições diferentes. Quando terminara de esculpir o rosto, ficara um pouco desapontado. Havia qualquer coisa no nariz que não lhe agradava: uma certa delicadeza que não correspondia a uma máscara Agaba, mas a uma de Espírito de Donzela. Os donos da máscara não tinham, porém, se queixado; na realidade, eles a haviam elogiado muitíssimo. Edogo sabia, entretanto, que precisava ver a máscara em ação, para saber se era boa ou má. Por isso, ficou de pé no meio da multidão.

Olhando-a, agora que ela ganhara vida, aquele ponto fraco parecia ter desaparecido. Chegava até mesmo a tornar o resto do rosto mais aterrador. Edogo ia de um lado da multidão para outro, na esperança de que alguém pudesse fazer a comparação que ele desejava ouvir, mas ninguém a fez. Muitas pessoas elogiaram a nova máscara, mas nenhuma delas pensava em compará-la com a famosa Agaba de Umuagu, mesmo que fosse só para dizer que esta não era tão boa quanto aquela. Se Edogo tivesse ouvido alguém dizer isso, poderia ter ficado feliz. Afinal de contas, não tinha tentado superar o maior escultor de Umuaro, embora esperasse que alguém estabelecesse uma ligação entre o seu nome e o dele. Começou a culpar-se por não ter sentado no *okwolo*. Lá, no meio dos anciãos, era o lugar mais indicado para ouvir a espécie de conversa que estava tentando ouvir. Mas agora era tarde demais.

O clímax da tarde veio com a matança dos carneiros. Depois que uma cadeira foi posta no meio do *ilo* e a máscara sentou-se, houve um relativo silêncio. Dois ajudantes tomaram posições de cada lado da máscara e começaram a abaná-la. O primeiro carneiro foi levado para a frente da máscara, e esta tocou-lhe o pescoço com seu facão. Em seguida, o animal foi levado para perto dali, à vista do espírito que presidia a cerimônia. Fez-se, então, um silêncio completo, só rompido pela flauta, que, em vez de seus usuais sons finos e delicados, emitia sons cheios e entrecortados. Obika adiantou-se, jogou para o alto, com um rodopio, o seu machete, de modo que este deu uma reviravolta e captou a luz do entardecer em sua lâmina. Obika fez isso duas vezes e, de cada vez, pegou-o no ar, com perfeição. Depois, ele deu um passo à frente e, com um golpe certo, decepou a cabeça do carneiro. A multidão deu vivas tumultuosamente quando um dos ajudantes pegou a cabeça que rolara na areia e a levantou. A máscara continuou olhando com a mesma expressão imutável.

Quando a barulhenta excitação diminuiu, o segundo carneiro foi trazido para a frente da máscara, que tocou o seu pescoço. Obikwelu deu um passo à frente. Estava nervoso porque, antes, deixara cair o seu facão. Jogou-o três vezes para o alto e pegou-o de volta perfeitamente. Deu um passo à frente, levantou-o e golpeou. Foi como se tivesse batido numa rocha. O carneiro lutava para escapar. A multidão vaiava e ria. Obikwelu estava muito sem sorte naquele dia. No último momento, o carneiro mexera com a cabeça, e Obikwelu lhe golpeara o chifre. A máscara continuava a olhar, imperturbável. Ele tentou novamente e foi bem-sucedido, mas era tarde demais. A risadaria da multidão afogou as poucas e tardias aclamações.

Após um longo período de silenciosa preparação, Ezeulu finalmente revelou que pretendia atingir Umuaro em seu ponto mais vulnerável: o Festival do Novo Inhame.

Essa festa marcava o fim do ano velho e o começo do ano-novo. Antes dela, um homem podia desenterrar alguns inhames em volta da sua casa, para evitar a fome na família, mas ninguém começava a colheita nos grandes roçados. E nenhum homem titulado provaria um inhame novo, de qualquer procedência que fosse, antes da festa, uma festa que lembrava às seis aldeias a união, em tempos já remotos, e a sua dívida para com Ulu, que as salvara das devastações de Abam. Em cada Festival do Novo Inhame a união das aldeias era representada novamente, e cada homem adulto de Umuaro levava um inhame de bom tamanho ao altar de Ulu e, depois de fazer com ele um giro em volta da cabeça, colocava-o na pilha relativa à sua aldeia. Depois, pegava um pedaço do giz que estava ao lado da pilha e marcava o rosto. Era por essas pilhas que os anciãos sabiam o número de homens em cada aldeia. Se havia um aumento em relação ao ano anterior, um sacrifício de gratidão era feito para Ulu, mas se o número tivesse declinado, a razão desse declínio era procurada pelos adivinhos, e um sacrifício de apaziguamento tornava-se necessário. Era também dentre esses inhames que Ezeulu selecionava os treze com os quais calculava o ano-novo.

Se o festival não significasse mais do que isso, ainda assim seria a mais importante cerimônia de Umuaro. Mas era também o dia em que se honravam todas as divindades menores veneradas nas seis aldeias e que não tinham suas próprias festas. Naquele dia, cada um desses deuses era trazido pelo seu guardião e ficava numa fila do lado de fora do altar de Ulu, de modo que qualquer homem ou mulher que houvesse recebido um favor dele pudesse lhe oferecer um pequeno presente em agradecimento. Essa era a única aparição pública permitida a esses deuses menores, durante todo o ano. Eles andavam pelo mercado, nas cabeças ou nos ombros de seus guardiões, dançavam em volta do santuário de Ulu e ficavam depois dos dois lados de sua entrada. Alguns deles deviam ser muito velhos e estavam se aproximando da época em que seriam postos de lado e seus poderes seriam transferidos para novas esculturas. Outros eram de fatura recente. Os muito velhos traziam no rosto marcas como as dos homens que os haviam feito, antes que Umuaro abandonasse o costume. No último festival do ano, restavam apenas três dessas peças antigas. Talvez, este ano, mais uma ou duas desapareceriam, seguindo os homens que as haviam esculpido à sua própria imagem e partido muito tempo antes.

O festival reunia, portanto, deuses e homens numa só multidão. Era a única assembleia em Umuaro na qual um homem podia olhar para a direita e encontrar o seu vizinho e olhar para a esquerda e ver um deus, ali, de pé — talvez Agwu, cuja mãe também dera à luz a loucura, ou Ngene, o dono de um rio.

Ezeulu saía para visitar Akuebue quando os seus seis assistentes chegaram para vê-lo. Matefi disse onde ele fora, mas eles decidiram esperá-lo em seu *obi*. Aproximava-se o anoitecer quando

Ezeulu voltou. Embora soubesse o que os trouxera à sua casa, fingiu surpresa.

— Tudo bem? — perguntou, após as saudações iniciais.

— Tudo bem.

Seguiu-se um silêncio embaraçoso. Depois, Nwosisi, que representava a aldeia de Umuogwugwu, falou. E não era seu hábito desperdiçar palavras.

— O senhor perguntou se estava tudo bem, e nós dissemos que sim, mas um sapo não corre durante o dia, a menos que alguma coisa o esteja perseguindo. Há um pequeno assunto que decidimos trazer à sua apreciação. Já faz quatro dias que a lua nova apareceu no céu. Ela já está crescendo. No entanto, o senhor ainda não nos reuniu para dizer-nos quando será o dia do Festival do Novo Inhame.

— Pelas nossas contas — afirmou Obiesili — a lua atual é a décima segunda desde a última festa.

Houve um silêncio. Obiesili era uma pessoa que não tinha nenhum tato ao falar, e ninguém lhe pedira que pusesse sua boca num assunto tão delicado. Ezeulu pigarreou e lhes deu de novo as boas-vindas, para mostrar que não estava nem com pressa nem excitado.

— Vocês fizeram o que deveriam ter feito — disse ele. — Se alguém afirmar que vocês não cumpriram seu dever, estará dizendo uma mentira. Um homem que faz perguntas não perde o seu caminho, assim nossos pais nos ensinaram. Vocês fizeram bem em vir e me perguntar sobre esse assunto que os preocupa. Mas há algo que eu não entendi inteiramente. Você, Obiesili, acabou de dizer que, de acordo com as suas contas, eu deveria ter anunciado do Festival do Novo Inhame na última lua nova.

— Exatamente. Foi o que eu disse.

— Compreendo. Pensei que talvez eu não tivesse ouvido bem. Desde quando você começou a contar o ano em Umuaro?

— Obiesili não usou bem as palavras — disse Chukwulobe. — Nós não contamos o ano por Umuaro; nós não somos o sumo sacerdote. Mas nós pensamos que talvez o senhor tivesse perdido as contas, por causa da sua recente ausência...

— O quê? Você está maluco, meu jovem? — gritou Ezeulu. — Não há nada que um homem não ouça esses dias. Perder a conta! Por acaso seu pai lhe disse que o sumo sacerdote de Ulu pode perder a conta das luas? Não, meu filho — continuou ele, num surpreendente tom suave —, nenhum Ezeulu pode perder a conta. Pode ser que você, que conta com os dedos, possa cometer esse tipo de erro ou até mesmo se esquecer com que dedos contou a última lua. Mas, como eu disse no início, vocês fizeram bem em vir e perguntar. Voltem para suas aldeias e esperem pela minha mensagem. Eu nunca precisei que ninguém me dissesse quais são os deveres do sacerdócio.

Se alguém tivesse entrado na cabana de Ezeulu depois da saída dos homens teria ficado surpreso. O rosto do velho sacerdote brilhava de felicidade, e para ele temporariamente voltara um pouco de sua juventude e antiga beleza. Seus lábios moviam-se, deixando passar de vez em quando um sussurro suave. Mas logo o mundo exterior irrompeu dentro dele. Ele parou de murmurar e ouviu mais atentamente. Nwafo e Obiageli estavam recitando alguma coisa justamente do lado de fora de seu *obi*.

— *Eke nekwo onye uka!* — eles repetiam várias vezes.

Ezeulu escutou ainda mais atentamente. Não se equivocara.

— *Eke nekwo onye uka! Eke nekwo onye uka! Eke nekwo onye uka!*

— Olha, está fugindo! — gritou Obiageli, e os dois riram excitadamente.

— *Eke nekwo onye uka! Nekwo onye uka! Nekwo onye uka!*

— Nwafo! — bradou Ezeulu.

— *Nna* — respondeu o outro, cheio de medo.

— Venha cá!

Nwafo entrou com um andar tão suave que não mataria nem uma formiga. O suor escorria pela cabeça e pelo rosto. Obiageli sumira de cena no momento em que Ezeulu chamou.

— O que é que vocês estavam dizendo?

Nwafo não respondeu. Quase se podia ouvir o pestanejar de suas pálpebras.

— Você está surdo? Eu perguntei o que é que vocês estavam dizendo.

— Nos disseram que essa era a maneira de se espantar uma jiboia.

— Eu não lhe perguntei o que é que outra pessoa estava dizendo. Eu perguntei o que é que vocês estavam dizendo. Ou você quer que eu me levante daqui antes que você me responda?

— Nós estávamos dizendo: “Jiboia, corra! Há um cristão aqui”.

— E o que é que isso significa?

— Akwuba nos disse que uma jiboia foge assim que ouve isso.

Ezeulu rompeu numa longa e grande gargalhada. O alívio de Nwafo espalhou-se por todo o seu rostinho encardido.

— E ela correu quando você disse aquilo?

— Ela fugiu *fiam*, tal como uma cobra comum.

A notícia de que Ezeulu recusava-se a marcar o Festival do Novo Inhame espalhou-se por toda Umuaro tão rapidamente como se tivesse sido batida no *ikolo*. No início, as pessoas foram tomadas de espanto. Só lentamente começaram a compreender o seu significado completo, porque nada parecido acontecera antes.

Dois dias depois, dez homens com os mais altos títulos vieram visitá-lo. Nenhum deles tinha menos que três títulos; um deles, Ezekwesili Ezukanma, detinha o quarto e o mais alto de todos. Apenas dois outros homens, em todas as seis aldeias, tinham essa distinção. Um deles era velho demais para estar presente, e o outro era Nwaka, de Umunneora. Sua ausência dessa delegação mostrava como estavam desesperados para aplacar Ezeulu.

Entraram todos juntos, dando a impressão de que já haviam se reunido em outro lugar. Antes de entrar na cabana de Ezeulu, cada um deles plantou seu cajado de ferro do lado de fora e transferiu seu barrete vermelho para a ponta do cajado.

Ao longo do encontro, ninguém chegou suficientemente perto da cabana para poder ouvir algo do que nela se passava. Anosi, que tivera vontade de levar alguns boatos para Ezeulu e recolher o que pudesse sobre a crise, saía de sua cabana, levando rapé na sua mão esquerda, quando viu os cajados com os gorros vermelhos do lado de fora do *obi* de seu vizinho. Deu meia-volta e foi visitar outra pessoa.

Ezeulu apresentou um pedaço de giz para seus visitantes, e cada um deles desenhou seu emblema pessoal de linhas retas e horizontais no chão. Alguns pintaram o dedão e outros marcaram o rosto. Depois, ele lhes trouxe três nozes-de-cola num recipiente de madeira. Seguiu-

se uma pequena troca formal de palavras. Ezeulu pegou uma noz-de-cola, Ezekwesili tomou outra, e Onenyi Nnanyelugo, a terceira. Cada um deles fez uma prece curta e partiu sua noz. Nwafo passou em volta a tigela, e eles puseram nela todos os lóbulos antes de escolher um deles. Nwafo passou outra vez a tigela e cada um pegou um lóbulo.

Depois de todos terem mastigado e engolido sua cola, Ezekwesili disse:

— Ezeulu, os líderes de Umuaro aqui reunidos pediram-me que lhe dissesse que estão gratos pela cola que você lhes deu. Muito obrigado uma e outra vez e possa o seu estoque ser sempre renovado.

Os outros disseram em coro:

— Muito obrigado e possa o seu estoque ser sempre renovado.

— Talvez você possa adivinhar por que viemos. Por causa de certas histórias que chegaram aos nossos ouvidos. Pensamos que a melhor coisa a fazer era descobrir o que é verdade e o que não é do único homem que nos pode dar resposta. A história que ouvimos é que há um pequeno desacordo a respeito do próximo Festival do Novo Inhame. Como eu disse, não sabemos se é verdade ou não, mas sabemos que reinam o medo e a ansiedade em Umuaro e que, se permitirmos que se espalhe, essa história poderá causar grandes danos. Nós não podemos esperar que isso aconteça. Um adulto não fica sentado, olhando, enquanto a cabra sofre a dor do parto amarrada a um poste. Líderes de Umuaro, eu falei de acordo com o desejo de vocês?

— Você transmitiu a nossa mensagem.

— Ezekwesili — disse Ezeulu.

— *Eei* — respondeu o homem que acabara de falar.

— Eu lhe dou as boas-vindas. Suas palavras entraram em meus ouvidos, Egonwanne.

— *Eei*.

— Nnanyelugo.

— *Eei*.

Ezeulu chamou cada um pelo nome de saudação.

— Dou as boas-vindas a todos. Sua missão é uma missão boa, e eu agradeço. Mas não ouvi dizer que houvesse desacordo sobre o Festival do Novo Inhame. Meus assistentes estiveram aqui há dois dias e afirmaram que já era tempo de anunciar o dia do próximo festival, e eu lhes disse que não era função deles a de lembrar-me.

A cabeça de Ezekwesili estava ligeiramente inclinada, e ele estava esfregando seu cocuruto careca. Ofoka tirara a garrafa de rapé de dentro de sua sacola de pele de cabra branquíssima e estava batendo um pouco de seu conteúdo na palma da mão esquerda. Nnanyelugo, que se sentara perto dele, esfregava as mãos, para limpá-las e, depois, apresentou a esquerda para Ofoka, sem dizer uma só palavra. Ofoka derramou o rapé de sua mão na mão de Nnanyelugo e colocou mais um pouco para ele próprio.

— Porém, com vocês — continuou Ezeulu — eu não tenho necessidade de falar com charadas. Todos vocês conhecem qual é o nosso costume. Eu só anuncio um novo festival quando resta apenas um inhame. Ainda tenho, hoje, três inhames e, portanto, sei que o tempo ainda não chegou.

Três ou quatro dos visitantes tentaram falar ao mesmo tempo, mas os outros deram a vez a Onenyi Nnanyelugo. Este saudou todos pelo nome antes de começar.

— Creio que Ezeulu falou muito bem. Tudo o que disse entrou nos meus ouvidos. Todos nós

conhecemos o costume, e ninguém pode dizer que Ezeulu tenha feito qualquer ofensa contra ele. Mas os inhames estão maduros no solo e devem ser colhidos agora, ou serão comidos pelo sol e pelos vermes. Ao mesmo tempo, Ezeulu acaba de nos dizer que ainda tem três inhames sagrados para comer. Então, o que faremos? Como é que se carrega um homem com a cintura quebrada? Nós sabemos por que os inhames sagrados ainda não terminaram; foi obra do homem branco. Contudo, ele não está aqui, agora, para respirar conosco o ar que emporcalhou. Nós não podemos ir a Okperi e pedir-lhe que venha e coma os inhames que estão entre nós e a colheita. Devemos, então, nos sentar e ver nossa colheita ser arruinada e nossos filhos e mulheres morrerem de fome? Não! Embora eu não seja o sacerdote de Ulu, posso dizer que a divindade não deseja que Umuaro pereça. Nós a chamamos de salvadora. Portanto, você precisa encontrar uma saída, Ezeulu. Se eu pudesse, comeria agora mesmo os inhames restantes. Mas eu não sou o sacerdote de Ulu. Cabe a você, Ezeulu, salvar nossa colheita.

Os outros murmuraram em aprovação.

— Nnanyelugo.

— *Eei*.

— Você falou bem. Mas o que me pediu para fazer não se pode fazer. Aqueles inhames não são comida, e o homem não pode comê-los porque está com fome. Você está me pedindo para comer a morte.

— Ezeulu — disse Anichebe Udeozo. — Nós sabemos que uma coisa dessas nunca foi feita antes, mas nunca antes o homem branco tinha levado o sumo sacerdote embora. Essas não são situações que tenhamos experimentado antes e devemos enfrentá-las como são, ou rolar na poeira. Quero que você olhe em volta deste quarto e me diga o que vê. Você acha que, neste momento, há outra Umuaro do lado de fora desta cabana?

— Não, vocês são Umuaro — disse Ezeulu.

— Sim, nós somos Umuaro. Portanto, escute o que vamos dizer. Umuaro lhe está pedindo para, hoje mesmo, ir comer aqueles inhames que restam e determinar o dia da próxima colheita. Você me ouviu bem? Eu disse: vá e coma aqueles inhames hoje, não amanhã. E se Ulu disser que cometemos uma abominação, deixe que o castigo recaia sobre as nossas cabeças, as nossas, as dos dez que estamos aqui. Você estará isento de culpa, porque fomos nós que o mandamos fazer o que vai fazer, e a pessoa que manda uma criança pegar um musaranho deve também buscar a água para tirar o odor de sua mão. Nós buscaremos a água para você. Umuaro, eu falei bem?

— Você disse tudo. Nós receberemos o castigo.

— Líderes de Umuaro, não digam que estou tratando suas palavras com desprezo. Não é meu desejo fazê-lo. Mas vocês não me podem dizer: “Faça o que não se deve fazer, e nós arcaremos com a culpa”. Eu sou o sumo sacerdote de Ulu, e o que eu lhes disse é a vontade dele, não a minha. Não se esqueçam de que também tenho plantações de inhame, e que meus filhos, meus parentes e meus amigos, entre os quais vocês, também plantaram inhames. Não poderia ser meu desejo arruinar todas essas pessoas. Não poderia ser meu desejo fazer sofrer o mais humilde homem de Umuaro. Porém, isso não é algo que eu esteja fazendo. Os deuses, por vezes, nos usam como chicote...

— Por acaso Ulu lhe disse qual o motivo de seu aborrecimento? Não há nenhum sacrifício que possa aplacá-lo?

— Eu nada esconderei de vocês. Ulu realmente disse que duas luas novas vieram e se foram,

sem que ninguém partisse uma noz-de-cola para ele, e Umuaro se manteve silenciosa.

— O que ele esperava que nós disséssemos? — perguntou Ofoka já meio zangado.

— Eu não sei o que ele esperava que vocês dissessem, Ofoka. Nnanyelugo fez-me uma pergunta e eu lhe respondi.

— Mas se Ulu...

— Não vamos brigar por causa disso, Ofoka. Nós perguntamos a Ezeulu qual era a queixa de Ulu, e ele nos disse. Nossa preocupação agora deveria ser de como apaziguá-lo. Vamos pedir a Ezeulu que diga à divindade que nós ouvimos sua queixa e estamos preparados para fazer as pazes. A cada ofensa corresponde um sacrifício, desde alguns cauris até uma vaca ou um ser humano. Vamos esperar por uma resposta.

— Se vocês me pedem que volte a Ulu, eu o farei, porém devo avisá-los de que um deus que pede um sacrifício de um frango, pode elevá-lo para uma cabra, se você for perguntar uma segunda vez.

— Não vá dizer que sou apaixonado por perguntas — disse Ofoka. — Mas eu gostaria de saber de que lado você está, Ezeulu. Creio que você acabou de dizer que se tornou o chicote com o qual Ulu fustiga Umuaro...

— Ouça-me, Ofoka, não vamos brigar por causa disso — cortou Ezekwesili. — Chegamos ao fim de nossa presente missão. Nosso dever agora é ficar atento à boca de Ezeulu, à espera da mensagem de Ulu. Nós plantamos nossos inhames na fazenda de Anaba-nti.

Os outros concordaram, e Nnanyelugo habilidosamente orientou a conversa para as mudanças nas normas. Deu inúmeros exemplos de costumes que haviam sido mudados no passado, quando começaram a tornar a vida do povo mais difícil. Todos eles falaram longamente sobre esses costumes que tinham ou morrido, quando estavam em pleno florescimento, ou que já tinham nascido mortos. Nnanyelugo lembrou que até mesmo em matéria de títulos tinha havido mudança. Há muito, muito tempo, existia um quinto título em Umuaro: o título de rei. Mas os requisitos para a sua obtenção eram tão difíceis que nenhum homem o obtivera. Um desses requisitos era o de o homem que aspirasse a ser rei deveria pagar as dívidas de todos os homens e mulheres de Umuaro. Ezeulu não pronunciou uma palavra ao longo de toda essa discussão.

Tal como prometera aos líderes de Umuaro, Ezeulu voltou ao santuário de Ulu pela manhã. Entrou no despojado quarto exterior e olhou em volta distraidamente. Depois, encostou as costas contra a porta do quarto interior, onde nem mesmo os seus assistentes ousavam entrar. A porta cedeu sob a pressão de seu corpo, e ele entrou, andando de costas. Guiou-se passando a mão esquerda ao longo de uma das paredes laterais. Quando chegou ao fim da parede, moveu-se uns poucos passos para a direita e ficou de pé diante do monte de terra que representava Ulu. Das vigas em toda a volta do aposento, as caveiras de todos os sumos sacerdotes mortos olhavam para o monte de terra e para o seu descendente e sucessor. Mesmo no dia mais quente, havia sempre uma friagem úmida no local, por causa não só das árvores gigantes do lado de fora, que uniam as suas copas e cortavam o sol, mas principalmente pelo grande e frio rio subterrâneo que fluía sob a elevação de terra. Até mesmo nas proximidades do santuário tudo era frio e, durante o ano inteiro, havia sempre alguma *ntu-nanya-mili* deixando cair lágrimas do topo das antiquíssimas árvores.

Quando Ezeulu jogou seu cordão de cauris, o sino da família de Oduche começou a tocar. Durante um breve instante, Ezeulu ficou distraído com a triste e cadenciada monotonia daquele toque e pensou como era estranho que pudesse soar tão perto, muito mais perto do que em seu *compound*.

O anúncio de Ezeulu de que sua consulta à divindade não havia produzido nenhum resultado, e que as seis aldeias deveriam ficar presas ao ano velho durante mais duas luas, produziu um alarme de uma intensidade de que não se tinha notícia na memória de Umuaro.

Enquanto isso, cessaram as chuvas. Houve um último grande temporal, a anunciar a lua nova. Esse temporal trouxe também o harmatã, e a cada dia a terra se tornava mais dura. Consequentemente, seria cada vez mais difícil escavá-la para retirar os inhames.

O desacordo não era novidade em Umuaro. Não era raro que os líderes do clã brigassem por uma coisa ou outra. Só após uma demorada disputa, por exemplo, as escarificações foram finalmente abolidas, e tinha havido outros conflitos de maior ou menor peso antes e depois desse. Nenhum deles, porém, tinha sido tão profundo — envolvendo as mulheres e até mesmo as crianças — como a crise atual. Não era uma disputa fútil, que pudesse terminar de uma maneira ou de outra e deixar o chão intacto. Mesmo as crianças dentro do ventre de suas mães tomavam partido nessa discussão.

Nwafo fora forçado a brigar com seu amigo Obielue. Tudo começou quando foram inspecionar as armadilhas para passarinhos que haviam armado com resina no topo de dois pés de *icheku*. A armadilha de Obielue tinha dentro um pequenino *nza*, ao passo que a de Nwafo estava vazia. Isso já ocorrera antes, e Obielue começou a se gabar de sua habilidade. Exasperado, Nwafo chamou-o de “Nariz-pinga-pinga-em-qualquer-estação”. Ora, Obielue não se importava com esse apelido, porque a verdade é que seu nariz escorria o tempo todo e deixava a parte da frente de suas narinas vermelhas e machucadas. Ele chamou Nwafo de “Nariz de Formigueiro”; mas isso não era nem de longe tão apropriado como o outro apelido, e não podia se transformar em uma musiquinha tão facilmente. Então, ele pôs o nome de Ezeulu na canção que as crianças cantavam todas as vezes que viam um carneiro de Udo, um desses animais ferozes que pertenciam ao santuário de Udo e podiam andar por toda parte à vontade. As crianças gostavam muito de brincar com eles, mas sempre a uma boa distância. A canção, cujo ritmo era marcado pelo bater das mãos, implorava ao carneiro que removesse as horríveis protuberâncias de seu escroto. Ao que os cantores respondiam (no lugar do carneiro): “Como é que se removem tubérculos de inhame?”. O pedido e a pergunta eram cantados ao mesmo tempo que se balançavam os tubérculos. Em vez de *ebunu*, Obielue cantava *Ezeulu*. Nwafo não aguentou a provocação e deu um soco na boca do amigo, tirando sangue de seus dentes da frente.

Quase da noite para o dia, Ezeulu tornara-se um inimigo público aos olhos de todos e, como era de esperar, sua família inteira compartilhava dessa sua condição. Seus filhos eram maltratados sempre que iam ao rio, e suas mulheres sofriam hostilidade no mercado. Certo dia, Matefi quis comprar de Ojinika, esposa de Ndulue, uma cestinha de mandioca. Matefi conhecia Ojinika muito bem e comprara dela e vendera para ela inúmeras vezes. Porém, nesse dia, Ojinika falara-lhe como se ela fosse uma estranha de outro clã.

— Eu pagarei *ego nato* — disse Matefi.

— Já lhe disse que o preço é *ego nese*.

— Creio que *ego nato* é um bom preço; trata-se apenas de uma pequenina cesta.

Pegou a cesta para mostrar que era pequena. Ojinika parecia tê-la esquecido por completo, e estava totalmente entretida em arrumar seu *okro* em pequenas porções sobre a esteira.

— O que foi que você disse?

— Ponha esta cesta no chão imediatamente! — Depois, ela mudou de tom e sorriu desdenhosamente. — O que você quer é levá-la por nada. Espere que os inhames apodreçam e venha comprar uma cesta de mandioca por dezoito cauris.

Matefi não era o tipo de pessoa que outra mulher pudesse amarrar em seu regaço e carregar para longe. Ela devolveu a Ojinika mais do que tinha recebido: disse-lhe o preço da noiva pago pela mãe desta. Quando chegou em casa, começou a pensar sobre a hostilidade que os estava visivelmente envolvendo, a todos os que faziam parte do *compound* de Ezeulu. Algo lhe dizia que alguém iria pagar um preço muito alto pelo que estava acontecendo, e teve medo.

— Vá e chame Obika — disse a sua filha Ojiugo.

Ela estava preparando alguns inhames para engrossar a sopa quando Obika entrou e sentou-se no chão nu, com as costas de encontro ao poste de madeira no meio da entrada. Ele usava uma tira muito fina de pano, que passava entre suas pernas e nádegas e enrolava-se em torno da cintura. Sentou-se pesadamente como um homem cansado. Sua mãe continuou a preparar os inhames.

— Ojiugo disse-me que a senhora me chamou.

— É verdade.

E ela continuou com o que estava fazendo.

— Para ficar olhando a senhora preparar os inhames?

Ela continuou com o seu trabalho.

— O que é, afinal?

— Eu quero que você vá falar com seu pai.

— Sobre o quê?

— Sobre o quê? Sobre o seu... Por acaso você é um estranho em Umuaro? Você não vê a desgraça iminente?

— E o que você espera que ele faça? Desobedeça a Ulu?

— Eu sabia que você não me daria ouvidos. — E ela conseguiu pôr todas as suas tristezas e desapontamentos naquelas palavras.

— Como é que eu posso dar-lhe ouvidos, quando a senhora se junta a pessoas de fora que estão pressionando o seu marido para pôr a cabeça numa panela de água fervendo?

— Tenho às vezes de concordar com aqueles que dizem que o homem pegou a loucura da mãe — disse Ogbuefi Ofoka. — Quando ele voltou de Okperi, e eu fui a sua casa, ele conversou como um homem são. Eu o relembréi de que ele costumava dizer que um homem deve dançar a dança que predomina no seu tempo e disse-lhe que nós tínhamos tardado muito em aceitar a sabedoria dessa frase. Porém, hoje, ele preferia ver as seis aldeias arruinadas a comer dois inhames.

— Tenho pensado o mesmo — disse Akuebue, que estava visitando o parente. — Eu conheço Ezeulu melhor do que a maioria das pessoas. É um homem orgulhoso, e a mais teimosa das

pessoas que você conhece é apenas seu mensageiro; mas ele não falsificaria a decisão de Ulu. Se ele o fizesse, para começar, Ulu não o pouparia. Por isso, eu não sei.

— Eu não disse que Ezeulu esteja dizendo uma mentira, usando o nome de Ulu. O que lhe dissemos foi que comesse os inhames, que nós arcaríamos com as consequências. Mas ele não quis fazê-lo. Por quê? Porque as seis aldeias permitiram que o homem branco o prendesse. Esta é a razão. Ele tem estado tentando ver como conseguiria punir Umuaro e teve agora a oportunidade. A casa que ele esteve planejando derrubar pegou fogo e popou-lhe o esforço.

— Não duvido que ele tenha tido um certo ressentimento durante algum tempo, mas eu não acho que seja tão profundo como você diz. Lembre-se de que ele tem suas próprias plantações de inhame como o resto de nós...

— Isso foi o que ele nos disse, mas, meu amigo, quando um homem tão orgulhoso como este quer lutar, ele não se importa que sua própria cabeça também role no conflito. Além disso, ele se esqueceu de esclarecer se, quer a nossa colheita esteja arruinada ou não, cada um de nós terá de oferecer um inhame para Ulu.

— Não sei.

— Deixe-me dizer-lhe outra coisa. Um sacerdote como Ezeulu leva um deus à ruína. Já ocorreu antes.

— Ou talvez um deus como Ulu leve um sacerdote a arruinar-se.

Houve um homem que viu a crescente crise em Umuaro como uma bênção e uma oportunidade enviada por Deus. Seu nome era John Jaja Goodcountry, catequista da Igreja de São Marcos, da Sociedade Missionária Cristã de Umuaro. Sua terra natal ficava no Delta do Níger, em contato com a Europa e o mundo desde vários séculos. Embora estivesse morando em Umuaro havia apenas um ano, podia mostrar tão bons resultados em sua igreja e em sua escola quanto os que outros professores e pastores teriam orgulho de registrar após cinco ou mais anos de trabalho. Seu grupo de catecúmenos crescera de apenas catorze para quase trinta, na maioria jovens e meninos que também frequentavam a escola. Tinha havido um batismo na própria Igreja de São Marcos e três na Igreja paroquial de Okperi. Ao todo, a jovem igreja do sr. Goodcountry fornecera nove aspirantes a esse sacramento. Não fora capaz, entretanto, de conseguir nenhum candidato à confirmação, mas isso não era de surpreender numa igreja que se formava em uma das comunidades mais difíceis da Ibolândia.

Os avanços da Igreja de São Marcos deram-se de maneira quase fora do comum. O sr. Goodcountry, com sua formação de pastor no Delta do Níger — que já contava a seu crédito com mártires nativos como Joshua Hart —, não estava preparado para fazer concessões aos pagãos sobre animais sagrados. Após poucas semanas em Umuaro, Goodcountry sentiu-se pronto para uma pequena guerra contra a jiboia real, animado pelo mesmo espírito com que a sua própria gente havia enfrentado e vencido a iguana sagrada. Infelizmente, deparou-se com um obstáculo na pessoa de Moses Unachukwu, o mais importante cristão de Umuaro.

Desde o início, o sr. Goodcountry fizera objeção aos ares de sabe-tudo de Unachukwu, que o último catequista, o sr. Molokwu, nada fizera para corrigir. Goodcountry vira, noutros lugares, quão fácil era para um cristão semieducado e semiconvertido conduzir mal uma congregação inteira quando o pastor ou o catequista se mostravam fracos. Por isso, quis afirmar sua liderança desde o primeiro momento. Não tivera originalmente a intenção de opor-se a Unachukwu mais do que o necessário para marcar a sua posição. Afinal de contas, o homem era um forte pilar da igreja

e não poderia ser facilmente substituído. Porém, Unachukwu o desafiou abertamente na questão da jiboia e, por isso, mereceu a censura e a humilhação pública que recebeu.

Uma vez tendo firmado sua posição, o sr. Goodcountry estava preparado para esquecer o assunto. Mas não tinha a mínima ideia da espécie de pessoa com que estava lidando. Unachukwu conseguiu que um funcionário de Okperi escrevesse uma petição em nome do sacerdote de Idemili ao bispo do Níger. Embora se chamasse petição, nada mais era do que uma ameaça. Advertia o bispo de que, a menos que seus seguidores em Umuaro deixassem a jiboia real em paz, eles lamentariam o dia em que pisaram o solo do clã. Tendo sido escrita por um dos funcionários de Government Hill, a petição continha expressões fortes como “lei e ordem” e “a paz do rei”.

O bispo acabara de passar por uma situação muito grave em outro ponto de sua diocese por causa desse mesmo problema da jiboia. Um jovem e decidido seminarista se aventurara, com a sua gente, a queimar santuários e, durante a ação, matara uma jiboia. Como resposta, os aldeões tinham expulsado todos os cristãos que viviam entre eles e incendiado as suas casas. As coisas teriam saído completamente de controle, se não fosse a Administração ter entrado com tropas, numa demonstração de força. Depois desse incidente, o vice-governador escrevera uma carta muito ríspida ao bispo, instando-o a manter os seus rapazes a rédeas curtas.

Por essa razão, mas também porque ele próprio não aprovava tamanho excesso de zelo, o bispo escrevera uma carta firme a Goodcountry. Também respondera à petição de Ezidemili, assegurando-lhe que o catequista não interferiria com a jiboia, mas ao mesmo tempo rogando a Deus que não estivesse longe o dia em que o sacerdote e todo o seu povo se afastariam da adoração de cobras e ídolos e se voltariam para a verdadeira religião.

Essa carta do grande sacerdote branco que vivia tão longe reforçou a ideia, que ganhava corpo, de que a melhor maneira de lidar com o homem branco era ter algumas pessoas como Moses Unachukwu, que soubessem o que o homem branco sabia. Por isso, muitas pessoas — algumas delas bastante importantes — começaram a mandar os seus filhos para a escola. Até mesmo Nwaka enviou um filho — aquele que parecia ser o menos dotado para vir a tornar-se um bom agricultor.

O sr. Goodcountry, ignorando o que havia por trás do crescimento de sua escola e de sua igreja, considerou-o o resultado de sua eficiente evangelização, o que, de certo modo, era verdade. Escreveu para a *Revista da Igreja da África Ocidental* um artigo sobre o espantoso êxito do Evangelho em Umuaro, embora, como era de hábito nesse tipo de artigo, todo o crédito fosse atribuído ao Espírito Santo.

O sr. Goodcountry viu na crise do Festival do Novo Inhame uma boa oportunidade para uma ação proveitosa. Ele planejara para o segundo domingo de novembro o serviço religioso de sua igreja dedicado ao início da colheita. O que angariasse na ocasião iria para um fundo destinado a construir um lugar de oração mais digno de Deus e de Umuaro. Seu plano era bastante simples. O Festival do Novo Inhame era uma tentativa equivocada dos pagãos de agradecer a Deus por todas as coisas boas que dá. Eles precisavam ser salvos desse erro, que agora ameaçava arruiná-los. Precisavam que alguém lhes dissesse que aquele que fizesse sua oferta de agradecimento a Deus poderia colher seus inhames sem temor de Ulu.

— Assim, podemos dizer aos nossos irmãos pagãos que tragam seu inhame para a igreja, em vez de levá-lo para Ulu? — perguntou um novo membro do comitê da igreja de Goodcountry.

— É exatamente isso o que eu quero dizer. Mas não apenas um inhame. Deixemo-los trazer

tantos quanto desejarem, de acordo com as dádivas que receberam este ano de Deus. E não apenas inhames, qualquer outro fruto da terra, animal de criação ou dinheiro.

O homem que fizera a pergunta não pareceu satisfeito. Continuava a coçar a cabeça.

— Você ainda não entendeu?

— Eu entendi, mas estava pensando como é que poderíamos dizer-lhes que tragam mais de um inhame. Porque, o senhor vê, nosso costume, ou melhor, o costume deles é levar um único inhame para Ulu.

Moses Unachukwu, que estava completamente a favor de Goodcountry, salvou o dia:

— Se Ulu, que é um falso deus, pode comer um inhame, o Deus vivo, que é o dono do mundo inteiro, deveria ser autorizado a comer mais de um.

E, assim, espalhou-se a notícia de que qualquer pessoa que não desejasse esperar e ver toda a sua colheita arruinada poderia levar sua oferenda ao Deus dos cristãos, que se asseverava ter o poder de proteger essa pessoa da ira de Ulu. Essa história, noutros tempos, seria acolhida com risadas. As pessoas, porém, tinham deixado de rir.

Os primeiros a serem seriamente afetados pelo adiamento da colheita foram os familiares de Ogbuefi Amalu, que morrera de *aru-mmo*, na estação das chuvas. Amalu era um homem rico, e, em tempos normais, os ritos do segundo sepultamento e a festa funerária teriam sido realizados dois ou três dias após sua morte. Mas a sua fora uma morte ruim, que matara um homem num momento de fome. O próprio Amalu sabia disso e estava preparado. Antes de morrer, chamara seu primeiro filho, Aneto, e dera-lhe instruções para a festa do sepultamento.

— Eu teria dito: “Faça-a um dia ou dois depois que eu tiver sido colocado debaixo da terra”. Mas agora é uma época de *ugani*; e não posso pedir-lhe que organize a festa do meu enterro com sua saliva. Preciso esperar até que haja inhames novamente.

Ele falava com grande dificuldade, lutando para respirar. Aneto estava ajoelhado ao lado da cama de bambu, fazendo força para conseguir entender os murmúrios que quase não se ouviam no meio da barulhenta respiração que vinha da cavidade do peito do homem doente. As múltiplas camadas de unguento de pau-campeche esfregadas nele tinham empastado e rachado como terra vermelha na estação da seca.

— Você não deverá, porém, retardar as cerimônias funerárias além de quatro luas depois da minha morte. E não se esqueça: eu desejo que você sacrifique um touro.

Havia uma história que se contava a respeito de um jovem de outro clã, que, muito atormentado pelas dificuldades, decidiu consultar um oráculo. Foi-lhe dito que a razão de seus problemas era que seu pai morto desejava que ele sacrificasse uma cabra em sua homenagem. O jovem disse ao oráculo: “Pergunte ao meu pai se ele me deixou ao menos uma galinha”. Ogbuefi Amalu não era como aquele homem. Todos sabiam que ele valia quatrocentos touros e não pedira a seu filho nada demais.

Na previsão do Festival do Novo Inhame, Aneto e seus irmãos e familiares haviam escolhido o dia para o segundo enterro de Amalu, e o anunciaram para toda a Umuaro e para todos os seus parentes e amigos dos clãs vizinhos.

E agora? O que deveriam fazer? Deveriam manter o plano e dar a Amalu uma festa de sepultamento de um homem pobre, sem inhames, correndo o risco de fazer cair a sua ira sobre suas cabeças, ou deveriam adiá-la além do tempo que Amalu havia determinado e igualmente arriscar-se à sua raiva? A segunda escolha parecia a melhor e a menos perigosa. Mas, para estar completamente certo, Aneto foi ao *afa*, a fim de colocar as opções a seu pai.

Mas quando chegou ao oráculo, descobriu que havia não duas possibilidades, mas apenas uma. Não ousou perguntar a seu pai se ele aceitaria o funeral de um homem pobre; em vez disso, perguntou se poderia adiar os ritos até que houvesse inhames em Umuaro. Amalu disse que não. Que ele já esperara tempo demais na chuva e no sol e não podia aguentar nem um dia a mais. Um homem pobre poderia vagar ao relento durante anos, enquanto seus parentes raspavam seus magros recursos e os juntavam: essa era a penalidade por falta de êxito durante a vida. Porém, um grande homem, que havia obtido dois títulos, precisava ser chamado para dentro de casa por

aqueles para quem labutara e para quem deixara suas riquezas.

Aneto reuniu um grupo de parentes e contou-lhes o que o seu pai lhe havia dito. Ninguém ficou surpreso.

— Quem poderia culpar Amalu? — perguntaram. — Por acaso ele não já ficou do lado de fora por bastante tempo?

Não, a culpa era de Ezeulu. Ele sabia que os parentes de Amalu iriam gastar uma fortuna comprando inhames dos clãs vizinhos, quando os seus próprios estavam enterrados no solo. Muitos dos vizinhos já estavam enriquecendo às custas da desgraça de Umuaro. A cada mercado Nkwo, eles traziam inhames novos para Umuaro e os vendiam a preço de tornozeleira de marfim. No início, somente homens sem títulos, mulheres e crianças comiam desses inhames de fora. Mas, à medida que a fome crescia e se tornava mais severa, alguém salientou o fato de que não havia nada nos costumes de Umuaro que proibisse um homem titulado de comer inhames novos crescidos em terra estrangeira. Além disso, quem estava lá quando eles tinham sido arrancados do solo, para jurar que eram inhames novos? Isso fez com que as pessoas rissem com um lado do rosto. Mas, se qualquer homem titulado comia esses inhames, fazia questão de que ninguém o visse. O que um grande número deles fazia era colher os inhames plantados em volta de sua casa para alimentar as esposas e os filhos. A tradição sempre permitira que, em tempo de fome muito rigorosa, um homem desenterrasse alguns inhames plantados em seu *compound* para alimentar sua família. Porém, agora, não se tratava de apenas alguns inhames, e, como se não bastasse, a área do terreno ao lado da casa aumentava de tamanho à medida que os dias passavam.

A situação angustiada de Umuaro pesava mais sobre Ezeulu e sua família do que sobre as demais pessoas. No *compound* do sumo sacerdote, ninguém podia nem sequer pensar em invocar as exceções que permitiam aos demais comer ocasionalmente um inhame novo, fosse local ou de fora. Como eram mais prósperos do que a maioria das famílias, possuíam um estoque maior de inhames velhos. Estes, porém, haviam murchado, transformando-se em fibras sem gosto. Antes de serem cozidos, tinham de ser amassados num pilão, para separar as fibras já rijas. Mas não demorou muito para até mesmo esses inhames acabarem.

A carga mais pesada recaía, entretanto, sobre a mente de Ezeulu. Ele estava acostumado à solidão. Na qualidade de sumo sacerdote, andava sempre sozinho e na frente de Umuaro. Sempre fora, contudo, capaz de, sem olhar para trás, ouvir a flauta de sua gente e a canção que sacudia a terra porque vinha de numerosas de vozes, acompanhadas pelo bater surdo de incontáveis pés. Houve momentos em que as vozes se dividiram, como na questão da disputa de terras com Okperi. Mas nunca, até aquele momento, sentira as vozes morrerem e desaparecerem de vez. Agora, poucas pessoas vinham à sua cabana, e aquelas que vinham nada diziam. Ezeulu queria ouvir o que Umuaro estava dizendo, mas ninguém dava voluntariamente a informação e ele não fazia nada para que alguém pensasse que estava curioso. Assim, a cada dia que se passava, Umuaro tornava-se mais e mais um silêncio estranho — a espécie de silêncio que queima as entranhas de um homem, como a chama azul, quieta, cortante como uma lâmina das cascas de nozes de palma quando pegavam fogo. Ezeulu contorcia-se na dor que crescia sem parar, a ponto de desejar sair de seu *compound* e até mesmo ir até a praça do mercado Nkwo e gritar para Umuaro.

Como ninguém se aproximava suficientemente de Ezeulu para ver sua angústia — e, se a tivessem testemunhado, não a teriam compreendido —, todos imaginavam que Ezeulu ficava sentado em sua cabana, pensando com volúpia na desgraça de Umuaro. Embora não visse

nenhuma razão para que a situação se revertesse, ele sofria um castigo maior e padecia mais do que todos os outros moradores de Umuaro. O que mais o perturbava — e somente ele parecia estar consciente disso — era que a punição não se aplicava somente naquele momento, mas para sempre. Afligia Umuaro como uma moléstia *ogulu-aro*, que após um ano ataca de novo a sua vítima. Por debaixo de toda a cólera, sentia uma profunda compaixão por Umuaro, pelo clã que, havia muito, muito tempo, quando os lagartos andavam sós ou em duplas, escolhera o seu ancestral para carregar a divindade e caminhar diante deles desafiando cada obstáculo e fazendo frente a todos os perigos.

Talvez, se o silêncio que o envolvia fosse completo, Ezeulu tivesse se acostumado a ele com o tempo. Mas esse silêncio apresentava rachaduras, através das quais, de vez em quando, uma pequena quantidade de notícias incompletas conseguia chegar até ele: isso tinha um efeito de aprofundar o silêncio, como um seixo jogado numa caverna.

Akuebue acabara de jogar esse seixo. Ele era o único dentre os amigos e parentes de Ezeulu que ainda vinha, vez por outra, visitá-lo. Mas, quando vinha, sentava-se em silêncio ou falava sobre coisas sem importância. Nesse dia, entretanto, ele não pôde evitar falar de uma nova evolução que tomava a crise e que o preocupava. Talvez Akuebue fosse o único em Umuaro que sabia que Ezeulu não estava punindo deliberadamente as seis aldeias, como algumas pessoas pensavam. Ele sabia que o sumo sacerdote estava desamparado; que algo maior do que um *nté* fora apanhado na armadilha para *nté*. Por isso, todas as vezes que vinha visitar Ezeulu, mantinha-se afastado dos assuntos que estavam mais próximos de seus pensamentos, porque estragariam a conversa. Mas, esse dia, foi-lhe impossível manter silêncio sobre a campanha dos cristãos para se beneficiar com a safra de Umuaro.

— O assunto me preocupa — disse ele —, porque me lembra aquele ditado de nossos antepassados, segundo o qual quando irmãos brigam uma luta de morte, um estranho herda a propriedade de seus pais.

— E o que você pretende que eu faça? — Ezeulu abriu as duas mãos, com as palmas voltadas na direção do amigo. — Se alguém em Umuaro se esquece de quem é, a ponto de juntar-se a eles, deixemos que o faça.

Akuebue sacudiu a cabeça em desespero.

Assim que ele saiu, Ezeulu chamou Oduche e perguntou-lhe se era verdade que os cristãos estavam oferecendo refúgio para aqueles que desejavam escapar da vingança de Ulu. Oduche respondeu que não à pergunta.

— Você não entende? Por acaso sua gente está dizendo a Umuaro que, se alguém levar seu sacrifício ao santuário do homem branco, poderá colher os seus inhames com segurança? Agora você me entende?

— Sim. Nosso professor lhes disse isso.

— Seu professor lhes disse isso? E você me contou isso?

— Não.

— Por quê?

Silêncio.

— Eu perguntei por que você não me contou nada.

Durante muito tempo, pai e filho ficaram olhando um para o outro, fixamente, em silêncio. Quando Ezeulu tornou a falar, seu tom era calmo e cheio de tristeza.

— Você se lembra, Oduche, do que lhe disse quando o mandei para junto daquela gente?

Oduche voltou os olhos na direção do dedão do pé direito, que pusera um pouco para a frente.

— Já que você ficou mudo, deixe-me que o lembre. Eu o chamei naquela ocasião como um pai chama seu filho e lhe disse que fosse ser o meu olho e o meu ouvido no meio daquela gente. Eu não mandei nem Obika nem Edogo; eu não mandei Nwafo, filho de sua mãe. Eu o chamei pelo nome, e você veio até aqui, a este *obi*, e eu o enviei para ver e ouvir em meu lugar. Naquele momento, eu não sabia que estava mandando uma caveira de cabra. Vá embora, volte para a cabana de sua mãe. Falta-me ânimo para falar-lhe agora. Quando estiver pronto para falar, eu lhe direi o que penso. Vá embora e se alegre porque o seu pai não pode contar com você. Repito, vá embora daqui, lagarto que arruinou o funeral de sua mãe.

Oduche saiu, à beira das lágrimas. Ezeulu sentiu um leve toque de alívio.

Finalmente, outra lua nova veio, e ele comeu o décimo segundo inhame. Na manhã seguinte, enviou um recado aos seus assistentes, para que estes anunciassem que o Festival do Novo Inhame seria realizada dentro de vinte e oito dias.

Ao longo de todo aquele dia, os tambores bateram no *compound* de Amalu, a anunciar a festa funerária, que seria no dia seguinte. O som alcançava todas as aldeias de Umuaro, a fim de lembrá-los da festa; embora ninguém precisasse ser lembrado num momento como aquele, quando os homens estavam famintos como gafanhotos.

Naquela noite, Ezeulu sonhou um daqueles sonhos que eram mais do que sonhos comuns. Quando acordou, tudo se mostrava com os pormenores e a claridade da luz do dia, como aquele sonho que sonhara em Okperi.

Ele estava sentado em seu *obi*. Pelo som das vozes, os que carpiam um morto pareciam estar passando por trás de seu *compound*, além dos altos muros vermelhos. Isso o preocupou muitíssimo, porque lá não havia nenhum caminho. Quem eram, então, essas pessoas que abriam um caminho atrás de seu *compound*? Ele disse a si próprio que precisava sair e desafiá-los, porque se afirmava que, a menos que um homem lutasse com aqueles que andavam por trás de seu *compound*, o caminho jamais se fecharia. Faltava-lhe, porém, vontade de agir e ele ficou parado onde estava. Enquanto isso, o rumor das vozes, e dos tambores, e das flautas crescia cada vez mais. Eles cantavam a canção com a qual um homem era levado ao mato para ser enterrado.

*Olhem! Uma jiboia!*

*Olhem! Uma jiboia!*

*Sim, ela está no meio do caminho.*

Como de costume, a canção vinha em diferentes ondas, como pancadas de chuva de um temporal, que se seguiam umas após outras. Os pranteadores que vinham na frente cantavam um pouco adiante daqueles que estavam no meio, perto do cadáver, e esses, por sua vez, entoavam o início de cada verso da canção um pouco antes dos que vinham na retaguarda. Os tambores faziam parte dessa última onda.

Ezeulu levantou a voz para chamar sua família, a fim de juntar-se a ele para desafiar os intrusos, porém o seu *compound* estava deserto. O que era hesitação transformou-se em alarme. Correu para a cabana de Matefi, mas tudo o que viu foram as cinzas de um fogo há muito extinto.

Entrou correndo na cabana de Ugoye, chamando-a e chamando os filhos, mas a cabana já estava caindo e um bocado de grama verde brotara no teto de sapê. Ele estava correndo na direção da cabana de Obika quando uma nova voz atrás do *compound* o obrigou a parar de repente. O barulho do grupo do enterro já tinha, havia algum tempo, desaparecido na distância. E, não fora a tristeza de uma voz solitária que tinham deixado para trás, eles poderiam estar voltando com uma noiva. A doce agonia do cantor solitário caía como o orvalho sobre os cabelos.

*Eu nasci quando os lagartos andavam sozinhos ou aos pares  
Uma criança de Idemili. As difíceis gotas de lágrimas  
Do primeiro pranto do céu arrastaram minhas manchas. Tendo  
Eu nascido no céu andei na terra com garbo real  
E as carpideiras me viram enroscado no meio do caminho  
Mas ultimamente  
Um estranho sino  
Tem tocado uma canção desolada:  
Deixe seus inhames  
E venha para a escola  
E eu preciso sair correndo apressadamente  
Quando as crianças a brincar ou a sério exclamam:  
Olhem! um cristão vem aí!  
Ha ha...*

O riso súbito e demente do cantor encheu o *compound* de Ezeulu, e ele acordou. Apesar do frio harmatã, ele suava. Sentiu, porém, um enorme alívio por estar acordado e saber que tudo não passara de um sonho. O cego alarme e a urgência de vida ou morte do sonho desfizeram-se no umbral do despertar. Mas um vago temor permaneceu, porque a voz da jiboia terminara como a voz da mãe de Ezeulu, sempre que era atacada de loucura. Nwanyi Okperi, como eles a chamavam em Umuaro, fora uma grande cantora em sua juventude, fazendo canções para sua aldeia com a mesma facilidade com que algumas pessoas falavam. Mais tarde, quando sua loucura começou a se manifestar, essas velhas canções e outras que ela poderia ter feito forçavam o seu caminho, em jatos inesperados, pelas fendas de sua mente. Ezeulu, em sua infância, vivia no temor desses momentos, quando, na lua nova, os pés de sua mãe eram amarrados a um cepo.

A passagem de Ogbazulobodo naquele momento ajudou a pôr Ezeulu no presente. Talvez fosse o efeito do sonho, mas em toda a sua vida ele jamais ouvira um espírito noturno passar com igual fúria. Era como se fosse uma legião de corredores, cada um deles coberto do pescoço ao tornozelo com cordas de chocalhantes *ekpili*. Vinha do lado do *ilo* e desapareceu na direção de Nkwo. Devia ter visto sinais de luz no *compound* de alguém, pois deu a impressão de parar e gritar: *Ewo okuo, Ewo okuo!* O infrator, quem quer que ele fosse, deve ter rapidamente apagado a luz. O espírito, acalmado, continuou sua rápida passagem e, logo depois, desapareceu na noite.

Ezeulu ficou a perguntar-se por que o espírito não o saudara quando passara perto do seu *compound*. Talvez o tivesse feito antes que ele acordasse.

Após o sonho e a agitação pela passagem de Ogbazulobodo, Ezeulu tentou em vão dormir novamente. Então começaram a dar tiros de canhão na casa de Amalu. Ezeulu contou nove estouros separados pelas batidas do *ekwe*. Naquela altura, o sono havia abandonado seus olhos por

completo. Levantou-se, bateu à procura do trinco de sua porta esculpida e abriu-a. Depois, pegou o facão e a garrafa de rapé da cabeceira da cama e bateu seu caminho até o cômodo exterior. Uma vez ali, sentiu a friagem seca do harmatã. Por sorte, o fogo ainda não morrera nas duas grandes toras de *ukwa*. Ele atçou o fogo e conseguiu obter uma pequenina chama.

Nenhuma outra pessoa em toda a aldeia conseguia carregar o *ogbazulobodo* tão bem quanto Obika. Todas as vezes que outra pessoa tentava fazê-lo, havia uma grande diferença: ou a velocidade era lenta demais, ou as palavras ficavam presas em sua garganta. Pois o poder do *ike-agwu-ani*, embora fosse grande, não podia transformar uma rastejante centopeia num antílope, nem um homem mudo num orador. E esta era a razão pela qual, apesar do imenso ressentimento que a família de Amalu nutria contra Ezeulu e sua família, ainda assim Aneto veio pedir a Obika que corresse como *ogbazulobodo* na noite anterior ao segundo enterro de seu pai.

— Eu não desejo lhe dizer não — declarou Obika, depois que Aneto lhe fez o pedido —, mas não há nada que um homem possa fazer quando seu corpo não lhe pertence por completo. Desde ontem, eu estou com um pouco de febre.

— Eu não sei o que está havendo, mas todo mundo que a gente encontra, parece um pote quebrado — disse Aneto.

— Por que não pede a Nweke Ukpaka que corra para você?

— Eu já tinha ouvido falar em Nweke Ukpaka quando vim ter com você. Até mesmo passei pela casa dele.

Obika considerou o assunto.

— Há muitas pessoas que podem fazê-lo — acrescentou Aneto. — Mas aquele cujo nome é mencionado repetidamente por todos os que tentam em vão pegar um touro selvagem tem algo que é somente dele ao lidar com os touros.

— É verdade — afirmou Obika. — Eu concordo, mas concordo por covardia.

— Se eu digo que não — disse Obika para si mesmo —, eles vão espalhar que Ezeulu e sua família juraram estragar o segundo sepultamento de um companheiro de aldeia que nunca lhes fez mal.

Obika não disse à mulher que iria sair naquela noite, até ter comido sua ceia. Ele sempre ia à cabana de sua mulher para comer as refeições. Os amigos caçoavam dele por causa disso e diziam que a mulher o mimava demais. Okuata estava raspando sua tigela de sopa quando Obika falou. Ela tornou a dobrar o dedo indicador e limpou a tigela com ele, esticou-o novamente e lambeu-o.

— Você vai sair com essa febre? — perguntou. — Obika, tenha dó de você mesmo. O funeral é amanhã. O que é que eles não podem fazer sem você até amanhã de manhã?

— Não pretendo demorar. Aneto é do meu grupo de idade, e eu preciso ir ver como estão os preparativos.

Okuata manteve-se num silêncio emburrado.

— Tranque bem a porta. Ninguém vai sequestrá-la. Eu não pretendo demorar-me.

O *ekwe-ogbazulobodo* soou tong tong tong totong tong totong e continuou durante algum tempo, avisando qualquer pessoa que ainda estivesse acordada, que se apressasse a ir para a cama e

apagar todas as luzes, porque luz e *ogbazulobodo* eram inimigos mortais. Quando havia tocado durante o tempo suficiente para que todos tivessem ouvido, parou. O silêncio e o estrídulo chamamento dos insetos invadiram a noite novamente. Obika e os outros que iriam conduzir o *ayaka* ou coro dos espíritos sentaram-se no mais baixo dos degraus do *okwolo*, conversando e rindo. O homem que tocava o *ekwe* juntou-se a eles, deixando seu tambor na meia-luz da tocha de óleo de palma.

Quando o *ekwe* começou a tocar o segundo e último aviso, Obika ainda estava conversando com os outros, como se nada lhe dissesse respeito. O velho Ozumba, que guardava as insígnias dos espíritos noturnos, tomou posição perto do tocador de tambor. Depois, ele elevou sua voz roufenha e disse *ugoli* quatro ou cinco vezes, como se quisesse limpar as teias de aranha que nela havia. Então, perguntou se Obika estava lá. Obika olhou em sua direção e viu-o vagamente na luz fraca. Lenta e deliberadamente, levantou-se e foi até Ozumba, ficando de pé diante dele. Ozumba inclinou-se e pegou uma saia feita de uma espécie de rede de corda, pesadamente tacheada de chocalhantes *ekpili*. Obika levantou os dois braços acima da cabeça, de forma que Ozumba pudesse amarrar a saia em volta de sua cintura sem qualquer impedimento. Quando isso terminou, Ozumba agitou os braços como um homem cego, até que eles bateram no bastão de ferro. Arrancou-o do chão e colocou-o na mão direita de Obika. O *ekwe* continuava a soar, à meia-luz da tocha de óleo de palma. Obika apertou a mão com força no bastão e cerrou os dentes. Ozumba deu-lhe algum tempo para preparar-se por completo. Em seguida, muito lentamente, levantou o colar do *ike-agwu-ani*. O *ekwe* batia cada vez mais rápido. Obika inclinou a cabeça para a frente e Ozumba colocou o *ike-agwu-ani* em volta de seu pescoço. Enquanto o fazia, disse:

*Tun-tun gem-gem*  
*Oso mgbada bu nugwu.*  
A rapidez do veado  
É vista na colina.

Assim que essas palavras saíram de sua boca, Ogbazulobodo deu meia-volta e exclamou: *Ewo okuo! Ewo okuo!* O tocador de tambor jogou no chão suas baquetas e rapidamente apagou a luz. O espírito enterrou o bastão na terra, e este vibrou. Arrancou-o novamente e desapareceu como o vento na direção de Nkwo, deixando para trás, no ar, poderosas palavras.

— A mosca que se pavoneia, dando voltas num monte de excremento, perde seu tempo; o monte será sempre maior do que a mosca. A coisa que bate o tambor para *ngwesi* está dentro do chão. A escuridão é tão grande que dá chifres a um cachorro. Aquele que constrói uma casa antes do outro pode gabar-se de mais potes quebrados. É *ofo* que dá à água da chuva poder para cortar a terra seca. O homem que anda à frente de seus companheiros vê espíritos no caminho. O morcego disse que sabia de sua feiura e resolveu voar à noite. Quando o ar está empestado por um homem no topo de uma palmeira, a mosca fica confusa. Um homem sem sorte bebe água e ela fica presa em seus dentes...

Ele estava ao mesmo tempo cego e cheio de visão. Não via nenhum dos pontos de referência, como árvores e cabanas, mas seus pés sabiam para onde estavam indo, não deixando de fora nem mesmo um pequeno atalho da sua costumeira rota. Ele a conhecia sem o uso dos olhos. E só parou uma vez quando sentiu o cheiro de luz.

— Mesmo enquanto as pessoas estão ainda falando do homem, o Rato morde até a morte, e o

Lagarto leva dinheiro para ter seus dentes lixados. Aquele que vê uma velha bruxa de cócoras deve deixá-la em paz; quem sabe como ela respira? A Formiga Branca mastiga *igbegulu* porque está caída no chão; deixe-a subir na palmeira e mastigar. Aquele que engolir sementes de *udala* deve levar em consideração o tamanho de seu ânus. A mosca que não tem ninguém que a aconselhe, acompanha o cadáver para dentro da terra.

Um fogo começou a alastrar-se por dentro de seu peito e a empurrar uma amargura seca para sua boca. Mas ele a provava de uma certa distância, ou em uma boca dentro de sua boca. Sentia-se como se fosse duas pessoas separadas, uma correndo por cima da outra.

— Quando um aperto de mão passa do cotovelo, torna-se outra coisa. O sono que dura de um dia de mercado para outro transforma-se em morte. O homem que aprecia a carne do carneiro sacrificado num funeral, por que se recupera quando a doença o visita? A poderosa árvore cai e os pequenos pássaros se espalham pelo mato... O pequeno pássaro que pula do chão e vai aterrissar no formigueiro pode não sabê-lo, mas continua no chão... Uma cobra comum que o homem vê completamente sozinha pode tornar-se uma jiboia a seus olhos... A própria Coisa que mata a Ratazana Mãe está sempre lá para assegurar-se de que os filhotes desta nunca abram os olhos... O menino que insiste em perguntar a seu pai o que aconteceu, antes de ter força suficiente para vingá-lo, está pedindo para ter o mesmo destino... O homem que subestima a doença que o Macaco teve deve pedir para ver os olhos com que ficou a sua enfermeira depois de soprar a fogueira do enfermo... Quando a morte quer levar um cachorrinho, evita que ele cheire até mesmo excremento...

Os oito homens encarregados do *ayaka* estavam ainda falando quando Obika os deixou. Ozumba viera sentar-se com eles, para esperar o retorno do marido. Eles estavam conversando sobre o grande touro que os filhos de Amalu tinham comprado para o funeral quando ouviram a voz que voltava. Os homens do *ayaka* ficaram de pé e prepararam-se para começar a cantar, assim que Ogbazulobodo tornasse a entrar no *ilo*. Todos estavam espantados de que ele já estivesse de volta. Teria ele deixado de passar por alguns dos caminhos?

— Não, Obika — afirmou Ozumba, cheia de orgulho. — Ele é muito rápido. E eu prefiro um rapaz rápido, ainda que, em sua pressa, quebre tudo ao seu redor.

Mal essas palavras saíram de sua boca, e Ogbazulobodo entrou correndo e caiu no chão, aos pés do *okwolo*. Ozumba retirou o colar de seu pescoço e chamou-o pelo nome. Porém, Obika não respondeu. Ozumba chamou-o novamente e lhe tocou o peito.

Eles derramaram um pouco de água fria sobre o seu rosto e o seu corpo. A canção do *ayaka* se interrompeu tão abruptamente como começara. Todos ficaram de pé, em volta de Obika, mas incapazes de falar.

O primeiro galo ainda não cantara. Ezeulu continuava em seu *obi*. O fogo ainda brilhava nas grandes achas de lenha, mas a chama, havia muito, desaparecera. Seriam passos o que ele estava ouvindo? Pôs-se a escutar atentamente. Sim, eram passos, que ficavam cada vez mais altos. Ouviam-se vozes também. Ele apalpou ao redor, à procura de seu machete. O que poderia ser aquilo?

— Quem está aí? — perguntou.

Os passos pararam e as vozes também. Durante um instante, houve um silêncio, que a presença

dos estranhos lá fora, na escuridão, tornava pesado.

— Gente — disse uma voz.

— Quem se chama gente? Eu aviso, gente: minha espingarda está carregada.

— Ezeulu, sou eu, Ozumba.

— Ozumba.

— Hã.

— O que a traz aqui a esta hora?

— Uma tragédia caiu sobre nós. A cabra comeu as folhas de palma que eu levava na cabeça.

Ezeulu pigarreou e começou lentamente a avivar o fogo.

— Deixe-me aumentar o fogo, para lhes ver as caras.

Um dos gravetos de lenha era longo demais, e ele o quebrou no joelho. Soprou o fogo algumas vezes. A chama cresceu.

— Entrem e deixem-me ouvir o que vocês têm a dizer.

Assim que viu o corpo de Obika entrando sob os baixos beirais, ele ficou de pé, num salto, e agarrou o seu facão.

— O que foi que lhe aconteceu? Quem fez isto? Eu perguntei: quem?

Ozumba começou a explicar, mas Ezeulu não a ouviu. O machete caiu de sua mão e ele despencou no solo, ajoelhando-se ao lado do corpo.

— Meu filho — gritou. — Ulu, onde estavas quando isto me aconteceu?

Ele escondeu o rosto sobre o peito de Obika.

Quando as primeiras luzes surgiram, quase todos os preparativos já tinham sido feitos para o anúncio da morte. Na aldeia, os tambores mortuários estavam encostados a uma parede. Uma garrafa de pólvora fora encontrada e separada. Ezeulu andava de um lado para outro por entre as pessoas atarefadas, tentando ajudar. Em certo momento, encontrou a comprida vassoura que usava para varrer o *compound*, pegou-a e começou a varrer. Mas alguém tirou-a dele e levou-o pela mão de volta à sua cabana.

— As pessoas logo estarão aqui — disse Ezeulu com voz fraca —, e este lugar ainda está sem varrer.

— Deixe isso comigo. Eu encontrarei alguém para fazer isso imediatamente.

A morte de Obika abalou Umuaro até as raízes; um homem como ele não aparece no mundo com frequência. Quanto a Ezeulu, era como se tivesse também morrido.

Algumas pessoas esperavam que Ezidemili ficasse radiante. Tais pessoas não o conheciam. Ele não era dessa espécie de homem e, além disso, conhecia muito bem o perigo desse tipo de contentamento. Tudo o que se ouvira ele dizer abertamente fora:

— Isso deverá ensiná-lo até onde poderá ousar da próxima vez.

Mas, para Ezeulu, não havia próxima vez. Pense em um homem que, ao contrário dos outros, vai sempre à luta sem um escudo, porque sabe que as balas e os golpes de machete apenas rasparão sua pele revestida de unguentos protetores; pense nele descobrindo, no auge na batalha, que subitamente, sem qualquer aviso, o poder o abandonou. Que próxima vez poderia haver?

Poderia ele dizer às espingardas e às setas e aos machetes: “Alto! Quero voltar depressa à minha cabana, onde preparo minhas mezinhas, e descobrir o que houve de errado. Talvez alguém em minha própria casa — uma criança, quem sabe —, sem querer, tenha violado o tabu de meus fetiches”. Não.

Ezeulu afundou no chão, em total perplexidade. Não era simplesmente o golpe da morte de Obika, embora este fosse enorme. Muitos homens tinham enfrentado golpes maiores; isso era o que fazia de um homem um homem. Dizem que um homem é como um carneiro sacrificado num rito funerário: precisa suportar sem silêncio todas as pancadas. Apenas o silencioso tremor da dor a percorrer-lhe o corpo fala de seu sofrimento.

Em qualquer outra ocasião, Ezeulu teria sido capaz de suportar sua dor. Ele teria sido capaz de suportar qualquer dor que não fosse feita de humilhação. Por que, perguntava-se a si mesmo uma e outra vez, por que teria Ulu escolhido tratá-lo dessa maneira, derrubá-lo e cobri-lo de lama? Qual fora sua ofensa? Por acaso não tinha adivinhado a vontade do deus e lhe obedecido? Quando se ouviu dizer que uma criança tivesse sido queimada por um pedaço de inhame que a própria mãe colocou na palma de sua mão? Que homem mandaria seu filho, com um pedaço de cerâmica, buscar fogo da cabana de um vizinho para, em seguida, desatar a chuva sobre ele? Quem mandou seu filho subir numa palmeira para apanhar cocos e, com ele lá no alto, pegou num machado e derrubou a árvore? Acabara, porém, de acontecer uma coisa semelhante diante dos olhos de todos. O que poderia isso demonstrar, senão o colapso e a ruína de tudo? Então um deus, sentindo-se impotente, poderia fugir e, com um olhar final para os seus adoradores abandonados, exclamar:

*Se o rato não pode correr suficientemente rápido  
Deixe-o abrir caminho para a tartaruga!*

Talvez tenha sido o constante latejar desses pensamentos o que abriu uma fenda na mente de Ezeulu. Ou, talvez, o seu implacável agressor, após tê-lo observado atentamente durante certo tempo, tenha pisado nele como se pisa num inseto e o esmagado na poeira. Mas esse ato final de maldade acabou por ser um ato de misericórdia. Permitiu que Ezeulu, em seus últimos dias, vivesse no esplendor altivo de um sumo sacerdote demente e lhe poupou o conhecimento do desfecho.

Enquanto isso, Winterbottom, após uma temporada de férias para a recuperação da saúde, na Inglaterra, voltara ao trabalho e se casara com a doutora. Ele nunca mais ouvira falar em Ezeulu. O único homem que poderia ter levado a história para Government Hill era John Nwodika, seu antigo criado. Porém, havia muito tempo John deixara de trabalhar com Winterbottom e se estabelecera com um pequeno comércio de tabaco. Parecia que os deuses e os poderes do acaso, tendo achado Winterbottom fácil de manejar, o tinham usado e depois o deixado em ordem, como o haviam encontrado.

Por isso, somente Umuaro e seus líderes acompanharam o desfecho. Para eles, a questão era simples. Seu deus tomara o partido deles, contra o obstinado e ambicioso sacerdote, e assim confirmara a sabedoria dos ancestrais — e esta dizia que homem algum, por melhor que fosse, podia ser maior do que seu povo; e que homem algum jamais ganharia nenhuma questão contra seu clã.

Se era assim, então Ulu escolhera um momento perigoso para demonstrar sua sabedoria. Ao destruir o seu sacerdote, ele também trouxera o desastre sobre si próprio, qual o lagarto da fábula, que arruinou o funeral de sua mãe com sua própria mão. Pois uma divindade que escolhe um momento como esse para destruir o seu sacerdote ou abandoná-lo à mercê de seus inimigos está incitando o povo a tomar liberdades; e Umuaro estava justamente pronta a fazê-lo. A colheita dos cristãos, que se realizou alguns dias depois da morte de Obika, foi muito mais concorrida do que Goodcountry jamais poderia ter sonhado. Como recurso extremo, muitos homens de Umuaro haviam enviado um filho com um ou dois inhames como oferenda à nova religião, em troca da imunidade prometida. Daí em diante, qualquer inhame colhido nos campos do homem era colhido em nome do filho.

# Glossário

*afa*: Oráculo; adivinhação do futuro.

*Afo*: Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os outros três são: *Eke*, *Oye* e *Nkwo*.

*agaba*: Leão; máscara com o aspecto feroz de um leão.

*ajo*: Mau.

*awu nro*: O azeite de dendê ou óleo de palma mais puro, extraído manualmente.

*alo*: Cajado; bastão cerimonial usado por homens com títulos de honra.

*alusi*: Escultura que representa uma divindade ou um espírito.

*Ani-Mmo*: Terra dos espíritos.

*anwansi*: Feitiço.

*arigbe*: Planta que, queimada, emite um perfume agradável; é usada como remédio e como tempero.

*aru-mmo*: Doença causada pelos espíritos.

*asa*: Peixe grande de água doce.

*ayaka*: Coro dos espíritos.

*chi*: O deus de cada pessoa, que é só dela, responsável por sua identidade e destino; mais do que o anjo da guarda.

*Chukwu*: O Deus supremo.

*compound*: Conjunto de habitações onde mora uma família, geralmente cercado ou murado.

*dde, deee, dei*: Tio; termo de respeito ou deferência, usado para os mais velhos.

*dibia*: Curandeiro, adivinho.

*ebenebe*: Árvore alta e sem galhos.

*ebunu*: Carneiro.

*ego*: Cauri, moeda, dinheiro.

*egusi*: Melão.

*Eke*: Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os outros três são: *Oye*, *Nkwo* e *Afo*.

*ekpili*: Chocalho; guizo.

*ekwe*: Tambor de madeira.

*eneki-nti-oba*: Andorinha.

*Eru*: Deus da riqueza.

*foofoo*: Pasta de inhame pilado; massa esbranquiçada, semelhante na forma e consistência à pamonha e que se mergulha num molho condimentado.

*gem*: Som metálico de um sino ou gonguê.

*iba*: Malária.

*ichi*: Marca facial; escarificação.

*icheku*: Tamarindo negro.

*ifeoma*: Coisa boa, bela.

*iga*: Algemas.

*igbegulu*: Toco de folha surgida na base da palmeira.

*ikenga*: Estatueta de madeira, com chifres, que expressa o valor, o esforço e as qualidades especiais de cada indivíduo; é invocada por seu possuidor para lhe trazer êxito.

*ikolo*: Tambor grande, feito de um pedaço de tronco de árvore, ao longo do qual se abre uma fenda; é utilizado para convocar o povo para assembleias e em ocasiões de emergência ou de perigo.

*ilo*: Pátio, praça, rua, estrada.

*iroko*: Gameleira branca; iroco.

*iru-ezi*: Terreno na frente da casa ou do *compound*.

*jigida*: Contas, colar ou corrente de contas.

*juju*: Feitiço; coisa-feita.

*kpom*: Com precisão, com exatidão.

*kwenu*: Saudação; na frase “Umuaro *kwenu*”, que deve principiar qualquer discurso em assembleia: “Umuaro, vamos ficar de acordo?”.

*mmo*: Que não pertence ao mundo dos homens.

*ndichie*: Os ancestrais; os mais idosos; a comunidade dos anciãos vivos e mortos.

*ngwesi*: Lagarto.

*ngwu*: Árvore grande, de madeira dura.

*njenje*: Gim.

*Nkwo*: Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os outros três são: *Eke*, *Oye* e *Afo*.

*nna*: Pai.

*nno!*: Bem-vindo!

*nté*: Grilo.

*Nwa-anyanwu*: Filho do sol.

*nwanu*: Filho único.

*nza*: Passarinho, como o pardal.

*obi*: A casa do homem num *compound*, distinta da morada de suas esposas.

*obodo*: Nação, povo.

*obodonesi*: A praça; o espaço aberto numa aldeia onde se reúnem o povo; a assembleia.

*ofo*: Bastão ritual feito de galho da árvore sagrada do mesmo nome; simboliza a verdade e a correção.

*ogalu*: Tintura cosmética.

*ogbu*: Árvore de sombra; um tipo de fícus.

*ogene*: Gonguê; agogô de uma só campânula.

*ogulu-aro*: Doença que ataca o paciente periodicamente; em geral, uma vez por ano.

*Ogwugwu*: Deusa da fertilidade.

*ojukwu*: Espécie de palmeira.

*okposi*: Escultura de ancestral; bastão ou bengala encimada por uma escultura de um ancestral ou de uma divindade.

*okwe*: Árvore de madeira mole, de cor branca ou castanha, muito usada para fazer esculturas.

*okwolo*: Pelicano; uma cabana alta, tendo apenas duas paredes laterais e uma traseira; na frente aberta há uma fileira de degraus ocupando toda a largura da cabana e elevando-se do chão até quase o teto.

*okro*: Quiabo.

*omu*: Folha de palmeira que ainda não abriu.

*onwa*: Lua.

*ora*: Povo; comunidade; massas.

*oro*: *Compound*.

*Oye*: Um dos quatro dias da semana ou de mercado; os outros três são: *Eke*, *Nkwo* e *Afo*.

*ozo*: Um dos mais importantes títulos ibos e nome da sociedade desses homens eminentes; para ingressar nela tem-se de efetuar grandes despesas.

*ta!*: Ei! Veja!

*toro*: Moeda de três *pence*.

*udala*: Fruta parecida com a maçã; árvore dessa fruta.

*Udo*: Deus da varíola.

*ugani*: Fome; carestia.

*ugili*: Manga; mangueira.

*ugoli*: Recitativo; palavras cantadas, de louvor ou de tristeza.

*uli*: Índigo.

*ukwalanta*: Tuberculose.

*ukwa*: Fruta-pão; árvore de fruta-pão.

*uri*: Cerimônia de noivado, quando o pretendente completa o pagamento do preço da noiva.

*utazi*: Folha amarga; caruru azedo; cuxá.

*uziza*: Uma espécie de pimenta.

*waa*: Madeira serrada.



JERRY BAUER

Chinua Achebe nasceu em Ogidi, Nigéria, em 1930. É um dos mais respeitados escritores africanos da atualidade, autor, entre outros, de *O mundo se despedaça* (Companhia das Letras, 2009). Atuou na diplomacia durante os conflitos entre o governo da Nigéria e o povo ibo, no final da década de 1960. Em 2002, foi agraciado com o Prêmio da Paz oferecido pela Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha. Em 2007, recebeu o Man Booker International, um dos mais importantes prêmios das literaturas de língua inglesa.

Copyright © 1964 by Chinua Achebe

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Arrow of God

*Capa*  
Marcos Kothar

*Foto de capa*  
© MAA, University of Cambridge, N.71899.GIJ

*Preparação*  
Cacilda Guerra

*Revisão*  
Thaís Totino Richter  
Renata Lopes Del Nero

ISBN 978-85-438-0429-3

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhidasletras.com.br](http://www.companhidasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)